



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA**

ELIAS MAURÍCIO DA SILVA RODRIGUES

**GLOSSÁRIO ELETRÔNICO DA TERMINOLOGIA DA FARINHA DE MANDIOCA
NA AMAZÔNIA PARAENSE**

**FORTALEZA – CE
2015**

ELIAS MAURÍCIO DA SILVA RODRIGUES

**GLOSSÁRIO ELETRÔNICO DA TERMINOLOGIA DA FARINHA DE MANDIOCA
NA AMAZÔNIA PARAENSE**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão

Coorientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky

**FORTALEZA – CE
2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- R612g Rodrigues, Elias Maurício da Silva.
Glossário eletrônico da terminologia da farinha de mandioca na Amazônia paraense / Elias Maurício da Silva Rodrigues. – 2015.
305 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2015.
Área de Concentração: Descrição e análise linguística.
Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão.
Coorientação: Prof. Dr. Abdelkhal Razky
- 1.Farinha de mandioca – Indústria – Pará – Terminologia. 2.Língua portuguesa – Vocabulários, glossários, etc. I.Título.

CDD 664.2303

ELIAS MAURÍCIO DA SILVA RODRIGUES

**GLOSSÁRIO ELETRÔNICO DA TERMINOLOGIA DA FARINHA DE MANDIOCA
NA AMAZÔNIA PARAENSE**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Profa. Dra. Raimunda Benedita Cristina Caldas
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof. Dr. Júlio César Rosa de Araújo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Márcio Sales Santiago
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais, Raimundo Elias e Iracema.

AGRADECIMENTOS

A Deus,

Ser supremo que sustenta e mantém o equilíbrio dos seres do universo, inclusive o mais sábio: o homem. Obrigado Senhor por permitir que eu superasse todos os momentos difíceis dessa caminhada.

A Professora Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão

Exemplo de educadora e pesquisadora dedicada, da qual tenho a honra de ter passado nas trilhas de sua orientação.

Ao Prof. Dr. Abdelhak Razky,

Coorientador e incentivador dos meus trabalhos desde o curso de Mestrado em Letras na Universidade Federal do Pará – UFPA, pelo apoio, atenção e amizade.

Aos Professores,

Dra. Maria Elias Soares (minha xará), Dra. Mônica Magalhães Cavalcante, Dra. Ana Cristina Pelosi Silva, Dra. Rosemeire Selma Montero-Plantin, Dr. Nelson Barros da Costa, Dra. Aurea Suely Zavan, Dr. Ricardo Lopes Leite, Dra. Sandra Maria Farias Vasconcelos, por compartilharem o conhecimento como verdadeiros educadores nas disciplinas ministradas.

Ao Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes,

Pela disponibilidade em compartilhar a sua experiência, como grande mestre que é na área dos estudos terminológicos.

Ao Professor Me. Álvaro Araújo (*in memoriam*),

Grande Linguista e incentivador da minha jornada universitária.

Ao Prof. Me. Waldemar Cardoso dos Santos Júnior,

Pelo apoio e incentivo durante a minha jornada científica.

A Dra. Gruchenka Freire, Promotora de Justiça,

Que muito contribui no início desse processo em busca da minha carreira científica.

A Dra. Maria José Carvalho, Promotora de Justiça,

Que sempre me incentivou em continuar os estudos.

Aos trabalhadores rurais dos municípios pesquisados,

Que muito contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho.

A minha família,

Pai (*in memória*), mãe, irmãos e sobrinhos que me apoiaram nessa empreitada, principalmente pela assistência sentimental nos momentos bons e ruins durante esses últimos quatro anos no desenvolvimento de minha tese de doutorado.

“[...] o princípio da variedade na unidade é uma realidade que não se pode deixar de reconhecer”.

Maria do Socorro S.de Aragão
(IV SERGEL, Belém-PA em 02/12/2013)

RESUMO

Esta tese de Doutorado teve como objetivo elaborar um glossário eletrônico, monolíngue, em língua portuguesa, variante brasileira, mapeando cartograficamente a distribuição dos termos no espaço geográfico. A elaboração dessa obra terminológica propiciou o conhecimento da variedade linguístico-terminológica do português usado pelos trabalhadores rurais na atividade especializada de produção da farinha de mandioca na Amazônia paraense e pode se constituir como um banco de dados sistematizado para futuras investigações científicas. A orientação teórica usada para a descrição dos termos baseia-se nos postulados da Socioterminologia (GAUDIN, 1993; 2003; FAULSTICH, 1995a; 1995b, 1996; 1998a; 1998b; 2001; 2006; 2010), aliados à perspectiva Geolinguística (COSERIU, 1982; BRANDÃO, 1991, ALINEI, 1994; FERREIRA e CARDOSO, 1994; THUN, 2005; CARDOSO, 2009; CARDOSO, 2010). Utilizamos como ferramentas de coleta de dados, para a compilação do *corpus* da pesquisa, a aplicação de um questionário terminológico contendo 877 questões relacionadas à prática da produção da farinha de mandioca que totalizou 50 horas de gravação em áudio, transcritas grafematicamente com auxílio do *software Transana* e processado pelo *software* de análise lexical *Word Smith Tools* que nos ajudou na tarefa de extração semiautomática dos termos. Esse questionário foi aplicado em entrevistas realizadas com trabalhadores rurais de cinco mesorregiões da Amazônia paraense, a saber: Nordeste paraense, Marajó, Sudeste paraense, Sudoeste paraense e Baixo Amazonas. Para a elaboração do glossário eletrônico recorremos ao *software Lexique Pro 3.6* para organizarmos os verbetes de acordo com a macroestrutura e a microestrutura definida à priori. Como resultado final, apresentamos um produto terminológico informatizado que possibilitou a inserção de imagens, vídeos, áudios e cartogramas terminológicos das variantes mais recorrentes na distribuição geográfica dos termos. O glossário eletrônico possui 506 termos que representam parte do universo sociocultural da atividade que exercem os trabalhadores rurais e apontam para o patrimônio terminológico usado pelos povos nas mais variadas comunidades da Amazônia paraense.

Palavras-chave: Socioterminologia. Geografia Linguística. Farinha de mandioca.

ABSTRACT

This PhD thesis aimed to draw up an electronic glossary, monolingual in Portuguese, Brazilian variant, cartographic mapping the distribution of terms in geographic space. The preparation of this terminological work led to the knowledge linguistic and terminological variety of Portuguese used by rural workers in the specialized activity of production of cassava flour in Pará, Brazil and can be constituted as a systematized database for future scientific research. The theoretical orientation used for the description of the terms is based on the postulates of Socioterminology (GAUDIN, 1993; 2003; FAULSTICH, 1995a, 1995b, 1996; 1998a; 1998b; 2001; 2006; 2010), combined with the prospect Geolinguística (COSERIU 1982 ; BRANDÃO, 1991 ALINEI, 1994; FERREIRA and CARDOSO, 1994; THUN, 2005; CARDOSO, 2009; CARDOSO, 2010). Used as data collection tools for the compilation of the corpus of the research, the application of a terminological questionnaire containing 877 questions related to the practice of cassava flour production totaling 50 hours of audio recording, transcribed graphically with the help of software Transana and processed by the lexical analysis software Word Smith Tools that helped us in the semi-automatic extraction task of terms. The questionnaire was applied on interviews with rural workers five mesoregions of Pará Amazon, namely: Para Northeast, Marajó, Pará Southeast, Southwest and Pará Lower Amazon. For the preparation of electronic glossary resorted to Lexique Pro 3.6 software to organize the entries according to the macrostructure and the microstructure defined. As a final result, we present a computerized terminological product which allowed the inclusion of images, videos, audios and terminology cartograms of the most recurring variations in the geographical distribution of terms. Electronic glossary has 506 terms that represent part of the socio-cultural universe of activity carrying farm workers and point to the terminological assets used by people in various communities in Pará Amazon, Brazil.

Keywords: Socioterminology. Linguistic Geography. Cassava flour.

RESUMEN

Esta tesis tuvo como objetivo elaborar un glosario electrónico, monolingüe en portugués, variante brasileña y mapeo cartográfico la distribución de términos en el espacio geográfico. La preparación de este trabajo terminológico llevó al conocimiento de la variedad lingüística y terminológica del portugués utilizado por los trabajadores rurales en la actividad especializada de la producción de harina de yuca en Pará y puede constituirse como una base de datos sistematizada para la futura investigación científica. La orientación teórico utilizado para la descripción de los términos se basa en los postulados de Socioterminology (GAUDIN, 1993; 2003; FAULSTICH, 1995a, 1995b, 1996; 1998a; 1998b; 2001; 2006; 2010), combinada con la perspectiva geolingüística (COSERIU 1982; BRANDÃO, 1991 ALINEI, 1994; FERREIRA y CARDOSO, 1994; THUN, 2005; CARDOSO, 2009; CARDOSO, 2010). Se utiliza como herramientas de recolección de datos para la elaboración del corpus de la investigación, la aplicación de un cuestionario terminológica que contiene 877 preguntas relacionadas con la práctica de la producción de harina de yuca por un total de 50 horas de grabación de audio, transcrito grafemáticamente con la ayuda de software Transana y procesada por el *software* de análisis léxico *WordSmith Tools* que nos ayudaron en la tarea de extracción semiautomática de términos. El cuestionario se aplicó en entrevistas con los trabajadores rurales de cinco mesorregiones de Amazônia paraense, Brasil, a saber: Pará Noreste, Marajó, Pará Sureste, Suroeste y Pará Bajo Amazonas. Para la preparación de glosario electrónico recurrido a software Lexique Pro 3.6 para organizar las entradas de acuerdo con la macroestructura y la microestructura definida a priori. Como resultado final, presentamos un producto terminológico computarizado que permitió la inclusión de imágenes, videos, audios y cartogramas de las variaciones más recurrentes en la distribución geográfica de los términos. El glosario electrónico tiene 506 términos que representan parte del universo socio-cultural de la actividad que transportaba trabajadores agrícolas y punto a los activos terminológicas utilizadas por personas en diferentes comunidades de Pará Amazon, Brasil.

Palabras clave: Socioterminology. Geografía Lingüística. Harina de yuca.

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 01 – Desmembramentos geográficos ocorridos no município de Bragança/PA | 34 |
| Quadro 02 – Classificação das variantes terminológicas | 70 |
| Quadro 03 – Classificação das variantes terminológicas | 73 |
| Quadro 04 – Verbetes organizado pelo OQLF | 81 |
| Quadro 05 – Classificação dos atlas linguísticos | 97 |
| Quadro 06 – Botões e funções na janela de transcrição | 115 |
| Quadro 07 – Ficha Terminológica | 124 |
| Quadro 08 – Campos usados para inserção do termo “bico de gaita” no <i>Lexique Pro</i> | 132 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 01 – Produção de mandioca por região do Brasil em toneladas | 27 |
| Tabela 02 – Produção agrícola do município de Altamira/PA | 33 |
| Tabela 03 – Produção agrícola do município de Bragança/PA | 36 |
| Tabela 04 – Produção agrícola do município de Marabá/PA | 38 |
| Tabela 05 – Produção agrícola do município de Salvaterra/PA | 41 |
| Tabela 06 – Produção agrícola do município de Santarém/PA | 43 |
| Tabela 07 – Perfil dos informantes | 109 |

LISTA DE GRÁFICOS E ORGANOGRAMAS

| | | |
|------------------|--|-----|
| Gráfico 01 – | Produção de mandioca por região do Brasil..... | 27 |
| Gráfico 02 – | Produção de mandioca por estado..... | 28 |
| Gráfico 03 – | Produção agrícola municipal de Marabá/PA..... | 38 |
| Organograma 01 – | Processos de produção de farinha d’água e de farinha seca | 50 |
| Organograma 02 – | Árvore de domínio da atividade de produção da farinha de mandioca na Amazônia paraense | 126 |

LISTA DE MAPAS

| | | |
|-----------|---|-----|
| Mapa 01 – | Zonas de distribuição da mandioca | 26 |
| Mapa 02 – | Município de Altamira/PA | 30 |
| Mapa 03 – | Áreas indígenas | 31 |
| Mapa 04 – | Município de Bragança/PA | 33 |
| Mapa 05 – | Município de Marabá/PA | 36 |
| Mapa 06 – | Município de Salvaterra/PA | 39 |
| Mapa 07 – | Município de Santarém/PA | 41 |
| Mapa 08 – | Cartograma da distribuição das denominações de abelha | 94 |
| Mapa 09 – | Mapa lexical sintético | 95 |
| Mapa 10 – | Mapa de distribuição da produção agrícola de mandioca no Pará | 105 |
| Mapa 11 – | Mesorregiões do Pará | 106 |
| Mapa 12 – | Pontos de inquérito da pesquisa | 107 |
| Mapa 13 – | Cartograma terminológico | 127 |
| Mapa 14 – | Pontos de inquérito | 128 |
| Mapa 15 – | Pontos de inquérito | 135 |

LISTA DE ESQUEMAS

| | | |
|--------------|--|-----|
| Esquema 01 – | O movimento do termo no percurso temporal da língua | 72 |
| Esquema 02 – | Constructo teórico da variação terminológica | 76 |
| Esquema 03 – | Modelo reduzido do quadro das variantes concorrentes | 77 |
| Esquema 04 – | Modelo reduzido do quadro das variantes coocorrentes | 78 |
| Esquema 05 – | Modelo reduzido do quadro das variantes competitivas | 79 |
| Esquema 06 – | Classificação dos mapas linguísticos | 96 |
| Esquema 07 – | Técnica de coleta de dados | 102 |

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-------------|---|-----|
| Figura 01 – | Plantio em fileiras | 46 |
| Figura 02 – | Ambiente de entrada do <i>Transana</i> | 112 |
| Figura 03 – | Nomeando o <i>corpus</i> a ser transcrito | 112 |
| Figura 04 – | Confirmando a nomeação da base de dados | 113 |
| Figura 05 – | Menus do <i>Transana</i> | 114 |
| Figura 06 – | Janela audiovisual | 114 |
| Figura 07 – | Janela de transcrição | 115 |
| Figura 08 – | Janela de dados | 116 |
| Figura 09 – | <i>WordSmith Tools</i> | 118 |
| Figura 10 – | <i>WordList</i> em ordem alfabética | 119 |
| Figura 11 – | <i>WordList</i> em ordem de frequência | 119 |
| Figura 12 – | <i>WordList</i> com estatística dos itens lexicais | 120 |
| Figura 13 – | Ferramenta <i>Concord</i> | 121 |
| Figura 14 – | <i>Collocates</i> (lista de colocados) | 122 |
| Figura 15 – | Interface do <i>software Lexique Pro</i> | 130 |
| Figura 16 – | Banco de dados do <i>Lexique Pro</i> sendo alimentado | 131 |

LISTA DE FOTOGRAFIAS

| | | |
|-----------------|---|----|
| Fotografia 01 – | Área desmatada e queimada para o cultivo da mandioca | 44 |
| Fotografia 02 – | Trabalhadores rurais realizando o plantio das manivas | 45 |
| Fotografia 03 – | Área do roçado de mandioca | 47 |
| Fotografia 04 – | Arranque com as mãos | 48 |
| Fotografia 05 – | Arranque com alavanca | 48 |
| Fotografia 06 – | Transporte de mandioca | 49 |
| Fotografia 07 – | Aturá | 49 |
| Fotografia 08 – | Casa de farinha | 51 |
| Fotografia 09 – | Poço construído no igarapé | 52 |
| Fotografia 10 – | Trabalhadores rurais descascando mandiocas | 53 |
| Fotografia 11 – | Usando o ralador | 54 |
| Fotografia 12 – | Usando o caititu | 54 |
| Fotografia 13 – | Cocho de maceração | 55 |
| Fotografia 14 – | Espremedor com tipiti | 55 |
| Fotografia 15 – | Peneira e caixa | 55 |
| Fotografia 16 – | Crueira | 55 |
| Fotografia 17 – | Trabalhador rural torrando a massa da mandioca no forno | 56 |
| Fotografia 18 – | Mexendo a farinha na esfriadeira | 57 |
| Fotografia 19 – | Feira da farinha | 58 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 20 |
| 2 O DOMÍNIO ESPECIALIZADO DA PRODUÇÃO DE FARINHA | 25 |
| 2.1 Aspectos socioeconômicos | 25 |
| 2.2 O município de Altamira | 29 |
| 2.3 O município de Bragança | 33 |
| 2.4 O município de Marabá | 35 |
| 2.5 O município de Salvaterra | 38 |
| 2.6 O município de Santarém | 40 |
| 2.7 O cultivo da mandioca | 43 |
| <i>2.7.1 O preparo da área</i> | 43 |
| <i>2.7.2 O plantio das manivas</i> | 45 |
| <i>2.7.3 Os tratos culturais</i> | 47 |
| <i>2.7.4 A colheita</i> | 48 |
| 2.8 O beneficiamento da mandioca na casa de farinha | 50 |
| <i>2.8.1 A fermentação da mandioca</i> | 52 |
| <i>2.8.2 O descascamento e a lavagem</i> | 53 |
| <i>2.8.3 A ralagem ou trituração no caititu</i> | 54 |
| <i>2.8.4 O amassamento e a prensagem da massa</i> | 54 |
| <i>2.8.5 A coação ou peneiramento da massa</i> | 55 |
| <i>2.8.6 O escaldamento e a torração</i> | 56 |
| <i>2.8.7 O resfriamento</i> | 56 |
| <i>2.8.8 A comercialização</i> | 57 |
| 3 PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS TERMINOLÓGICOS | 59 |
| 3.1 Teoria Geral da Terminologia: abordagem clássica | 59 |
| <i>3.1.1 Os postulados wüsterianos</i> | 59 |
| 3.2 Socioterminologia: abordagem contemporânea variacionista | 63 |
| <i>3.2.1 A contribuição de François Gaudin</i> | 64 |
| <i>3.2.2 A contribuição de Enilde Faulstich</i> | 67 |
| <i>3.2.2.1 O ponto de vista sobre a variação terminológica</i> | 68 |
| <i>3.2.2.2 O ponto de vista sobre as bases metodológicas da pesquisa</i> | 82 |
| <i>3.2.2.3 O ponto de vista etnográfico na pesquisa</i> | 86 |

| | |
|--|-----|
| 3.3 Os princípios geolinguísticos no desenvolvimento da pesquisa terminológica | 88 |
| 3.3.1 A perspectiva geolinguística | 88 |
| 3.3.1.1 <i>O Atlas Linguístico da França – ALF</i> | 89 |
| 3.3.1.2 <i>O Atlas Linguístico do Brasil – ALiB</i> | 90 |
| 3.3.1.3 <i>Classificação dos atlas linguísticos quanto à abrangência no espaço geográfico, quanto à natureza e cartografia dos dados</i> | 92 |
| 3.3.2 Os atlas linguísticos e suas implicações metodológicas para o desenvolvimento de obras terminológicas | 97 |
| 4 METODOLOGIA | 104 |
| 4.1 Procedimentos para a realização da pesquisa de campo | 104 |
| 4.1.1 <i>Fixação dos pontos de inquérito</i> | 104 |
| 4.1.2 <i>Perfil dos informantes</i> | 107 |
| 4.1.3 <i>Técnica e instrumento de coleta de dados</i> | 109 |
| 4.2 Recursos computacionais para o tratamento dos dados | 110 |
| 4.2.1 <i>O software Transana na transcrição do corpus</i> | 111 |
| 4.2.1.1 <i>Principais janelas do programa</i> | 113 |
| 4.2.2 <i>O software WordSmith Tools na extração dos candidatos a termos</i> | 117 |
| 4.2.2.1 <i>A ferramenta WordList</i> | 118 |
| 4.2.2.2 <i>A ferramenta Concord</i> | 120 |
| 4.2.3 <i>Preenchimento da ficha terminológica</i> | 123 |
| 4.3 Procedimentos para a elaboração do glossário eletrônico | 125 |
| 4.3.1 <i>Identificação do público-alvo</i> | 125 |
| 4.3.2 <i>Definição da árvore de domínio</i> | 125 |
| 4.3.3 <i>Preparação dos cartogramas terminológicos</i> | 127 |
| 4.3.4 <i>Critérios auxiliares para o reconhecimento dos termos</i> | 129 |
| 4.3.5 <i>O software Lexique Pro</i> | 129 |
| 4.3.6 <i>Checagem das informações</i> | 134 |
| 5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO SOBRE AS VARIANTES GEOGRÁFICAS CARTOGRAFADAS | 135 |
| 5.1 Cartograma 001 – Agricultor | 136 |
| 5.2 Cartograma 002 – Igarapé | 138 |
| 5.3 Cartograma 003 – Tucupi | 140 |

| | |
|--|-----|
| 5.4 Cartograma 004 – Caititu | 142 |
| 5.5 Cartograma 005 – Crueira | 144 |
| 5.6 Cartograma 006 – Broca | 146 |
| 5.7 Cartograma 007 – Caçuá | 147 |
| 5.8 Cartograma 008 – Casa de farinha | 149 |
| 5.9 Cartograma 009 – Copa da maniva | 151 |
| 5.10 Cartograma 10 – Roçado de inverno | 152 |
| 5.11 Cartograma 11 – Rodo | 153 |
| 5.12 Cartograma 12 - Aceiro | 155 |
| 5.13 Cartograma 13 – Aradar | 156 |
| 5.14 Cartograma 14 - Grelo | 157 |
| 5.15 Cartograma 15 – Juqira | 159 |
| 5.16 Cartograma 16 – Manival | 161 |
| 5.17 Cartograma 17 - Pau da maniva | 163 |
| 5.18 Cartograma 18 - Poço | 164 |
| 5.19 Cartograma 19 – Maniva | 165 |
| 5.20 Cartograma 20 – Bico de gaita | 167 |
| 5.21 Cartograma 21 - Peneira | 168 |
| 5.22 Cartograma 22 - Destoca | 170 |
| 5.23 Cartograma 23 – Masseur | 171 |
| 5.24 Cartograma 24 – Capoeirão | 172 |
| 5.25 Cartograma 25 - Prensa | 173 |
| 5.26 Cartograma 26 – Esfriadeira | 174 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 175 |
| 7 REFERÊNCIAS | 179 |
| APÊNDICES..... | 187 |
| APÊNDICE A – GUIA DE USO DO GLOSSÁRIO ELETRÔNICO | 188 |
| APÊNDICE B – GLOSSÁRIO NA VERSÃO IMPRESSA | 196 |
| APÊNDICE C – FICHA DA LOCALIDADE | 270 |
| APÊNDICE D – FICHA DO INFORMANTE | 271 |
| APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO TERMINOLÓGICO | 272 |
| ANEXOS | 301 |
| ANEXO A – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO GRAFEMÁTICA DO | |

| | |
|---|-----|
| <i>CORPUS</i> | 302 |
| ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP | 303 |

1 INTRODUÇÃO

Antes de tudo, iniciamos dizendo que a presente tese de doutoramento se apresenta como uma ampliação à Dissertação de Mestrado iniciada no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará – UFPA intitulada “*Glossário Socioterminológico da Cultura da Farinha*”, na qual elaboramos um glossário terminológico contendo 320 termos. A continuidade do trabalho se fez necessária em decorrência de termos observado a necessidade de realizar um levantamento de dados que nos possibilitasse descrever a terminologia em questão a partir de um ponto de vista da variação no espaço geográfico e a elaboração de um glossário no formato digital. Ressalta-se que, naquele primeiro momento, nosso estudo se limitou a realizar a descrição dos termos a partir de um *corpus* constituído da modalidade oral da língua proveniente de entrevistas com trabalhadores rurais do município de Acará – Pará.

Os estudos terminológicos têm sido palco nos últimos tempos de diversas incursões acadêmicas e científicas. Quando se trata de estudos voltados à elaboração de obras terminológicas o cenário atual tem aberto caminhos que possibilitam o terminólogo a uma prática terminográfica mais segura e ágil mediante o avanço tecnológico. De acordo com Borba e Villar (*in* XATARA et. al., 2011, p. 21) “[...] esse avanço se define pela chegada dos computadores e daí, a possibilidade de organização, em tempo cada vez mais reduzido, de *corpora* representativos da língua [...]”. Assim, a Terminologia, em âmbito geral, não poderia ficar à margem dessa interface com a tecnologia na busca de solidificar as bases das reflexões da área e o estudo de uma diversidade de terminologias que se expande em progressão geométrica.

Ao se pensar em desenvolver uma pesquisa no âmbito terminológico dois caminhos podem ser seguidos: um deles direciona ao estudo teórico da disciplina enquanto o outro ao desenvolvimento prático, principalmente de obras terminológicas como dicionários, glossários, banco de dados, ontologias, sistemas de recuperação de informação e vocabulários. No entanto, essas duas perspectivas se complementam uma vez que teoria e prática são molas propulsoras para o desenvolvimento do conhecimento científico e intelectualizado. A nosso ver, isso por si só já demonstra a relevância e a importância para o desenvolvimento de uma pesquisa científica. No caso do léxico especializado são vários os motivos que poderíamos elencar como forma de justificar um trabalho dessa natureza, dentre os quais o de registrar as formas linguísticas que vão surgindo de acordo com as necessidades sociocomunicativas ou

resguardar as formas que podem se perder ou ganhar novos sentidos decorrentes de práticas sociais languageiras. Por isso afirmam Carvalho e Bagno (2011, p. 09) que “O léxico de qualquer língua viva está sempre em processo de formação: a todo momento, novas palavras são incorporadas ao patrimônio lexical do idioma, assim como antigas palavras perdem e/ou ganham novos sentidos, decorrentes de práticas sociais da linguagem”. Daí a necessidade de se buscar compreender as terminologias em seus reais contextos de uso, pois é na prática das atividades especializadas que os termos ganham contornos temáticos e pragmáticos de sentido.

Em meio à efervescência da busca em se estudar as terminologias em seus contextos de usos é que este trabalho se propôs descrever a linguagem de especialidade proveniente da atividade de produção da farinha de mandioca na Amazônia paraense. Essa atividade é uma prática cultural bastante expressiva em todo o espaço geográfico do estado do Pará e responsável por boa parte da produção agrícola, da renda e da fonte de alimentação das populações rurais que sobrevivem dessa atividade laboral. Aliado a essa perspectiva, estima-se que “[...] 80% das raízes de mandioca produzidas no Brasil, de um total de 23 milhões de toneladas, sejam destinados à fabricação de farinhas” (CEREDA, 2005, p. 27).

Na Amazônia paraense, o cultivo da mandioca, usado pelos trabalhadores rurais na roça, ocorre de forma bastante rudimentar, passando pelos seguintes processos: *preparo da área*, *beneficiamento* e *comercialização*. O trabalhador rural, pequeno proprietário, não dispõe de uma tecnologia avançada que envolva equipamentos sofisticados no desenvolvimento de suas atividades. Conforme Albuquerque (1969, p. 42) “[...] o cultivo é feito rotineiramente, sem qualquer preocupação com a melhoria da produção pela adoção de processos novos”. No entanto, os resultados estatísticos da produção de mandioca no Brasil demonstram que o estado do Pará obteve uma safra que totalizou 4.874.33 toneladas no ano de 2014 (IBGE, 2015), sendo a região que mais produziu naquele ano. Esse é um resultado que demonstra que o estado do Pará possui um grande destaque na cultura agrícola da mandioca e parte da sua produção se destina à prática da atividade de cultivo dessa raiz tuberosa para a produção de farinha.

Pensamos ser mais que justificável, portanto, que um estudo de natureza linguística busque descrever o léxico especializado que contextualiza essa atividade tradicional tão importante para as populações ribeirinhas e rurais da Amazônia paraense. Em busca de nos colocar nessa linha de reflexão é que tomamos como objetivo geral elaborar um glossário eletrônico, monolíngue, em língua portuguesa, variante brasileira da terminologia da

cultura da farinha de mandioca na Amazônia paraense, mapeando cartograficamente a distribuição dos termos no espaço geográfico e possibilitando o reconhecimento da linguagem de especialidade que se situa no discurso de uma prática profissional de tradição sociocultural. Para isso, buscamos mais especificamente (a) constituir um *corpus* de língua oral do discurso especializado da atividade de produção da farinha; (b) descrever os dados terminológicos provenientes do *corpus* da pesquisa, mapeando os termos no espaço geográfico; (c) identificar os termos usados pelos trabalhadores rurais e (d) identificar possíveis agrupamentos terminológicos que delineiem contrastes e/ou apontem semelhanças no uso dos termos entre as mesorregiões pesquisadas.

O *corpus* da linguagem especializada foi constituído por meio de um levantamento de dados linguísticos provenientes de entrevistas com agricultores das seguintes mesorregiões do estado do Pará: Baixo Amazonas, Marajó, Nordeste Paraense, Sudeste Paraense e Sudoeste Paraense. Os dados coletados serviram como base para a extração e análise dos termos que compuseram o glossário eletrônico, seguindo o protocolo estabelecido na perspectiva socioterminológica aliada aos princípios geolinguísticos. Filiamo-nos, portanto, à orientação teórica da Socioterminologia em Gaudin (1993, 2003) e Faulstich (1995a, 1995b; 1996, 1998a, 1998b, 2001, 2006, 2010) aliada à perspectiva geolinguística apresentada por Coseriu (1982), Brandão (1991), Alinei (1994), Ferreira e Cardoso (1994), Thun (2005) e Cardoso (2009, 2010) para que pudéssemos evidenciar no produto terminológico produzido a perspectiva da variação terminológica numa dimensão do espaço geográfico.

Dentre várias perspectivas, os estudos socioterminológicos buscam descrever os termos a partir do contexto em que estes se encontram imersos. Daí se considerar que a atividade especializada deva apresentar em suas análises as condições de produção discursiva em que os termos circulam para poder dar conta dos reais sentidos que estes operam. Gaudin (1993, p. 16) defende uma terminologia fundamentada na observação do funcionamento da linguagem e no estudo das condições sociais de circulação dos termos. Por sua vez, Faulstich (2006, p. 29) apresenta a Socioterminologia como um ramo da Terminologia que “se propõe a refinar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e técnicos, a auxiliar na planificação linguística e a oferecer recursos sobre as circunstâncias da elaboração desses discursos ao explorar as ligações entre a terminologia e a sociedade”. Aliada a essa perspectiva, a geolinguística se apresenta como uma forma de possibilitar uma resposta aos estudos terminológicos no que se refere ao tratamento do termo em relação à variação no

espaço geográfico. De acordo com Cardoso (2010, p. 15) os estudos realizados por meio do método geolinguísticos têm por ocupação “identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”.

Além dos elementos pré-textuais e pós-textuais, esta tese se encontra estruturada em quatro partes maiores: (i) o contexto sobre a atividade de produção da farinha, (ii) o referencial teórico, (iii) a metodologia e (iv) a descrição dos cartogramas terminológicos.

Na segunda seção intitulada “*O domínio especializado da produção de farinha*”, destacamos o universo da atividade de produção da farinha na Amazônia paraense, sua importância socioeconômica e o modo de cultivo e beneficiamento da mandioca para a produção de farinha que ainda guarda as contribuições dos povos indígenas evidenciados em técnicas do preparo e na linguagem usada pelo trabalhador rural.

Na terceira seção, “*Perspectivas dos estudos terminológicos*”, realizamos uma breve discussão a partir da Teoria Geral da Terminologia – TGT de *Eugen Wüster*, confrontando-a com as transformações ocorridas desde o advento dos estudos socioterminológicos. Buscamos demonstrar as reflexões e contribuições de autores como *Fraçois Gaudin* e *Enilde Faulstich* no contexto de uma área em que o ponto de vista social e variacionista passam a fazer parte mais fortemente do cenário de estudo sobre as terminologias. Realizamos ainda uma incursão sobre a perspectiva geolinguística, demonstrando as suas implicações metodológicas para o desenvolvimento de obras terminológicas.

Na quarta seção, descrevemos sobre a metodologia da pesquisa que se encontra subdividida em três subseções: (i) procedimentos para a realização da pesquisa de campo, momento em que demonstramos a fixação dos pontos de inquérito, o levantamento do perfil dos informantes e as técnicas e instrumentos de coleta de dados; (ii) recursos computacionais para o tratamento dos dados, momento em que nos detemos na transcrição dos dados por meio do *software* Transana e extração semiautomática dos candidatos a termos por meio das ferramentas *WordList* e *Concord* do *software* de análise lexical *WordSmith Tools*; (iii) procedimentos para a elaboração do glossário eletrônico, momento em que identificamos o seu público-alvo, a definição da árvore de domínio, a preparação dos cartogramas terminológicos para inserção na obra terminológica, os critérios auxiliares para a composição dos termos, o uso do *software* *Lexique Pro*, no qual os dados do *corpus* compilado fizeram

parte do glossário e a checagem final das informações como forma de garantir precisão aos termos que fazem parte do repertório terminológico.

Na quinta seção, apresentamos uma breve discussão sobre as variantes geográficas cartografadas que fazem parte do verbete no glossário eletrônico, dando a possibilidade ao consulente de uma visualização das várias possibilidades de uso da linguagem em contextos geolinguísticos específicos. Seguem-se, então, as considerações finais, as referências bibliográficas usadas no corpo do trabalho escrito, os apêndices e anexos que ilustram e esclarecem alguns procedimentos necessários usados no decorrer da pesquisa como a ficha da localidade, a ficha do informante, o questionário terminológico usado para a coleta de dados, as normas para a transcrição grafemática dos dados orais, o parecer consubstanciado do Comitê de Ética em pesquisas que envolvem seres humanos, o glossário na versão impressa e um guia de uso para o glossário eletrônico. Ressalta-se que a tese escrita é acompanhada por um *CD-ROM* do glossário para ser instalado no computador e possibilita ao consulente a manipulação de recursos multimodais como áudio, vídeo, imagens, cartogramas terminológicos e *hiperlink*.

2 O DOMÍNIO ESPECIALIZADO DA PRODUÇÃO DE FARINHA

O propósito deste capítulo é apresentar alguns aspectos socioeconômicos sobre a produção de mandioca no contexto brasileiro e nos municípios que foram tomados como pontos de inquérito da nossa pesquisa e descrever sobre a vivência dos trabalhadores rurais na atividade especializada de produção da farinha na região. Esperamos, com isso, contextualizar o domínio de especialidade em que a nossa pesquisa se encontra inserida, a fim de deixar clara a conjuntura em que o espaço da atividade de produção da farinha de mandioca se apresenta na Amazônia paraense. Assim, esperamos levar em consideração os princípios etnográficos por meio da observação das interações entre os sujeitos da pesquisa socioterminológica (FAULSTICH, 1995b, p. 19).

2.1 Aspectos socioeconômicos

Atualmente, o estado do Pará configura-se como o maior produtor de mandioca em solo brasileiro. A importância dessa atividade agrícola reside, principalmente, no fato de ela não exigir tratamentos culturais sofisticados e técnicas dispendiosas para os pequenos agricultores. Dessa forma, o plantio de manivas para a produção de mandioca torna-se viável para as populações rurais que se enquadram na denominada agricultura familiar e de subsistência. De acordo com Albuquerque (1969, p.41)

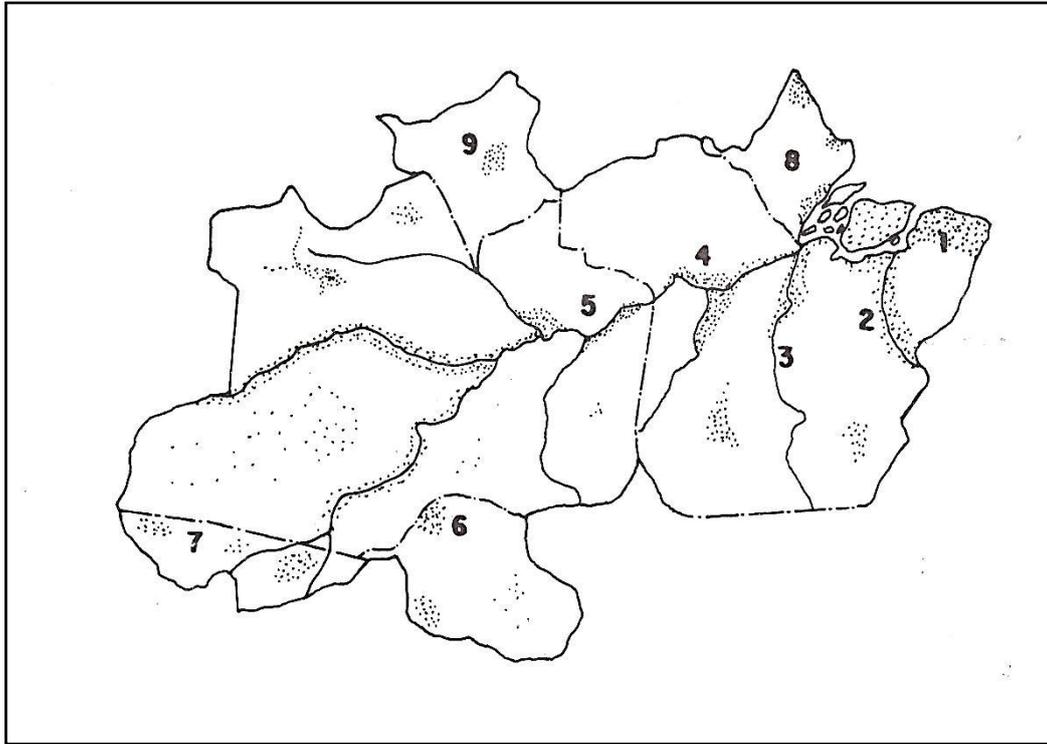
[...] não conhecemos planta de subsistência menos exigente de tratamentos, mais rústica e resistente e que dê menor trabalho no cultivo do que ela. Sem nenhum tratamento, completamente abandonada à sua sorte, em terrenos de fertilidade medíocre, mesmo assim ela sempre produz alguma coisa. (ALBUQUERQUE, 1969, p. 41).

Albuquerque (1980, p.24), apresenta nove zonas¹ como áreas de influência da cultura agrícola da mandioca, a saber: 1) Zona do Nordeste Paraense; 2) Zona do Tocantins; 3) Zona do Xingú; 4) Zona do Baixo Amazonas; 5) Zona da Madeira e Rio Negro; 6) Zona de Rondônia; 7) Zona do Acre; 8) Zona do Amapá e 9) Zona de Roraima. As quatro primeiras zonas pertencem à Amazônia paraense que já se destacava à época como uma das principais regiões produtoras dessa cultura agrícola. É interessante destacar que a cultura agrícola da

¹A divisão dessas zonas de influências da cultura agrícola da mandioca leva em consideração uma classificação de espaço amazônico além das fronteiras políticas de divisão territorial.

mandioca na Amazônia paraense é bastante difundida por todo o território, conforme demonstra o mapeamento realizado pelo autor:

Mapa 01 – Zonas de distribuição da mandioca.



Fonte: Albuquerque (1980, p. 24).

As quatro zonas de distribuição da cultura agrícola da mandioca no estado do Pará, pontuadas no mapeamento de Albuquerque (1980, p. 24), encontram-se hoje denominadas nas seguintes mesorregiões: 1) Nordeste paraense; 2) Sudeste paraense; 3) Sudoeste paraense e 4) Baixo amazonas.

Em relação à produção, os dados estatísticos do IBGE (2015) demonstram que no ano de 2014 o Brasil produziu 23.087.828t de mandioca, tendo a região norte se destacado como a maior produtora em toneladas como podemos observar nos dados seguintes:

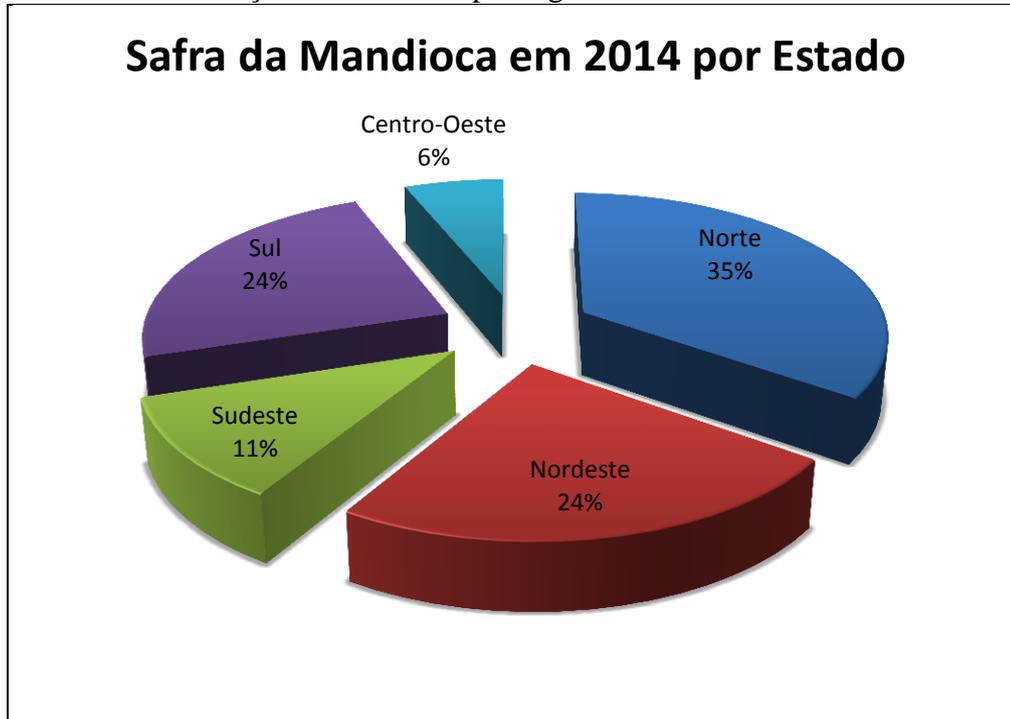
Tabela 01 – Produção de mandioca por região do Brasil em toneladas

| NORTE | NORDESTE | SUL | SUDESTE | CENTRO-OESTE |
|------------|------------|-----------|------------|--------------|
| 8.045.156t | 5.510.847t | 2628.077t | 5.483.448t | 1.420.300t |

Fonte: IBGE (2015)

Para termos uma ideia, em termos de percentagens, essa distribuição pode ser ainda visualizada no seguinte gráfico da produção de mandioca por região do Brasil, a partir de dados extraídos do portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE:

Gráfico 01 – Produção de mandioca por região do Brasil.



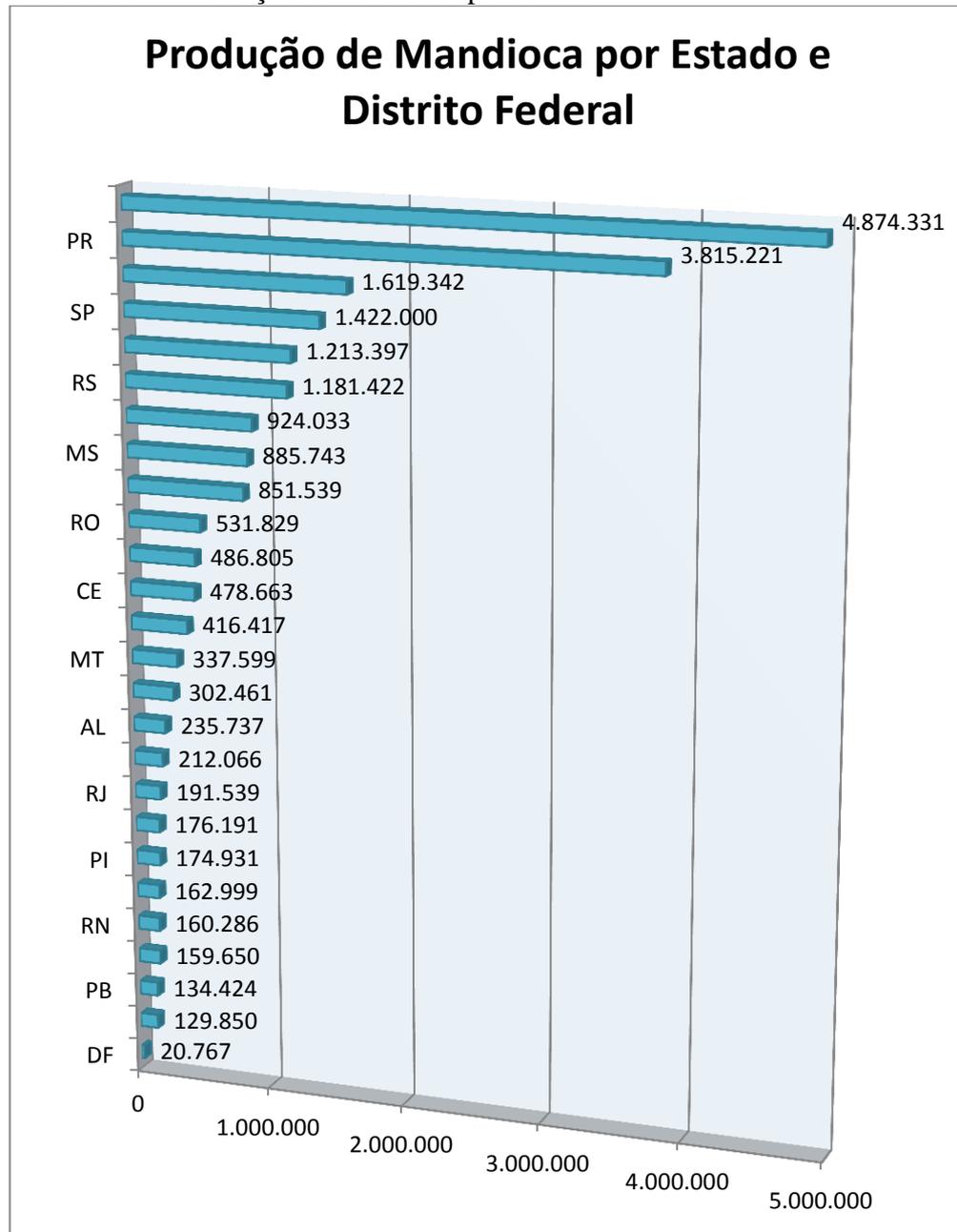
Fonte: (IBGE, 2015)

Como se observa no gráfico, a região norte do Brasil compreende 32% da produção nacional. Em termos gerais essa grande expressividade justifica-se pela difusão da cultura em regiões tropicais e particularmente por ser a mandioca uma planta de subsistência importante para os pequenos agricultores na produção de farinha e outras iguarias que se fazem presente na culinária paraense. Como afirma Albuquerque (1969, p. 15), a capacidade de adaptação da mandioca a alterações climáticas e do solo em qualquer região, bem como a facilidade no cultivo e nos tratos culturais aliados as múltiplas formas de aproveitamento também são os responsáveis pela extraordinária difusão dessa cultura agrícola em nossa região.

O gráfico estatístico seguinte com dados extraídos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE demonstra a quantidade de mandioca produzida em todos os estados do Brasil e no Distrito Federal no ano de 2014. Em termos de produção o estado do Pará, conforme dados do IBGE (2015), destacou-se com uma produção de 4.874.331t no ano de 2014, seguido pelos estados do Paraná e da Bahia respectivamente, que também

apresentam uma produção considerável no cenário nacional. Esse é um resultado que demonstra que o estado do Pará possui uma grande relevância na cultura agrícola da mandioca onde grande parte da safra se destina à prática da atividade de cultivo dessa raiz tuberosa para a produção da farinha.

Gráfico 02 – Produção da mandioca por estado



Fonte: (IBGE, 2015)

Estes dados nos apontam ainda a importância da mandioca na vida do brasileiro, especialmente às comunidades do norte e nordeste do país que juntas representam 59% da

produção nacional, chegando a uma safra total de 13.556.003t produzidas. Este alto índice de produtividade se deve, principalmente, porque o estado do Pará desponta como um dos maiores produtores dessa cultura agrícola em nível nacional. Albuquerque (1969, p. 164) nos relata que a influência de caráter social da mandioca na Amazônia, entre as culturas de subsistências, sempre foi e continua sendo bastante expressiva, hegemônica, duradoura e ininterrupta ao longo dos tempos, o que se confirma com os dados estatísticos atuais de produção dessa cultura agrícola coletados no portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

2.2 O município de Altamira

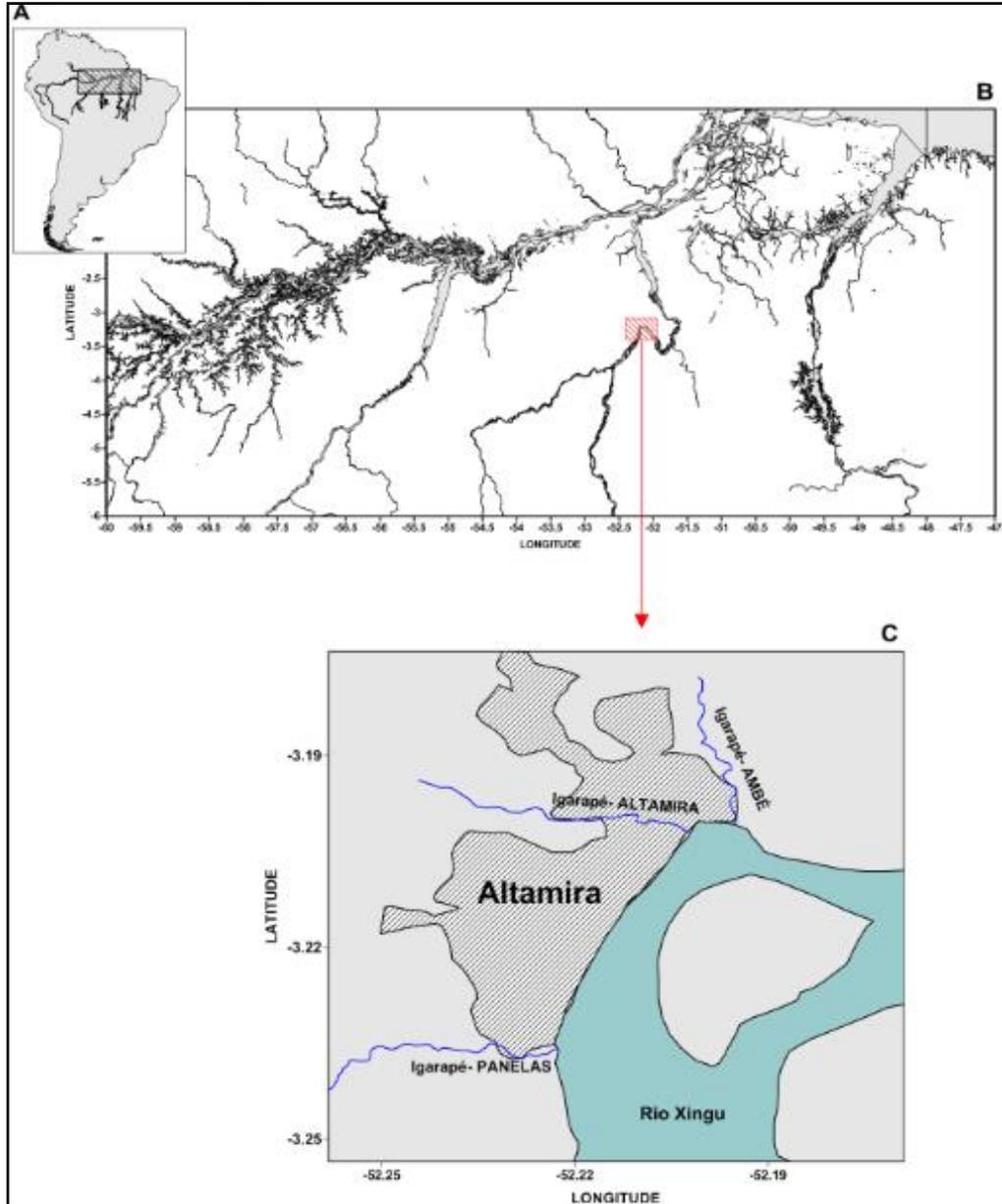
Embora a origem de sua ocupação seja desconhecida, a história do município de Altamira é marcada pela política de posse territorial, através do Projeto de Integração Nacional lançado em 1970 pelo então presidente do Brasil Emílio Garrastazu Médici. Conforme Araújo (2011, p. 159) esta política de ocupação que expressou o discurso governamental para a integração da Amazônia ao território nacional foi orientada pelo lema “terra sem homens para homens sem terra e integrar para não entregar”, reforçando o ideário imperativo para a construção da rodovia que ficou conhecida como Transamazônica.

Elevada à categoria de município e distrito pela Lei Estadual nº 1234 de 06/11/1911 e à categoria de cidade pela Lei 1604 de 27/09/1917, Altamira fica localizada na mesorregião Sudoeste do Pará, a 700 km da capital do estado. Com uma população estimada de 106.768 habitantes numa área de 159.533,730 km² (IBGE, 2014) expressa uma baixa densidade demográfica de 0,62 hab/km². De acordo com Araújo (2011, p. 158-159), o município de Altamira é o segundo maior do mundo em extensão territorial, ultrapassando áreas de países europeus como a de Portugal e a da Suíça. No Brasil, segundo Costa (2013, p. 71) a área total do município equivale à soma das áreas dos estados do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Alagoas e de Sergipe. A sede do município encontra-se à margem esquerda do Rio Xingu entre os igarapés Ambé e Panelas (COSTA, 2013, p. 69), ponto privilegiado em decorrência da convergência de rios e da Transamazônica.

No município de Altamira inicia-se a "volta grande do Xingu", trecho sinuoso e cheio de cachoeiras do Rio Xingu onde, no final do trecho, será construída a Hidrelétrica de Belo Monte. Essa hidrelétrica, com capacidade de 11,182 MW, será a terceira maior do mundo (após a Hidrelétrica de Três Gargantas na China, e a Usina Hidrelétrica de Itaipu entre

o Brasil e o Paraguai), e inundará cerca de 400 km², principalmente nos municípios de Vitória do Xingu e Altamira.

Mapa 02 – Município de Altamira/PA

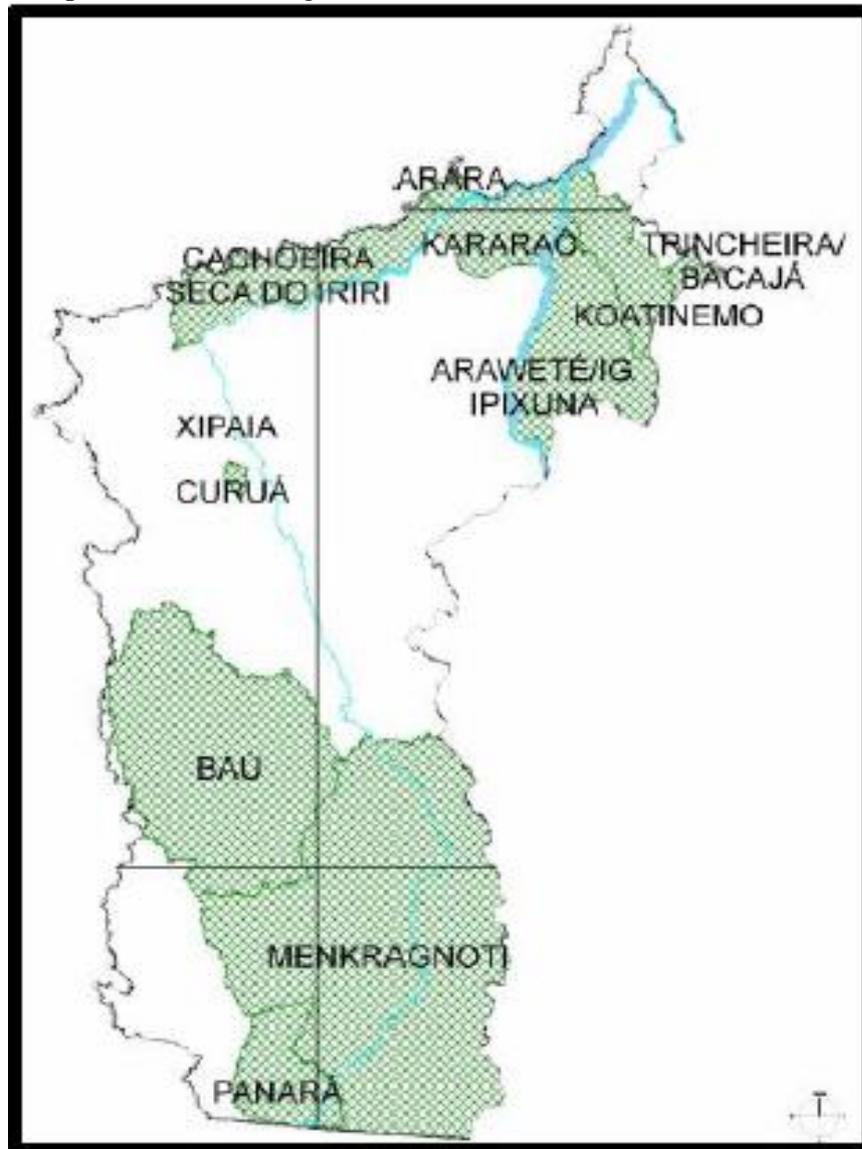


Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com Gutierrez (2010, p. 161), o território altamirense possui uma vasta zona rural demarcada em três áreas distintas conhecidas como áreas de colonização, áreas de conservação e áreas indígenas. A presença indígena é, portanto, uma marca histórica dessa região onde vivem atualmente as seguintes etnias: 1) Xipaya na aldeia Tukumã; 2) Araweté do Igarapé Ipixuna na aldeia Ipixuna; 3) Arara na aldeia Laranjal; 4) Kayapó na aldeia Kararaô; 5) Assurini do Xingu na aldeia Xingu e 6) Kuruaya na Cajueiro (FUNAI/

REGIONAL DE ALTAMIRA, 2004 *apud* GUTIERRES, 2010, p. 161)². Conforme Costa (2013, p. 72) “É fato que grande parte de seu território ao Sul da sede municipal é ocupada por reservas indígenas [...]”.

Mapa 03 – Áreas indígenas



Fonte: (COSTA, 2013, p. 72).

Em relação à produção agrícola municipal, Hebéte (2004 *apud* INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E AMBIENTAL DO PARÁ, 2013, p.28) afirma que esta foi durante bastante tempo uma das principais formas de subsistência dos

² Conforme Gutierrez (2010, p. 161) são doze áreas indígenas na região do Xingu, porém estas seis se localizam predominantemente no município de Altamira – PA.

moradores de Altamira. Conforme o IBGE (2015) a produção agrícola municipal da lavoura temporária e permanente do ano de 2014 chegou à casa de 308.800 toneladas produzidas.

Tabela 02 – Produção agrícola do município de Altamira/PA

| Produto | Área destinada à colheita (ha) | Área colhida (ha) | Quantidade produzida (t/f)³ | Rendimento médio (kg,f/ha) | Valor (R\$) |
|---------------------------|---------------------------------------|--------------------------|---|-----------------------------------|--------------------|
| Lavoura Temporária | | | | | |
| Abacaxi | 09 | 09 | 180.000t | 20.000 f | 206.000 |
| Amendoim | 05 | 05 | 06 t | 1.200 kg | 12.000 |
| Arroz | 2.900 | 2.900 | 7.601t | 2.621 kg | 5.070.000 |
| Cana-de-açúcar | 30 | 30 | 1.800 t | 60.000 kg | 257.000 |
| Feijão | 600 | 600 | 473 t | 788 kg | 1.731.000 |
| Mandioca | 2.800 | 2.800 | 56.000 t | 20.000 kg | 18.884.000 |
| Melancia | 140 | 140 | 3.500 t | 25.000 kg | 2.691.000 |
| Milho | 2.400 | 2.400 | 5.760 t | 2.400 kg | 3.963.000 |
| Soja | 250 | 250 | 675 t | 2.700 kg | 540.000 |
| Tomate | 08 | 08 | 200 t | 25.000 kg | 482.000 |
| Lavoura Permanente | | | | | |
| Banana | 2.600 | 2.600 | 44.200t | 17.000kg | 26.029 |
| Cacau | 5.021 | 5.021 | 3.919t | 781kg | 17.491 |
| Café | 860 | 860 | 894 t | 1.040kg | 3.326 |
| Castanha de caju | 16 | 16 | 16t | 1.000kg | 13.000 |
| Côco-da-baía | 255 | 255 | 3.073f | 12.051f | 2.930 |
| Goiaba | 04 | 04 | 62t | 15.500 kg | 171.000 |
| Guaraná | 02 | 02 | 01t | 500 kg | 8.000 |
| Laranja | 18 | 18 | 405t | 22.500 kg | 515.000 |
| Limão | 06 | 06 | 45t | 7.500 kg | 71.000 |
| Mamão | 02 | 02 | 40t | 20.000 kg | 51.000 |
| Maracujá | 15 | 15 | 99t | 6.600 kg | 292.000 |
| Pimenta-do-reino | 05 | 05 | 10t | 2.000 kg | 93.000 |
| Urucum | 15 | 15 | 21t | 1.400 kg | 55.000 |

Fonte: IBGE (2015)

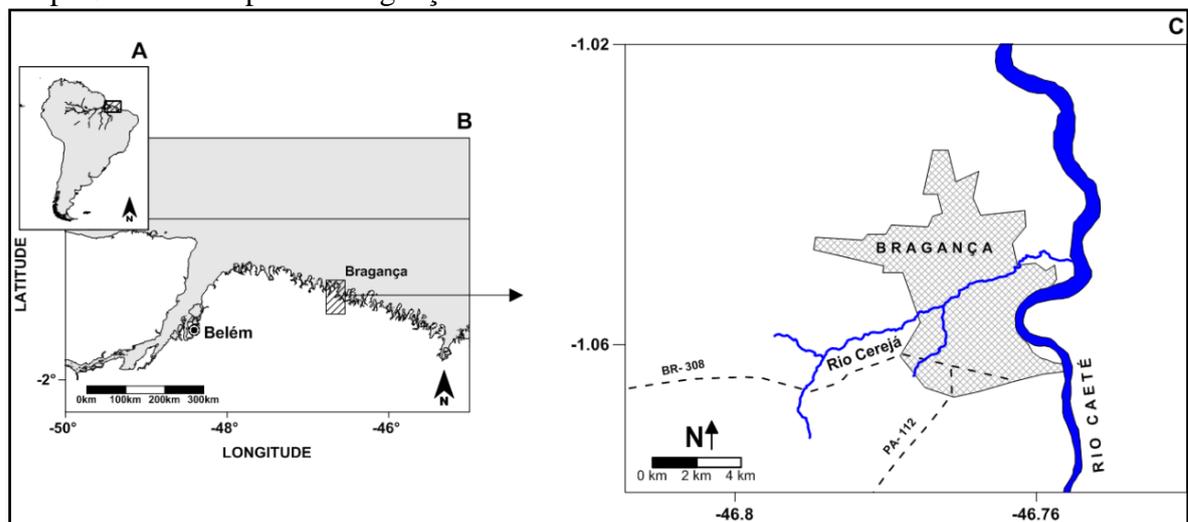
³ A letra “t” corresponde à produção agrícola por toneladas e a letra “f” por frutos.

Foi considerada na tabela anterior apenas a produção agrícola municipal da lavoura temporária e permanente indicada pelo IBGE (2015) em quantidade produzida por toneladas. Dessa forma, os resultados contidos nos fornecem uma ideia da atividade agrícola desenvolvida no município. Entre os vinte e três produtos agrícolas cultivados em Altamira, destacam-se seis produtos que somam 92% da produção total: o cacau, a banana, o arroz, a mandioca, o milho e o café.

2.2 O município de Bragança

Elevada a categoria de vila em 1.753 e à categoria de cidade e sede do município pela Lei Provincial nº 252, de 02 de outubro de 1.854, Bragança fica localizada na mesorregião Nordeste Paraense a 225 km da capital do estado. Com uma população estimada para 2014 de 120.124 habitantes numa área de 2.091,30 km², apresenta uma densidade demográfica de 54,13 hab/km² (IBGE, 2015).

Mapa 04 – Município de Bragança/PA



Fonte: Elaborado pelo autor.

O município de Bragança é conhecido como “A Pérola do Caeté” por estar situado à margem esquerda do Rio Caeté e possui uma planície costeira que se estende da ponta do Maiaú até à foz daquele rio, perfazendo cerca de 1.570 km² (SOUZA FILHO *et al.*, 2004 *apud* OLIVEIRA, 2011, p. 13). A costa marítima bragantina é recortada por furos, baías e ilhas, onde deságuam inúmeros pequenos rios, importantes como fertilizadores e como vias de transporte, sendo principal o rio Caeté que nasce no município de Bonito com o nome de “Caetezinho”; atravessa o município de Ourém, na Vila de Arraial do Caeté; passa pelo município

de Santa Luzia do Pará, cortando a Rodovia BR-316; atravessa a Rodovia Dom Eliseu, no km 30 da Vila Mocajuba e assim sucessivamente, passando por Bragança até desaguar no Oceano Atlântico.

As origens históricas do município de Bragança remontam ao início da colonização portuguesa no estado do Pará. De acordo com Silva (2014) nesse período a região bragantina fez parte de uma estratégia da Coroa Portuguesa para garantir a ocupação deste território habitado pelos índios Caeté da tribo Tupinambá, tornando-se em 1.677 um assentamento de imigrantes açorianos. Aliás, de acordo com o autor, a população bragantina desenvolveu-se à custa de três grandes elementos étnicos raciais: o branco, o índio e o negro. De 1.852 a 1.994, o município de Bragança sofreu vários desmembramentos geográficos para criação da Capitania do Caeté a outros municípios, conforme se pode observar no quadro abaixo:

Quadro 01 – Desmembramentos geográficos ocorridos no município de Bragança - PA

| <i>Ano</i> | <i>Lei / Decreto</i> | <i>Motivos</i> |
|-------------|--|---|
| 1852 | Decreto Imperial n.º 639, de 12/06/1852. | Capitania do Caeté foi anexada à Província do Maranhão. |
| 1856 | Lei n.º 301, de 22 de dezembro de 1856. | Criação do Município de Viseu. |
| 1879 | Lei n.º 934, de 31 de julho de 1879. | Criação do Município de Quatipuru. |
| 1955 | Lei n.º 1227, de 11 de março de 1955. | Criação do Município de Urumajó (atualmente Augusto Corrêa). |
| 1961 | Lei n.º 2460, de 29 de dezembro de 1961. | Parte da área desmembrada para a composição do Município de Augusto Corrêa. |
| 1991 | Lei n.º 5688, de 13 de dezembro de 1991. | Parte da área desmembrada para a criação do Município de Santa Luzia do Pará. |
| 1994 | Lei n.º 5858, de 29 de setembro de 1994. | Parte da área desmembrada para a criação do Município de Tracuateua |

Fonte: (SILVA, 2014)

Quanto à produção agrícola municipal, os dados coletados na página do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2015), sobre a produção agrícola municipal da lavoura temporária e permanente do município de Bragança, demonstram uma safra de 180.890 toneladas produzidas no ano de 2014.

Tabela 03 – Produção agrícola do município de Bragança/PA

| Produto | Área destinada à colheita (ha) | Área colhida (ha) | Quantidade produzida (t/f) | Rendimento médio (kg,f/ha) | Valor (R\$) |
|---------------------------|---------------------------------------|--------------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|--------------------|
| Lavoura Temporária | | | | | |
| <i>Arroz</i> | 85 | 85 | 167 t | 1.965 kg | 142.000 |
| <i>Cana-de-açúcar</i> | 05 | 05 | 400 t | 80.000 kg | 44.000 |
| <i>Feijão</i> | 900 | 900 | 810 t | 900 kg | 1.083.000 |
| <i>Malva</i> | 100 | 100 | 70 t | 700 kg | 114.000 |
| <i>Mandioca</i> | 11.900 | 11.900 | 178.500 t | 15.000 kg | 103.439.000 |
| <i>Milho</i> | 980 | 980 | 931 t | 950 kg | 838.000 |
| Lavoura Permanente | | | | | |
| <i>Borracha (látex)</i> | 03 | 03 | 12 t | 4.000 kg | 18.000 |

Fonte: IBGE (2015)

Foi considerada nesta tabela apenas a produção agrícola municipal da lavoura temporária e permanente indicada pelo IBGE (2015) em quantidade produzida por toneladas. Dessa forma, os resultados contidos nos fornecem uma ideia da realidade da atividade agrícola desse município. Entre os produtos agrícolas cultivados em Bragança destaca-se a produção da mandioca que soma 85% (oitenta e cinco por cento) da área destinada à agricultura. Esse fato espelha o destaque que o município tem como um grande produtor de farinha de mandioca na região.

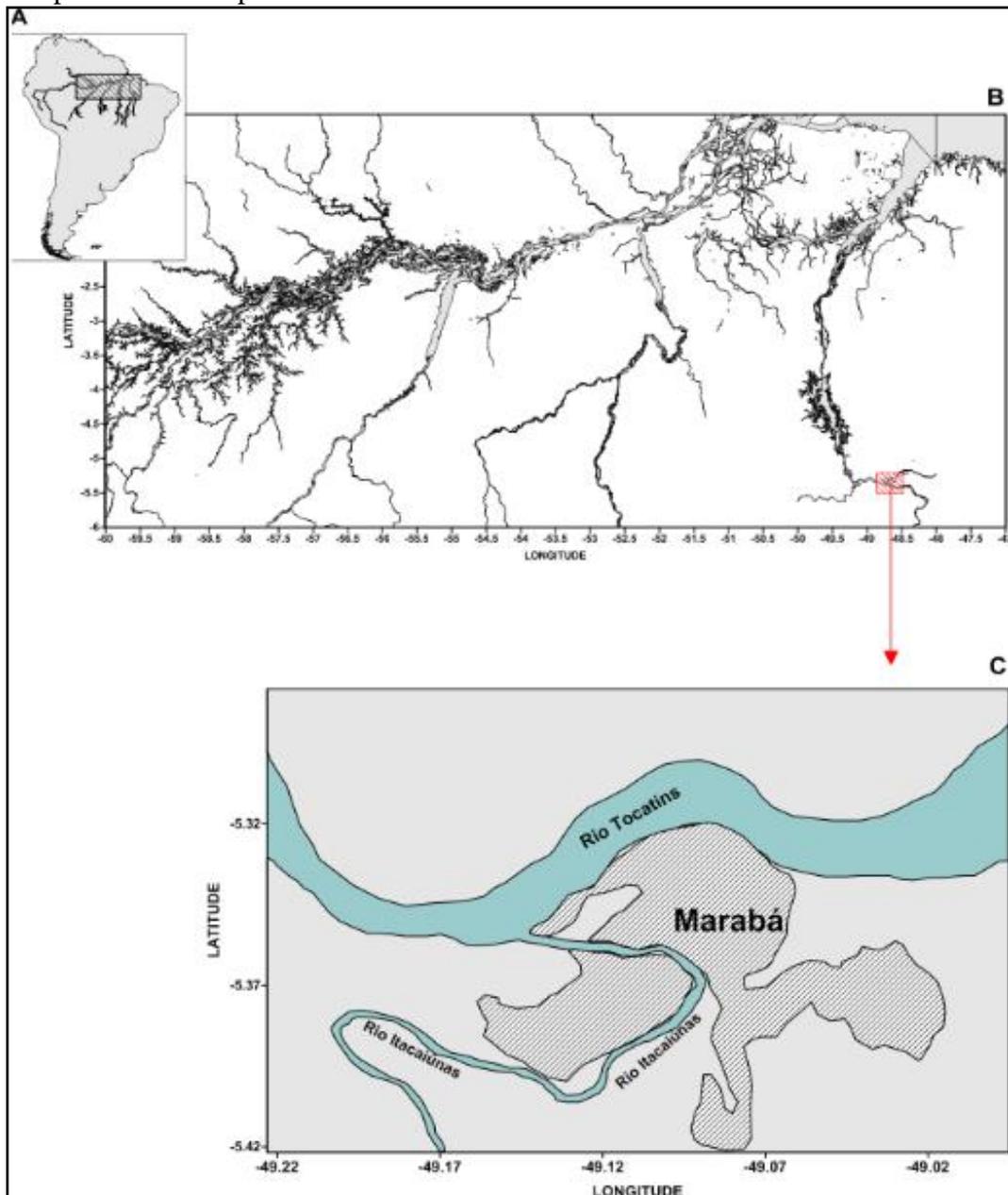
A produção de farinha remonta à própria origem do município onde os índios tupinamba já realizavam o cultivo da mandioca para a sua produção. Conforme Bragança (2014) a história do município de Bragança registra a passagem dos franceses liderados por Daniel de La Touche, o senhor de Ravardière, em 1614 que publicou em 1615, com o título de “*Suite l’histoire des choses plus memorables e advenues em Maragnan és annes 1613-1614*”, as memórias que relatam sobre um mal estar decorrente da falta de hábito da ingestão da farinha pelos franceses.

2.4 O município de Marabá

Elevado a categoria de vila pela Lei Estadual nº 1.278 de 27/02/1913 e a condição de cidade e sede do município pela Lei Estadual nº 2.207 de 27/10/1923, o município de Marabá localiza-se na região sudeste do Pará, a uma distância de 441,13 km da capital do

estado em linha reta, na confluência dos rios Itacaiúnas e Tocantins que formam um pontal e uma área alagada conhecida como Varjão (ALMEIDA, 2008, p. 29). Com uma população estimada de 257.062 habitantes numa área de 15.128.416 km², expressa uma densidade demográfica de 15,45 hab/km² (IBGE, 2014).

Mapa 05 – Município de Marabá/PA



Fonte: Elaborado pelo autor.

Por estar em uma área com topografia baixa em relação ao leito fluvial, a cidade de Marabá sofre com inundações provocadas pelas cheias anuais dos dois rios. No entanto, o

município possui as maiores altitudes encontradas na região sudeste da Amazônia paraense onde se destacam a Serra do Carajás e a Serra do Cinzento (ALMEIDA, 2008, p. 29).

A história do município de Marabá demonstra que este foi considerado na década de 1.970 como área estratégica de ação governamental. De acordo com Almeida (2008, p. 20) o município foi visto dentro dos planos de ações governamentais como ponto de apoio ao Projeto Ferro Carajás que cuidou da exploração mineral daquela região. Nesse contexto, uma das obras que marcou a atuação do Governo Federal naquele local foi a construção da Rodovia Transamazônica que criava a possibilidade de efetivar a ocupação da Amazônia como ideário estratégico do Governo Militar.

O extrativismo do caucho e da castanha foi responsável pela economia local, o que acabou consolidando o município como ponto estratégico para esta atividade desde finais do século XIX. Segundo Almeida (2008, p. 30) “O extrativismo teve na bacia do Rio Itacaúnas, seus afluentes e igarapés, a área mais importante. Nela estavam as maiores concentrações das duas espécies vegetais [...]: o caucho e a castanha”. Porém, os dados atuais sobre a produção agrícola municipal de Marabá, fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2015) apresentam hoje as seguintes configurações para a lavoura temporária e permanente:

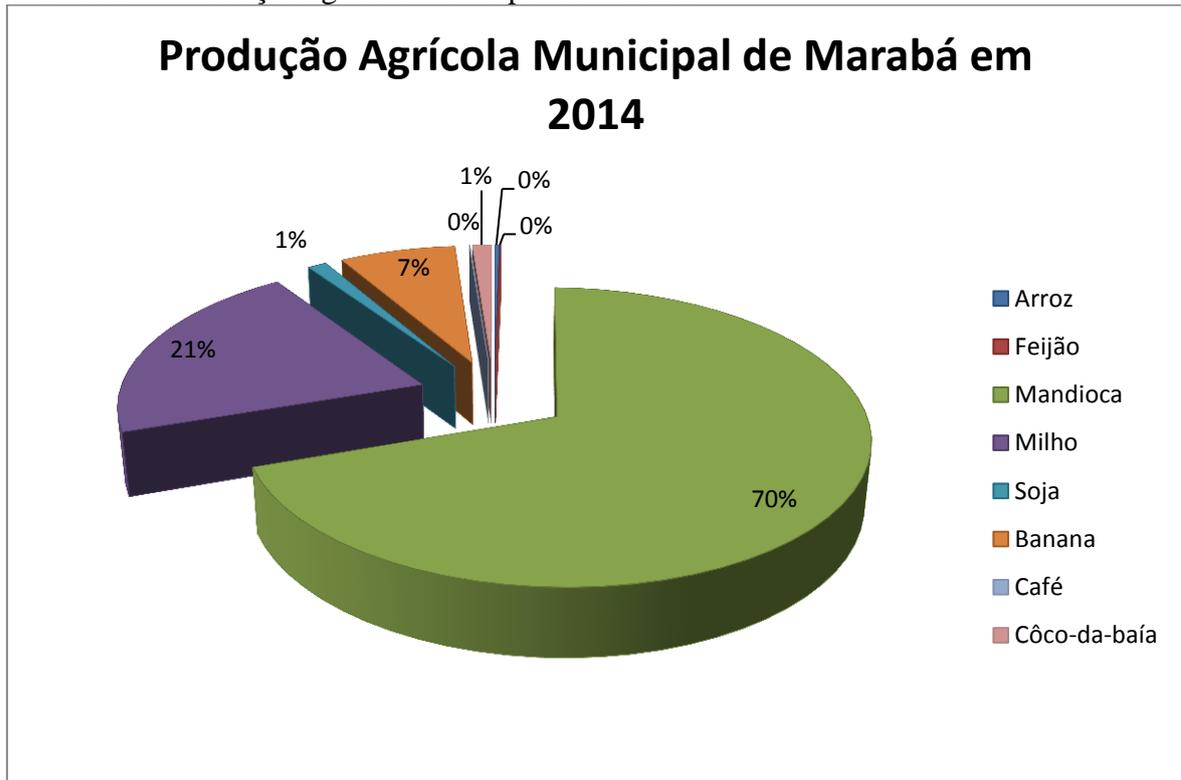
Tabela 04 – Produção agrícola do município de Marabá/PA

| Produto | Área destinada à colheita (ha) | Área colhida (ha) | Quantidade produzida (t/f) | Rendimento médio (kg,f/ha) | Valor (R\$) |
|---------------------------|---------------------------------------|--------------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|--------------------|
| Lavoura Temporária | | | | | |
| <i>Arroz</i> | 200 | 200 | 320 t | 1.600 kg | 187.000 |
| <i>Feijão</i> | 100 | 100 | 60 t | 600 kg | 150.000 |
| <i>Mandioca</i> | 5.000 | 5.000 | 80.000 t | 16.000 kg | 17.238.000 |
| <i>Milho</i> | 6.000 | 6.000 | 24.000 t | 4.000 kg | 15.192.000 |
| <i>Soja</i> | 500 | 500 | 1.350 t | 2.700 kg | 1.148.000 |
| Lavoura Permanente | | | | | |
| <i>Banana</i> | 660 | 660 | 8.250 t | 12.500 kg | 6.961.000 |
| <i>Café</i> | 40 | 40 | 45 t | 1.125 kg | 100.000 |
| <i>Côco-da-baía</i> | 180 | 180 | 1.360 f | 7.556 f | 1.054.000 |

Fonte: IBGE (2015)

Nesse levantamento, da produção agrícola municipal, foram considerados apenas os produtos em quantidade produzida por toneladas. Dessa forma, os resultados contidos nos fornecem uma ideia da realidade da atividade agrícola desse município. Entre os produtos agrícolas cultivados em Marabá destaca-se a produção da mandioca que soma 70% (setenta por cento), em toneladas produzidas, da área destinada à agricultura (conforme gráfico seguinte):

Gráfico 03 – Produção agrícola municipal de Marabá/PA



Fonte: IBGE (2015)

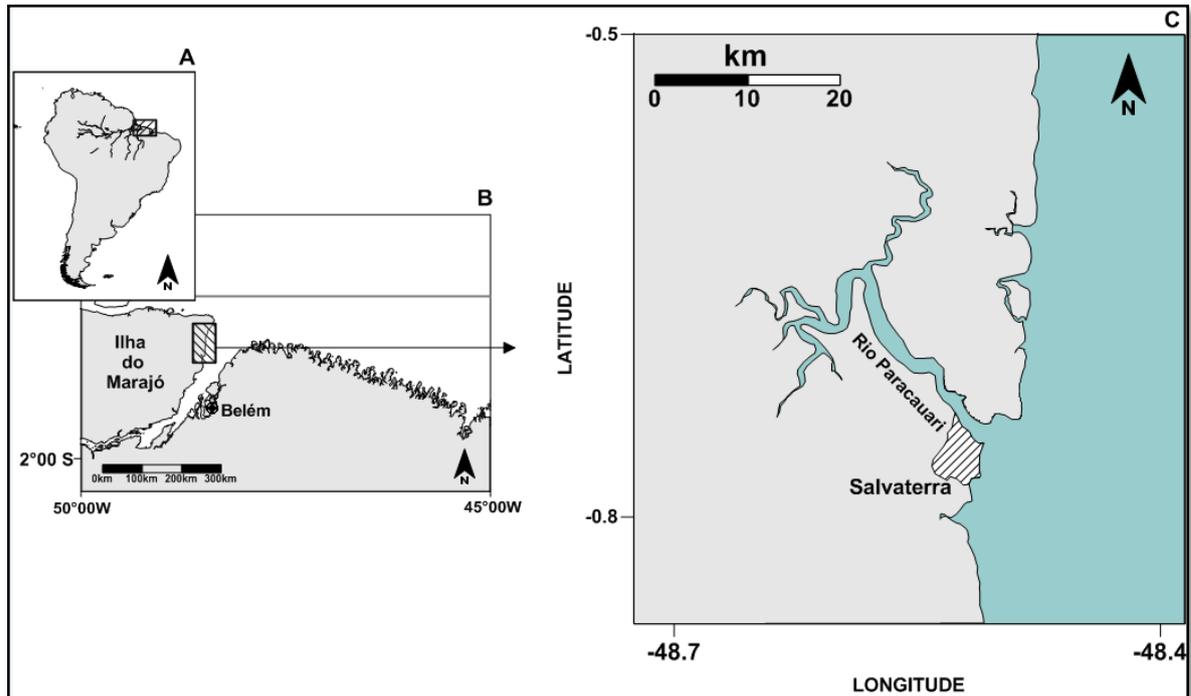
Estes resultados nos possibilitam inferir que a cultura agrícola de cultivar a mandioca ainda é uma realidade bastante expressiva na região de Marabá. Sabe-se que grande parte da mandioca é destinada para a produção artesanal de farinha pelos trabalhadores rurais de diversas comunidades rurais localizadas no município.

3.5 O município de Salvaterra

Elevada à categoria de município pela Lei Estadual nº 2.460 de 29/12/1961, Salvaterra localiza-se na região do Marajó e microrregião do Arari, do qual contempla a bacia do Lago do Arari. É composto por cinco distritos, Condeixa, Jubim, Joanes, Monsarás e Salvaterra Sede. Tem como limites o município de Soure (Norte) a Baía do Marajó (leste e

sul) e o município de Cachoeira do Arari (oeste e sul). Com uma população estimada de 21.987 habitantes numa área de 1.039.072km², expressa uma densidade demográfica de 19,42 hab/km² (IBGE, 2014).

Mapa 06 – Município de Salvaterra/PA



Fonte: Elaborado pelo autor.

O acesso de maior frequência para a região das ilhas é feito via fluvial por embarcações de grande porte (navios) ou balsas, partindo do Porto de Belém ou de Icoaraci até o Porto de Camará, no município de Salvaterra, distante a 78,1 km da capital, e em alguns casos é necessário seguir por vias terrestres para chegar às demais localidades da ilha, como o Distrito de Monsarás.

O município de Salvaterra foi colonizado por volta do século XVIII pelos frades jesuítas que se instalaram a princípio na vila de Monsarás, a sede do município. Entre os povos que habitavam esta região na época, predominava os índios da tribo Sacaca descendente dos Aruans, grupo linguístico indígena dos mais importantes no Brasil, que deixaram uma herança de grandes obras de arte em cerâmica que se desenvolveu ao longo dos anos em toda a ilha do Marajó.

Durante muitos anos a economia concentrou-se em três produtos: o gado, a pesca e o côco-da-bahia. Hoje com o desenvolvimento da agricultura, mais especificamente na cultura do abacaxi, o município passou a incluir essa produção como uma das principais

fontes da economia local. O município contou em 2013 com 470 hectares de área colhida, produzindo 10.600 frutos e 500 toneladas de mandioca.

Tabela 05 – Produção agrícola do município de Salvaterra/PA

| Produto | Área destinada à colheita (ha) | Área colhida (ha) | Quantidade produzida (t/f) | Rendimento médio (kg,f/ha) | Valor (R\$) |
|---------------------------|---------------------------------------|--------------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|--------------------|
| Lavoura Temporária | | | | | |
| Abacaxi | 400 | 400 | 10.000 f | 25.000 f | 10.100.000 |
| Mandioca | 50 | 50 | 500 t | 10.000 kg | 338.000 |
| Lavoura Permanente | | | | | |
| Côco-da-baía | 20 | 20 | 160 f | 8.000 f | 65.000 |

Fonte: IBGE (2015)

2.6 O município de Santarém

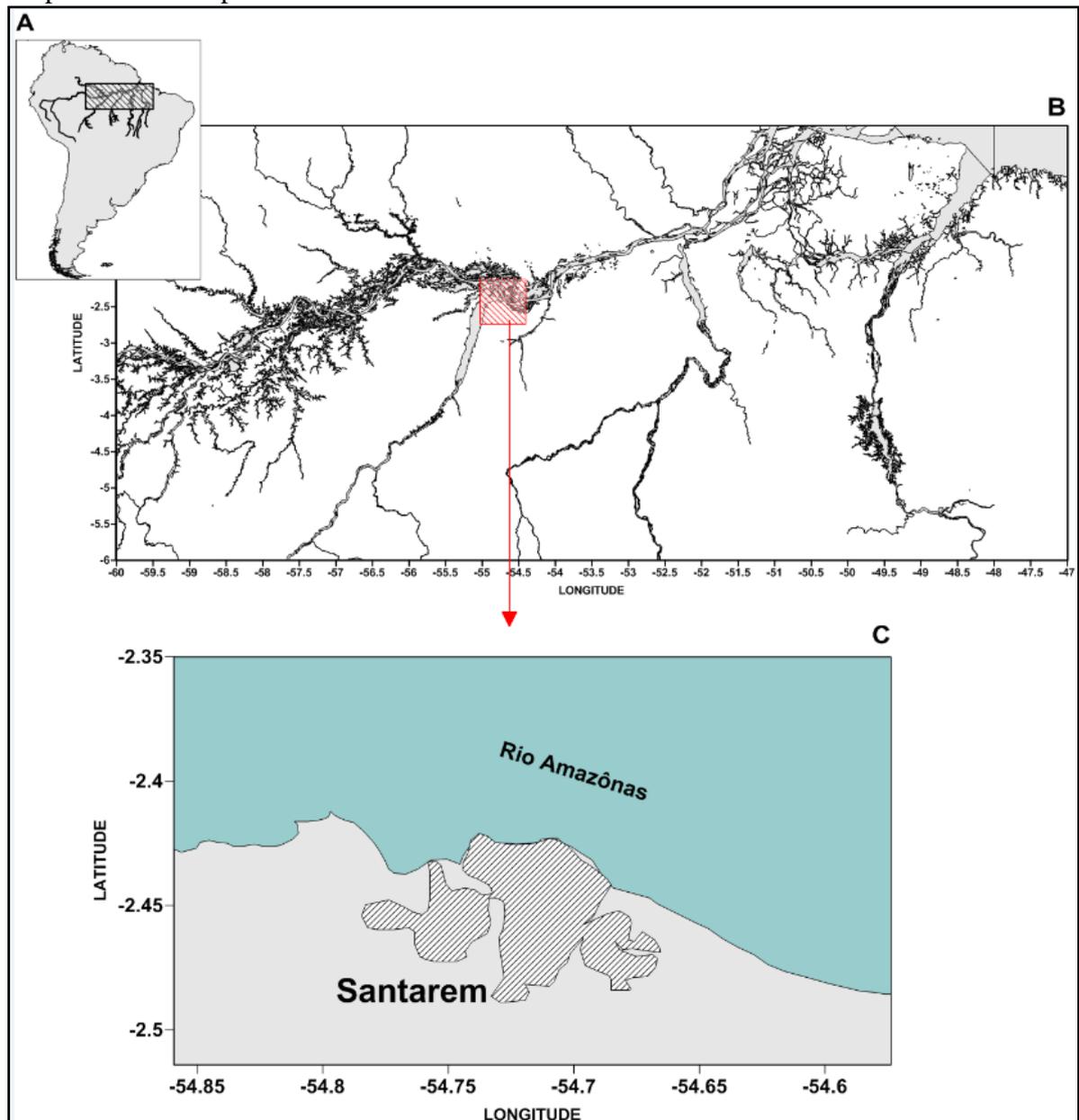
Elevado a categoria de cidade e sede do município pela Lei Provincial nº 145 de 24 de outubro de 1.848, Santarém localiza-se na mesorregião Baixo Amazonas, no oeste do estado do Pará a uma distância de 710 km da capital do estado (JUNIOR-DINIZ, 2012, p. 33). Faz limites, ao norte, com os municípios de Óbidos, Monte Alegre e Curuá; a leste, com Prainha e Uruarua; ao sul, com Rurópolis, Aveiro, Placas e Belterra e a oeste, com Juruti. Com uma população estimada de 290.521 habitantes numa área de 22.886,624 km², expressa uma densidade demográfica 12,87 hab/km² de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

De acordo com Pereira (2004, p. 90), o acesso à capital do estado pode ser realizado via fluvial em torno de sessenta horas, via terrestre através da rodovia PA-150, BR-230 (Transamazônica) e BR-163 (Cuiabá-Santarém), durando a viagem cerca de cinquenta e oito horas. Outra possibilidade de acesso é o meio aéreo, em conexão com a cidade de Belém, que dura em torno de uma hora.

De acordo com Pereira (2004, p. 77), Santarém é o terceiro município mais populoso do estado do Pará, figurando a hierarquia urbana como uma cidade de porte médio. O município ainda é composto por seis bacias hidrográficas formadas pelos rios Amazonas, Arapiuns, Tapajós, Curuá-Uma, Mojú, e Mojuí que juntos totalizam 26.522 km² e são

responsáveis pela navegabilidade, produção de pescado e pela conexão entre a cidade e outras regiões (PEREIRA, 2004, p. 89).

Mapa 07 – Município de Santarém/PA



Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com Fonseca (1996 *apud* SILVA 2011, p. 27), o contexto histórico do município de Santarém apresenta relatos oficiais de ocupação da região do Tapajós pelos índios tupaiú ou tapajós que cultivavam diversas culturas agrícolas. Conforme Amorim (2000, p. 26 *apud* SILVA, 2011, p. 27-28, grifo nosso) dentre as culturas agrícolas cultivadas pelos índios tupaiú ou tapajós estavam o algodão, o cará, a batata doce, o urucum, a pupunha, o

milho e a mandioca. Atualmente, a produção agrícola do município apresenta uma variedade de produtos na lavoura temporária e permanente bastante diversificada e cada vez mais crescente na região. Conforme dados colhidos no IBGE (2015) a produção da mandioca no ano de 2013 teve um grande destaque em relação a outros produtos cultivados na região, conforme tabela seguinte.

Tabela 06 – Produção agrícola do município de Santarém/PA

| Produto | Área destinada à colheita (ha) | Área colhida (ha) | Quantidade produzida (t/f) | Rendimento médio (kg,f/ha) | Valor (R\$) |
|---------------------------|---------------------------------------|--------------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|--------------------|
| Lavoura Temporária | | | | | |
| <i>Abacaxi</i> | 07 | 07 | 140.000 f | 20.000 f | 112.000 |
| <i>Arroz</i> | 1.663 | 1.663 | 4.989 t | 3.000 kg | 2.769.000 |
| <i>Cana-de-açúcar</i> | 15 | 15 | 375 t | 25.000 kg | 38.000 |
| <i>Feijão</i> | 825 | 825 | 495 t | 600 kg | 1.395.000 |
| <i>Mandioca</i> | 20.790 | 20.790 | 291.060 t | 14.000 kg | 130.977.000 |
| <i>Melancia</i> | 300 | 300 | 9.000 t | 30.000 kg | 6.345.000 |
| <i>Milho</i> | 11.750 | 11.750 | 27.700 t | 2.357 kg | 12.732.000 |
| <i>Soja</i> | 12.725 | 12.725 | 38.175 t | 3.000 kg | 37.412.000 |
| <i>Tomate</i> | 15 | 15 | 300 t | 20.000 kg | 773.000 |
| Lavoura Permanente | | | | | |
| <i>Banana</i> | 110 | 110 | 1.650 t | 15.000 kg | 1.101.000 |
| <i>Cacau</i> | 05 | 05 | 03 t | 600 kg | 12.000 |
| <i>Café</i> | 27 | 27 | 14 t | 519 kg | 24.000 |
| <i>Côco-da-baía</i> | 20 | 20 | 170.000 f | 8.500 f | 136.000 |
| <i>Laranja</i> | 150 | 150 | 3.600 t | 24.000 kg | 2.473.000 |
| <i>Limão</i> | 43 | 43 | 946 t | 22.000 kg | 473.000 |
| <i>Mamão</i> | 24 | 24 | 360 t | 15.000 kg | 540.000 |
| <i>Maracujá</i> | 15 | 15 | 135 t | 9.000 kg | 269.000 |
| <i>Pimenta-do-reino</i> | 60 | 60 | 150 t | 2.500 kg | 1.800.000 |
| <i>Tangerina</i> | 30 | 30 | 435 t | 14.500 kg | 417.000 |
| <i>Urucum</i> | 25 | 25 | 20 t | 800 kg | 57.000 |

Fonte: IBGE (2015)

Assim como em outros municípios do estado, os dados contidos na tabela sugerem a importância dessa cultura agrícola da mandioca para a região onde grande parte deste produto é destinada para a produção de farinha, que diariamente faz parte da alimentação e do imaginário da população na Amazônia paraense.

2.7 O cultivo da mandioca

Na Amazônia paraense, o cultivo da mandioca⁴, usado pelos trabalhadores rurais na roça, ocorre de forma bastante rudimentar. O trabalhador, pequeno proprietário, não dispõe de uma tecnologia avançada que envolva equipamentos sofisticados no desenvolvimento de suas atividades. Conforme Albuquerque (1969, p. 42) “[...] o cultivo é feito rotineiramente, sem qualquer preocupação com a melhoria da produção pela adoção de processos novos”.

Para Alves et. al. (2014), os maiores entraves para que os pequenos produtores passem a usar as novas tecnologias a favor do cultivo da mandioca são a falta de acesso às tecnologias, a falta de orientação técnica, a dificuldade de aplicação e onerosidade em seus sistemas de produção. O que pudemos observar a partir do trabalho de campo são quatro operações desenvolvidas na atividade de cultivo da mandioca: 1) preparo da área; 2) plantio; 3) tratos culturais e 4) colheita. Dentre as operações desenvolvidas na cultura da mandioca, Viégas (1976, p. 98) faz referência ao processo chamado de “plantação de preguiçoso”⁵ o que se aproxima bastante do que se faz atualmente na região pelos trabalhadores rurais. Vejamos, então, como é desenvolvido o processo que envolve o cultivo da mandioca para a produção de farinha nas localidades pesquisadas.

2.7.1 O preparo da área

O preparo da área, para o plantio das manivas, consiste no tradicional sistema de derruba e queima da capoeira a partir da operação chamada broca ou roçagem para a eliminação da vegetação mais baixa ou rasteira com foices ou facões. Em seguida é realizada a derruba da vegetação de maior porte. No momento em que a área roçada estiver seca passa-

⁴Ressaltamos que o termo cultivo da mandioca está sendo usado no seu sentido mais amplo e não apenas como tratos culturais. Nesse caso, o cultivo da mandioca compreende “o conjunto de operações de campo desde a escolha do terreno até a colheita” (ALBUQUERQUE, 1969, p. 41).

⁵Para Viegas (1976, p. 78) “era o processo seguido pelos indígenas; faziam suas roçadas em clareiras abertas nas matas, após a queimada, em solo rico de condições físicas ótimas”.

se a usar a queima que consiste na eliminação do restante da vegetação por meio de queimadas na área roçada. Ao visitarmos as localidades para entrevistarmos os trabalhadores rurais, pudemos observar que este é um sistema bastante usado pela facilidade de realização por ele, mas considerada inapropriada em decorrência da degradação ambiental. Nas observações pudemos registrar algumas áreas desmatadas onde foram realizadas as chamadas queimas.

Fotografia 01 – Área desmatada e queimada para o cultivo da mandioca.



Fonte: Registrado pelo autor.

Vale ressaltar que o trabalhador rural, apesar de usar constantemente a queima para o preparo da área em que irá iniciar um plantio, mostra-se conhecedor de que esse tipo de processo não deveria ocorrer em decorrência do impacto ambiental. Em nossas visitas, em algumas propriedades, os donos de terra (trabalhadores rurais) sempre ressaltavam que a queima, apesar de prejudicar o meio ambiente, é o único recurso que facilita o desenvolvimento de seu trabalho, pois, mesmo que insustentável, tem como lógica reduzir o gasto com mão-de-obra de outras atividades da cultura como o trabalho de desmatamento e limpeza do terreno. Após a operação chamada “queima” faz-se a chamada “coivara”, que consiste em amontoar e requeimar o restante da vegetação (galhos, folhas secas, etc.) que ainda ficam espalhados na área do roçado.

2.7.2 O plantio das manivas

Fotografia 02 – Trabalhadores rurais realizando o plantio das manivas



Fonte: Registrado pelo autor.

Para o plantio, é usado o próprio caule da maniva selecionado, cortado de forma transversal e denominado pelo trabalhador rural de corte “*bico de gaita*”⁶. Após os pedaços de manivas preparados para o plantio é feito o coveamento onde são colocados esses pedaços, geralmente, em pares⁷.

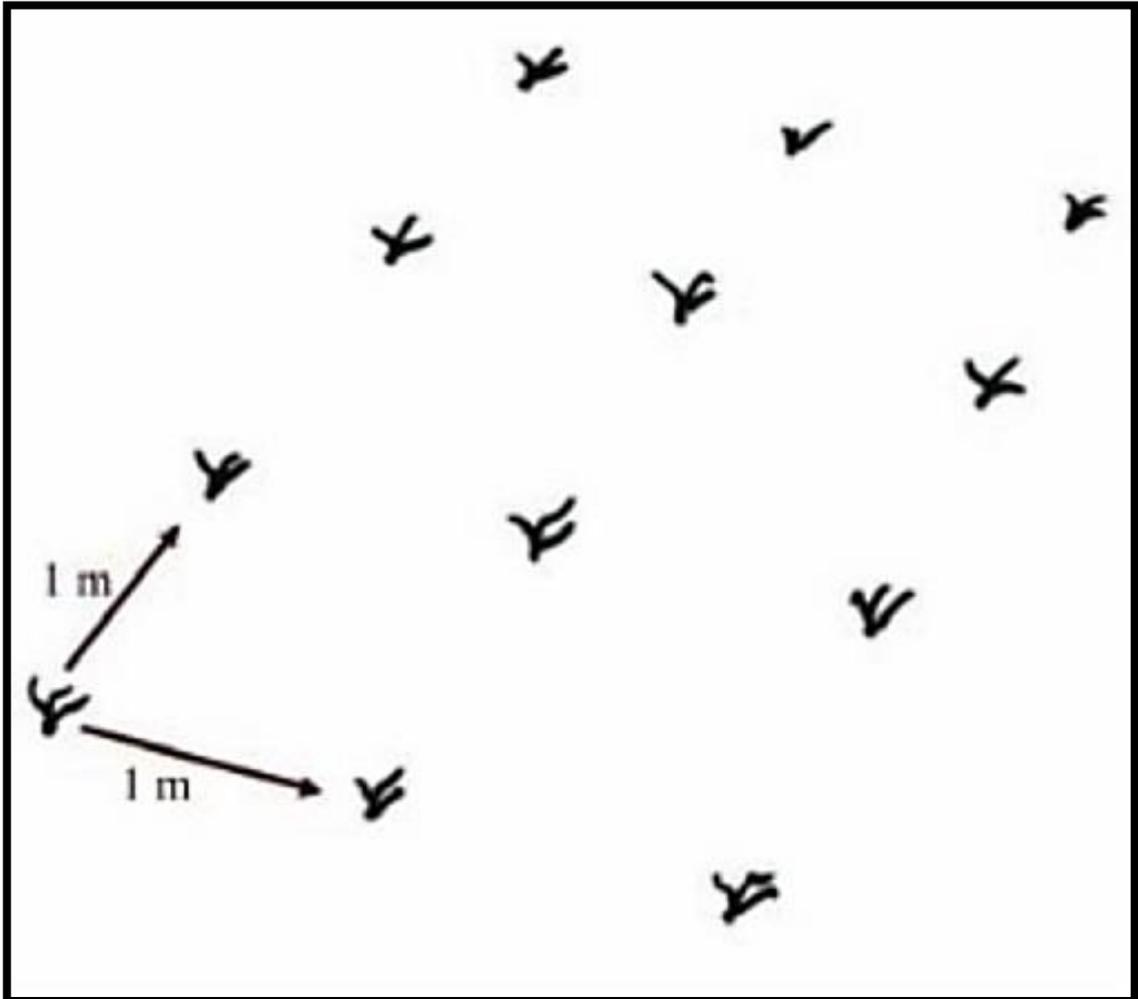
É importante destacar que o coveamento para o plantio das manivas não obedece a um espaçamento bem definido na área do roçado, pois os trabalhadores rurais realizam essa operação sem uma medição padrão entre uma cova e outra. Embora haja uma recomendação técnica de arranjo e espaçamentos no cultivo da mandioca, isso praticamente não é feito pelo trabalhador rural em seu roçado. Conforme Albuquerque (1969, p. 47) “inúmeras fórmulas de espaçamento podem ser utilizadas, todas elas, de um modo geral, entre os limites de 1,50m x 1,50m e 0,75m x 0,75m; espaços maiores ou menores que esses não são racionais [...]”. Alves

⁶ O trabalhador rural denomina este corte de “*bico de gaita*”, porém foram registradas no glossário outras variantes para este termo.

⁷ Colocar as manivas em pares nas covas é, conforme os trabalhadores rurais, uma forma de garantir o enraizamento de pelo menos uma das sementes usadas para o plantio.

et. al. (2014) afirmam que, embora a mandioca possa ser plantada em diferentes arranjos e espaçamentos, recomenda-se o plantio em fileiras simples com espaçamento de 1,00 x 1,00m, conforme a figura seguinte:

Figura 01 – Plantio em fileiras



Fonte: (ALVES et. al., 2014).

O cultivo da mandioca desenvolvido na região amazônica baseia-se na agricultura familiar. Esse tipo de cultivo é realizado por trabalhadores rurais em pequenas propriedades e visa, principalmente, a subsistência, estendendo-se à comercialização de uma pequena quantidade de produtos⁸ produzidos dessa raiz tuberosa tão presente no dia a dia dos trabalhadores rurais.

⁸ Entre os produtos, destacam-se a farinha d'água, a farinha mista, a farinha de tapioca e pequenos bolos chamados de beiju.

2.7.3 Os tratos culturais

Os tratos culturais realizados na área do roçado da mandioca, após a plantação das manivas, resumem-se, basicamente, entre duas a três capinas durante o ciclo da cultura, conforme nos informaram os trabalhadores rurais participantes da pesquisa. De acordo com eles, nos primeiros seis meses podem ocorrer de uma a duas capinas e, quando necessário, faz-se outra capina antes da colheita.

Fotografia 03 – Área do roçado de mandioca



Fonte: Registrado pelo autor.

Conforme os trabalhadores rurais, o combate a pragas e doenças basicamente não ocorre, pois a mandioca é uma cultura que não precisa de grandes cuidados, bastando ocorrer a capina para garantir o equilíbrio natural do plantio. Porém, o roçado de mandioca pode ser acometido pelo ataque de saúvas cortadeiras obrigando a aplicação de formicida para o controle da praga. Dentre as pragas relatadas, nos pontos de inquérito pesquisados, foram destacadas o cupim, a lagarta, a formiga e alguns tipos de ervas daninhas que podem prejudicar o desenvolvimento das maniveiras, causando doenças e inibindo o crescimento das plantas.

2.7.4 A colheita

De acordo com as informações coletadas junto aos informantes, a colheita da mandioca é iniciada a partir de doze meses, podendo ser colhida antes do tempo previsto em decorrência da necessidade que o trabalhador rural tem em retirar o seu sustento da terra. A operação para retirada da mandioca da cova é denominada de “arranque” que pode ser realizada de duas formas dependendo do tamanho da raiz: 1) segurando a rama da maniveira firmemente com as mãos para puxá-la da cova ou 2) usando uma barra de ferro chamada de alavanca agarrada ao tronco da maniveira.

Fotografia 04 – Arranque com as mãos



Fonte: Registrado pelo autor.

Fotografia 05 – Arranque com alavanca



Fonte: Registrado pelo autor.

Após a colheita, faz-se o transporte das mandiocas ao igarapé para serem pubadas ou amolecidas. Pudemos observar que há várias maneiras de se realizar esse transporte na região. Uma dessas é o transporte das mandiocas em carroças movidas à tração animal (búfalos, bois e cavalos); em cestos colocados nos lombos de cavalos; em carrinhos de mãos (dependendo da distância do igarapé) ou em cestos chamados de “aturá” que o próprio

trabalhador rural carrega em suas costas. As duas imagens seguintes foram capturadas num dos pontos de inquérito no momento em que o transporte de mandioca estava sendo realizado:

Fotografia 06 – Transporte da mandioca



Fonte: Registrado pelo autor.

Fotografia 07 – Aturá



Fonte: Registrado pelo autor.

Na Amazônia paraense existe uma variedade enorme de denominações para as manivas ou mandiocas cultivadas pelos trabalhadores rurais. Essas mandiocas são classificadas por eles de acordo com o aspecto da planta (cor, tamanho, esgalhamento, raiz) ou pela cor da polpa da batata da mandioca (branca ou amarela). Entretanto é necessário observar que há uma grande dificuldade em estabelecer se essas denominações, a que se referem os trabalhadores rurais, tratam-se de espécies botânicas diferentes ou variedades da mesma espécie.

O rol de variedades de mandioca, quer se trate das chamadas doces, quer das amargas, é muito grande. É possível, porém, que muitos dos nomes comuns ou apelidos com que essas 'variedades' são conhecidas, apliquem-se a uma e mesma casta ou estirpe, morfológicamente bem definida (VIÉGAS, 1976, p. 30).

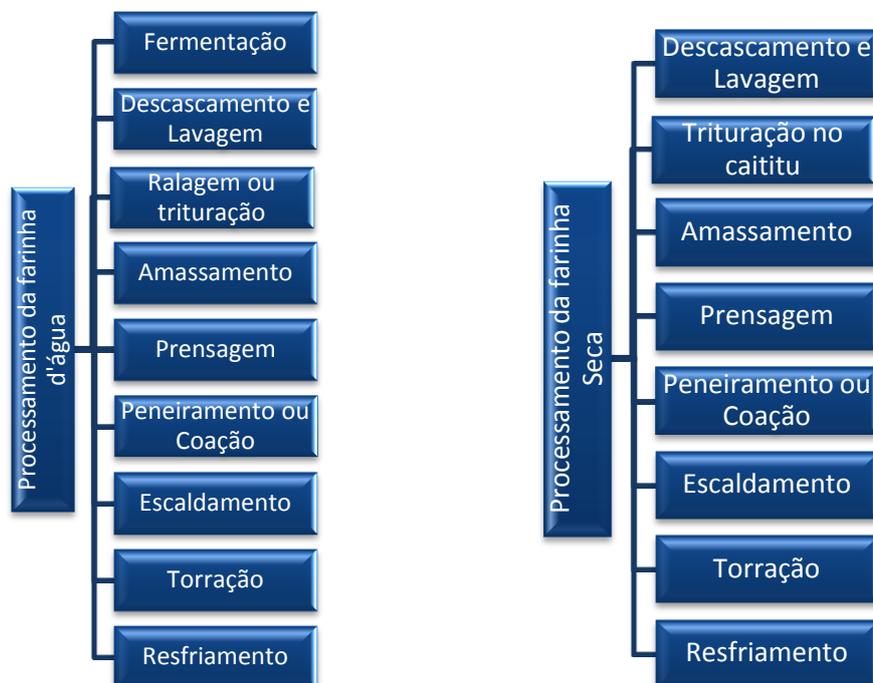
Viégas (1976, p. 30) aponta uma variedade de denominação para mandioca sem que se possa afirmar se estas realmente se tratam das mesmas espécies ou espécies diferentes. Nesse sentido, a nossa pesquisa procurou apenas registrar os termos usados pelos trabalhadores rurais com as propriedades características de suas visões de mundo. Dizer, portanto, se alguma variedade de mandioca é realmente variante linguística ou de registro pode ser apontada apenas a partir do olhar deste sujeito em sua própria formação histórica e cultural.

2.8 O beneficiamento da mandioca na casa de farinha

Conforme Folegatti et. al. (2005, p. 76) “na região amazônica são encontradas farinha seca grossa amarela, a farinha d’água ou puba, a farinha mista ou do Pará e a farinha de tapioca (fécula seca e granulada)”. De acordo com Cereda (2005, p. 27) o seu processamento para a produção de farinha guarda vestígios de origem indígena.

Cardoso (2005, p. 143), por sua vez, afirma que os tipos de farinha e técnicas de produção usadas variam de acordo com as influências culturais na composição de sua população. Para este autor, as etapas do processamento da farinha d’água são fermentação, retirada da casca, lavagem, esmagamento ou trituração da massa, prensagem, peneiragem, torração, resfriamento da farinha e embalagem. Já a farinha mista ou do Pará resulta da mistura da massa de mandioca pubada (colocada de molho) e ralada com a massa da mandioca seca (não colocada de molho) como se observa no organograma do processo de produção da farinha que se segue:

Organograma 01 – Processos de produção da farinha d’água e da farinha seca



Fonte: Elaborado pelo autor.

O processo de beneficiamento da mandioca na Amazônia paraense apresenta, predominantemente, uma tecnologia rudimentar que exige a própria força humana para todas

as etapas de fabricação de farinha. As casas de farinha localizam-se nas zonas rurais e possuem características bastante simples, construídas com estacas de madeira, cobertas de palha ou telhas e sem paredes, o que facilita a circulação de ar. Nelas, a produção de farinha é feita de forma predominantemente artesanal com a mão-de-obra dos integrantes da própria família do trabalhador rural ou com a participação de membros da comunidade local.

Fotografia 08 – Casade farinha



Fonte: Registrado pelo autor.

Os instrumentos utilizados na casa de farinha como a masseira, o cesto produzido com o cipó de timbuaçu e chamado de *aturá*, a utilização de animais para o transporte de mandiocas, a forma de se processar a raiz, dentre outros, são alguns resquícios da cultura indígena no processamento da mandioca. De acordo com Cereda (2005, p. 32), o processo de preparo da farinha “tem influência indígena, onde a dificuldade de ralar a mandioca era contornada colocando-as para ‘pubar’ em água parada ou rios, até amolecer”.

2.8.1 A fermentação da mandioca

Após a colheita da mandioca no roçado pelo trabalhador rural, esta é levada para o chamado poço onde permanecerá por um período que compreende três a oito dias em processo de fermentação. Os chamados poços são locais construídos dentro de pequenos igarapés cercados com tábuas para que as mandiocas não sejam levadas pelo curso da água.

Fotografia 09 – Poço construído no igarapé



Fonte: Registrado pelo autor.

Em todas as propriedades da região visitadas verificamos que o “*poço*” construído no igarapé é mais usual pelos trabalhadores rurais para deixar a mandioca em fermentação, porém, conforme relataram os nossos informantes e observamos na pesquisa de campo, existem outras maneiras de realização desse processo como a colocação das mandiocas em tanques feitos de alvenaria ou em tinas cheias de água. As tinas são bacias de pneus usadas para deixar a mandioca de molho ou para lavá-las após o seu descascamento.

2.8.2 O descascamento e a lavagem

As mandiocas levadas para o poço perdem as cascas facilmente, porque no processo de fermentação ficam amolecidas, porém as que não são colocadas no poço passam pelo processo de descascamento. Nesta operação os trabalhadores rurais se utilizam apenas de uma faca de mesa para a retirada das cascas de cada raiz de mandioca que serão usadas na produção de farinha.

Fotografia 10 – Trabalhadores rurais descascando mandiocas



Fonte: Registrado pelo autor.

Após o descascamento das mandiocas, procede-se à lavagem destas em uma bacia ou tina cheia de água para, então, ocorrer o ralamento ou trituração e serem transformadas em massa. Observamos que o descascamento das mandiocas é uma atividade bastante intensa e que exige um esforço repetitivo muito grande dos trabalhadores rurais que podem levar o dia inteiro para realizar esta tarefa na atividade de produção da farinha.

2.8.3 A ralagem ou trituração no caititu

Para o processo de ralagem ou trituração, usa-se um ralador ou um caititu respectivamente. Conforme informações dos trabalhadores rurais, o ralador é feito com a utilização de folhas-de-flandres, retiradas de latas vazias de manteigas que são cortadas, furadas e moldadas em pedaços de madeira. Porém, a vantagem da utilização do caititu na trituração da mandioca é que não exige um grande esforço do trabalhador rural, uma vez que esse instrumento é movido à eletricidade, tendo um motor acoplado a uma peça chamada rodete que tritura a mandioca transformando-a em massa. As imagens seguintes demonstram a utilização de um ralador manual e de um caititu pelo trabalhador rural.

Fotografia 11 – Usando o ralador



Fonte: Registrado pelo autor.

Fotografia 12 – Usando o caititu



Fonte: Registrado pelo autor.

2.8.4 O amassamento e a prensagem da massa

Após a mandioca ser ralada ou triturada, segue-se à operação chamada de amassamento ou maceração, que consiste em deixar a massa, resultante da trituração, com o aspecto pastoso. Da maceração, passa-se ao processo de prensagem, que consiste em retirar todos os resíduos tóxicos e a extração do chamado tucupi. Essa operação é realizada com a ajuda do chamado espremedor ou prensa, onde se coloca o tipiti⁹ cheio de massa para ser espremida. É praticamente o processo usado pelos trabalhadores rurais na atividade de produção da farinha de mandioca na Amazônia paraense. Em todas as localidades pesquisadas, onde realizamos o levantamento de dados junto aos sujeitos da pesquisa, observamos a atividade de amassamento realizada no chamado “cocho” ou “canao” e a

⁹ Cesto comprido, produzido com palha trançada, usado para comprimir a massa da mandioca e deixá-la seca.

utilização do tipiti para a prensagem da massa e decantação de toda a substância tóxica presente.

Fotografia 13 – Cocho de maceração



Fonte: Registrado pelo autor.

Fotografia 14 – Espremedor com tipiti

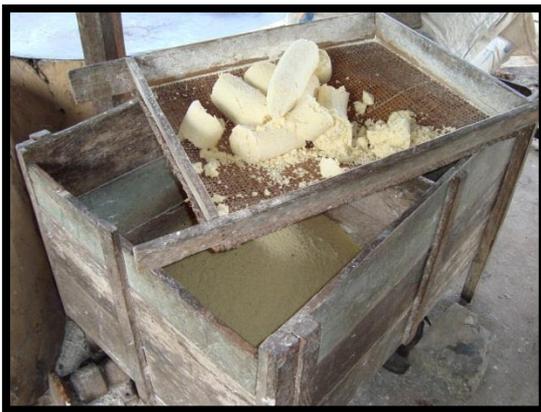


Fonte: Registrado pelo autor.

2.8.5 A coação ou peneiramento da massa

A coação ou peneiramento da massa, como denominam os trabalhadores rurais, é realizado com o uso de uma peneira e uma caixa para o esfarelamento da massa e a separação da parte grosseira denominada de crueira.

Fotografia 15 – Peneira e caixa



Fonte: Registrado pelo autor.

Fotografia 16 – Crueira



Fonte: Registrado pelo autor.

De acordo com relatos dos próprios trabalhadores rurais, as frações grosseiras, chamadas de crueira, podem ser utilizadas na alimentação de animais ou na alimentação humana em forma de mingau.

2.8.6 O escaldamento e a torração

Após a massa ser esfarelada na peneira o trabalhador rural a coloca no forno para ser escaldada. O escaldamento é realizado no próprio forno, onde a massa é também torrada em aproximadamente 40 a 50 minutos e transformada em farinha. Por se tratar de um serviço que exige bastante força é executado quase que exclusivamente pelos homens, que se revezam a cada fornada em decorrência do calor e do processo de produção que pode durar o dia inteiro.

Fotografia 17 – Trabalhador rural torrando a massa da mandioca no forno



Fonte: Registrado pelo autor.

2.8.7 O resfriamento

Após a torração, a farinha é levada para um cocho feito de madeira e denominado pelo trabalhador rural de esfriadeira. Esse instrumento serve para colocar a farinha por um determinado tempo até que a temperatura diminua e possa ser acondicionada ou embalada em

sacos. Essa farinha embalada, no entanto, não é classificada de acordo a granulometria justamente por ser uma atividade ainda bastante informal na Amazônia paraense.

Fotografia 18 – Mexendo a farinha na esfriadeira



Fonte: Registrado pelo autor.

Após todo o processo de beneficiamento da farinha de mandioca, finalmente fica pronta para o consumo e para a comercialização. Na região, observamos que pela natureza da atividade estar baseada na agricultura familiar, uma parte da farinha é usada para o autossustento da família, enquanto outra parte serve para a comercialização do produto.

2.8.8 A comercialização

A comercialização da farinha se dá de forma bastante informal entre os trabalhadores rurais que a produzem e as pessoas que a comercializa. A farinha é vendida para os chamados atravessadores ou comerciantes que se encarregam em comercializá-la no comércio local e em outros centros urbanos. As feiras livres são outros pontos de referências

em termos de comercialização. Grande parte da produção é destinada para vendas nesses locais nos centros urbanos de diversos municípios.

Fotografia 19 – Feira da farinha



Fonte: Registrado pelo autor.

Podemos, então, dizer que a sistemática compreendida na tarefa de produção da farinha de mandioca abrange um conjunto articulado dos aspectos econômicos e socioculturais que conferem a esse tipo de atividade uma posição peculiar entre os vários produtos agrícolas produzidos na região. A mandioca é um produto de subsistência para boa parte da população rural, um importante componente do sistema culinário (produção de farinha, mingau, comidas típicas, etc.), além de revelar uma tradição histórica e valores culturais observados no léxico por meio dessa cultura.

3 PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS TERMINOLÓGICOS

O presente capítulo discorre sobre o desenvolvimento dos estudos terminológicos desde a abordagem clássica, de orientação prescritiva, à abordagem contemporânea variacionista de orientação descritiva. Consideramos salutar esse passeio por meio do qual poderemos demonstrar a posição teórica que assumimos para o desenvolvimento de nossa tese de doutorado, posição essa que, embora se distancie dos pressupostos da Teoria Geral da Terminologia, não deixa de reconhecer que coube a *Eugen Wüster* a tentativa de uma primeira sistematização no campo dos estudos terminológicos. Os princípios epistemológicos da abordagem clássica, no entanto, mostraram-se insuficientes e distantes da real situação constatada pelos estudos terminológicos contemporâneos, que descrevem as terminologias essencialmente a partir de seus contextos discursivos.

3.1 Teoria Geral da Terminologia: abordagem clássica

Maria Teresa *Cabré*, prefaciando o livro de *Wüster* (1998, p. 12), traduzido para a língua espanhola, afirma ser inquestionável que em contextos prescritivos a Teoria Geral da Terminologia tenha se preocupado em garantir a univocidade da comunicação técnico-científica. Porém, em contextos de comunicação natural e espontânea, de base social, com pretensões identitárias, a TGT resulta insuficiente.¹⁰ É o que pretendemos discorrer brevemente na seção seguinte sobre os princípios que fundamentam a teoria *wüsteriana*.

3.1.1 Os postulados *wüsterianos*

A Teoria Geral da Terminologia – TGT teve como expoente o engenheiro austríaco *Eugen Wüster* na década de 1930. Com a sua tese de doutoramento intitulada “*Internationale Sprachnormung in der Technik*” (Normalização Internacional Técnica), defendida na Universidade de *Stuttgart* em 1931, começa-se delinear a preocupação do autor com a padronização do léxico de especialidade em nível internacional. Mais tarde, com a publicação do livro intitulado “*Die internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der*

¹⁰En contextos prescritivos, fuertemente estructurados y con la voluntad prioritária de garantizar La univocidad comunicativa (estandarización nacional e internacional, documentación, inteligencia artificial), la TGT es inquestionable. Em situaciones de comunicación natural, de base social, com pretenciones identitarias, la TGT resulta insuficiente (CABRÉ in WÜSTER, 1998, p. 12).

Elektronik”, Eugen Wüster defende a tese de que a terminologia não deve acolher ambiguidades realizadas por denominações plurivalentes (homonímia e polissemia) e por denominações múltiplas (sinonímia), reafirmando sua posição epistemológica e inaugurando as bases que sustentariam a sua proposta sob a ótica da TGT. Para ele, “as diferenças que existem entre a Teoria Geral da Terminologia e a Linguística Geral possuem origem na atitude que se adota entre uma e outra ante o estado da evolução da língua” (WÜSTER, 1998, p. 21)¹¹. Nessa perspectiva, a Terminologia deve adotar critérios que se baseiam em três elementos básicos que passamos a resumir: (i) Considera que o âmbito dos conceitos e das denominações é independente¹²; (ii) Considera que entre o conceito e a denominação aquele deve possuir prioridade sobre este¹³; (iii) Considera a língua a partir de uma perspectiva essencialmente sincrônica¹⁴.

Essas proposições de ordem teórico, apresentadas na teoria *wüsteriana*, forneceram as primeiras disposições sobre o trabalho terminológico enquanto campo aplicado. Pretendia-se, com isso, favorecer a eficácia da comunicação técnico-científica no plano internacional, na tentativa de desfazer a “ambiguidade” do léxico especializado. Dessa forma, a TGT acaba priorizando o registro escrito de termos considerados aprovados para determinada área de domínio do conhecimento e, portanto, recomendados para serem usados nos vários setores científicos e tecnológicos. Nas próprias palavras de Wüster (1988, p. 25) “[...] para a terminologia, a forma gráfica dos termos possui prioridade sobre a forma fônica, isto é, sobre a pronúncia. A forma escrita dos termos técnicos está unificada ao nível internacional”¹⁵.

Essa posição, tomada para o trabalho terminológico, deixa de fora as linguagens de especialidades em contextos orais e jamais consideraria o que fazemos na atualidade, investigando a linguagem de uma atividade que faz parte de um saber culturalmente construído a partir de tradições em contextos de oralidade como é o caso da atividade de produção da farinha de mandioca na Amazônia paraense. Deixar por tanto tempo esse tipo de investigação às margens dos estudos terminológicos acabou provocando uma enorme perda

¹¹ “Las diferencias que existen entre la teoría general de la terminología y la ciencia de la lengua general tienen su origen en la actitud que adoptan una y otra ante el estado y la evolución de la lengua” (WÜSTER, 1998, p. 21).

¹² “La terminología considera que el ámbito de los conceptos y el de las denominaciones (=los términos) son independientes” (WÜSTER, 1998, p. 21).

¹³ “[...] para los terminólogos, sólo tienen importancia las denominaciones de los conceptos [...]” (WÜSTER, 1998, p. 22).

¹⁴ “[...] la prioridad que la terminología da a los conceptos ha llevado inevitablemente a la investigación terminológica a considerar la lengua desde un punto de vista esencialmente *sincrónico*.” (WÜSTER, 1998, p. 22, grifos do autor).

¹⁵ “[...] para la terminología, la forma gráfica de los términos tiene prioridad sobre la forma fônica, es decir, sobre la pronunciación. La forma escrita de los términos técnicos está unificada a escala internacional” (WÜSTER, 1998, p. 25).

para a compreensão das especificidades dos fenômenos terminológicos em seus contextos reais de uso pelo falante.

Destaca-se, ainda, que *Eugen Wüster* concebia a Terminologia, enquanto disciplina, como uma ciência de caráter estritamente filosófico, mantendo relações com várias outras matérias como a Lógica, a Teoria da Classificação, a Informática e a Linguística (cf. BARROS, 2004, p. 55). Porém, conforme Gaudin (1993, p. 26), a aproximação da TGT com a Linguística chega a ser um paradoxo, uma vez que aquela ao conceber o termo dissociado do contexto de uso acaba se distanciando de pressupostos básicos desta.

[...] é por meio de sua teoria do termo que Wüster mais se distancia da Linguística. Desde Saussure o signo é estudado como entidade psíquica com duas faces, onde ‘não seria possível isolar nem o som da ideia, nem a ideia do som’ (Saussure, 1972, p. 157) e esse signo se investe de valor no sistema da língua. Wüster, por sua vez, ‘considera o domínio dos conceitos e o dos termos como dois domínios independentes’ (Wüster, 1981, p. 63), a significação do termo sendo constituída de um conceito que lhe é subordinado. Essa ruptura introduz, portanto, um deslize subreptício que faz passar da língua natural a uma metalíngua. Tal visão corresponde às finalidades da normalização, mas não à realidade linguística (GAUDIN, 1993, p. 26)¹⁶.

De fato, a teoria *wüsteriana* demonstra-se ambígua ao expressar a sua estreita relação com a Linguística e ao mesmo tempo dissociar o léxico da gramática e do seu contexto discursivo. Em decorrência da ênfase dada ao plano conceitual, a metodologia do trabalho terminológico, para *Wüster*, segue um padrão exclusivamente onomasiológico e o valor do termo ganha contornos a partir do lugar que ocupa na estrutura conceitual de uma determinada matéria.

Observa-se, portanto, que a proposta *wüsteriana* volta-se muito mais para um fazer terminológico despreocupado com bases que se fundamentam nos aspectos sociais e culturais. Mesmo não sendo a proposta de Eugen Wüster ou sem desmerecer a importância de sua obra, podemos dizer que lhe faltou um olhar mais descritivo sobre os fenômenos linguageiros em terminologia. Se a finalidade básica defendida pelo autor era garantir a precisão e a univocidade da comunicação profissional no plano internacional, então por que

¹⁶ “[...] c’est par sa théorie du terme que Wüster s’écarte le plus de la linguistique. Depuis Saussure, le signe est étudié en tant qu’entité psychique à deux faces ou l’on ‘ne saurait isoler ni le son de la pensée du son’ (Saussure, 1985:157), ce signe tirant sa valeur du système de la langue. Wüster, quant à lui, “considere le domaine des notions et celui des termes comme deux domaines independants” (1981:63), la signification d’un terme étant constituée par une notion qui lui est subordonnée. Cette rupture introduit donc un glissement subreptice qui fait passer de la langue naturelle à une méta-langue. Une telle vision correspond bien aux finalités de la normalisation, mais pas à la réalité linguistique” (GAUDIN, 1993, p. 26).

desconsiderar as variantes terminológicas tão essenciais para que se apreendam os usos que o falante faz dos termos em seus diversos contextos discursivos e/ou sociocomunicativos? Aliás, essa opção teórico-metodológica de *Wüster* não significa que ele não reconheça que as variantes terminológicas façam parte dos fenômenos linguísticos, mas tão somente não aceita tal circunstância em detrimento de tentar garantir a tão idealizada univocidade da comunicação profissional em nível internacional.

Assim, *Cabré et al* (1998, p. 36) enfatizam que as mudanças operadas na sociedade, em face aos novos paradigmas tecnológicos e sociais, têm suscitado críticas a respeito das insuficiências do modelo de análise tradicional apresentado pela TGT. Essas críticas podem ser resumidas nos seguintes pontos:

- 1) **Logicismo:** diz respeito ao método de análise lógica de descrição da realidade sem levar em consideração os aspectos sociais em que a terminologia se insere;
- 2) **Universalidade:** diz respeito ao método de análise que parte de uma realidade particular para generalizá-la. Na terminologia tradicional, esse método tem sido bastante recorrente, o que se reflete em normas estabelecidas pela ISO;
- 3) **Estatismo:** diz respeito à visão monorreferencial das terminologias. Neste caso, tendo como objetivo a desambiguidade da comunicação técnico-científica, a variação é considerada como um ruído da comunicação;
- 4) **Reduccionismo:** o modelo aplica-se a domínios especializados reconhecidos deixando de fora outros âmbitos especializados por critérios pragmáticos, o que demonstra uma característica bastante restritiva da terminologia tradicional em detrimento de outras realidades linguísticas;
- 5) **Idealismo:** em consequência aos pontos anteriores, a terminologia deixa prevalecer uma perspectiva idealizadora, pois o alvo é favorecer uma comunicação especializada internacional sem ambiguidades.

Embora seja inegável o pioneirismo e a contribuição dos trabalhos desenvolvidos com base na TGT, os seus princípios acabam estabelecendo parâmetros para uma abordagem alijada dos processos comunicativos, discursivos, pragmáticos, históricos, sociais e culturais que são inerentes à linguagem humana. As linguagens de especialidades estão diariamente no discurso dos falantes que delas se utilizam para manter suas posições ideológicas, sendo, portanto, parte da história de cada comunidade de falante, indispensáveis para a compreensão do outro enquanto sujeito no mundo.

Tendo-se fundamentado em idealizações, a TGT acaba não apresentando bases consistentes para a descrição e análise do léxico de especialidade em contextos empíricos, buscando dar conta da realidade terminológica em situações de uso concreto pelo falante. Dessa forma, a teoria *wüsteriana* acabou sofrendo demasiadas críticas com o advento de novas perspectivas de estudos terminológicos que passam a tratar as investigações nesta área a partir de um ponto de vista que envolve a relação que se estabelece entre linguagem, sociedade e cultura, ocorrendo, a partir de então, uma verdadeira reflexão e mudança de paradigma nos estudos sobre o léxico de especialidade¹⁷. Nesse momento, de reflexão e mudança de paradigma, em que se sente a necessidade de um olhar que apreenda o termo numa dimensão plural, a Socioterminologia surge como proposta de descrição e análise do termo a partir dos usos que se contextualizam no quotidiano das diversas atividades especializadas e do conhecimento humano.

3.2 Socioterminologia: abordagem contemporânea variacionista

Destacamos nesta seção as contribuições dos estudos de *François Gaudin* e *Enilde Faulstich* para a consolidação da área dos estudos socioterminológicos. Podemos dizer que enquanto coube àquele a apresentação de um campo epistemológico que considerasse o termo numa perspectiva social, a esta coube o desenvolvimento de um campo epistemológico que tratasse mais particularmente das questões linguísticas no contexto da variação terminológica. Nesse sentido pretende-se apresentar nesta seção as contribuições desses dois pesquisadores para a consolidação dos estudos socioterminológicos que se apresentam na atualidade como área profícua para a descrição e análise do léxico de especialidade.

¹⁷Cabré (*apud* BARROS, 2004, p. 35) propõe três períodos como fundamentais no processo histórico da Terminologia: as origens (1930-1960), a estruturação (1960-1975) e a eclosão (1975-1985). A esses períodos Barros (2004, p. 35) acrescenta mais um: reflexão e mudança de paradigma (1990 em diante).

3.2.1 A contribuição de François Gaudin

O termo *Socioterminologia* foi introduzido pela primeira vez no colóquio internacional “*Problèmes de la définition et de la synonymie en terminologie*”, em 1982, por Jean Jaques-Boulanger (GAUDIN, 1993, p. 68). Conforme Auger (1993 *apud* Faulstich 2006, p. 29), nesse momento se observa o surgimento de uma nova corrente de estudos em oposição às “escolas hipernormalizadoras desconectadas de situações linguísticas próprias a cada país [...]”. Essa nova perspectiva exige do terminólogo uma posição centrada em uma abordagem mais ampla, considerando os aspectos sociais envolvidos nas linguagens de especialidade. Gaudin (1993, p. 68-69) afirma que no final da década de 1980 as reflexões acerca de uma terminologia voltada para o social vinham sendo esboçadas. Para ele, Gambier em 1989 já “desenha os contornos de uma socioterminologia que abrange um vasto campo interdisciplinar [...]” (GAUDIN, 1993, p. 69).¹⁸ Essas reflexões iniciais sobre o campo dos estudos terminológicos, travadas ao longo do tempo, acabaram possibilitando aberturas para que François Gaudin apresentasse sua proposta para uma terminologia voltada ao campo das interações sociais.

Dessa forma, a Socioterminologia, como campo epistemológico, começa tomar fôlego a partir dos trabalhos de François Gaudin, desenvolvidos na França, na década de 1990. Afirma Faulstich (2006, p. 29) que Gaudin “ao publicar sua tese de doutorado – ‘*Pour une socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*’¹⁹ discute com mais pertinência a propriedade da terminologia voltada para o social [...]” e com isso apresenta o seu ponto de vista acerca dos estudos terminológicos, possibilitando um diálogo permanente com os pesquisadores que desenvolvem trabalhos científicos sobre as linguagens de especialidades nos mais diversos domínios do saber humano. Dessa forma, acreditamos que os estudos *gaudinianos* sobre o léxico passam, desde então, a ser referência para os estudos terminológicos, principalmente para aqueles pesquisadores que se debruçam pelo viés da relação linguagem e sociedade, princípio este postulado para a descrição e análise do termo, objeto de estudo da Socioterminologia.

A publicação da obra de François Gaudin em 1993, a partir de sua tese de doutorado, encontra-se estruturada em três partes principais que se denominam da seguinte

¹⁸ “En effet, ce dernier [Yves Gambier (1989)] dessine les contours d’une socioterminologie couvrant un vaste champ interdisciplinaire [...]” (GAUDIN, 1993, p. 69).

¹⁹ “Por uma socioterminologia – dos problemas semânticos aos práticos institucionais”.

forma: (1) Aproximação histórica e institucional da disciplina; (2) Aproximação crítica da disciplina e (3) Pistas para uma socioterminologia.

François Gaudin apresenta os caminhos teóricos da evolução histórica da terminologia moderna fazendo uma revisão crítica dos postulados da terminologia clássica tradicional. São colocados em relevo pontos importantes sobre a perspectiva terminológica da escola austríaca com *Eugen Wüster* e da Escola Soviética com D. S. Lotte. Em seguida passa-se a discorrer sobre o desenvolvimento da francofonia em Quebec (Canadá), na Bélgica e em Luxemburgo, bem como sobre o exame da política lingüística francesa e sua implicação institucional para o planejamento terminológico.

Gaudin (1993, p. 117) ainda dedica uma grande parte da sua obra para tratar do que ele mesmo denomina de “Pistas para uma Socioterminologia”²⁰, edificando as bases do planejamento terminológico por meio de noções advindas de várias outras áreas do conhecimento humano como a Sociolinguística, a Sociologia e a Glotopolítica. Fenômenos desprezados pela TGT como a banalização, popularização ou vulgarização do discurso técnico-científico passam a ser amplamente considerado em seus estudos, uma vez que a dimensão social da comunicação especializada não poderia ter sido relegada como fora até então pelos estudos terminológicos *wüsterianos*.

O grande mérito deste autor foi ter considerado os princípios sociolinguísticos e, dessa forma, trazer para o tratamento dos dados terminológicos a possibilidade de descrever e analisar o léxico especializado no seu contexto real de uso. Essa atitude rompeu com a tradição terminológica que não considerava a presença da variação e, portanto, da sinonímia e da polissemia como constitutivos dos discursos especializados. É importante ressaltar, no entanto, que a sua proposta não pode ser entendida equivocadamente com a Sociolinguística, área de estudo lingüístico já consolidado no meio científico, ou seja, não se pode pensar em Socioterminologia simplesmente como resultado matemático da soma dos termos **Sociolinguística + Terminologia = Socioterminologia**. Isso porque cada área de investigação científica possui uma especificidade em relação ao seu objeto de estudo e, assim, tanto a Sociolinguística quanto a Socioterminologia são disciplinas científicas que comungam dos mesmos princípios variacionistas, porém possuem objetivos próprios frente aos fenômenos terminológicos languageiros.

Dessa forma, Gaudin (1993, p. 16) defende uma terminologia fundamentada na observação do funcionamento da linguagem e no estudo das condições sociais de circulação

²⁰ “Pistes pour une socioterminologie” (GAUDIN, 1993:17).

dos termos. Através de sua teoria, critica as posições da escola clássica *wüsteriana* que apreende o fenômeno da variação linguística como toda perturbação da unidade lingüística, realçando a dimensão da norma²¹. Como resultado dessa contraposição *gaudiniana*, afirmam Krieger e Finatto (2004, p. 35) que uma das primeiras consequências é o reconhecimento da variação terminológica nas comunicações especializadas, o que se reflete na prática terminográfica para elaboração de obras terminológicas como glossários, dicionários, vocabulários dentre outros.

[...] Gaudin critica a inoperância dos instrumentos de referência, glossários e dicionários técnicos que não expressam a realidade dos usos terminológicos, propondo que o artificialismo do ideal normalizador seja suplantado pelo exame do contexto de produção dos léxicos especializados. **A primeira consequência é o reconhecimento da variação terminológica nas comunicações especializadas** (Krieger e Finatto, 2004, p. 35, grifos nosso).

Em outro trabalho intitulado “*Socioterminologie: une approche sociolinguistique de la terminologie*”²², publicado em 2003, François Gaudin apresenta uma complementação as suas reflexões anteriores, reforçando a ideia de que a terminologia é um campo de estudo em que se deve considerar os aspectos linguísticos, sociais e históricos que recobrem a noção de termo. Nesta obra, Gaudin (2003) ainda discorre sobre o papel histórico da terminologia e a relação entre linguagem e referente como ponto central da área, defendendo o ponto de vista sociolinguístico como método de inspiração para a socioterminologia e, ainda, tratando de temas como a vulgarização, a semântica, as políticas linguísticas adotadas na França para conter o avanço do anglicismo, a diacronia e a metáfora como forma de demonstrar a importância da história nos estudos dos termos.

Podemos dizer que os trabalhos desenvolvidos por Gaudin (1993; 2003) surgem como forma de preencher uma lacuna deixada nos estudos terminológicos *wüsterianos*. Esse caminho se solidifica numa base em que o contexto social passa a ganhar importância ímpar na concepção do termo enquanto objeto de estudo da área. Nesse sentido, o reconhecimento sobre a importância da variação é uma constante nos trabalhos de Gaudin (1993, p. 133; 2003, p. 121) quando se lança às questões voltadas aos problemas linguísticos da vulgarização. No entanto, essa preocupação parece se limitar ao plano epistemológico de sua proposta na qual não fica esclarecido um modelo linguístico para o tratamento da variação. Mediante a essa

²¹ Essa dimensão diz respeito ao sentido de prescrição ou de um modelo ideal a ser seguido, portanto normativo (cf. Bagno, 2003, p. 41).

²² Socioterminologia: uma aproximação sociolinguística da terminologia (GAUDIN, 2003).

situação, a professora e pesquisadora Enilde Faulstich apresenta mais tarde uma tipologia da variação terminológica para tratamento dos termos no âmbito do discurso especializado. Dessa forma, concordamos com Lima (2010, p. 46) quando afirma que “[...] a vulgarização não é o único caminho para explicar a variação terminológica”.

A Socioterminologia se fundamenta na observação do funcionamento da linguagem e no estudo das condições de produção e circulação dos termos. Nesse sentido diz Gaudin (1993, p. 16) que,

[...] no mesmo movimento que conduziu a linguística estrutural à sociolinguística, uma socioterminologia pode levar em conta o real do funcionamento da linguagem e restituir toda sua dimensão social às práticas languageiras respectivas (GAUDIN; 1993, p. 16).²³

Com críticas à política normalizadora conferida aos estudos da terminologia tradicional de *Wüster*, uma das primeiras implicações foi o reconhecimento das questões sociolinguísticas e a conseqüente valorização do enfoque social. Gaudin (1993), nesse caminho, lembra que a inoperância e o artificialismo do ideal normalizador para a produção terminográfica devam ser suplantados pelo contexto de produção discursiva em que os léxicos especializados se encontram. Assim, não se pode mais relegar que as obras terminológicas como dicionários e glossários deixem de fora o retrato sociolinguístico das terminologias que se presentificam nos mais diversos contextos sociodiscursivos.

3.2.2 A contribuição de Enilde Faulstich

A professora e pesquisadora Enilde Leite de Jesus Faulstich, do Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula (LIV) e coordenadora do Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – LEXTERM da Universidade de Brasília – UnB, vem construindo uma reflexão acerca dos estudos terminológicos, empreendendo esforços na descrição e análise da variação terminológica. Faulstich (1995a) defende que o conceito de variação linguística, desenvolvido na Sociolinguística, serve de suporte para a nova interpretação da variação terminológica comungando, assim, com os princípios epistemológicos também defendidos por Gaudin (1993; 2003).

²³ [...] dans le même mouvement qui a conduit de la linguistique structurale à la sociolinguistique, une *socioterminologie* peut prendre en compte le réel du fonctionnement du langage et restituer toute leur dimension sociale aux pratiques langagières concernées (GAUDIN, 1993, p. 16).

Ao longo de sua trajetória acadêmico-científica, Enilde Faulstich realizou estudos sobre o léxico de especialidade e publicou diversos artigos científicos no Brasil e em outros países, trazendo importantes contribuições para a investigação do léxico de especialidade. Desenvolveu uma teoria da variação terminológica voltada para a descrição e análise do termo numa perspectiva linguística e variacionista e apresentou a base metodológica e o ponto de vista etnográfico como orientação para a realização da pesquisa socioterminológica.

3.2.2.1 O ponto de vista sobre a variação terminológica

Um dos principais pontos de discussão sobre a pesquisa na área da Socioterminologia é a reflexão acerca dos fenômenos da variação. Não é à toa que desde Gaudin (1993) a consideração sobre a relação linguagem e sociedade ganha imensa importância na área dos estudos terminológicos, não se podendo mais desconsiderar o ponto de vista social como influenciador direto no plano dos usos das linguagens de especialidades. Passa-se, cada vez mais, a preencher a lacuna deixada pelos estudos clássicos *wüsterianos* sobre a concepção de termo desvinculado do contexto discursivo. Em oposição a este preceito, em que se buscava garantir a comunicação ideal no plano técnico-científico internacional, o reconhecimento da importância da descrição dos termos nos diversos contextos de uso dos quais os falantes interagem começa a fazer parte do trabalho dos terminólogos. As obras terminológicas, que outrora registravam usos recomendados como ideal, portanto normativos²⁴, passam a ser questionadas uma vez que não respondiam a realidade *in vivo* em que as terminologias circulam.

[...] os primeiros terminólogos registravam somente o uso aceito ou aprovado de um termo, o que correspondia a algo como uma forma recomendada. Atualmente, porém, se reconhece que a fixação de uso, mediante uma prescrição ou normalização, deve obedecer ao uso estabelecido, em vez de precedê-lo. (SAGER, 1993 apud FAULSTICH, 1995a, p. 281)

Faulstich (1995a, p. 281-288), em seu artigo intitulado “Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina”, além de tratar de questões referentes aos aspectos metodológicos da Socioterminologia enquanto disciplina, chama atenção para a importância da descrição e registro das variantes terminológicas. A autora defende para o

²⁴ Consideramos usos normativos em terminologia aqueles prescritos como formas ideais para a comunicação técnica e científica defendidos pelos princípios da Teoria Geral da Terminologia.

trabalho terminológico um ponto de vista social e funcionalista uma vez que sua proposta baseia-se em princípios de teorias linguísticas como a sintaxe, a semântica e a própria Sociolinguística. Essa base de sustentação teórica leva a autora a delinear uma possível classificação para o conjunto das variantes terminológicas, apresentando cinco tipos de variantes denominadas como segue:

- a) **Variante gráfica:** aquela em que o registro escrito ou oral aparece diferente em outro(s) contexto(s). Exemplo: taxonomia e taxionomia;
- b) **Variante lexical:** aquela em que o item lexical ou parte dele pode ser comutado sem que o significado terminológico sofra radical mudança. Exemplo: *software* educativo e *software* educacional;
- c) **Variante morfossintática:** aquela em que o conceito não se altera por causa da alternância de elementos gramaticais principalmente nos sintagmas terminológicos. Exemplo: lombo-d'acém e lombinho-do-acém;
- d) **Variante socioprofissional:** aquela em que o conceito e o significado não se alteram em função da mudança dos registros. Exemplo: tensor de distribuição e esticador;
- e) **Variante topoletal ou geográfica:** aquela em que o conceito e o significado não se alteram em função da mudança de registro no plano horizontal da língua. Exemplo: caxumba e papeira;

Em outro trabalho intitulado “Variações terminológicas: princípios linguísticos de análise e método de recolha”, publicado um ano após essa primeira classificação, Faulstich (1996) apresenta uma ampliação no quadro das variantes terminológicas, baseada no modelo sociolinguístico como guia para o exame da funcionalidade socioterminológica²⁵. De acordo com a autora “A sistematização dessas variantes é tarefa da socioterminologia, cujo estatuto fica assegurado pela análise da diversidade de termos que ocorrem nos planos vertical,

²⁵ Cabe ressaltar que “socioterminologia não é sociolinguística. A primeira se ocupa da variação social que o termo sofre nos diversos níveis e planos hierárquicos do discurso científico e técnico. A sociolinguística, por sua vez, trata da variação social por que passa a língua geral, no decorrer de sua sincronia, em vista da mudança que poderá vir a ocorrer.” (FAULSTICH, 1996, p. 15)

horizontal e temporal da língua” (FAULSTICH 1996, p. 15). Nesse trabalho Faulstich (1996, p. 15) argumenta a favor da priorização dos estudos da variação terminológica em Socioterminologia, sendo papel dos especialistas da área, na descrição e análise dos termos, identificar os fenômenos linguísticos variáveis que poderão ser avaliados na dimensão de um *corpus* proveniente do discurso especializado.

Em terminologia os fenômenos variáveis ocorrem no sistema da língua na qual estão redigidos os textos de especialidade. [...] Somente na dimensão vocabular de um corpus textual, de preferência especializado, é possível avaliar o que varia e como as terminologias variam (FAULSTICH, 1996, p. 15).

A autora ainda argumentando a respeito dos fenômenos da variação faz uma analogia entre o processo de variação na língua geral e na linguagem de especialidade. Enquanto naquela as variantes, em busca de concretizar-se como mudança, comportam-se como variáveis dependentes; nesta o maior valor ideológico e preferido do termo encontra-se no discurso técnico e científico. Assim, Faulstich (1996, 16) apresenta uma classificação, criando critérios de sistematização que divide as variantes terminológicas em dois grandes grupos: variantes linguísticas e variantes de registro. Essa classificação obedece a alguns princípios que subjazem à descrição e análise dos termos em variação, conforme o quadro seguinte:

Quadro 02 – Classificação das variantes terminológicas

| CLASSIFICAÇÃO DAS VARIANTES | PRINCÍPIOS |
|---|--|
| LINGUÍSTICAS | |
| <p>Variante terminológica morfossintática: apresenta alternância de estrutura de ordem morfológica e sintática na constituição do termo.</p> <p>Variante terminológica lexical: a forma do item lexical sofre comutação, mas o conceito do termo se mantém intacto.</p> <p>Variante terminológica gráfica: a que se apresenta sob a forma gráfica diversificada de acordo com as convenções da língua.</p> | <p>a) a interpretação semântica é a base para a análise do termo;</p> <p>b) as unidades terminológicas complexas são analisadas sob o ponto de vista funcional;</p> <p>c) os subsistemas da língua portuguesa constituem por fundo linguístico de análise;</p> <p>d) Os usos escrito e oral dos termos são levados em conta.</p> |

continua

| CLASSIFICAÇÃO DAS VARIANTES | PRINCÍPIOS |
|--|--|
| DE REGISTRO | |
| <p>Variantes terminológicas geográficas: ocorre no plano horizontal de diferentes regiões em que se fala a mesma língua. Pode decorrer de polarização de comunidades linguísticas geograficamente limitadas por fatores políticos, econômicos ou culturais ou de influências que cada região sofreu durante sua formação.</p> <p>Variante terminológica de discurso: decorre da sintonia que se estabelece entre elaborador e usuários de textos mais formais ou menos formais;</p> <p>Variante terminológica temporal: configura-se como preferida no processo de variação e mudança, em que duas formas concorrem durante um tempo, até que uma se fixe como forma preferida.</p> | <p>a) os termos são recolhidos no discurso real da linguagem de especialidade;</p> <p>b) os termos pertencem à variedade socioprofissional;</p> <p>c) os termos são recolhidos de textos, de procedência diversificada, que tratam do mesmo assunto;</p> <p>d) os termos são recolhidos de textos, de procedência diversificada, que tratam do mesmo assunto;</p> <p>e) os termos são recolhidos de discursos com maior ou menor grau de formalização, que tratam do mesmo assunto;</p> <p>f) os usos escrito e oral são levados em conta.</p> |

Fonte: Faulstich (1996, p. 16-17).

Percebe-se que Faulstich (1996, p. 16) realiza uma releitura de sua proposta anterior e além de organizar as variantes em dois grandes grupos faz uma revisão na classificação da variante socioprofissional uma vez que para ela todo termo, sendo proveniente de linguagens de especialidade, já pertence a essa esfera (FAULSTICH, 2010, p.11). Começa-se a argumentar, então, a favor de uma variante terminológica de discurso, uma vez que é através do uso no contexto discursivo que as terminologias ganham sentidos para os seus usuários, sejam elas mais ou menos formais. Ainda nessa classificação a autora apresenta a variante terminológica temporal possibilitando contemplar a variação e mudança em curso.

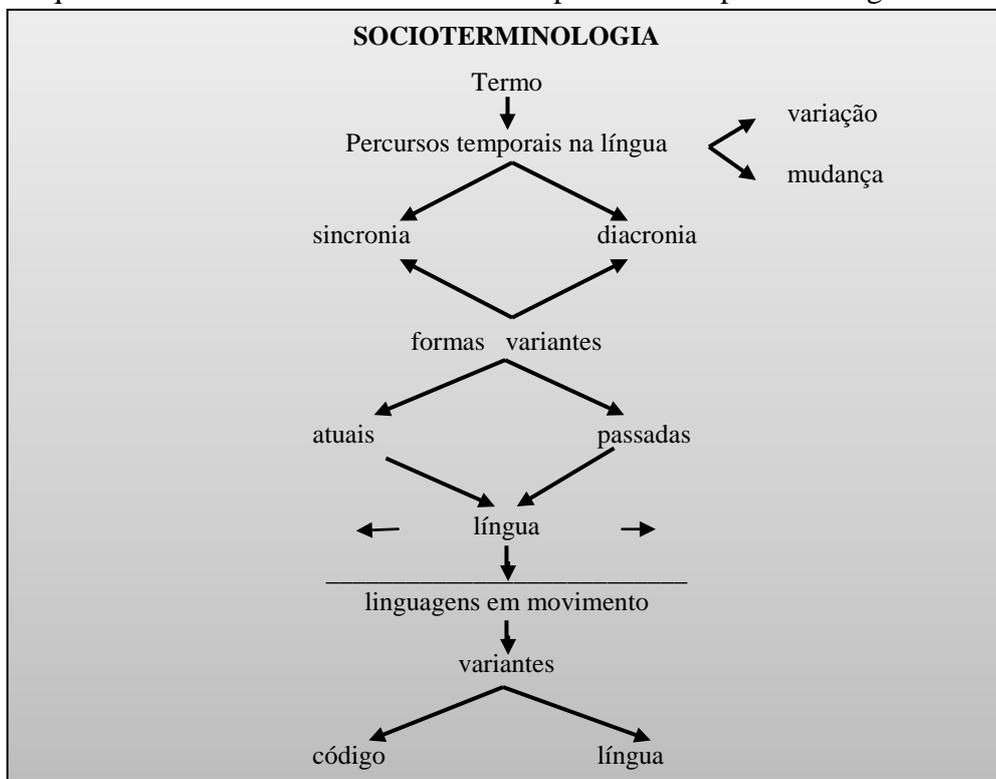
No VI Simpósio da Rede Ibero-americana de Terminologia – RITERM, em Havana – Cuba, a professora Enilde Faulstich apresenta uma conferência intitulada “Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua”, publicada nos anais do

próprio evento. Nesse trabalho, Faulstich (1998a, p. 61-74) discute sobre a relação entre termo e conceito, apresentando com propriedade o quadro conceitual em que situa o termo em movimento nos percursos sincrônico e diacrônico.

Para Faulstich (1998a, p. 63) “a Socioterminologia é a disciplina que abriga o movimento do termo nas linguagens de especialidade”. Com base em termos do domínio da culinária, selecionados em textos antigos e atuais, a autora descreve e analisa o movimento dos termos no percurso temporal da língua para demonstrar o comportamento das variantes nos planos sincrônico e diacrônico nesse domínio de especialidade. Em suas próprias palavras afirma que “[...] nos percursos temporais da língua, o termo é uma entidade do discurso independentemente de sua realização no plano sincrônico e no plano diacrônico e, por isso mesmo, passível de apresentar variantes antigas e atuais” (FAULSTICH, 1998a, p. 63).

No quadro metodológico da variação em terminologia que se segue, a autora demonstra as características pelas quais a variação se realiza na linha temporal a partir das seguintes relações no percurso temporal da língua: (i) termo e conceito criados e estabilizados numa diacronia; (ii) em movimento da diacronia para a sincronia, com resultados diferentes na sincronia; (iii) passando por uma evolução da diacronia para a sincronia.

Esquema 01 – O movimento do termo no percurso temporal da língua.



Fonte: Faulstich (1998, p.03)

A título de exemplificação, tomemos o termo “*adubo*” que, segundo Faulstich (1998a, p. 65), no percurso temporal da língua (diacronia para a sincronia), resultou diferente na relação termo-conceito, havendo um deslocamento de algumas características conceituais entre o séc. XV e o séc. XX. Enquanto no português arcaico “*adubo*” possui um significado de “*tempero*” no português contemporâneo do Brasil não se reconhece o significado de *adubo* com esta mesma acepção.

A autora ainda apresenta uma tipologia de variantes terminológicas, realizando uma reflexão acerca do fenômeno da variação terminológica. Segundo Faulstich (1998a, p. 66), conforme a natureza da variação no plano lingüístico distingue-se dois tipos de variantes: variantes terminológicas linguísticas e variantes terminológicas de registro. Segundo a autora, “como método para classificar as variantes terminológicas, criaram-se critérios de classificação, de acordo com as tendências sistemáticas em que os termos se repartem (FAULSTICH, 1998a, p. 66)”. Nesse sentido, as variantes terminológicas continuam sendo consideradas em dois grandes grupos, mas observa-se que essa divisão não anula a possibilidade de os tipos de variantes cruzarem-se entre si.

Quadro 03 – Classificação das variantes terminológicas

| CLASSIFICAÇÃO DAS VARIANTES | PRINCÍPIOS |
|--|--|
| LINGÜÍSTICAS | |
| <p>Variante terminológica fonológica: em que o registro pode surgir de formas decalcadas da fala.</p> <p>Variante terminológica morfológica: apresenta alternância de estrutura de ordem morfológica na constituição do termo, sem que o conceito se altere.</p> <p>Variante terminológica sintática: em que há alternância entre duas construções sintagmáticas que funcionam como predicação de uma unidade terminológica complexa. Neste caso, a variação se processa na substituição de uma parte do item lexical por outro com estrutura semelhante, formando uma mesma unidade terminológica.</p> <p>Variante terminológica lexical: em que algum item da estrutura lexical da UTC sofre apagamento ou movimento de posição, mas o conceito do termo não se altera</p> | <p>a) a interpretação semântica é a base para a análise do termo;</p> <p>b) as unidades terminológicas complexas são analisadas sob o ponto de vista funcional;</p> <p>c) os subsistemas da língua portuguesa constituem por fundo lingüístico de análise;</p> <p>d) Os usos escrito e oral dos termos são levados em conta.</p> |

Continua

| CLASSIFICAÇÃO DAS VARIANTES | | PRINCÍPIOS |
|--|--|------------|
| LINGUÍSTICAS | | |
| Variante terminológica gráfica: a que se apresenta sob a forma gráfica diversificada de acordo com as convenções da língua. | | |
| DE REGISTRO | | |
| Variantes terminológicas geográficas: aquela que ocorre no plano horizontal de diferentes regiões em que se fala a mesma língua. Pode decorrer de polarização de comunidades linguísticas geograficamente limitadas por fatores políticos, econômicos ou culturais ou de influências que cada região sofreu durante sua formação. | a) os termos são recolhidos no discurso real da linguagem de especialidade; | |
| Variante terminológica de discurso: a que decorre da sintonia que se estabelece entre elaborador e usuários de textos mais formais ou menos formais; | b) os termos pertencem à variedade socioprofissional; | |
| Variante terminológica temporal: aquela que se configura como preferida no processo de variação e de mudança, em que duas formas (x e y) concorrem durante um tempo, até uma se fixe como forma preferida. | c) os termos são recolhidos de textos, de procedência diversificada, que tratam do mesmo assunto; | |
| | d) os termos são recolhidos de textos, de procedência diversificada, que tratam do mesmo assunto; | |
| | e) os termos são recolhidos de discursos com maior ou menor grau de formalização, que tratam do mesmo assunto; | |
| | f) os usos escritos e orais são levados em conta. | |

Fonte: Faulstich (1998a, p.66-68).

Acerca do quadro apresentado, observa-se que Faulstich (1998a) realiza mais uma revisão em sua proposta das variantes terminológicas. Nesse momento, ao contrário dos trabalhos anteriores, a autora passa a considerar a variante terminológica fonológica no quadro das variantes terminológicas linguísticas. A variante terminológica morfossintática é também revisada com um desdobramento em variante terminológica morfológica e variante terminológica sintática. Essa proposta de tipologia das variantes, classificadas em linguísticas e de registro, seguem estritamente alguns princípios sem os quais o fazer socioterminológico não se poderia configurar como uma preocupação em retratar o estado da língua em seus contextos de uso pelo falante.

Em seu trabalho intitulado “*Principesformels ET fonctionnels de La variation en terminologie*”²⁶, publicado na revista *Terminology*, Faulstich (1998b, p. 93-107) retrata

²⁶ “Princípios formais e funcionais da variação terminológica” (FAULSTICH, 1998b).

novamente sobre questões referentes as variantes terminológicas no percurso temporal da sincronia e diacronia e a relação termo-conceito. A autora ainda reserva uma seção de seu trabalho para tratar mais especificamente sobre a elaboração de uma teoria da variação terminológica. Nesse momento, percebe-se o delinear de um modelo da variação terminológica por meio de um constructo teórico que apresenta as variáveis produzindo variantes que se subdividem em três grandes categorias: **concorrentes**, **coocorrentes** e **competitivas**.

Assim, Faulstich (1998b, p. 101) afirma que “a teoria da variação em terminologia deve levar em consideração o fato de que uma unidade terminológica pode comportar ou assumir diferentes valores, dependendo da função que uma dada variável recebe em contextos em que aparece”.²⁷ Porém, para que a variação em terminologia seja sustentada é necessário considerar algumas premissas linguísticas, apontadas por Faulstich (1998b, p. 102), sem as quais não se poderia pensar em uma teoria da variação terminológica, quais sejam:

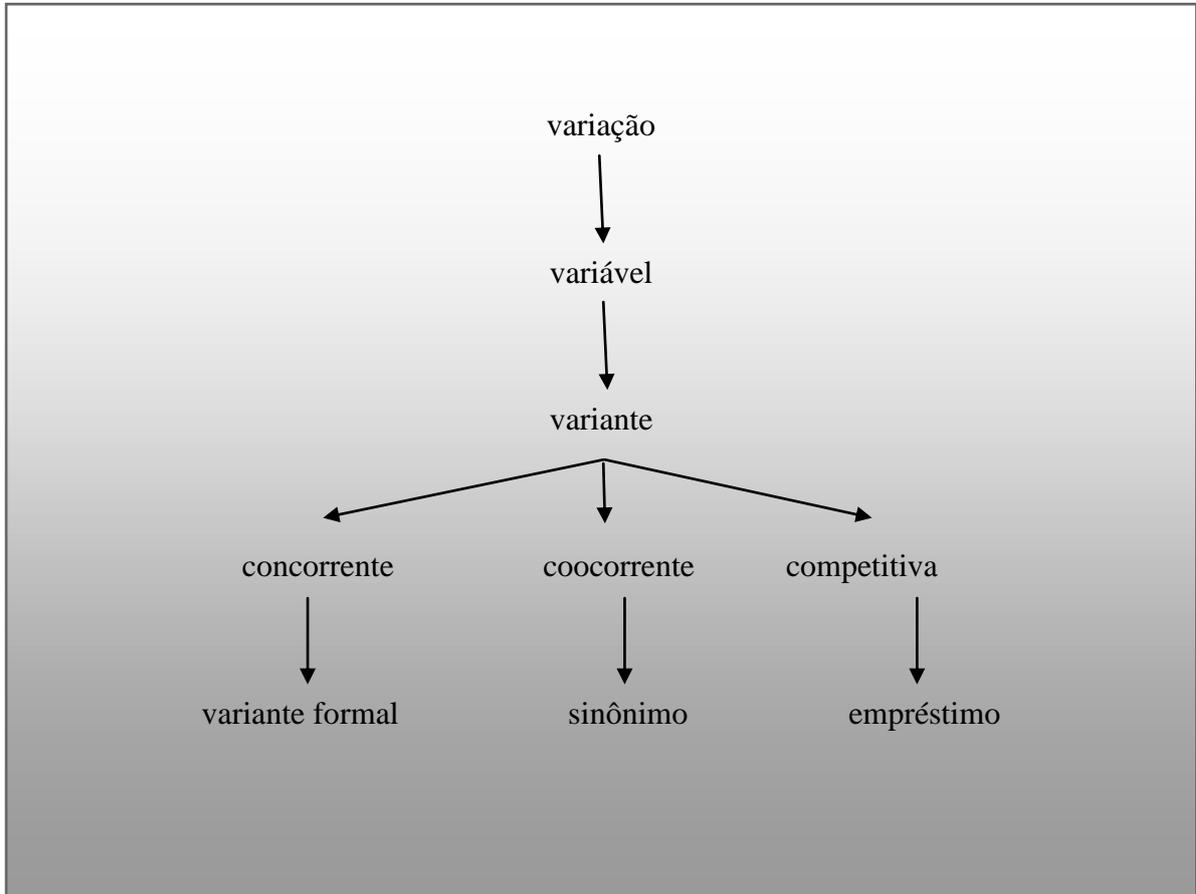
- a) Dissociação entre estrutura terminológica e homogeneidade, univocidade ou monorreferencialidade, e associação da noção de heterogeneidade ordenada à estrutura terminológica;
- b) Abandono do isomorfismo categórico entre termo-conceito-significado;
- c) Aceitação do fato de que, uma vez que a terminologia é um fato de língua, contém elementos que variam;
- d) Aceitação do fato de que a terminologia varia e que esta variação pode indicar uma mudança em curso;
- e) Análise da terminologia em seus contextos linguísticos e em contextos discursivos da língua escrita e da língua falada.

Com base nesses princípios, Faulstich (1998b, p. 102) formulou o seguinte esquema básico para representar o constructo teórico da variação em terminologia, no qual

²⁷ “La théorie de la variation en terminologie doit prendre en considération le fait qu’une unité terminologique peut comporter ou assumer différentes valeurs, selon la fonction qu’une variable donnée a dans les contextes ou elle figure” (FAULSTICH, 1998b, p. 101).

aparecem, num plano superior, às categorias de variantes concorrentes, coocorrentes e competitivas; em outro plano, as subcategorias de variantes formais, sinônimos e empréstimos linguísticos.

Esquema 02 – Constructo teórico da variação terminológica



Fonte: Faulstich (1998b, p. 102).

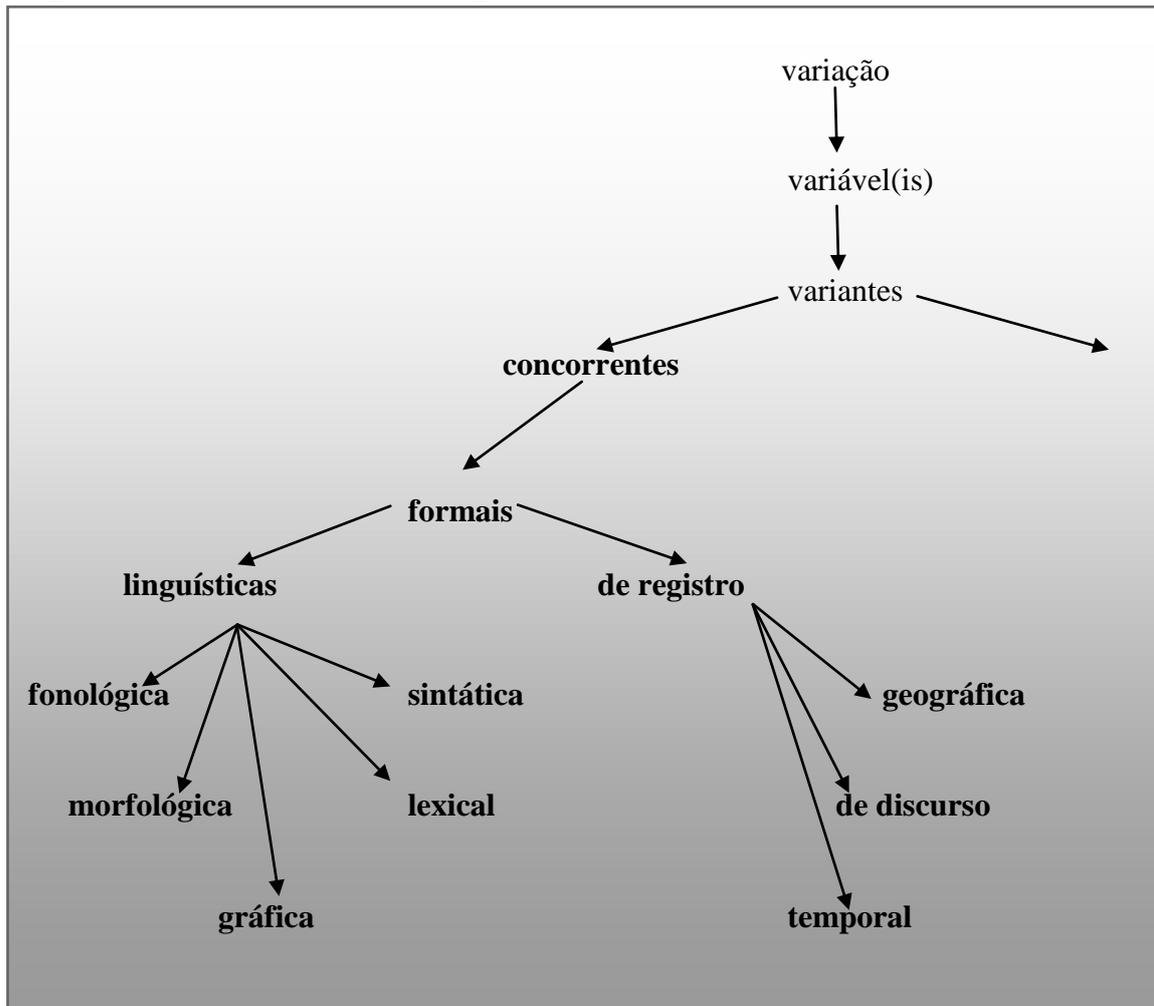
As variantes concorrentes são aquelas que podem concorrer entre si ou podem concorrer para a mudança. Dessa forma, quando uma variante concorre com outra ao mesmo tempo não pode ocupar o mesmo espaço, em decorrência da própria natureza da concorrência. Como afirma a própria autora “se uma variante está presente no plano discursivo, outra não aparece”²⁸.

Assim, dada a própria natureza das variantes concorrentes, estas se organizem em distribuição complementar e se formalizam em linguísticas ou de registro. Por sua vez as variantes linguísticas se distribuem em variantes fonológicas, variantes morfológicas, variantes sintáticas, variantes lexicais e variantes gráficas. As variantes de registro se

²⁸ “Si une variante est présente sur le plan discursif, l’autre n’apparaît pas” (FAULSTICH, 1998b, p. 103).

distribuem em variantes geográficas, variantes de discurso e variantes temporais como podemos observar no modelo reduzido do constructo teórico da variação terminológica exemplificado pela autora:

Esquema 03 – Modelo reduzido do quadro das variantes concorrentes



Fonte: Faulstich (2001, p. 27).

As variantes concorrentes, por sua vez, são aquelas que possuem duas ou mais denominações para um mesmo referente²⁹. Essa categoria de variantes ajuda à progressão textual ou discursiva e organiza a coesão lexical formalizando a sinonímia terminológica. De acordo com Faulstich (2010, p. 38) “a sinonímia terminológica relaciona o sentido de dois ou mais termos com significados idênticos e podem ocorrer em um mesmo contexto, sem que

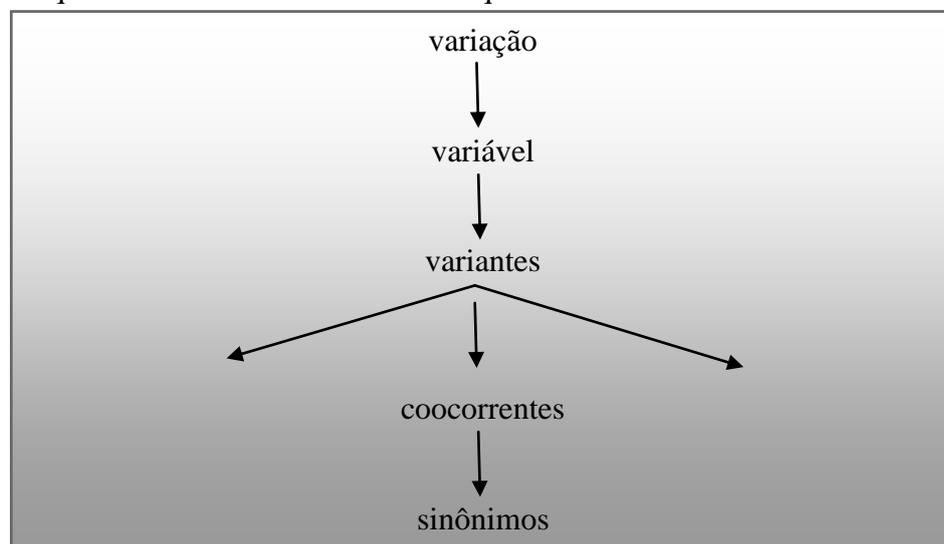
²⁹ “Les variantes co-occurrentes sont celles qui possèdent deux dénominations ou plus pour un même référent” (FAULSTICH, 1998b, p. 103).

haja alteração no plano do conteúdo”. Dessa forma, a autora se posiciona a respeito dessa questão, observando que:

o fato de que termos variantes que contenham marcas de uso, seja geográfica, seja discursiva, seja histórica, não são entidades em relação de sinonímia, mas variantes concorrentes de diversas naturezas, porque a pseudo-equivalência não promove a sinonímia, uma vez que toda sinonímia é variação, mas nem toda variação gera sinônimos” (FAULSTICH, 2010, p. 39).

O modelo reduzido do constructo teórico da variação em terminologia seguinte destaca o sinônimo terminológico em distribuição complementar às variantes coocorrentes:

Esquema 04 – Modelo reduzido do quadro das variantes coocorrentes

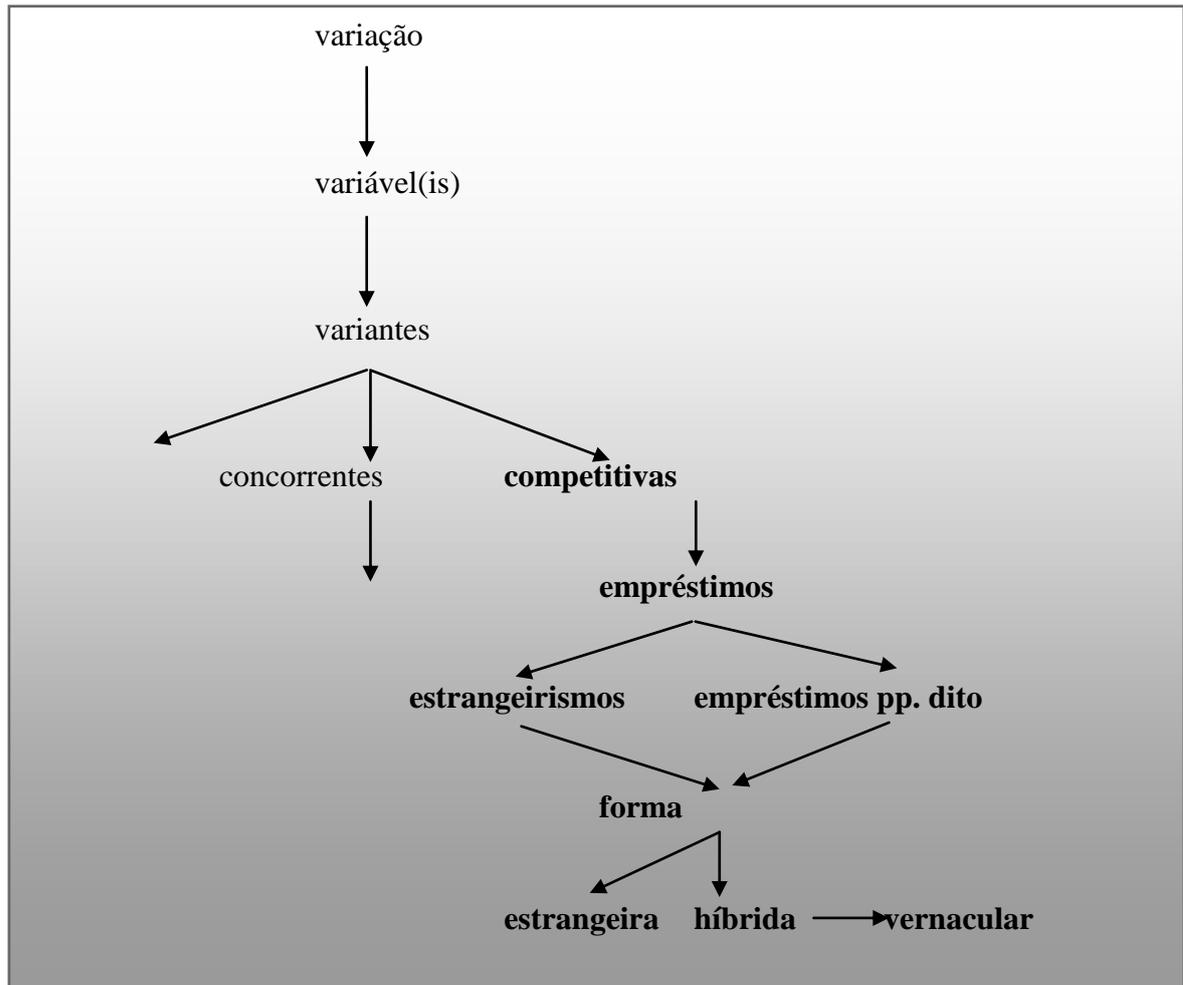


Fonte: Faulstich (2001, p. 32)

Os postulados apresentados por Faulstich (1998b, p. 103) ainda destacam as variantes competitivas dentro desse constructo teórico da variação terminológica. As variantes competitivas, portanto, são aquelas que relacionam significado entre itens lexicais de línguas diferentes. Essa categoria de variantes foi incluída pela autora com o intuito de considerar os empréstimos linguísticos e conjecturar como se dá o processo de entrada e de permanência dos termos estrangeiros no português do Brasil. Conforme destaca a própria autora “as variantes competitivas são os empréstimos linguísticos. Os empréstimos linguísticos são variantes que têm sua origem na língua estrangeira e, depois, no contexto social da língua recebedora, tornam-se variantes porque provocam o surgimento de uma forma vernacular

equivalente, por causa do ambiente linguístico estranho à sua permanência natural.³⁰» (FAULSTICH, 1998b, p. 104). É o que se pode observar na figura seguinte onde se destacam as formas em que os empréstimos podem aparecer até que se tornem vernacular da língua recebedora:

Esquema 05 – Modelo reduzido do quadro das variantes competitivas



Fonte: Faulstich (2001, p. 33).

Em seu artigo científico intitulado “A Socioterminologia na comunicação científica e técnica”, publicado em 2006 por ocasião da publicação sobre temas de terminologia na Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, Faulstich (2006, p. 27-31) apresenta o assunto abordando sobre questões de variação terminológica e norma, além dos caminhos da Socioterminologia enquanto área de estudos

³⁰«Les emprunts linguistiques sont des variantes qui tirent leur origine de la langue étrangère et qui provoquent dans la langue réceptrice le surgissement d'une autre forme, en raison du milieu linguistique étranger à as permanence naturelle.» (FAULSTICH, 1998/1999, p. 104).

teórico e aplicados. De acordo com a autora, para se falar de variante é preciso que se dê também realce às dimensões da norma. Isso porque o termo “*norma*” foi usado nos estudos terminológicos, por muito tempo, como regulador da comunicação técnica eficiente. No entanto, selecionar termos como melhores para uma comunicação técnica eficaz é inconveniente para um trabalho de cunho linguístico e que “prevê o desenvolvimento de um planejamento horizontal e vertical para a difusão de sistematização de terminologias” (FAULSTICH, 2006, p.27). Em decorrência disso, o termo “*normalização*” acabou possuindo um valor ambíguo ora voltado para o sentido de prescrição de uma forma linguística adequada à comunicação eficaz, ora voltado para o sentido de processo de tornar normais os usos linguísticos. Nesse sentido, Faulstich (2006, p. 28) propõe ser mais coerente em terminologia reservar o termo “*normatização*” para o sentido prescritivo e “*normalização*” para o sentido descritivo de harmonizar os usos linguísticos. Com afirma a própria autora,

O ato de normalizar um termo está mais relacionado ao de padronizar e de uniformizar e, até mesmo, ao de harmonizar do que ao ato de impor uma forma por procedimentos normativos. Por outro lado, a normatização emperra os mecanismos de variação terminológica, uma vez que o valor de uma palavra passa a ser absoluto, do tipo um termo X serve para a comunicação entre especialistas, enquanto um termo Y deve ser rejeitado (FAULSTICH, 2006, p. 29).

A esse respeito, do termo “*norma*”, lembramo-nos de Bagno (2003, p. 41) ao discutir sobre o assunto. O autor retrata o problema demonstrando a duplicidade do sentido do termo no campo linguístico. Baseado em outros autores, ele afirma que do substantivo “*norma*” derivam dois outros adjetivos (*normal* e *normativo*) com sentidos distintos. Enquanto *normal* refere-se ao uso corrente e real da língua, *normativo* está ligado a preceitos e a um ideal. Por esses motivos, concordamos com Faulstich (2006) em reservar o termo *normalização* para designar o uso normal da linguagem e *normatização* para designar o plano idealizado ou a prescrição de uma forma linguística. Como diz a própria autora, “Estas ideias podem ser resumidas na seguinte formulação analógica de proporcionalidade: *normal: normalizar :: normativo: normativizar; normalizar: normalização :: normativizar: normatização*” (FAULSTICH, 2006, p. 28-29).

Para ilustrar um caso de normalização tomado em seu sentido prescritivo, Faulstich (2006, p. 28) apresenta a organização de um verbete extraído do site do *Grand Dictionnaire Terminologique* do *Office Québécois de la Langue Française* – OQLF, no qual se percebe que sob o termo entrada em francês está a indicação de “*termo recomendado*”. É preciso considerar, nestes casos, que uma obra terminológica deve considerar o seu público-

alvo *a priori*. Com base nisso deve haver uma escolha para a compilação do *corpus* a partir de dados provenientes de fontes autênticas do nível de linguagem em uso que se queira representar. É no contexto de uso que o falante deve também fazer suas escolhas terminológicas, adequando-se ao nível de linguagem exigido para o momento da interação.

Quadro 04 – Verbetes organizado pelo OQLF

| |
|--|
| <p>Área (s): COMÉRCIO</p> <p>Comercialização</p> <p>francês: <i>mercatiquen.f.</i></p> <p>termo recomendado pelo Office Québécois de la langue Française</p> <p>inglês: <i>marketing</i></p> <p>Definição: Conjunto de princípios, de técnicas e de métodos com o objetivo de prever, constatar ou estimular as necessidades do mercado em vista de adaptar a produção e a comercialização de bens e de serviços que respondam às necessidades assim determinadas.</p> <p>Sinônimo(s): marketing n.m.</p> <p>Nota(s): Em um sentido mais amplo, a noção de “marketing” não se aplica somente ao lançamento de bens materiais no mercado, mas igualmente às atividades bastante diferenciadas que envolvem programas políticos, relacionados à saúde, às causas sociais etc. Distinguem-se, então, tipos de marketing: marketing político, marketing social, marketing de saúde... O emprego de marketing numa expressão adjetiva como técnicas marketing, gestão marketing, por exemplo, deveria ser evitada. Seria preferível substituir marketing pelo adjetivo francês <i>mercatique</i>.</p> |
|--|

Fonte: Faulstich (2006, p. 28)

A Socioterminologia é ainda apresentada, nesse artigo científico, como um ramo da terminologia capaz de dar conta da apuração dos termos em seus contextos discursivos com intuito de ajudar na planificação linguística. Por isso, afirma a autora dizendo que:

A socioterminologia é, portanto, um ramo da terminologia que se propõe a refinar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e técnicos, a auxiliar na planificação linguística e a oferecer recursos sobre as circunstâncias da elaboração desses discursos ao explorar as ligações entre a terminologia e a sociedade (FAULSTICH, 2006, p. 29).

Destaca-se, neste trecho, o reconhecimento da relação terminologia e sociedade como ponto fundamental para a instituição da Socioterminologia como disciplina científica. A planificação linguística, enquanto preocupação da área, não significa a recomendação de determinados termos como exemplos de “bons usos” como observamos no caso do OQLF

ilustrado anteriormente. Na realidade se deve conceber essa planificação a partir dos usos lexicais que os falantes estabelecem no contexto discursivo. Obviamente que, em obras terminológicas como dicionários, glossários e outras dessa natureza, devem-se levar em consideração o alcance que o produto pretende ter para que, as escolhas terminológicas inseridas no repertório, mantenham coerência com a perspectiva de descrição das terminologias, independentemente da variedade terminológica apresentada.

Portanto, a variação terminológica, no conjunto das reflexões mais atuais em Terminologia, passa a ganhar importância ímpar, uma vez que os termos começam a ser concebidos numa perspectiva mais globalizante, onde o contexto de uso passa a validar as novas formas de denominação. Assim, não se pode relegar um termo em detrimento de outro, como se um uso linguístico fosse melhor que outro. Na realidade o que ocorre é um *continuum* onde todas as formas podem coexistir e situar as escolhas terminológicas do falante em seus diversos contextos discursivos. Nesse sentido, o trabalho de levantamento e registro dos termos deve ser feito a partir de situações autênticas de interação comunicativa. Atentar para quem fala, o que fala, de onde fala, para que fala, torna-se importante para a percepção das reais condições de produção do discurso especializado.

3.2.2.2 O ponto de vista sobre as bases metodológicas da pesquisa

Quando se pensa em pesquisa socioterminológica é necessário também levar em consideração uma base metodológica que se consolide com a parte aplicada dessa disciplina que é a elaboração de obras terminológicas como dicionário, glossários dentre outros. Com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento de pesquisas teórico-práticas, que considerem o ponto de vista variacionista em terminologia, Faulstich (1995b), em seu artigo científico intitulado “Bases metodológicas para a pesquisa em socioterminologia” elaborou alguns procedimentos metodológicos na tentativa de subsidiar o terminólogo que pretende empreender trabalhos de cunho variacionista em terminologia. Dessa forma, alguns princípios, apresentados pela autora, são necessários para o desenvolvimento de uma pesquisa de base socioterminológica uma vez que leva em consideração a relação linguagem, cultura e sociedade. São eles:

- (a) Os princípios sociolinguísticos de variação e mudança linguísticas dos termos na interação social;

- (b) Os princípios da etnografia que se ocupam da observação das interações entre os membros da sociedade.

Partindo dessas considerações, a autora apresenta a área dos estudos socioterminológicos pautada na relação teoria e prática. A socioterminologia, portanto, enquanto teoria é considerada uma disciplina descritiva que estuda o termo sob a perspectiva linguística na interação social e enquanto prática do trabalho terminológico está fundamentada na análise das condições de circulação do termo, assentada no funcionamento da linguagem (FAULSTICH, 1995b, p. 1). Nessa perspectiva, é bastante pertinente o que defende a autora, pois considerar os termos no contexto da atividade socioprofissional em que são usados é fator fundamental para que se compreenda as reais condições de produção do discurso especializado. Nesse trabalho Faulstich (1995b, p. 1) ainda evidencia a necessidade do especialista em terminologia poder assumir posturas que validem a atividade do trabalho socioterminológico. Para isso, apresenta nove pontos importantes para o percurso de desenvolvimento da pesquisa de base socioterminológica com o objetivo de operacionalizar as atividades desenvolvidas:

- (1) Identificar o usuário da terminologia a ser descrita;

A identificação do usuário da terminologia que se queira descrever é um dos pontos de primordial importância. Esta, na realidade, deve ser uma das primeiras preocupações para o linguista terminólogo, porque o ajudará a tomar certas decisões na elaboração de uma obra terminológica em consonância ao público que se queira atingir. Essas decisões dizem respeito a fatores relacionados da recolha de dados à organização da macroestrutura e da microestrutura da obra. Faulstich (1995b, p. 1) afirma ser “[...] fundamental que o especialista em terminologia conheça o perfil do usuário, para que o repertório terminológico [...] se transforme num instrumento de trabalho e seja fonte de informação lexical e semântica [...]”. Destaca-se, ainda, que a elaboração deve considerar os contextos de usos em que as terminologias se inserem, refletindo os níveis linguísticos e socioculturais, bem como os aspectos da propriedade redacional e a comunicação oral, tão importantes para a descrição dos termos a serem repertoriados.

(2) Adotar atitude descritiva;

Este ponto diz respeito ao modo como devemos realizar um trabalho de natureza terminológica. Nesse caso, em socioterminologia deve-se dar relevância à descrição dos dados para que o trabalho se mantenha coerente com as propostas que visam considerar as variantes que se refletem nos contextos socioculturais em que as terminologias perpassam. Para Faulstich (1995b, p. 2), diferentemente da proposta prescritiva, “a descrição parte da observação direta dos usos do termo no discurso escrito e oral”.

(3) Consultar o especialista da área a ser descrita;

A pesquisa em socioterminologia deve ocorrer em parceria entre o linguista-terminólogo e um especialista da área científica ou tecnológica em que os termos serão descritos, evitando, assim, que os conceitos e as definições sejam elaborados de forma imprecisa.

(4) Delimitar o *corpus* a ser pesquisado;

A delimitação do *corpus* da pesquisa está diretamente ligada ao fato de que seria impossível descrever determinada terminologia de maneira exaustiva, em decorrência da abrangência da área. Dessa forma, como diz Faulstich (1995b, p. 2) “para que o pesquisador tenha condições de mensurar o corpus, ele deve, juntamente com o cientista ou com o técnico, delimitar a macroárea, a(s) área(s) intermediária(s) e a subárea de conhecimento nas quais se inserem a terminologia”. Observamos que uma forma de se delimitar a área de especialidade é a elaboração da árvore de domínio. Ela pode ajudar o pesquisador a conhecer mais a fundo como os setores das atividades da área de especialidade estão subdivididos. Antunes (2006), em seu artigo intitulado “Metodologia do trabalho terminológico: o caso da terminologia do cinema em português europeu” apresenta um conjunto de procedimentos adotados no decorrer do trabalho de delimitação desta terminologia e afirma que a árvore de domínio serve de guia para toda a pesquisa delimitando a área temática do trabalho, fazendo um plano sistemático de extração, controlando a pertinência dos termos, classificando as ordens das fichas terminológicas, definindo as unidades terminológicas da área de maneira lógica e sistemática

e permitindo a distinção entre os termos de tronco comum e os de áreas conexas no desenvolvimento da pesquisa terminológica.

(5) Selecionar documentação bibliográfica pertinente;

A seleção da bibliografia pertinente à área que se quer pesquisar deve levar em consideração a rigorosidade na recolha de dados para a constituição do *corpus*. Conforme Faulstich (1995b, p. 2) ao se realizar o levantamento do corpus bibliográfico o pesquisador deve considerar os seguintes aspectos fundamentais: o discurso científico ou técnico em seus contextos de uso na modalidade oral e escrita.

(6) Precisar as condições de produção e de recepção do texto científico e técnico;

Ao se realizar o trabalho de recolha de dados é necessário precisar em que condições de produção e de recepção do discurso o corpus estará sendo gerado. Faulstich (1995b, p. 3) aponta alguns critérios pertinentes para essa tarefa como “atentar para quem escreve; com que finalidade; em que situação de fala ou de escrita o texto foi produzido e quais as condicionantes das variações e/ou mudanças linguísticas dos termos”.

(7) Conceder, na análise do funcionamento dos termos, estatuto principal à sintaxe e a semântica;

Identificar a dimensão de um termo quando este se constitui com mais de uma unidade torna-se um desafio para o trabalho de recolha de dados terminológicos. Para isso, Castilho (1994, p. 81 *apud* FAULSTICH, 1995b, p. 03) argumenta a favor de dois princípios³¹ adaptados da linguística funcional como formas de auxiliar na tarefa de análise dos termos: (i) atribuição ao termo o papel predicador semântico (cada item lexical pleno de significado) e (ii) adoção do critério de predicação sintático-semântica na delimitação dos termos complexos.

³¹ Para melhor esclarecimento sobre esses dois princípios, indicamos o artigo da professora Enilde Faulstich intitulado “Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas”, que se encontra no livro “Linguística Aplicada à Terminologia e a Lexicologia: cooperação internacional: Brasil e Canadá”, organizado por Enilde Faulstich e Sabrina Pereira de Abreu em 2003.

(8) Registrar o termo e a(s) variante(s) do termo;

Para o registro dos termos e suas variantes é necessário o uso de uma ficha terminológica que funciona como uma “certidão de nascimento”. Nela registram-se os termos e todas as informações referentes a ele, conforme o objetivo do trabalho. Faulstich (1995b, p. 4) enumera uma série características que devem ser levadas em consideração mesmo antes do registro: a dimensão oral e escrita, a ocorrência do termo na estratificação vertical e horizontal da língua, a interação entre os usuários de terminologias e a dimensão do discurso em que os termos se encontram.

(9) Redigir repertórios terminológicos.

Para Faulstich (1995b, p. 4) a redação dos repertórios terminológicos deve estar de acordo com as configurações apropriadas ao tipo de obra terminológica que se esteja elaborando. Quer seja um dicionário, um vocabulário, um glossário ou outro gênero pertencente a essa esfera discursiva, devem seguir determinadas regras estruturais de organização. Pontes (2009, p. 66), em sua obra intitulada “Dicionário para uso escolar: o que é e como se lê”, esclarece que “o texto lexicográfico se organiza em vários níveis estruturais, ou seja, constitui-se de uma estrutura global denominada megaestrutura, na qual se encaixam outras menores, como a microestrutura, a macroestrutura, o material interposto, a medioestrutura”.

3.2.2.3 O ponto de vista etnográfico na pesquisa

Para Faulstich (1995b, p. 16-19) a pesquisa socioterminológica poderá ser bem desenvolvida levando-se em consideração os princípios básicos da etnografia. Conforme Hammersley e Atkinson (1983 *apud* FAULSTICH, 1995b, p. 17), o pesquisador etnógrafo deve participar do cotidiano das pessoas de forma aberta e velada, coletando dados disponíveis que lhe possibilite entender as questões referentes ao mundo que se esteja pesquisando. Nas palavras dos próprios autores,

o etnógrafo participa aberta e veladamente da vida cotidiana das pessoas por um longo período de tempo, observando o que acontece, ouvindo o que é dito, fazendo perguntas, coletando todo tipo de dado disponível que permita lançar alguma luz sobre as questões com as quais ele, o pesquisador, esteja envolvido (HAMMERSLEY & ATKINSON, 1983 *apud* FAULSTICH, 1995b, p. 17).

Entendemos, assim, que os princípios etnográficos tornam-se imprescindíveis, possibilitando segurança na recolha de dados da pesquisa, uma vez que se pode verificar o comportamento dos usos linguísticos no contexto habitual em que os sujeitos interagem. Por isso, Hammersley e Atkinson (1983 *apud* FAULSTICH, 1995b, p. 18), a respeito do método natural de recolha de dados, afirmam que “[...] o naturalismo propõe que, tanto quanto possível, o meio social seja estudado no seu estado natural, sem interferência do pesquisador. Assim as situações naturais devem ser a fonte primária dos dados”. Dessa forma, sendo a compreensão do comportamento humano importante para o entendimento das práticas sociais, o contato direto com o sujeito em suas atividades culturais colabora para a descrição de sua visão de mundo.

Para Faulstich (1995b, p. 19), a pesquisa socioterminológica requer, então, procedimentos advindos da etnografia, sendo necessário que se observem os seguintes parâmetros para a compreensão dos fenômenos socioculturais:

- a) **As características da empresa, da instituição em que a terminologia é gerada:** tipo de atividade; divisão do trabalho; rede de comunicação; frequência da interação no plano horizontal e no plano vertical; impacto das novas tecnologias sobre a produção e sobre a linguagem etc;
- b) **As características do pessoal:** postos que ocupam; formação profissional, especialização, qualificação; idade; condições e frequência de atualização etc;
- c) **A competência e os usos linguísticos:** comunicação mais falada, escrita, lida; domínio de terminologias; emprego de terminologias; consulta a obras de referência, interesse pelas línguas de especialidade; desenvolvimento de pesquisa dentro da empresa; difusão de terminologias por meio de obras específicas etc.

Embora as bases metodológicas, para a pesquisa em socioterminologia, defendidas por Faulstich (1995b), mostrem-se coerentes para o propósito de uma pesquisa desta envergadura, cabe salientar que o seu desenvolvimento prático requer que se deixe esmiuçado o ponto de vista teórico a ser tomado. Nesse sentido, ao considerar os princípios sociais e etnográficos a autora deixa claro o esforço para entender as terminologias em seus contextos reais de uso, rompendo com a antiga tradição que condicionava os termos *in vitro*. A nosso ver, é necessário ainda realizarmos uma incursão sobre a proposta do constructo

teórico da variação terminológica cunhado por Faulstich (1998) para podermos refletir sobre as variantes terminológicas e especificamente sobre a distribuição das variantes no espaço geográfico. Para isso, recorreremos aos princípios geolinguísticos, já consagrados pela literatura linguística, para darmos respostas sobre a realidade terminológica da atividade de produção da farinha realizada por socioprofissionais no espaço geográfico da Amazônia paraense.

3.4 Os princípios geolinguísticos no desenvolvimento da pesquisa terminológica

A literatura produzida em geolinguística tem trazido uma série de conhecimentos sobre o desenvolvimento de pesquisas voltadas para a descrição da variação no espaço geográfico. A preocupação com a descrição da linguagem, a partir desse ponto de vista, remonta à história da própria constituição dos estudos dialetais como anseio em se descrever a linguagem através de um método com rigor científico. Dessa forma, conceber um espaço para a discussão que gire em torno da necessidade de uma visão geolinguística na pesquisa terminológica se apresenta como forma de preencher uma lacuna no que diz respeito ao tratamento da variante geográfica como base para uma aplicação prática e segura ao projeto terminológico e terminográfico na elaboração de obras terminológicas.

3.4.1 A perspectiva geolinguística

De acordo com a literatura linguística, em termos gerais, os estudos realizados por meio do método geolinguístico têm por ocupação “identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15). Então, para essa descrição, o método geolinguístico pressupõe a elaboração de um conjunto de mapas especiais denominados tecnicamente de cartogramas que se configuram em atlas linguísticos. Coseriu (1982, p. 79), considerando a importância da Geografia Linguística enquanto método dialetológico, afirma que esta “[...] pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território [...]”. Esses mapas especiais então reunidos podem ser considerados como “[...] coleções cartográficas de material linguístico”

(COSERIU, 1982, p. 83). Por sua vez, Elizaincín (2010, p.17), que reconhece o termo Geografia Linguística como antecedente ao termo Geolinguística, afirma que:

[...] a geografia linguística, hoje geolinguística, não é disciplina que epistemologicamente tenha *status* próprio: se trata de um método possível (recomendável) para descrever a variação através de sua sofisticada técnica de coleta de dados, ordenamento e representação cartográfica [...]. (ELIZAINCÍN, 2010, p.17)³²

Dessa forma, os estudos geolinguísticos, como o conhecemos na atualidade, são resultados da constante construção do conhecimento científico no campo da Linguística que buscou o aperfeiçoamento de suas técnicas de coleta e tratamento de dados no decurso da história. Pesquisadores como G. Wenker na Alemanha, Fisher na Suécia e Weigand na Romênia já traziam consigo a ideia de elaboração de atlas linguísticos como possibilidade de descrição da língua (COSERIU, 1982, p. 87)³³. Porém, foi com *Jules Gilliéron* na França que o método de recolha de dialetos geográficos se consolidou definitivamente na elaboração do Atlas Linguístico da França – ALF (BRANDÃO, 1991, p. 09; CARDOSO, 2010, p. 42).

3.4.1.1 O Atlas Linguístico da França – ALF

O Atlas Linguístico da França – ALF foi um projeto divisor de águas no campo dos estudos linguísticos. Ele trouxe a perspectiva de descrição dos dialetos através de um método rigoroso de coleta e tratamento de dados. Conforme Coseriu (1982, p. 87) três foram os motivos que levaram Jules Gilliéron a empreender o projeto de construção de um atlas que abrangesse o território francês:

- 1) a necessidade de “salvar” para a ciência e para a posteridade pelo menos uma parte da riqueza e variedade histórica das falas locais ameaçadas pela rápida difusão da língua comum;

³² [...] la geografia linguística, hoy geolinguística, no es disciplina que epistemologicamente tenga el status de ella: se trata de un método posible (recomendable) para capturar la variación a través de su sofisticada batería de técnicas de recolección de los datos, ordinamiento y representación cartográfica [...]. (ELIZAINCÍN, 2010, p.17).

³³ De acordo com Coseriu (1982, p. 87) G. Wenker iniciou uma pesquisa em 1876 em 30.000 pontos do território de fala alemã tendo como resultado a publicação de um primeiro fascículo de ensaio com seis mapas fonéticos sintéticos. Ainda, segundo o autor, outros atlas anteriores ao Atlas Linguístico da França são o pequeno atlas da Suécia desenvolvido por Fischer e o atlas romeno de G. Weigand contendo 67 mapas fonéticos.

- 2) a necessidade de uma coleção de materiais de todos os dialetos, sem lacunas demasiadamente graves, que permitisse assentar em bases mais firmes o seu estudo comparativo;
- 3) a necessidade de uma coleção de material, na medida do possível, homogêneo.

Dessa forma, o projeto de elaboração do ALF levou em consideração 639 pontos de inquérito para aplicação de um questionário contendo inicialmente 1.400 perguntas (aumentadas posteriormente para 1.920) que propiciaram dados para confirmar que não há limites dialetais precisos, apenas limites de certos traços ou fenômenos linguísticos. De acordo com Coseriu (1982, p. 88) esta “haveria de ser a primeira investigação direta e sistemática de todos os falares franceses e a primeira desse tipo na história da linguística”. Portanto, cabe o nosso reconhecimento sobre a importância e o impacto que o ALF teve para a posteridade científica nos estudos de descrição das variedades linguísticas presentes no espaço geográfico. Embora as técnicas usadas atualmente para a coleta de dados tenham propiciado um contorno mais preciso ao material linguístico usado para compor os atlas, não se pode negar a influência que teve o investimento de Gilliéron e Edmont³⁴ para a construção desse caminho. Hoje, como afirma Brandão (1991, p. 11), “[...] o método cartográfico ainda se mostra de excepcional utilidade para o conhecimento das variedades regionais de uma língua”.

3.4.1.2 O Atlas Linguístico do Brasil – ALiB

A tradição dos estudos dialetológicos e geolinguísticos no Brasil pode ser dividida em pelo menos quatro fases a seguir:

(i) com a participação de Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, na publicação de um capítulo sobre o português do Brasil no livro *Introdução ao Atlas Etnográfico do Globo*³⁵ em 1826 e o desenvolvimento de inúmeros estudos semântico-lexicais que geraram dicionários e glossários regionais;

³⁴ Edmont Edmont foi o responsável pela coleta de dados nos 639 pontos de inquérito. Embora não fosse linguista de formação foi escolhido para tal fim em decorrência do pressuposto de que sendo um leigo poderia fornecer um retrato fiel da realidade fonética, o que é contestado na atualidade.

³⁵ *Introduction à l'Atlas ethnographique du globe.*

(ii) com a publicação do livro *O dialeto caipira* por Amadeu Amaral em 1920, *O linguajar carioca* por Antenor Nascente em 1922, *A língua do nordeste* por Mário Marroquim em 1934 dentre outros;

(iii) com o desenvolvimento do método geolinguístico e a publicação do Decreto³⁶ 30.643 de 1952 que previa a elaboração de um atlas linguístico nacional que pudesse identificar as características da língua portuguesa do Brasil;

(iv) quando se retomam as gestões para a concretização de um atlas linguístico geral do Brasil em 1996³⁷ (FERREIRA e CARDOSO, 1994, p. 37-44; CARDOSO, 2009, p. 186).

Até o início desta quarta fase os seguintes atlas linguísticos regionais já se encontravam com todos os dados levantados e publicados:

- Atlas Prévios dos Falares Baianos – APFB, 1963;
- Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG, 1977;
- Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB, 1984;
- Atlas Linguístico de Sergipe – ALS, 1987;
- Atlas Linguístico do Paraná – ALPR, 1994.

Em outubro de 2014, por ocasião do III Congresso de Dialectologia e Sociolinguística – III CIDS, realizado na cidade de Londrina – PR, ocorreu o lançamento de dois volumes do Atlas Linguístico do Brasil, publicado pela Editora da Universidade Estadual de Londrina – EDUEL. No primeiro volume da obra encontra-se uma introdução sobre a perspectiva de constituição e consolidação do projeto e no segundo volume estão contidos 159 cartogramas linguísticos com dados de 25 capitais brasileiras. Nessa mesma ocasião do congresso aconteceu ainda a XXXIX Reunião do Comitê Nacional do Projeto ALiB onde foram abordadas diversas ações, dentre as quais (ALIB, 2015):

³⁶§3º - A Comissão de Filologia promoverá pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa-fonologia, morfológicas, sintáticas, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas bibliográficas, históricas, literárias, problemas de texto, de fontes, de Autoria, de influências, sendo sua finalidade principal a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (Decreto 30.643/1952).

³⁷De acordo com Cardoso (2009, p. 187) “O Projeto ALiB, iniciado em 1996, firmou-se como um projeto de cunho nacional por ocasião do *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia/Instituto de Letras, que reuniu pesquisadores no campo da Dialectologia, contando com a presença de todos os autores de atlas linguísticos até àquela época já publicados.”

(i) Previsão da publicação do terceiro volume do Atlas Linguístico do Brasil com comentários dos cartogramas linguísticos para ser lançado em 2015 no XII WorkALiB;

(ii) Programação de uma segunda etapa de publicação dos volumes quarto, quinto e sexto do Atlas Linguístico do Brasil. No quarto volume deverão constar os cartogramas linguísticos referentes às capitais. No quinto volume, os comentários aos cartogramas do volume anterior e no sexto volume, os cartogramas com dados dos municípios do interior dos estados.

Acreditamos que, com a publicação do Atlas Linguístico do Brasil, uma quinta fase demarca a história dos estudos dialetológicos no Brasil. Os seus resultados apresentam dados marcantes para a constituição de um retrato geossociolinguístico dos falares do português brasileiro. É uma fase de consolidação das ideias iniciadas e defendidas por estudiosos no passado e executadas por um grupo de pesquisadores na contemporaneidade. O ALiB se consolidou a partir da integração e participação de várias universidades que, através da liderança de um comitê nacional, lançaram-se à busca de descrever o nosso português falado.

Dessa forma, não é menos importante reconhecermos que a geolinguística como se faz atualmente remonta a uma longa tradição como também é necessário compreendermos que toda essa efervescência ebuliu-se para a construção de um caminho profícuo na consolidação e execução desse projeto de natureza linguística que apresenta uma metodologia científica consistente e segura para a interpretação dos dados coletados nos diversos pontos de inquérito previstos.

3.4.1.3 Classificação dos atlas linguísticos quanto à abrangência no espaço geográfico, quanto à natureza e cartografia dos dados

Todos os atlas linguísticos elaborados a partir do ALF classificam-se em quatro tipos quanto a sua abrangência no espaço geográfico (ALINEI, 1994, p. 21; CARDOSO, 2010, p. 67): (i) regionais; (ii) nacionais; (iii) de grupos linguísticos; (iv) continentais.

No entanto, essa abrangência, em geral, é limitada por fronteiras estritamente políticas mesmo que os diversos falares ultrapassem esse limite. Por outro lado, isso também não significa que as descrições linguísticas realizadas por meio do método geolinguístico não condizem com a realidade investigada em cada território. Se pensarmos que um atlas de abrangência nacional pode oferecer dados capazes de demonstrar os pontos do território em

que determinados fenômenos linguísticos se estendem, isso será suficiente para retratar a realidade linguística independentemente se a metodologia usada no projeto levou em consideração a circunscrição político-geográfica ou não.

De acordo com esta classificação, os mapas regionais são aqueles que detalham mais precisamente a realidade linguística de uma região como é o caso do Atlas Linguístico do Ceará³⁸. Para Cardoso (2010, p. 76) os atlas regionais “funcionam como instrumentos que aprofundam o conhecimento de cada região, atingindo grau de informação e de pormenorização que estudos de natureza mais ampla [...]”.

Os atlas nacionais são aqueles que buscam retratar a realidade linguística de um país, mesmo que os limites linguísticos não coincidam com os políticos como o são o Atlas Linguístico da França, o Atlas Linguístico do Brasil – ALiB dentre outros. Por sua vez, os atlas de grupos linguísticos possibilitam a complementação de obras de maior envergadura para o desenvolvimento de atlas continentais como o é o Atlas Linguístico Europeu – ALE³⁹. Este último caso exemplifica-se com o *Atlas Linguistique Roman* – ALiR que “[...] perseguindo os caminhos das línguas românicas na Europa, estabelece o percurso românico no continente [...]” (CARDOSO, 2010, p. 74).

Os atlas linguísticos ainda podem ser classificados quanto à natureza dos dados e quanto a sua dimensionalidade. Conforme Cardoso (2010, p. 78), têm-se três gerações de atlas linguísticos: (i) atlas de primeira geração que apresentam cartograficamente os resultados com o acréscimo ou não de notas de ilustrações (nesse caso, os dados podem se apresentar sob a forma de cartas onomasiológicas ou semasiológicas); (ii) atlas de segunda geração que fornecem os dados geograficamente distribuídos e analisados; (iii) atlas de terceira geração que se utilizam dos recursos informatizados e tecnológicos para elaboração de obras que possibilitam ao interlocutor ouvir a voz do próprio falante (informante) de cada região pesquisada, como o Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA⁴⁰, projeto coordenado pelo professor e pesquisador Abdelhak Razky da Universidade Federal do Pará – UFPA.

Thun (2005) classifica os atlas linguísticos a partir de sua dimensionalidade. Dependendo da quantidade de dimensões da variação contemplada estes podem ser monodimensionais, bidimensionais ou pluridimensionais⁴¹. Dessa forma, os atlas linguísticos

³⁸ Projeto vinculado ao Atlas Linguístico do Brasil – ALiB.

³⁹ Atlas Linguarum Europae – ALE.

⁴⁰ O Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico: <http://www.ufpa.br/alipa/>.

⁴¹ Os atlas pluridimensionais também são denominados de multidimensionais.

que contemplam apenas a arealização espacial são considerados monodimensionais, ou seja, aqueles que se fixam no limite da descrição das variantes linguísticas dentro de um determinado território ou área geográfica.

O Atlas Linguístico da França – ALF é um exemplo deste tipo de atlas linguístico em que a preocupação se reverteu para o enfoque da arealização dos dados coletados. A título de exemplificação, apresentamos, a seguir, um cartograma da distribuição da variante lexical abelha (*avett*, *mouche à miel*, *mouchette*, *essette*, *aveille* e *abeille*) onde se pode constatar a distribuição lexical presente no espaço geográfico sem, no entanto, conter dados ou informações que possam contemplar a descrição de outras dimensões sociolinguísticas como idade, sexo, escolaridade como o fazem a maioria dos trabalhos dialetais pluridimensionais na atualidade.

Mapa 08 – Cartograma da distribuição das denominações de abelha



Fonte: Ilari (2006, p. 30)

Os atlas bidimensionais⁴² são aqueles que contemplam duas variáveis ou dimensões como, por exemplo, a diatópica e a diastrática. Já os atlas pluridimensionais são os que contemplam mais de duas variáveis. Esta última é uma tendência da geolinguística contemporânea que estabelece em seu método a combinação do espaço com a sociolinguística (THUN, 2005, p. 66-71). Quanto à cartografia dos dados de um atlas linguístico, pode-se classificá-los de acordo com os fatos linguísticos em três categorias: (i) mapas fonéticos (aqueles que cartografam as variantes de um fonema ou uma série de fonemas comprovados nos pontos de investigação); (ii) mapas lexicais (aqueles em que se registram as variantes linguísticas que expressam o mesmo conceito)⁴³ e (iii) mapas propriamente linguísticos em que se registram a integridade fônica e mórfica dos dados coletados nos variados pontos de inquérito (COSERIU, 1982, p. 83). Levando-se em consideração a forma de apresentação do material cartografado, os mapas propriamente linguísticos se subdividem em três: (i) mapas sintéticos; (ii) mapas pontuais e (iii) mapas similares. Os mapas sintéticos são aqueles elaborados de acordo com os limites das áreas que correspondem às formas tipicamente comprovadas e dispostas em formas de isoglossas.

Mapa 09 – Mapa lexical sintético



Fonte: Coseriu (1982, p. 86)

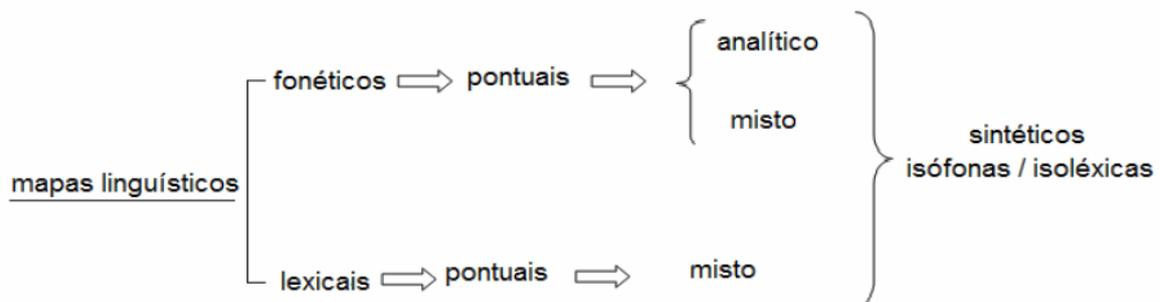
⁴² De acordo com Romano (2012, p. 61) um exemplo de atlas bidimensional é o Atlas Ítalo-Suíço – AIS que inclui em sua descrição as variáveis diatópica e diastrática.

⁴³ Os dados cartografados em nossa pesquisa e inseridos no glossário eletrônico são exemplos de cartogramas lexicais da linguagem especializada da atividade de produção da farinha de mandioca.

Os mapas pontuais possuem a característica de registrar as variantes linguísticas fielmente como são evidenciadas em cada ponto de investigação sem a preocupação de estabelecer os limites em que cada variante se estende no espaço territorial. Esclarece Coseriu (1982, p. 84) que essa classificação não limita a possibilidade de um mapa fonético ou lexical ser ao mesmo tempo sintético e pontual. Os resultados de trabalhos geolinguísticos atuais têm descrito a língua considerando diversos critérios na elaboração dos cartogramas linguísticos. Ainda, o autor apresenta a possibilidade de se elaborar mapas similares que são “esquemas que reproduzem e registram os paralelos e os meridianos do território investigado e registram em coluna, em cada trapézio esférico, as formas comprovadas [...]” (CONSERIU, 1982, p. 84).

Esta classificação de ordem coseriana tem sofrido algumas críticas no que diz respeito a sua tipologia. Romano (2012, p. 57) contesta ao afirmar que “os mapas fonéticos e lexicais nada mais são do que mapas elaborados a partir do material linguístico recolhido diretamente por meio de trabalho de campo”. Nesse sentido, haveria inconvenientes em se pensar numa classificação que estabelece uma categoria como propriamente linguística em detrimento de outra fonética e lexical, uma vez que todas são linguísticas. Assim, este autor apresenta uma proposta para reorganizar a classificação dos mapas linguísticos baseado em Coseriu (1982, p. 83) e Montes Giraldo (1987, p. 106)⁴⁴, conforme diagrama seguinte:

Esquema 06 – Classificação dos mapas linguísticos



Fonte: Romano (2012, p. 57)

Em comparação com a proposta coseriana, esta classificação deixa de fora outros níveis da língua como o morfossintático e desconsidera os mapas similares uma vez que seriam mapas especiais. Dessa forma, em sua proposta, Romano (2012, p. 57-58) defende que

⁴⁴ Para Montes Giraldo (1987, p. 106) os mapas linguísticos se classificam em três categorias: (i) mapas analíticos; (ii) mapas sintéticos e (iii) mapas mistos.

os mapas fonéticos e lexicais são (i) mapas pontuais, porque representam em seus cartogramas os fenômenos linguísticos registrados com detalhamento ou não; (ii) mapas mistos uma vez que as variantes registradas entre os pontos geográficos podem ser representados também por cores ou símbolos e (iii) mapas sintéticos, porque podem representar as diferentes zonas em que ocorrem determinados fenômenos linguísticos por meio de isoglossas. Com base no que pudemos depreender sobre as classificações apresentadas e, sobretudo, em decorrência do avanço com que a geolinguística atual tem se mostrado, acreditamos que os atlas linguísticos podem apresentar a seguinte configuração constante no seguinte quadro que organizamos:

Quadro 05 – Classificação dos atlas linguísticos

| QUANTO A ABRANGÊNCIA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO | QUANTO A NATUREZA DOS DADOS | QUANTO A DIMENSÃO | QUANTO A CARTOGRAFIA DOS DADOS | | QUANTO A ESTRUTURA | QUANTO AO MÉTODO |
|--|--|---|---|---|----------------------------------|-----------------------------------|
| | | | Linguístico | Extralinguístico | | |
| - Regional - Nacional - Grupo Linguístico - Continental | -Atlas de 1ª geração -Atlas de 2ª geração -Atlas de 3ª geração | -Monodimensional -Bidimensional -Pluridimensional | -Fonético -Morfológico -Lexical -Sintático | -Diageneracional -Diassexual -Diatópico -Diastrático -Diafásico | -Misto -Pontual -Sintético | -Onomasiológico -Semasiológico |

Fonte: Organizado pelo autor.

Essa reorganização dos dados se diferencia das propostas anteriores quanto à cartografia dos dados onde estabelecemos que um cartograma pudesse apresentar dados de natureza linguística (fonética, morfológica, lexical e sintática) e extralinguística (diageneracional, diassexual, diatópica, diastrática e diafásica). Quanto à estrutura pode apresentar uma configuração sintética, pontual e mista e quanto ao método pode ser onomasiológico e semasiológico. Tudo isso de acordo com os objetivos de cada trabalho a ser desenvolvido na busca da descrição e análise das línguas naturais.

3.4.2 Os atlas linguísticos e suas implicações para o desenvolvimento de obras terminológicas

A perspectiva geolinguística contemporânea tem se preocupado cada vez mais com a realidade linguístico-social que contextualizam as práticas languageiras. Para isso,

procura descrever os fenômenos linguísticos por meio de um retrato sociolinguístico a fim de dar conta dos fatores extralinguísticos que também interferem no modo em que o falante se expressa. Como a geolinguística busca compreender a relação entre o espaço e a variedade linguística, a dimensionalidade do retrato produzido vai estar também diretamente ligada à concepção teórico-metodológica assumida. Se o objetivo é compreender apenas a linguagem em relação ao espaço geográfico, um atlas monodimensional poderá trazer um retrato desta realidade (como o fez Jules Gilliéron na elaboração do Atlas Linguístico da França – ALF⁴⁵ e alguns atlas linguísticos regionais brasileiros publicados⁴⁶), mas se o objetivo é compreender a linguagem em relação ao espaço e aos fatores extralinguísticos que a influencia, um atlas pluridimensional traz uma resposta satisfatória para esse retrato de cunho diatópico e sociocultural. Estes dois pontos de vistas (monodimensional e pluridimensional) não se anulam a nosso ver quando se trata de um trabalho de cunho terminológico para a elaboração de glossários ou dicionários. Isso porque uma obra terminológica deve prever em sua elaboração qual o público-alvo e objetivos a serem alcançados para a escolha de certos critérios relacionados à descrição das variantes no eixo vertical e horizontal da língua. Como bem afirma Cardoso (2010, p. 92) “A pesquisa dialetal é, por excelência, uma investigação de cunho horizontal, ou seja, busca-se uma fotografia da realidade nos espaços geográficos considerados”.

Os atlas linguísticos são ainda fontes ricas em matéria sobre o léxico e podem ser aproveitados para ratificar ou abonar obras de natureza lexicográfica ou terminográfica uma vez que apresentam dados linguísticos de cunho regional que se tornam um valioso tesouro lexical do ponto de vista sociocultural. Pontes e Monteiro (2014) apresentam uma discussão acerca da aproximação entre a Geolinguística e Lexicografia Regional, demonstrando que um atlas linguístico estruturalmente se assemelha a uma obra lexicográfica de cunho regional. Nesse trabalho, os autores tomam posição a respeito dessa interface quando propõem “os atlas linguísticos como inventários lexicográficos regionais” (PONTES e MONTEIRO, 2014, p.245).

Nesse sentido, concordamos que o mapeamento cartográfico, como o faz os atlas linguísticos, tornam-se uma fonte de referência para a pesquisa terminológica e a consequente elaboração de dicionários e glossários terminológicos que se propõem inventariar o léxico de

⁴⁵ Obra fundadora considerada o marco do advento da Geografia Linguística.

⁴⁶ De acordo com Guedes (2012) são atlas monodimensionais o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (1963), o Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG (1977) e o Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB (1984).

domínios especializados, evidenciando a variedade que a língua assume na dimensão geográfica. Por sua vez, Yda (2010) afirma que “o dicionário, assim como o atlas linguístico atua como acervo vocabular social, transmitindo à posteridade o tesouro lexical da época em que foi composto”.

Para a elaboração de atlas linguísticos, tem-se realizado alguns procedimentos na constituição dos *corpora* e tratamento de dados. Portanto, esses procedimentos servem como referência para o desenvolvimento de pesquisas terminológicas que objetivam descrever e analisar as variantes geográficas. Aliás, em seu constructo teórico da variação socioterminológica, Faulstich (1998, p. 66-68) estabelece que a variação geográfica classifica-se no quadro das variantes concorrentes e de registro. Isso implica em considerarmos que a geolinguística torna-se um dos caminhos proveitosos para a realização de pesquisas terminológicas que objetivam descrever o léxico de especialidade a partir da constituição de *corpora* orais.

Na elaboração de obras terminológicas uma das dificuldades que temos percebido é a classificação dos termos nos verbetes como variantes geográficas. Esse fato se deve à falta de procedimentos uniformes capazes de gerar resultados satisfatórios para a compreensão dos termos numa dimensão espacial. Nesse sentido, Brandão (1991, p. 26-39) em seu livro *A Geografia Linguística no Brasil* e Cardoso (2010, p. 89-106) em seu livro *Geolinguística: tradição e modernidade* apresentam a aplicação do método geolinguístico para a elaboração de um atlas linguístico que vai do levantamento dos dados ao preparo dos cartogramas linguísticos, o que podemos tirar como referência para a pesquisa terminológica.

Assim, segundo as autoras, uma pesquisa de natureza geolinguística requer que sejam realizados os seguintes procedimentos: levantamento preliminar de dados, fixação da rede de pontos de inquérito, seleção dos informantes, escolha da técnica de recolha de dados e aplicação do inquérito, arquivamento e transcrição dos dados, preparo dos cartogramas linguísticos:

(i) Levantamento preliminar de dados

O levantamento preliminar dos dados referentes à área de estudo visa dar condições ao pesquisador em contextualizar o ambiente de estudo onde se coletará os dados linguísticos e ajudarna formulação de questionários que serão aplicados. Conforme Brandão (1991, p. 27) “nessa fase de planejamento, procede-se ao levantamento e à leitura de obras

que sirvam de meio de caracterização da área a ser pesquisada, de modo que se conheçam seus aspectos históricos, geográficos, ecológicos, socioeconômicos [...]”.

(ii) Fixação da rede de pontos de inquérito

Para a fixação da rede de pontos de inquérito é necessário considerar uma série de fatores como a história de constituição e desenvolvimento das localidades, a situação geográfica, as interferências, a situação socioeconômica e a situação demográfica. De acordo com Brandão (1991, p. 27) os “Atlas linguísticos idealizados com a finalidade de registrarem os traços dos falares de grupos que desenvolvem atividades específicas apresentam, por vezes, número mais reduzido de pontos de inquérito, em decorrência da forma de distribuição geográfica das populações envolvidas”.

Em estudos de natureza terminológica, em que se registram os falares de grupos que desenvolvem atividades especializadas, os pontos de inquérito provavelmente serão reduzidos em decorrência da natureza da atividade de trabalho. Em nossa pesquisa sobre a terminologia da farinha de mandioca, por exemplo, fixamos cinco localidades como pontos de inquérito, o que nos possibilita perceber a dinâmica dessa atividade especializada e poder demonstrar por meio de uma amostragem os usos linguísticos de cada comunidade.

(iii) Seleção dos informantes

O número e o perfil de informantes para uma pesquisa é outro fator a ser refletido. Sabe-se que definir o número ideal de informantes não é uma tarefa fácil, porém as pesquisas geolinguísticas têm apresentado resultados através de uma amostragem representativa do conjunto de falantes das regiões pesquisadas. Aliás, Cardoso (2010, p. 92) afirma que “o registro de um único informante por ponto da rede já traz, por si só, informação validada, pois, com esse dado se pode afirmar se, nesse ponto, existe tal ou qual realização ou se usa tal ou qual lexia para preencher esse ou aquele conceito”.

Dessa forma, acreditamos que o número representativo de informantes está fortemente ligado ao objetivo a ser alcançado no projeto para que se possa realizar um levantamento do perfil dos informantes que devem fazer parte da coleta de dados. Daí se considerar fatores extralinguísticos como diferenças estráticas, etárias e sexo e, até mesmo, outros de cunho sociocultural e que fazem parte da formação e convívio do informante como

o acesso aos meios de comunicação e informação, a religião, o entretenimento, etc. A nosso ver, esta questão reflete sobremaneira sobre a pesquisa terminológica uma vez que se trata de procedimentos válidos e atinentes.

Em nossa pesquisa sobre a terminologia da farinha de mandioca, o perfil dos informantes está estritamente ligado aos objetivos da proposta do trabalho que foi a elaboração de um glossário terminológico que apresentasse o movimento da variação geográfica, isto é, as escolhas particulares que cada falante realiza do léxico especializado na atividade de produção da farinha de mandioca na Amazônia paraense.

De acordo com Brandão (1991, p. 31) ao se proceder a seleção dos informantes é necessário considerar alguns princípios gerais: a) deve ser nativo da localidade (o mesmo com seus pais e seu cônjuge); b) deve ser inteligente e loquaz; c) não deve apresentar problemas de dentição ou de fonação. Obviamente que muito desses princípios levam em consideração os objetivos da pesquisa em que os atlas se propõem apresentar.

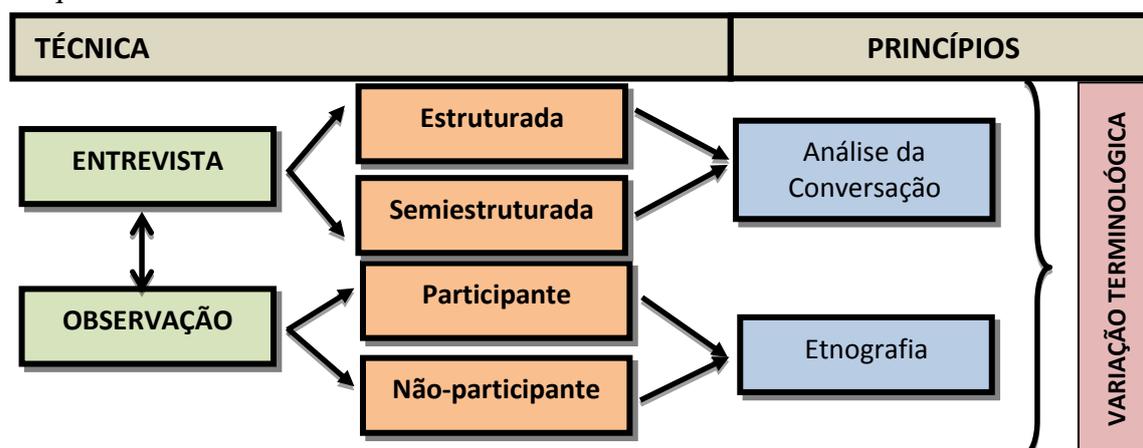
(iv) Técnica de recolha de dados e aplicação do inquérito

A técnica de coleta de dados deve garantir um material homogêneo e, para isso, os atlas linguísticos são resultados da aplicação de um questionário quer sejam de natureza fonética, lexical, morfossintática ou etnográfica (BRANDÃO, 1991, p. 32). A autora chega a afirmar sobre a necessidade de se aplicar, antes mesmo da coleta definitiva dos dados, um pré-questionário mais exaustivo a fim de se obter dados que indiquem as questões que devem ser objeto de maior atenção pelo pesquisador.

Por sua vez Cardoso (2010, p. 96), com base no *Projeto Atlas Linguístico do Brasil*, afirma que um questionário linguístico pode ser organizado de acordo com o tipo de dado que se queira coletar, podendo, então, ser fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, prosódico, pragmático, discursivo e metalinguístico.

No que se refere à coleta de dados para o trabalho terminológico, pensamos que se devam levar em consideração duas técnicas imprescindíveis para recolha de dados orais: a entrevista (aplicação de um questionário) e a observação (participante ou não-participante). Essas técnicas, por sua vez, devem seguir os princípios etnográficos para observação e os princípios da Análise da Conversação para condução das entrevistas na interação entre os sujeitos envolvidos na atividade especializada que se queira investigar.

Esquema 07 – Técnica de coleta de dados



Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com este fluxograma, que organizamos, as duas técnicas são imprescindíveis para o trabalho terminológico. A entrevista, dependendo dos objetivos da pesquisa, pode ser estruturada ou semiestruturada, atentando-se sempre para os princípios da interação verbal. A observação também poderá ser participante ou não-participante uma vez que os princípios etnográficos podem possibilitar uma melhor compreensão dos aspectos socioculturais que envolvem os saberes da realidade investigada. De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 193) na observação não-participante “[...] o pesquisador toma contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora. Presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador”. Já a observação participante requer que o pesquisador se incorpore ao grupo, confunda-se com ele. Fique tão próximo quanto um membro do grupo. (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 194).

(v) Arquivamento e transcrição dos dados

Orienta-se ainda que o arquivamento e registro das informações linguísticas devam ser feitos com o uso de equipamentos adequados como gravadores digitais *in loco* e posteriormente transcritos grafematicamente ou foneticamente. É importante que se faça ainda o registro de dados relevantes para a pesquisa, usando-se, para isso, instrumentos auxiliares como a ficha de informante e a ficha da localidade em que se poderão registrar informações relevantes e adicionais sobre o informante e a localidade que serviu como ponto de inquérito. Cardoso (2010, p. 100-101), baseada nos procedimentos do Atlas Linguístico do Brasil, afirma que a ficha do informante deve documentar dados de identificação pessoal como

tempo de permanência e domicílio atual e anterior do informante dentre outros. A ficha da localidade, por sua vez, deve registrar informações de cunho histórico, geográfico, econômico e social de cada ponto de inquérito investigado.

(vi) Preparo dos cartogramas linguísticos

Finalmente, de posse do levantamento e tratamento dos dados, realiza-se o preparo dos cartogramas linguísticos. Assim, conforme os objetivos traçados inicialmente para a pesquisa, os cartogramas devem ser numerados e registradas as variantes de um fonema, as palavras que correspondem a um mesmo conceito/ou as variações de um determinado traço morfossintático. De acordo com Cardoso (2010, p. 83), diversos tipos de apresentação de dados cartografados aparecem no curso da história dos estudos dialetais, das mais simplificadas cartas àquelas que oferecem cruzamento de dados em função de variáveis consideradas. Dessa forma, conforme Thun (2000 *apud* CARDOSO, 2010, p. 86) os cartogramas linguísticos podem ser monofásicos ou plurifásicos, isto é, enquanto naqueles se registram dados exclusivamente diatópicos (espaço geográfico), nestes se registram dados diatópicos em correlação com outras variáveis extralinguísticas como dados diagenéricos, diastráticos, diassexual dentre outros.

Defendemos, portanto, que para o desenvolvimento da pesquisa terminológica, principalmente quando se reúne um *corpus* linguístico da modalidade oral da língua, o essencial seja realizar um levantamento de dados seguindo orientações geolinguísticas. Na realidade, quando o projeto objetivar realizar a descrição das variações que perpassem o nível linguístico e expanda-se para a descrição das variantes coocorrentes de registro teremos resultados mais satisfatórios quanto ao entendimento das peculiaridades socioculturais que caracterizam os termos usados nas diversas atividades especializadas.

Embora os princípios geolinguísticos direcionem a desenvolver uma pesquisa terminológica para o tratamento da variação geográfica de forma mais segura, não descartamos a possibilidade de uma Geoterminologia. Há que se abrir caminho para as reflexões a respeito do que seria uma pesquisa geoterminológica que no mesmo caminho do que se poderia entender uma Geolinguística voltada para o estudo do léxico geral numa dimensão geográfica, poderia-se pensar numa Geoterminologia voltada para o estudo do léxico de especialidade nessa mesma dimensão.

4. METODOLOGIA

Esta seção se ocupará em apresentar os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa de campo, do tratamento dos dados coletados para elaboração dos cartogramas terminológicos e da elaboração do glossário eletrônico. Estamos seguindo os pressupostos teórico-metodológicos adotados na pesquisa socioterminológica, dialogando com os pressupostos da geolinguística, uma vez que objetivamos a elaboração de uma obra terminológica que dê realce à variação terminológica distribuída no espaço geográfico.

4.1. Procedimentos para a realização da pesquisa de campo

Os procedimentos para a realização da pesquisa de campo recobrem a fixação dos pontos de inquérito, os critérios de escolha dos informantes, as técnicas e instrumentos usados para a coleta dos dados terminológicos que passamos a apresentar com o objetivo de deixar claros e justificados os passos seguidos e as decisões tomadas ao longo do percurso da pesquisa.

4.1.1 Fixação dos pontos de inquérito

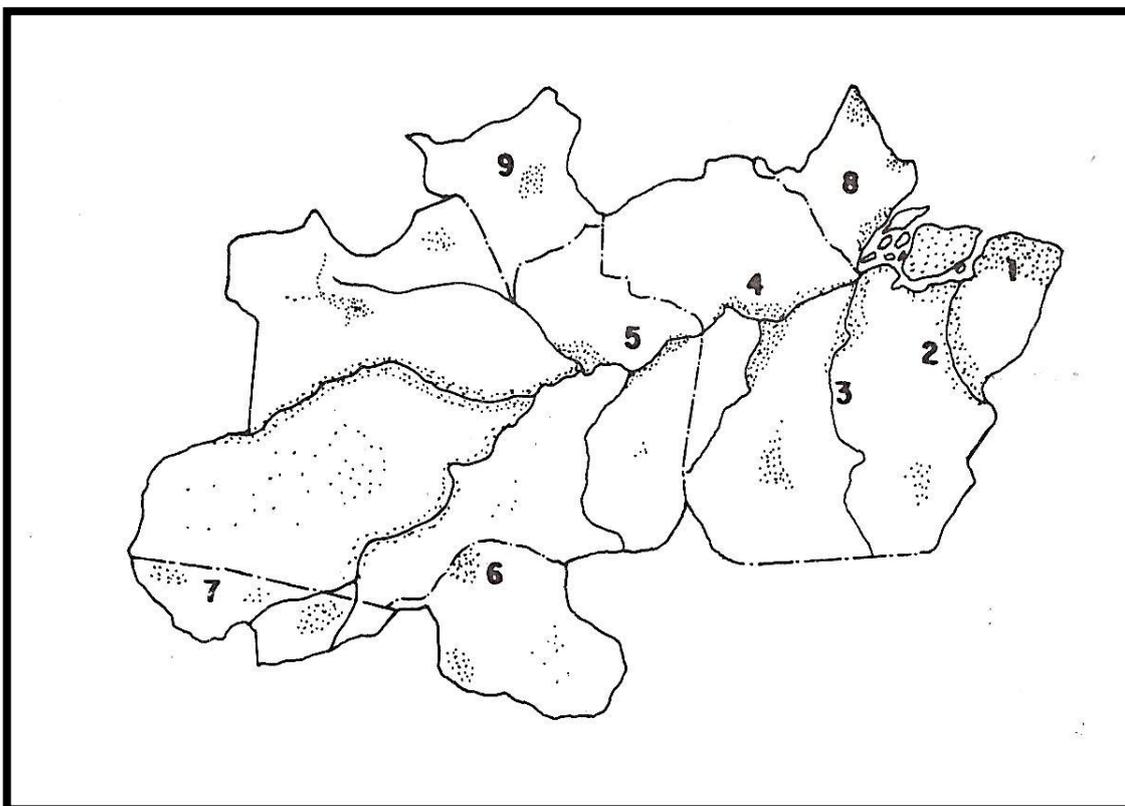
Para a escolha dos pontos de inquérito da pesquisa buscamos primeiramente, na literatura escrita e em dados oficiais do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística – IBGE, informações sobre a área de abrangência da produção de mandioca na Amazônia paraense e dados históricos, econômicos, políticos e sociais sobre cada ponto de inquérito a ser investigado. Recorremos ainda aos aspectos metodológicos do projeto Atlas Linguístico do Pará – ALIPA no que se refere aos pontos fixados para a coleta de dados na Amazônia paraense, uma vez que o fator variação e espaço geográfico é característica essencial para esse tipo de trabalho. Acreditamos que ter recorrido à metodologia de fixação dos pontos de inquérito do Projeto ALIPA trouxe maior segurança à nossa pesquisa de campo por se tratar de um projeto consolidado em nível científico.

Albuquerque (1980, p.24), em seus estudos sobre a mandioca na Amazônia, apresenta um mapeamento de distribuição da mandioca, classificada cientificamente de *Manihot esculenta Crantz*, em nove zonas da Amazônia brasileira como se refere o autor, a saber:

- 1) Zona do Nordeste Paraense;

- 2) Zona do Tocantins;
- 3) Zona do Xingú;
- 4) Zona do Baixo Amazonas;
- 5) Zona do Madeira e Rio Negro;
- 6) Zona de Rondônia;
- 7) Zona do Acre;
- 8) Zona do Amapá;
- 9) Zona de Roraima.

Mapa 10 – Mapa de distribuição da produção agrícola da mandioca no Pará

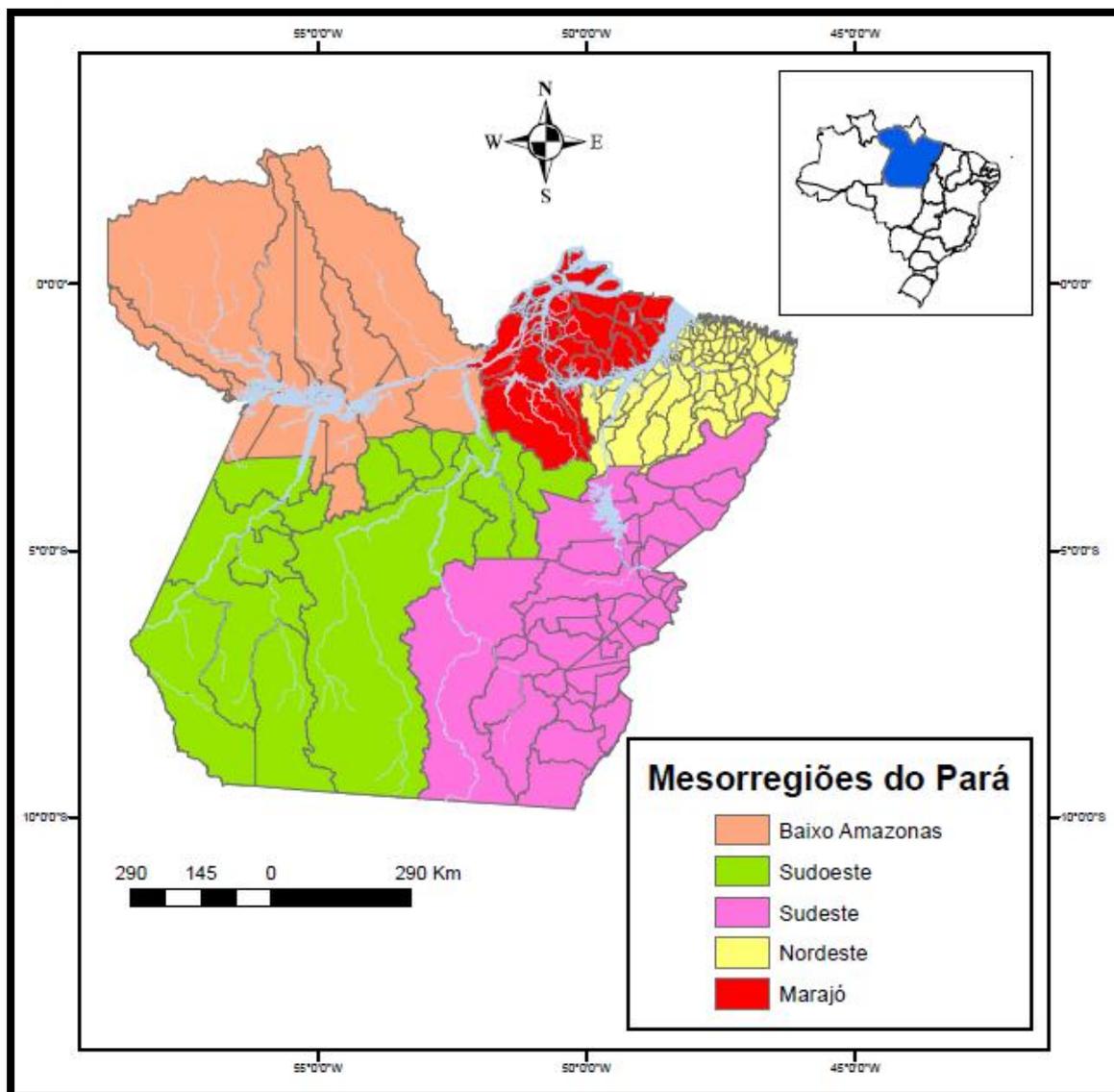


Fonte: Albuquerque (1980, p. 24).

A partir desse mapa de distribuição da mandioca na Amazônia brasileira, pudemos confirmar que a cultura agrícola do cultivo dessa raiz tuberosa recobre quatro antigas zonas do estado do Pará: Zona do Nordeste Paraense, Zona do Tocantins, Zona do Xingú, Zona do Baixo-Amazônas. No entanto, foi necessário observar que a organização político-geográfica do estado do Pará apresenta atualmente cinco mesorregiões, motivo pelo

qual passamos a considerar essa nova organização política de divisão territorial do estado presente também na metodologia do Atlas Linguístico do Pará⁴⁷.

Mapa 11 – Mesorregiões do Pará



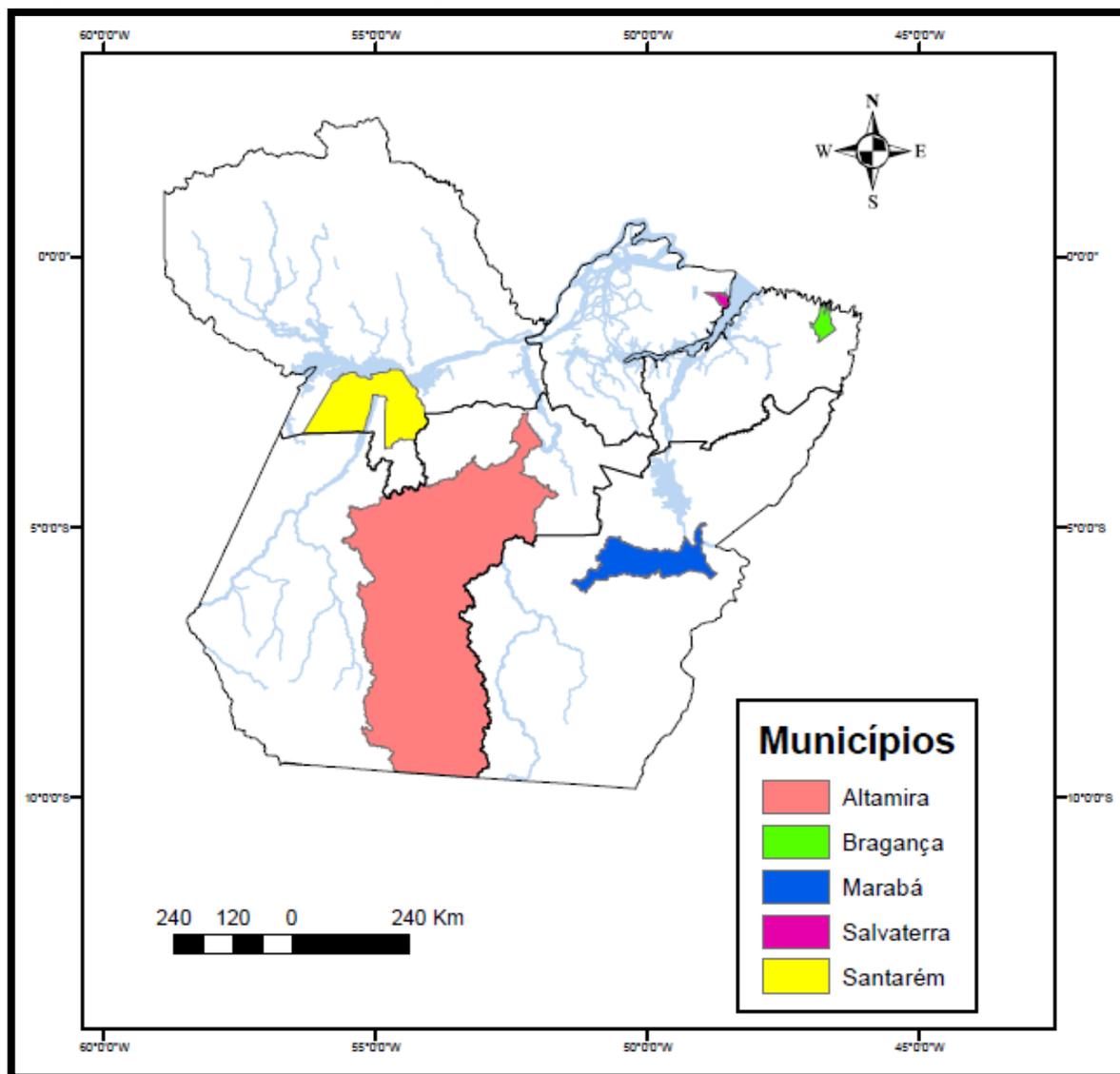
Fonte: Elaborado pelo autor.

Em cada uma dessas cinco mesorregiões foi selecionado um município produtor de farinha de mandioca. A escolha se deu com base em dados estatísticos oficiais de produção conjugados ao histórico do município em relação à cultura de produção de farinha. Assim, os cinco municípios selecionados para a coleta de dados foram Altamira (Sudoeste), Bragança

⁴⁷ Na metodologia de fixação dos pontos de inquérito do Atlas Linguístico do Pará – ALIPA, além das cinco mesorregiões atuais do estado do Pará foi traçado também como ponto de inquérito a zona metropolitana de Belém para atender os objetivos específicos daquele projeto.

(Nordeste), Marabá (Sudeste), Salvaterra (Marajó) e Santarém (Baixo Amazonas) situados conforme o seguinte mapa geográfico.

Mapa 12 – Pontos de inquérito da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.2 Perfil dos informantes

Em cada ponto de inquérito foram selecionados cinco (05) informantes trabalhadores rurais que desenvolvessem suas atividades socioprofissionais na cultura agrícola do cultivo da mandioca para a produção de farinha. Levamos em consideração constituir este número de informantes uma vez que o registro das variantes terminológicas no espaço geográfico é de fundamental importância para compor o verbete do glossário. Concordamos

com Cardoso (2010, p. 92) quando a firma que “um único informante por ponto da rede já traz, por si só, informação validada, pois, com esse dado se pode afirmar se, nesse ponto, existe tal ou qual realização ou se usa tal ou qual lexia para preencher esse ou aquele conceito.”. Assim, o contato inicial com os trabalhadores rurais foi realizado a partir de uma visita prévia em cada uma das localidades pesquisadas, momento em que explicamos os objetivos e finalidades da pesquisa e verificamos se os possíveis entrevistados se enquadravam nos seguintes e principais critérios:

- Ser natural de uma das cinco localidades onde foi realizado o levantamento de dados;
- Não ser menor de dezoito anos de idade;
- Trabalhar na atividade de produção da farinha de mandioca há pelo menos dez anos;

A partir desses critérios, que julgamos fundamentais para a coleta de dados da pesquisa, constituímos um *corpus* oriundo de informantes trabalhadores rurais dos cinco municípios com os seguintes perfis:

Tabela 07 – Perfil dos informantes

| Pontos de Inquérito | Sexo | | Idade | | | Tempo de atividade | | Escolaridade | |
|---------------------|-----------|----------|----------|----------|-----------|--------------------|-----------|------------------|-----------|
| | M | F | 18-30 | 31-45 | 46... | 10 anos | + 10 anos | Não alfabetizado | Fund. |
| Altamira | 3 | 2 | - | - | 5 | 1 | 4 | 2 | 3 |
| Bragança | 3 | 2 | 2 | 2 | 1 | 1 | 4 | 1 | 4 |
| Marabá | 5 | - | - | 2 | 3 | - | 5 | - | 5 |
| Salvaterra | 4 | 1 | - | - | 5 | - | 5 | - | 5 |
| Santarém | 1 | 4 | - | 1 | 4 | - | 5 | 3 | 2 |
| Total | 16 | 9 | 2 | 5 | 18 | 2 | 23 | 6 | 19 |

Fonte: Elaborada pelo autor.

O perfil dos informantes nada mais é o resultado daqueles que foram selecionados a partir dos critérios fundamentais que apresentamos no quadro anterior. Nesse sentido, esclarecemos que não exercemos um controle sobre essas variáveis em decorrência do objetivo geral do trabalho e também considerando o público-alvo do glossário que são linguistas e técnicos agrícolas que necessitem se familiarizar com a linguagem de especialidade usada pelos trabalhadores rurais. No entanto, sabemos da importância do controle dessas variáveis para a descrição linguística, porém encontrar informantes no perfil que demandasse tais variáveis na atividade de produção da farinha de mandioca seria uma tarefa bastante difícil, uma vez que os trabalhadores rurais envolvidos são em maioria do sexo masculino em decorrência das tarefas pesadas que demanda esse tipo de atividade agrícola.

4.1.3 Técnica e instrumento de coleta de dados

Considerando a necessidade de a pesquisa socioterminológica ser desenvolvida a partir dos princípios sociolinguísticos e etnográficos (Faulstich, 1995b, p. 1-31), passamos a empregar como técnica de coleta de dados orais a **observação direta intensiva** que, conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 190), é realizada através de dois procedimentos: a **observação** e a **entrevista**. A observação pode ser considerada como uma técnica de coleta de dados que busca informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Assim afirmam as autoras quando dizem que essa técnica

não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. [...] Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.190).

Estas autoras ainda elencam as seguintes vantagens para o uso da observação como técnica de pesquisa de coleta de dados:

- a) possibilita meios diretos e satisfatórios para estudar uma ampla variedade de fenômenos;
- b) exige menos do observador do que as outras técnicas;
- c) permite a coleta de dados sobre um conjunto de atitudes comportamentais típicas;
- d) depende menos da introspecção ou da reflexão;
- e) permite a evidência de dados não constantes do roteiro de entrevistas ou de questionários.

Na perspectiva da observação direta intensiva, usamos a **observação não-participante** por trazer resultados satisfatórios para o reconhecimento da linguagem de especialidade e do seu contexto de uso pelos sujeitos participantes da pesquisa. Conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 193), na observação não-participante o pesquisador “presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador”.

Quanto à entrevista, técnica de coleta de dados também usada em nossa pesquisa, consistiu no desenvolvimento de uma conversação face-a-face em que a interação se constituiu como material importante para o levantamento e análise de dados. Conforme Marconi e Lakatos (2003:196), “alguns autores consideram a entrevista como o instrumento

por excelência da investigação social”. Dessa forma, usamos o tipo de entrevista não-estruturada focalizada (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 197) que consiste em um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar, tendo o entrevistador liberdade para ir conduzindo os tópicos conversacionais. “É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 197). Assim, para a condução da entrevista, elaboramos previamente um questionário terminológico – QT (apêndice D) que serviu de base para a aplicação das perguntas à entrevista.

A elaboração desse questionário teve como base os dados coletados em pesquisa⁴⁸ anterior para a elaboração de um glossário impresso da terminologia da farinha no município de Acará – PA. Com isso pudemos construir um questionário contendo 877 perguntas contextualizadas com a atividade especializada de produção da farinha de mandioca que tivesse sentido com a vivência prática das comunidades rurais que exercem essa atividade que faz parte da identidade cultural paraense.

4.2 Recursos computacionais para o tratamento dos dados

O uso de recursos informatizados para o tratamento de *corpus* em pesquisas terminológicas tornou-se uma necessidade nos dias atuais. Como bem afirma Maciel (2001, p. 373) “[...] a publicação de textos especializados se multiplica em progressão geométrica, tornando impraticável a pesquisa terminológica tradicional feita, até há bem pouco tempo, a ponta de lápis e a olho nu”. Assim, não se pode negar a importância do computador para os estudos deste tipo de pesquisa, pois os recursos informatizados auxiliam sobremaneira o trabalho do terminólogo, possibilitando-lhe um auxílio poderoso no tratamento dos dados terminológicos descritos.

Para o tratamento dos dados linguísticos deste trabalho de pesquisa, recorremos a três *softwares* computacionais que vêm sendo usados por diversos pesquisadores na área dos estudos sobre a linguagem humana: o *Transana*, o *WordSmith Tools* e o *Lexique Pro*. Estes *softwares* proporcionam ao pesquisador tratamento mais eficaz do *corpus* compilado, agilizando o processo de descrição e análise terminológica e elaboração do glossário.

⁴⁸ Pesquisa que desenvolvemos em nível de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará que resultou na obra intitulada “Glossário socioterminológico da cultura da farinha”.

4.2.1 O software *Transana* na transcrição do corpus

Recorremos ao *software Transana*, versão 2.12, para a transcrição grafemática do *corpus* (anexo A) compilado para a nossa pesquisa. Este é um programa desenvolvido pelo “*Centro Para Investigação Educativa Wisconsin*”⁴⁹ da Universidade de Wisconsin-Madison nos Estados Unidos (MURUÁ, 2006, p. 2) e pode ser encontrado nas versões para as plataformas *Windows* e *MAC* no sítio <<http://www.transana.org>>, onde se pode baixar também uma versão de demonstração.

Dentre as vantagens em utilizá-lo para transcrição de dados provenientes de áudio ou vídeo digitais está o fato de o *software* oferecer várias janelas interativas que possibilitam a visualização do arquivo de ondas, dos arquivos audiovisuais, da base de dados e dos dados transcritos. É um programa computacional de fácil adaptação na transcrição de dados de pesquisas de diversas naturezas como é o caso do trabalho que realizamos sobre a terminologia da cultura da farinha de mandioca com fins à elaboração de um glossário eletrônico. No entanto, esclarecemos que este *software* não realiza uma transcrição direta do arquivo audiovisual, ou seja, ele não possui a função de reconhecimento da fala. É necessária a intervenção do pesquisador para digitar os dados a partir do arquivo de áudio ou vídeo. Podemos dizer que este se enquadra como um programa computacional para manipulação de dados linguísticos de forma semiautomática.

O ambiente de entrada do programa é bastante simples, fazendo com que o manuseio por quem esteja transcrevendo os dados linguísticos se torne mais fácil. O *software* apresenta quatro janelas principais pelas quais o pesquisador poderá operar com os dados das entrevistas gravadas em aparelhos digitais: (i) **Visualização**⁵⁰: apresenta um arquivo de ondas sonoras, possibilitando a descrição e análise da produção dos sons da fala através dos formantes; (ii) **Audiovisual**: permite a manipulação dos arquivos de áudio ou vídeo como pausar, retroceder, tocar dentre várias outras funções permitidas na descrição dos dados linguísticos; (iii) **Dados**: organiza todos os arquivos de áudio ou vídeo com o respectivo arquivo transcrito em formato de texto; (iv) **Transcrição**: serve como um editor de texto, possibilitando a visualização e organização da transcrição dos dados relacionados ao *corpus* da pesquisa.

⁴⁹ Wisconsin Center for Education Research (MURUÁ *et al.*, 2006, p. 2).

⁵⁰ A janela visualização não foi usada na descrição dos dados terminológicos de nossa pesquisa uma vez que não produzimos um *corpus* apropriado para a análise fonético-fonológica.

A imagem seguinte demonstra o ambiente de entrada do programa com as quatro janelas principais pelas quais o pesquisador manuseará o *corpus* compilado para a transcrição dos dados.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Para uso dos recursos do *software* devem ser realizados alguns procedimentos, anteriormente ao início da transcrição propriamente dita, como a criação da base de dados onde o *corpus* da pesquisa será reunido. Dessa forma, ao acessar o programa este irá solicitar ao usuário que entre com o nome da base de dados que deseja usar (caso já exista uma base de dados criada) ou crie uma base dados nova, nomeando-a de acordo com a natureza do *corpus* que será transcrito como no exemplo “t-farinha” da imagem que se apresenta a seguir.

Figura 03 – Nomeando o *corpus* a ser transcrito



Fonte: Elaborada pelo autor.

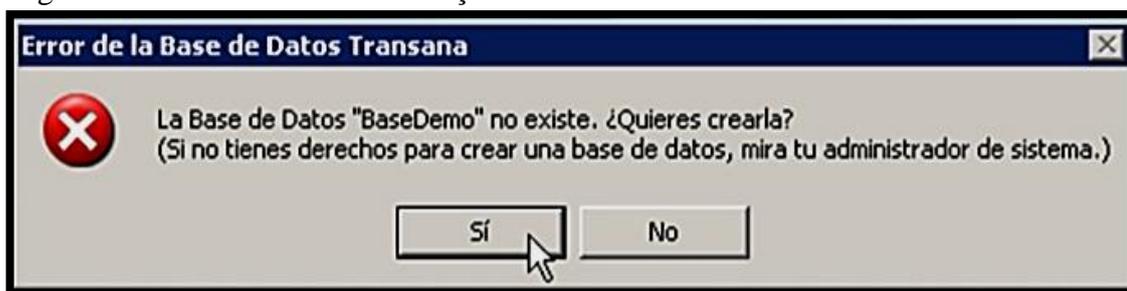
É necessário levar em consideração os seguintes aspectos no momento da nomeação da base de dados:

(i) não usar espaços vazios entre as palavras como “terminologia farinha”. Nesse caso, recomenda-se o uso de um traço para que o espaço não fique vazio como em “terminologia-farinha” ou “t-farinha”;

(ii) evitar o uso de acentos gráficos e caracteres especiais como “?”, “ç”, “[]” uma vez que o programa poderá apresentar problemas.

Após a nomeação da base de dados o *software* emitirá uma mensagem perguntando se se deseja criá-la. Nesse caso, é necessário confirmar clicando no botão “sí”, momento em que os recursos do programa serão ativados para alimentação dos dados linguísticos.

Figura 04 – Confirmando a nomeação da base de dados



Fonte: Elaborada pelo autor.

A mensagem de erro que aparece no topo da janela (*Error de la Base de Datos Transana*) ocorre simplesmente porque a base de dados ainda não está criada. Portanto, é um fator a não se considerado no momento em que a base de dados esteja sendo criada.

4.2.1.1 Principais janelas do programa

O ambiente virtual do *Transana* apresenta um menu (*Menu Transana*) e quatro janelas principais (*Audiovisual, Transcrição, Dados e Visualização*) que ajudam quem esteja transcrevendo os dados a operar todas as suas funcionalidades. O menu *transana* fica localizado no topo da janela de visualização e dá acesso à vários recursos como salvar e

imprimir arquivos transcritos, importar ou exportar uma base de dados, configurar e personalizar recursos, dentre outros.

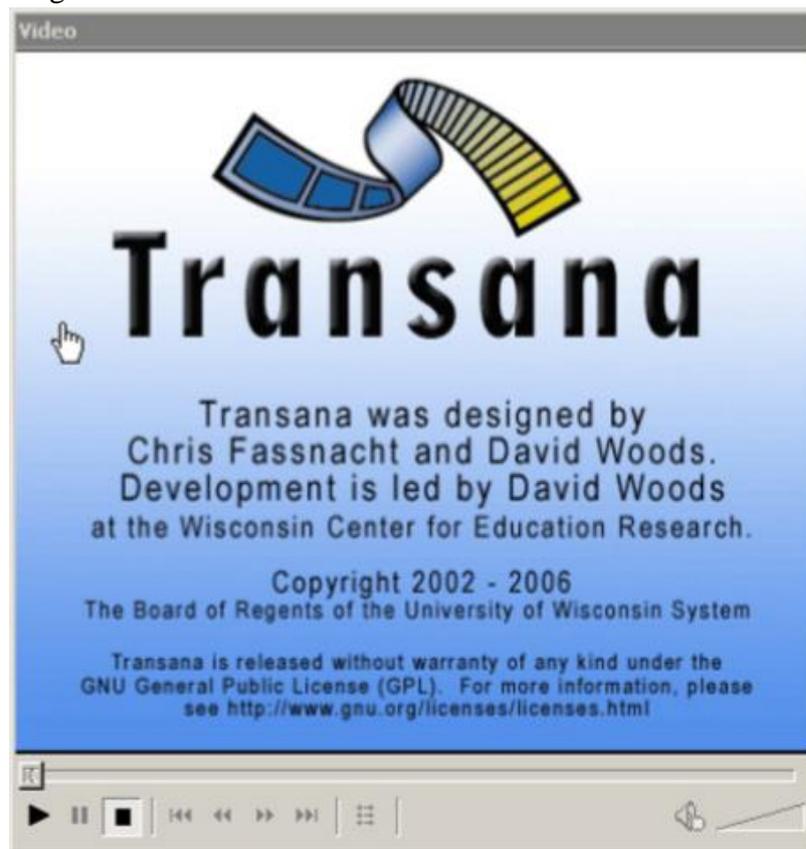
Figura 05 – Menus do Transana



Fonte: Elaborada pelo autor.

A janela audiovisual dá acesso aos arquivos de áudio ou vídeo carregado no banco de dados para descrição e análise, possibilitando a operação dos recursos de navegação e posicionamento como pausar, retroceder, adiantar etc.

Figura 06 – Janela audiovisual

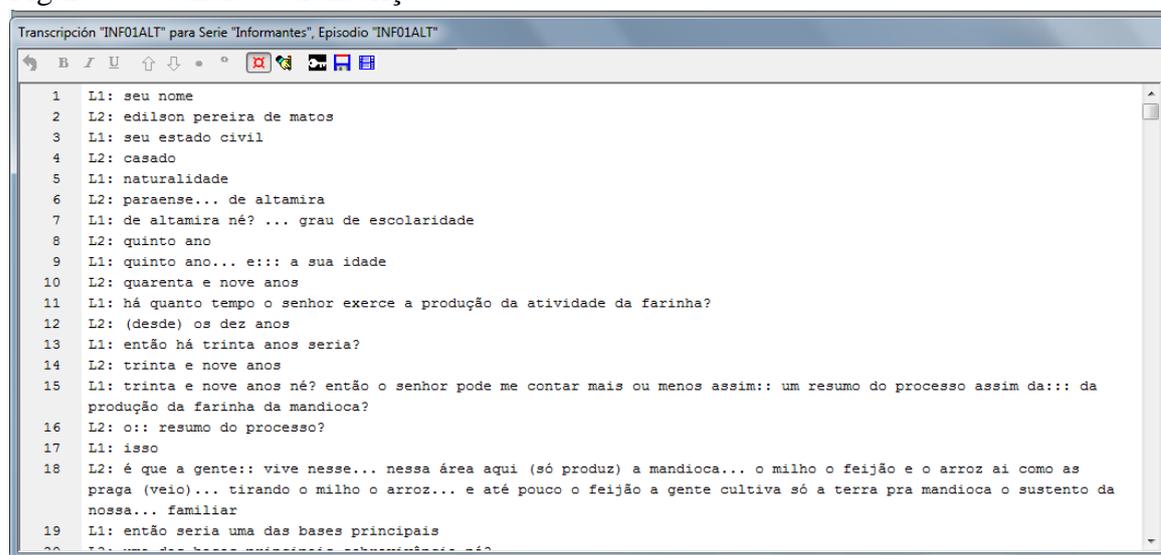


Fonte: Elaborada pelo autor.

A janela de transcrição pode ser considerada como um processador de texto que possui algumas funções especiais para marcar características do *corpus* que esteja sendo

transcrito. No caso de dados orais, ele possibilita a marcação das entonações ascendentes ou descendentes e das pausas. Obviamente que estes recursos podem ou não ser usados em detrimento de outra norma de transcrição de dados definida *à priori* pelo pesquisador.

Figura 07 – Janela de transcrição



Fonte: Elaborada pelo autor.

Outros recursos estão disponíveis no topo da janela de transcrição (cf. quadro seguinte) através de uma série de botões que possibilitam o manuseio das funções de digitação.

Quadro 06 – Botões e funções na janela de transcrição

| BOTÕES | TECLA DE ATALHO | FUNÇÕES |
|---|--------------------------|---|
|  | CTRL + Z | Desfazer as últimas operações realizadas na transcrição pelo digitador. |
|  | CTRL + B | Colocar os caracteres digitados em negrito. |
|  | CTRL + I | Colocar os caracteres digitados em itálico. |
|  | CTRL + U | Colocar os caracteres digitados sublinhados. |
|  | CTRL + cursor para cima | Indicar entonação ascendente. |
|  | CTRL + cursor para baixo | Indicar entonação descendente. |

continua

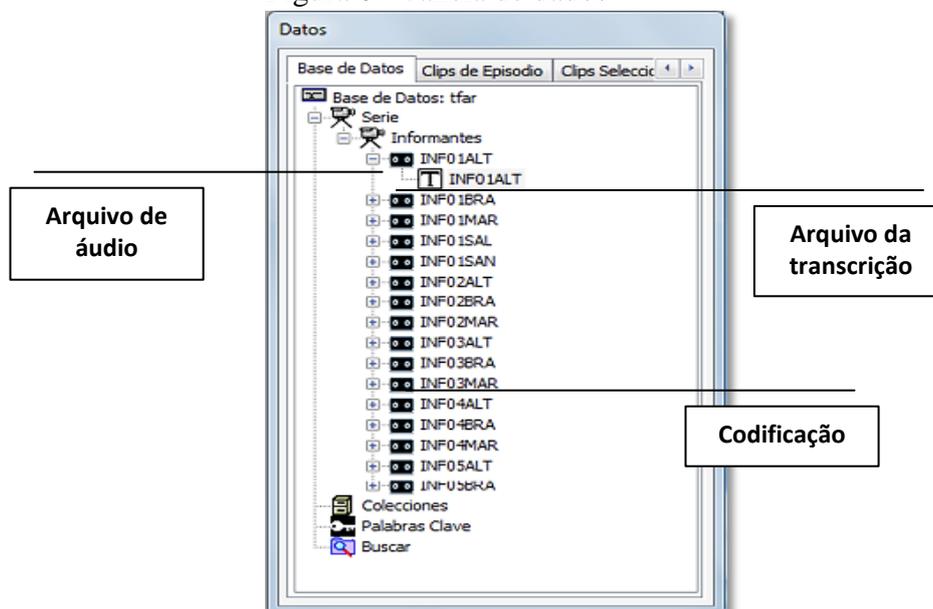
Quadro 06 – Botões e funções na janela de transcrição

| BOTÕES | TECLA DE ATALHO | FUNÇÕES |
|---|-----------------|---|
|  | CTRL + H | Assinalar na transcrição a presença de respiração audível da fala. |
|  | CTRL + O | Assinalar na transcrição a presença da fala sussurrada. |
|  | CTRL + T | Mostrar ou ocultar todos os <i>timecode</i> ⁵¹ gerados na transcrição dos dados. |
|  | CTRL + | Habilitar ou desabilitar as funções de edição do texto. |
|  | - | Editar as palavras-chave definidas a partir do <i>corpus</i> da pesquisa. |
|  | - | Salvar a transcrição a medida que esteja sendo transcrita. |
|  | - | Selecionar parte do texto do arquivo audiovisual que esteja sendo transcrito. |

Fonte: Elaborado pelo autor.

A janela de dados nos permite observar, como num diagrama arbóreo, os arquivos audiovisuais que são carregados no banco de dados com suas respectivas transcrições e a codificação criada de acordo com o projeto.

Figura 8 – Janela de dados



Fonte: Elaborada pelo autor.

⁵¹ Os *timecodes* são marcas (⌘) destacadas em alguma parte do texto que ajudam ao programa sincronizar a transcrição com o arquivo audiovisual que esteja sendo transcrito (MURUÁ *et al.*, 2006, p. 9, tradução nossa).

Após a realização de toda a transcrição do *corpus* da pesquisa, os arquivos foram transformados em formato TXT para serem processados no *software* de análise lexical *WordSmith Tools* para a seleção dos candidatos a termos e posterior análise em seus contextos de produção discursiva.

4.2.2 O *software* *WordSmith Tools* na extração dos candidatos a termos

O *software* *WordSmith Tools* é um programa computacional desenvolvido por Mike Scott e comercializado pela *Oxford University Press* destinado à descrição e análise linguística. Tem sido bastante usado em pesquisas de natureza lexicográfica e terminográfica para a elaboração de obras terminológicas como dicionários e glossários. De acordo com Fromm (2008, p. 9), embora haja outros programas computadorizados este é o mais indicado para o tratamento de grandes quantidades de dados coletados para a pesquisa linguística.

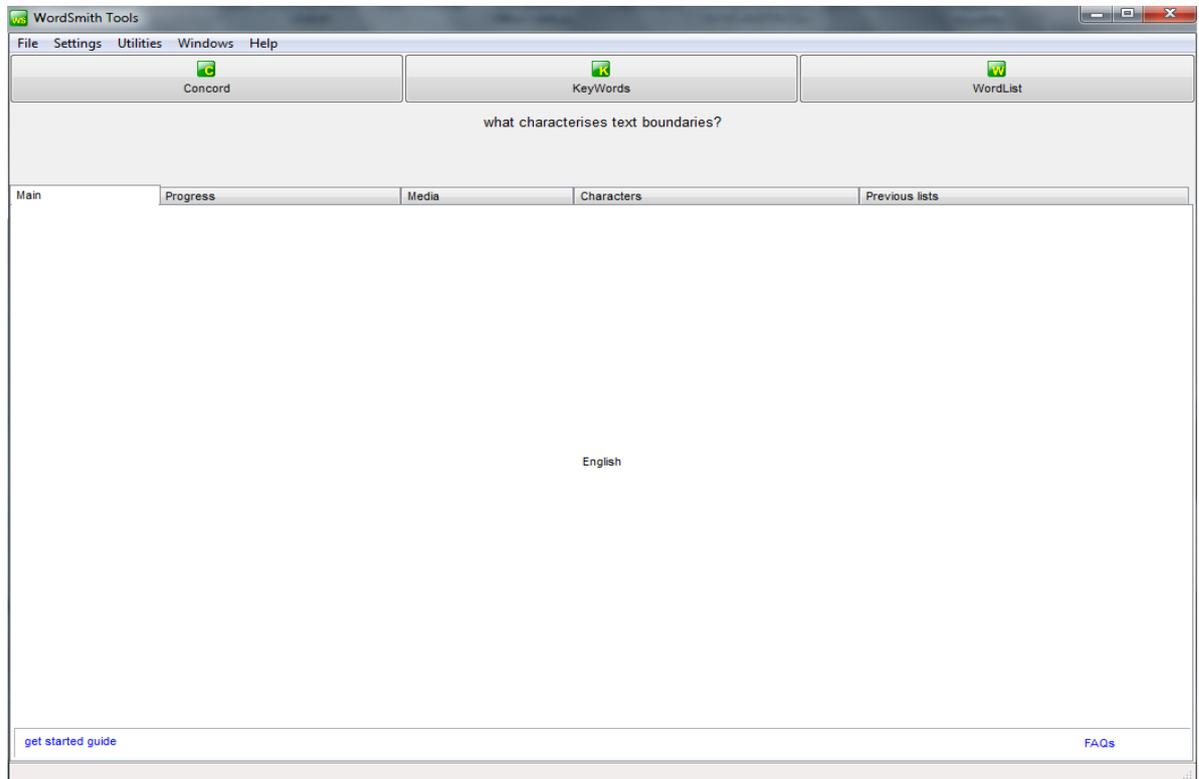
Atualmente, o *WordSmith Tools* está na sua quinta versão e oferece um pacote de ferramentas que permite ao pesquisador fazer análises baseadas em frequência e na coocorrências de palavras a partir da compilação e análise de *corpora* para a pesquisa. Conforme Sardinha (2004, p. 90), este *software* funciona com base nos três princípios abstratos seguintes:

- (i) ocorrência (os itens lexicais devem estar presentes);
- (ii) recorrência (os itens lexicais devem estar presentes pelo menos duas vezes, embora o programa considere a relevância de itens com apenas uma frequência);
- (iii) coocorrência (os itens lexicais devem estar na presença de outros termos, pois o contexto é essencial para a compreensão do sentido de um item lexical).

O *WordSmith Tools* disponibiliza um pacote de ferramentas e utilitários que possibilitam a extração automática dos termos a partir do *corpus* transcrito: *WordList* (*Listagem de Palavras*), *KeyWord* (*Palavras-chave*), *Concord* (*Concordanciador*), *Renamer*, *Text Convert*, *Splitter* e *Viewer*. No ambiente de entrada do programa são disponibilizadas essas ferramentas das quais utilizamos especificamente para o tratamento de dados a listagem

de palavras (*WordList*) e o concordanciador (*Concord*), conforme se pode observar na imagem seguinte do ambiente de entrada do programa:

Figura 09 – *WordSmith Tools*



Fonte: Elaborada pelo autor.

4.2.2.1 A ferramenta *WordList*

Conforme Sardinha (2004, p. 86) "O programa coloca à disposição do analista uma série de recursos que, bem usados, são extremamente úteis e poderosos na análise de vários aspectos da linguagem [...]". A função da ferramenta *WordList*, portanto, é produzir listas de palavras referentes ao *corpus* transcrito. Essas listagens podem ser ordenadas alfabeticamente, pela frequência dos termos e com estatísticas simples a respeito dos dados que poderão ajudar o pesquisador a entender de forma geral a constituição dos itens e riqueza lexical de um *corpus*. Assim, a *WordList* torna-se uma ferramenta importante para o pesquisador terminólogo no momento de operacionalizar a descrição da terminologia em estudo. Propicia um melhor controle dos dados em análise, fornecendo maior precisão na organização e tratamento de grandes quantidades de dados. As três próximas imagens ilustram respectivamente as listas de palavras processadas pelo programa no momento do tratamento

dos dados linguísticos: em ordem alfabética, em ordem de frequência e com estatísticas dos itens lexicais.

Figura 10 – *WordList* em ordem alfabética

| N | Word | Freq | % | Texts | %Lemma | Set |
|----|------------|--------|------|-------|--------|-----|
| 1 | # | 47,760 | 9.69 | 27 | 100.00 | |
| 2 | A | 19,453 | 3.95 | 27 | 100.00 | |
| 3 | Á | 8 | | 6 | 22.22 | |
| 4 | À | 5 | | 5 | 18.52 | |
| 5 | Ã | 1 | | 1 | 3.70 | |
| 6 | ABACABA | 1 | | 1 | 3.70 | |
| 7 | ABACATEIRO | 1 | | 1 | 3.70 | |
| 8 | ABACAXI | 4 | | 3 | 11.11 | |
| 9 | ABAFADA | 3 | | 3 | 11.11 | |
| 10 | ABAFADA | 1 | | 1 | 3.70 | |
| 11 | ABAFADO | 1 | | 1 | 3.70 | |
| 12 | ABAIXA | 1 | | 1 | 3.70 | |
| 13 | ABANAR | 1 | | 1 | 3.70 | |
| 14 | ABANCA | 1 | | 1 | 3.70 | |
| 15 | ABANCADO | 1 | | 1 | 3.70 | |
| 16 | ABANDONADA | 1 | | 1 | 3.70 | |
| 17 | ABANDONADO | 1 | | 1 | 3.70 | |
| 18 | ABATEÇÃO | 2 | | 1 | 3.70 | |
| 19 | ABEIRADA | 1 | | 1 | 3.70 | |
| 20 | ABEIRANDO | 4 | | 1 | 3.70 | |
| 21 | ABERANDO | 6 | | 5 | 18.52 | |
| 22 | ABERTA | 4 | | 3 | 11.11 | |
| 23 | ABERTO | 5 | | 4 | 14.81 | |
| 24 | ABÓBORA | 2 | | 2 | 7.41 | |
| 25 | ABRANGENTE | 2 | | 2 | 7.41 | |
| 26 | ABRANGER | 1 | | 1 | 3.70 | |
| 27 | ABRE | 9 | | 9 | 33.33 | |
| 28 | ABRIA | 1 | | 1 | 3.70 | |
| 29 | ABRIL | 2 | | 2 | 7.41 | |
| 30 | ABRINDO | 2 | | 2 | 7.41 | |
| 31 | ARRIR | 9 | | 8 | 29.63 | |

Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 11 – *WordList* em ordem de frequência

| N | Word | Freq | % | Texts | %Lemma | Set |
|----|-----------|--------|------|-------|--------|-----|
| 1 | # | 47,760 | 9.69 | 27 | 100.00 | |
| 2 | É | 25,335 | 5.14 | 27 | 100.00 | |
| 3 | A | 19,453 | 3.95 | 27 | 100.00 | |
| 4 | QUE | 17,287 | 3.51 | 27 | 100.00 | |
| 5 | O | 16,244 | 3.29 | 27 | 100.00 | |
| 6 | DE | 12,003 | 2.43 | 27 | 100.00 | |
| 7 | NO | 11,149 | 2.26 | 27 | 100.00 | |
| 8 | JÁ | 10,750 | 2.18 | 27 | 100.00 | |
| 9 | AQUI | 10,534 | 2.14 | 27 | 100.00 | |
| 10 | DA | 9,008 | 1.83 | 27 | 100.00 | |
| 11 | MUNICÍPIO | 8,835 | 1.79 | 27 | 100.00 | |
| 12 | MANDIOCA | 8,382 | 1.70 | 27 | 100.00 | |
| 13 | NÃO | 8,376 | 1.70 | 27 | 100.00 | |
| 14 | FALAR | 7,616 | 1.54 | 27 | 100.00 | |
| 15 | EM | 7,280 | 1.48 | 27 | 100.00 | |
| 16 | OUVIU | 7,270 | 1.47 | 27 | 100.00 | |
| 17 | VOCÊ | 7,071 | 1.43 | 27 | 100.00 | |
| 18 | E | 6,728 | 1.36 | 27 | 100.00 | |
| 19 | PRA | 6,166 | 1.25 | 27 | 100.00 | |
| 20 | TEM | 5,998 | 1.22 | 27 | 100.00 | |
| 21 | FARINHA | 5,595 | 1.13 | 27 | 100.00 | |
| 22 | COM | 5,445 | 1.10 | 27 | 100.00 | |
| 23 | NÉ | 5,247 | 1.06 | 25 | 92.59 | |
| 24 | OUTROS | 4,136 | 0.84 | 27 | 100.00 | |
| 25 | NOMES | 4,074 | 0.83 | 27 | 100.00 | |
| 26 | SE | 3,995 | 0.81 | 27 | 100.00 | |
| 27 | ELA | 3,826 | 0.78 | 27 | 100.00 | |
| 28 | GENTE | 3,525 | 0.71 | 27 | 100.00 | |
| 29 | MESMO | 3,484 | 0.71 | 27 | 100.00 | |
| 30 | MANIVA | 3,403 | 0.69 | 27 | 100.00 | |
| 31 | IIMA | 3,116 | 0.63 | 27 | 100.00 | |

Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 12 – *WordList* com estatística dos itens lexicais

| | Overall | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 |
|----------------------------------|-----------|--------------|--------------|--------------|--------------|---------------|--------------|--------------|--------------|--------------|---------------|--------------|
| text file | Overall | INF01ALT.txt | INF01BRA.txt | INF01MAR.txt | INF01SAL.txt | INF01SANT.txt | INF02ALI.txt | INF02BRA.txt | INF02MAR.txt | INF02SAL.txt | INF02SANT.txt | INF03ALT.txt |
| file size | 2,595,897 | 60,426 | 140,894 | 77,322 | 117,258 | 114,942 | 78,254 | 119,152 | 62,620 | 144,033 | 74,166 | 70,440 |
| tokens (running words) in text | 493,011 | 11,639 | 25,558 | 14,372 | 22,616 | 21,927 | 15,273 | 21,852 | 11,657 | 27,418 | 14,432 | 13,476 |
| tokens used for word list | 445,266 | 10,547 | 23,097 | 13,222 | 20,123 | 20,336 | 13,708 | 19,660 | 10,648 | 24,818 | 13,047 | 11,927 |
| sum of entries | | | | | | | | | | | | |
| types (distinct words) | 6,205 | 1,118 | 1,415 | 1,172 | 1,063 | 1,598 | 1,352 | 1,289 | 896 | 1,430 | 1,030 | 1,014 |
| type/token ratio (TTR) | 1.39 | 10.60 | 6.13 | 8.86 | 5.28 | 7.86 | 9.86 | 6.56 | 8.41 | 5.76 | 7.89 | 8.50 |
| standardised TTR | 19.11 | 23.40 | 19.68 | 22.14 | 14.91 | 22.15 | 23.25 | 19.37 | 18.71 | 18.31 | 18.41 | 19.57 |
| standardised TTR std.dev. | 79.66 | 68.84 | 74.40 | 69.38 | 77.49 | 70.96 | 69.53 | 73.29 | 72.35 | 76.07 | 72.32 | 71.77 |
| standardised TTR basis | 1,000 | 1,000 | 1,000 | 1,000 | 1,000 | 1,000 | 1,000 | 1,000 | 1,000 | 1,000 | 1,000 | 1,000 |
| mean word length (in characters) | 3.76 | 3.74 | 3.80 | 3.92 | 3.68 | 3.75 | 3.66 | 3.76 | 3.94 | 3.76 | 3.76 | 3.66 |
| word length std.dev. | 2.31 | 2.22 | 2.39 | 2.35 | 2.35 | 2.28 | 2.23 | 2.29 | 2.42 | 2.37 | 2.28 | 2.23 |
| sentences | 31,588 | 665 | 1,661 | 728 | 1,835 | 1,467 | 1,036 | 1,393 | 699 | 1,539 | 791 | 1,131 |
| mean (in words) | 14.10 | 15.86 | 13.91 | 18.16 | 10.97 | 13.86 | 13.23 | 14.11 | 15.23 | 16.13 | 16.49 | 10.55 |
| std.dev. | 12.83 | 13.31 | 12.29 | 16.07 | 7.27 | 23.49 | 10.57 | 11.76 | 11.19 | 11.92 | 12.08 | 7.48 |
| paragraphs | 971 | 11 | 1 | 67 | 20 | 119 | 26 | 37 | 12 | 7 | 16 | 38 |
| mean (in words) | 458.56 | 958.82 | 23,097.00 | 197.34 | 1,006.15 | 170.89 | 527.23 | 531.35 | 887.33 | 3,545.43 | 815.44 | 313.87 |
| std.dev. | 1,341.55 | 1,605.23 | | 180.50 | 1,957.58 | 283.33 | 502.33 | 1,345.19 | 833.04 | 3,994.37 | 1,845.16 | 299.09 |
| headings | | | | | | | | | | | | |
| mean (in words) | | | | | | | | | | | | |
| std.dev. | | | | | | | | | | | | |
| sections | 27 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 |
| mean (in words) | 16,491.33 | 10,547.00 | 23,097.00 | 13,222.00 | 20,123.00 | 20,336.00 | 13,708.00 | 19,660.00 | 10,648.00 | 24,818.00 | 13,047.00 | 11,927.00 |
| std.dev. | 4,164.91 | | | | | | | | | | | |
| numbers removed | 47,760 | 1,092 | 2,461 | 1,151 | 2,494 | 1,591 | 1,565 | 2,192 | 1,010 | 2,601 | 1,385 | 1,549 |
| stoplist tokens removed | | | | | | | | | | | | |
| stoplist types removed | | | | | | | | | | | | |
| 1-letter words | 67,859 | 1,618 | 3,755 | 1,586 | 3,603 | 2,693 | 2,317 | 2,914 | 1,619 | 4,073 | 1,801 | 2,066 |
| 2-letter words | 131,767 | 2,852 | 6,340 | 3,921 | 6,221 | 5,930 | 3,855 | 6,268 | 3,185 | 7,244 | 3,972 | 3,546 |
| 3-letter words | 71,229 | 1,917 | 4,381 | 1,862 | 3,234 | 3,724 | 2,508 | 2,434 | 955 | 4,215 | 2,170 | 1,926 |

Fonte: Elaborada pelo autor.

A *WordList* com estatísticas simples permite ao pesquisador uma série de informações que dizem respeito à constituição dos itens do *corpus* compilado. Através dela podemos saber, por exemplo, o tamanho do arquivo (*file size*), o número de itens lexicais presentes (*tokens*), o número de itens lexicais não repetidos (*types*) e a riqueza lexical presente no *corpus* (*types/tokens/ratio*). É importante considerar que o conjunto de ferramentas do programa deve ser bem executado pelo pesquisador. Este deve conhecer bem os recursos disponíveis para o melhor aproveitamento na descrição dos dados linguísticos de sua pesquisa.

4.2.2.2 A Ferramenta Concord

Analisar os itens lexicais da *WordList* no contexto de uso é uma tarefa importante para a descrição da terminologia que se esteja investigando a partir de *corpora* constituídos para a pesquisa. Para isso, o *WordSmith Tools* disponibiliza a ferramenta chamada *Concord*, que realiza o levantamento da listagem de uma palavra específica (chamada nóculo) no contexto de ocorrência discursiva. Para Sardinha (2004, p. 105), “essa ferramenta produz concordâncias ou listagens das ocorrências de um item específico [...] acompanhado do texto ao seu redor (o contexto)”. Para o trabalho terminográfico é importante, no processo de

definição dos termos, compreendermos como essas ocorrências terminológicas se comportam no contexto discursivo.

Figura 13 – Ferramenta *Concord*

| N | Concordance | Set | Tag | Word # | Sen | Sen% | Para | Para% | lead | lead% | Sec | Sec% | File | % |
|----|---|--------|--------|--------|------|---------------|------|-------|------|-------|-----|------|------|---|
| 1 | falar aqui no município em copa da maniva? L2: copa da maniva? não. L1: | 6,892 | 58220% | 170% | 042% | INF06SANT.txt | 42% | | | | | | | |
| 2 | é chamado aqui no município? cortar a maniva, tem outro nome que se dá? L2: | 6,386 | 53140% | 154% | 039% | INF06SANT.txt | 38% | | | | | | | |
| 3 | . L1: de quais outros nomes, cortar a maniva chanfrado é chamado aqui no | 6,377 | 53050% | 153% | 039% | INF06SANT.txt | 38% | | | | | | | |
| 4 | falar aqui no município em corpo da maniva? L2: também não. L1: você já | 6,924 | 58730% | 171% | 042% | INF06SANT.txt | 42% | | | | | | | |
| 5 | falar aqui no município em copinha da maniva? L2: também não. L1: você já | 6,909 | 58530% | 171% | 042% | INF06SANT.txt | 42% | | | | | | | |
| 6 | em copa da maniva? L2: copa da maniva? não. L1: você já ouviu falar aqui | 6,896 | 58330% | 171% | 042% | INF06SANT.txt | 42% | | | | | | | |
| 7 | . L1: de quais outros nomes, caule da maniva é chamado aqui no município? | 6,074 | 50854% | 159% | 037% | INF06SANT.txt | 37% | | | | | | | |
| 8 | o que é caule da maniva? L3: caule da maniva é a batata da mandioca L2: é a | 6,048 | 50633% | 159% | 037% | INF06SANT.txt | 36% | | | | | | | |
| 9 | cultivo da mandioca? o que é caule da maniva? L3: caule da maniva é a batata | 6,044 | 50530% | 159% | 037% | INF06SANT.txt | 36% | | | | | | | |
| 10 | é? uma ponta rebitada L1: cortar a maniva chanfrado se parece com quê? | 6,345 | 52752% | 153% | 039% | INF06SANT.txt | 38% | | | | | | | |
| 11 | chanfrado? L2: já. L1: o que é cortar a maniva chanfrado e o que tem a ver | 6,297 | 52440% | 152% | 038% | INF06SANT.txt | 38% | | | | | | | |
| 12 | falar aqui no município em cortar a maniva chanfrado? L2: já. L1: o que é | 6,287 | 52234% | 152% | 038% | INF06SANT.txt | 38% | | | | | | | |
| 13 | tira um monte de ... um monte né? de maniva e fecha ela né? amarra né? pra | 9,738 | 84113% | 259% | 059% | INF06SANT.txt | 59% | | | | | | | |
| 14 | da mandioca? L1: o que é o feixe da maniva e o que tem a ver com o cultivo | 9,714 | 83945% | 256% | 059% | INF06SANT.txt | 59% | | | | | | | |
| 15 | de maniva? L2: já. L1: o que é o feixe da maniva e o que tem a ver com o cultivo | 9,695 | 83850% | 254% | 059% | INF06SANT.txt | 59% | | | | | | | |
| 16 | falar aqui no município em racha da maniva ou axa da maniva? L2: também | 10,266 | 89476% | 3 8% | 053% | INF06SANT.txt | 62% | | | | | | | |
| 17 | L1: de quais outros nomes, feixe de maniva é chamado aqui no município? | 9,778 | 84474% | 273% | 050% | INF06SANT.txt | 59% | | | | | | | |
| 18 | pra outro, pra plantar L1: feixe de maniva se parece com quê? L3: com | 9,761 | 84332% | 271% | 050% | INF06SANT.txt | 59% | | | | | | | |
| 19 | L2: é cavar o buraco e colocar ela lá, a maniva deitada né? L1: colocar a | 7,563 | 64436% | 130% | 046% | INF06SANT.txt | 46% | | | | | | | |
| 20 | deitada? L2: já. L1: o que é colocar a maniva na cova deitada? L2: é cavar o | 7,549 | 64377% | 129% | 046% | INF06SANT.txt | 45% | | | | | | | |
| 21 | falar aqui no município em colocar a maniva na cova deitada? L2: já. L1: o | 7,537 | 64233% | 129% | 046% | INF06SANT.txt | 45% | | | | | | | |
| 22 | falar aqui no município em feixe de maniva? L2: já. L1: o que é o feixe da | 9,685 | 83730% | 253% | 059% | INF06SANT.txt | 59% | | | | | | | |
| 23 | falar aqui no município em cortar a maniva enviesado? L2: () L1: o que é | 8,258 | 70433% | 139% | 050% | INF06SANT.txt | 50% | | | | | | | |
| 24 | lá, a maniva deitada né? L1: colocar a maniva na cova deitada se parece com | 7,569 | 64542% | 130% | 046% | INF06SANT.txt | 46% | | | | | | | |
| 25 | né L3: [a mandioca L1: a árvore da maniva se parece com quê? L2: é igual | 2,671 | 20576% | 113% | 016% | INF06SANT.txt | 16% | | | | | | | |
| 26 | , da:./ como é? L2: da maniva L3: da maniva é que dá ... L2: A MANDIOCA | 2,656 | 20470% | 113% | 016% | INF06SANT.txt | 16% | | | | | | | |
| 27 | da mandioca, da:./ como é? L2: da maniva L3: da maniva é que dá ... L2: A | 2,653 | 20440% | 113% | 016% | INF06SANT.txt | 16% | | | | | | | |
| 28 | falar aqui no município em plantar a maniva atravessado? plantar a maniva | 2,828 | 21936% | 115% | 017% | INF06SANT.txt | 17% | | | | | | | |
| 29 | o cultivo da mandioca? L2: arrancar a maniva né? com a mandioca L1: o | 2,744 | 21233% | 114% | 017% | INF06SANT.txt | 16% | | | | | | | |
| 30 | L1: de quais outros nomes, árvore da maniva é chamada aqui no município? | 2,693 | 20679% | 113% | 016% | INF06SANT.txt | 16% | | | | | | | |
| 31 | L1: e assim elas são boas pra plantar maniva ou não? L2: não, não, não. L1: | 2,426 | 17833% | 110% | 015% | INF06SANT.txt | 15% | | | | | | | |
| 32 | o roçado onde se planta a mandioca, a maniva () L1: o que é área da | 2,112 | 14959% | 1 5% | 013% | INF06SANT.txt | 13% | | | | | | | |
| 33 | fazer o plantio, aí depois vai tirar as maniva, aí vai plantar, ... cavar pra fazer | 221 | 1914% | 013% | 0 1% | INF06SANT.txt | 2% | | | | | | | |
| 34 | né? ((risos)) L1: o que é árvore da maniva e o que tem a ver com o cultivo | 2,624 | 20145% | 112% | 016% | INF06SANT.txt | 16% | | | | | | | |
| 35 | em árvore da maniva? árvore da maniva L2: tem, a árvore que a gente | 2,603 | 20024% | 112% | 016% | INF06SANT.txt | 16% | | | | | | | |
| 36 | falar aqui no município em árvore da maniva? árvore da maniva L2: tem, a | 2,600 | 19930% | 112% | 016% | INF06SANT.txt | 16% | | | | | | | |
| 37 | falar aqui no município em bolha da maniva? L2: bolha da maniva? não. L1: | 4,114 | 33230% | 133% | 025% | INF06SANT.txt | 25% | | | | | | | |
| 38 | em bico da maniva? L2: bico da maniva? não! L1: você já ouviu falar aqui | 3,961 | 32230% | 131% | 024% | INF06SANT.txt | 24% | | | | | | | |
| 39 | ouviu falar aqui no município em bico da maniva? L2: bico da maniva? não! L1: | 3,957 | 32100% | 131% | 024% | INF06SANT.txt | 24% | | | | | | | |
| 40 | aquela madeira L1: o que é caule da maniva e o que tem a ver com o cultivo | 6,027 | 50448% | 159% | 037% | INF06SANT.txt | 36% | | | | | | | |
| 41 | falar aqui no município em caule da maniva? talo. L2: é a madeira né? | 6,012 | 50110% | 159% | 037% | INF06SANT.txt | 36% | | | | | | | |

Fonte: Elaborada pelo autor.

Na descrição e análise terminológica deve-se considerar também a possível existência de itens lexicais complexos (chamados de sintagmas terminológicos), nem sempre fáceis de definir. Nesse caso, a ferramenta *Concord* coloca a disposição uma lista de colocados (*collocates*⁵²), ou seja, unidades que ocorrem em torno do nóculo (unidade lexical principal). De acordo com a posição do item lexical de busca na listagem pode-se ter vários tipos de concordância possíveis, porém a mais comum é *Key Word in Context* (KWIC) em que o nóculo ou unidade específica de busca aparece centralizada e ladeada por outras unidades do texto de origem. Na imagem seguinte, extraída do *corpus* compilado em nossa pesquisa, podemos observar que o nóculo de busca é a unidade terminológica “maniva” com

⁵²Para Berber-Sardinha (2004, p. 40), *collocates* é a “associação entre itens lexicais, ou entre o léxico e campos semânticos”

ocorrência de 3.383 no *corpus*. O programa marca na cor vermelha o nóculo e todas as outras unidades à esquerda (L1 a L5) e à direita (R1 a R5) possíveis de formarem um termo complexo. Isso é possível porque o programa trabalha com os três princípios básicos abstratos que nos reportamos inicialmente: ocorrência, recorrência e coocorrência. Assim, a partir do nóculo “maniva” (linha 1) uma ocorrência possível de formação de um termo complexo é a palavra “pau” (linha 22) à esquerda (coluna L2) ocorrendo 201 vezes, sugerindo o termo “pau da maniva” ou “árvore” (linha 36) à esquerda (coluna L2) ocorrendo 145 vezes, sugerindo o termo “árvore da maniva”. Observa-se que a preposição “da” encontra-se prevista na coluna L1 do nóculo.

Figura 14 – *Collocates (lista de colocados)*

| N | Word | With | Relation | Texts | Total | Left | Right | L5 | L4 | L3 | L2 | L1 | Centre | R1 | R2 | R3 | R4 | R5 |
|----|-----------|--------|----------|-------|-------|-------|-------|-----|-----|-----|-----|-------|--------|-----|-----|-----|-----|-----|
| 1 | MANIVA | maniva | 0.000 | 27 | 3,765 | 191 | 191 | 65 | 76 | 37 | 11 | 2 | 3,383 | 2 | 11 | 37 | 76 | 65 |
| 2 | DA | maniva | 0.000 | 27 | 2,292 | 2,132 | 160 | 51 | 36 | 31 | 32 | 1,982 | 0 | 8 | 19 | 56 | 53 | 24 |
| 3 | A | maniva | 0.000 | 27 | 1,813 | 1,243 | 570 | 104 | 107 | 175 | 31 | 826 | 0 | 71 | 140 | 108 | 74 | 177 |
| 4 | É | maniva | 0.000 | 27 | 1,480 | 686 | 794 | 103 | 249 | 235 | 73 | 26 | 0 | 443 | 123 | 65 | 87 | 76 |
| 5 | O | maniva | 0.000 | 27 | 1,239 | 711 | 528 | 186 | 42 | 476 | 6 | 1 | 0 | 31 | 204 | 81 | 150 | 62 |
| 6 | L1 | maniva | 0.000 | 27 | 1,044 | 418 | 626 | 83 | 158 | 143 | 27 | 7 | 0 | 343 | 104 | 53 | 55 | 71 |
| 7 | QUE | maniva | 0.000 | 27 | 1,044 | 450 | 594 | 150 | 206 | 63 | 31 | 0 | 0 | 127 | 47 | 169 | 120 | 131 |
| 8 | NO | maniva | 0.000 | 25 | 786 | 525 | 261 | 464 | 12 | 47 | 2 | 0 | 0 | 6 | 15 | 13 | 200 | 27 |
| 9 | MUNICÍPIO | maniva | 0.000 | 24 | 684 | 480 | 204 | 6 | 451 | 2 | 21 | 0 | 0 | 0 | 0 | 9 | 6 | 189 |
| 10 | L2 | maniva | 0.000 | 27 | 676 | 594 | 82 | 134 | 186 | 199 | 47 | 28 | 0 | 43 | 8 | 11 | 13 | 7 |
| 11 | EM | maniva | 0.000 | 27 | 584 | 563 | 21 | 9 | 10 | 520 | 0 | 24 | 0 | 4 | 4 | 1 | 7 | 5 |
| 12 | DE | maniva | 0.000 | 27 | 494 | 342 | 152 | 38 | 30 | 56 | 6 | 212 | 0 | 13 | 39 | 42 | 28 | 30 |
| 13 | E | maniva | 0.000 | 27 | 438 | 135 | 303 | 12 | 37 | 68 | 14 | 4 | 0 | 181 | 47 | 24 | 31 | 20 |
| 14 | PRA | maniva | 0.000 | 25 | 364 | 225 | 139 | 28 | 55 | 90 | 30 | 22 | 0 | 60 | 16 | 16 | 21 | 26 |
| 15 | AQUI | maniva | 0.000 | 26 | 321 | 52 | 269 | 13 | 30 | 6 | 3 | 0 | 0 | 18 | 6 | 203 | 25 | 17 |
| 16 | OUTROS | maniva | 0.000 | 26 | 313 | 250 | 63 | 56 | 174 | 8 | 12 | 0 | 0 | 1 | 1 | 5 | 32 | 24 |
| 17 | SE | maniva | 0.000 | 20 | 301 | 44 | 257 | 19 | 8 | 15 | 2 | 0 | 0 | 150 | 26 | 27 | 27 | 27 |
| 18 | NOMES | maniva | 0.000 | 27 | 297 | 259 | 38 | 11 | 56 | 172 | 10 | 10 | 0 | 0 | 0 | 1 | 5 | 32 |
| 19 | TEM | maniva | 0.000 | 25 | 295 | 64 | 231 | 11 | 29 | 5 | 10 | 9 | 0 | 16 | 32 | 23 | 126 | 34 |
| 20 | GENTE | maniva | 0.000 | 24 | 265 | 135 | 130 | 37 | 42 | 51 | 5 | 0 | 0 | 0 | 25 | 53 | 32 | 20 |
| 21 | JÁ | maniva | 0.000 | 27 | 261 | 33 | 228 | 12 | 10 | 9 | 2 | 0 | 0 | 36 | 23 | 104 | 40 | 25 |
| 22 | PAU | maniva | 0.000 | 27 | 251 | 214 | 37 | 7 | 2 | 4 | 201 | 0 | 0 | 2 | 14 | 11 | 7 | 3 |
| 23 | QUAIS | maniva | 0.000 | 22 | 232 | 184 | 48 | 170 | 4 | 10 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 26 | 17 | 4 |
| 24 | NÉ | maniva | 0.000 | 23 | 225 | 12 | 213 | 3 | 3 | 2 | 4 | 0 | 0 | 135 | 14 | 20 | 18 | 26 |
| 25 | NÃO | maniva | 0.000 | 27 | 210 | 97 | 113 | 39 | 20 | 22 | 15 | 1 | 0 | 44 | 17 | 19 | 21 | 12 |
| 26 | COM | maniva | 0.000 | 19 | 205 | 20 | 185 | 2 | 8 | 2 | 8 | 0 | 0 | 4 | 1 | 142 | 20 | 18 |
| 27 | ELA | maniva | 0.000 | 25 | 205 | 60 | 145 | 18 | 15 | 23 | 4 | 0 | 0 | 33 | 30 | 34 | 26 | 22 |
| 28 | PLANTAR | maniva | 0.000 | 24 | 201 | 168 | 33 | 10 | 11 | 9 | 103 | 35 | 0 | 0 | 16 | 7 | 6 | 4 |
| 29 | PARECE | maniva | 0.000 | 11 | 199 | 1 | 198 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 137 | 20 | 16 | 25 |
| 30 | OUVIU | maniva | 0.000 | 25 | 198 | 50 | 148 | 47 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 3 | 21 | 86 | 38 | |
| 31 | FALAR | maniva | 0.000 | 27 | 192 | 79 | 113 | 26 | 49 | 2 | 2 | 0 | 0 | 1 | 0 | 4 | 22 | 86 |
| 32 | NA | maniva | 0.000 | 26 | 192 | 66 | 126 | 15 | 6 | 10 | 2 | 33 | 0 | 76 | 21 | 9 | 7 | 13 |
| 33 | MANDIOCA | maniva | 0.000 | 27 | 192 | 88 | 104 | 20 | 25 | 19 | 21 | 3 | 0 | 2 | 24 | 19 | 33 | 26 |
| 34 | VOCÊ | maniva | 0.000 | 23 | 185 | 32 | 153 | 12 | 6 | 14 | 0 | 0 | 0 | 26 | 54 | 44 | 15 | 14 |
| 35 | PÉ | maniva | 0.000 | 26 | 183 | 146 | 37 | 3 | 5 | 6 | 132 | 0 | 0 | 1 | 7 | 17 | 8 | 4 |
| 36 | ÁRVORE | maniva | 0.000 | 27 | 183 | 160 | 23 | 6 | 5 | 4 | 145 | 0 | 0 | 0 | 8 | 3 | 6 | 6 |
| 37 | CHAMADO | maniva | 0.000 | 22 | 182 | 13 | 169 | 3 | 8 | 1 | 0 | 1 | 0 | 4 | 136 | 21 | 1 | 7 |
| 38 | MESMO | maniva | 0.000 | 22 | 166 | 72 | 94 | 11 | 10 | 26 | 24 | 1 | 0 | 63 | 2 | 12 | 11 | 6 |
| 39 | OLHO | maniva | 0.000 | 27 | 163 | 135 | 28 | 6 | 2 | 3 | 124 | 0 | 0 | 3 | 5 | 9 | 2 | 9 |
| 40 | NÓ | maniva | 0.000 | 27 | 140 | 124 | 16 | 7 | 2 | 3 | 112 | 0 | 0 | 0 | 1 | 9 | 3 | 3 |
| 41 | QUANDO | maniva | 0.000 | 20 | 138 | 68 | 70 | 30 | 12 | 7 | 19 | 0 | 0 | 19 | 23 | 6 | 11 | 11 |
| 42 | LEITE | maniva | 0.000 | 26 | 136 | 124 | 12 | 3 | 0 | 6 | 114 | 1 | 0 | 0 | 1 | 5 | 6 | 0 |
| 43 | TRONCO | maniva | 0.000 | 26 | 126 | 111 | 15 | 7 | 1 | 2 | 101 | 0 | 0 | 2 | 5 | 3 | 4 | 1 |

Fonte: Elaborada pelo autor.

Embora o software ofereça diversos recursos, em nosso estudo priorizamos, pela própria natureza e objetivo da pesquisa, a utilização das ferramentas *Worlist* e *Concord*. Procuramos descrever as unidades lexicais que fazem parte do glossário a partir das rodadas e comparações evidenciadas no *corpus* compilado, que chegou a reunir 493.011 unidades a partir das entrevistas realizadas, totalizando 50h 22m 37s de gravação. Chegamos à conclusão

de que esse *software* pode operar como instrumento essencial de auxílio ao pesquisador na descrição e análise de dados terminológicos para o trabalho que constitui *corpus* com qualquer extensão. Para Sardinha (2004, p. 26) um *corpus* constituído de 493.011 unidades lexicais, como o “t-farinha” de nossa pesquisa, pode ser classificado como médio a partir do ponto de vista histórico.

4.2.3 Preenchimento da ficha terminológica

O preenchimento da ficha terminológica é uma necessidade para que o pesquisador terminólogo não se perca na tarefa de organização das informações referentes aos termos selecionados. De acordo com Faulstich (1995b), esta ficha funciona como uma “certidão de nascimento” uma vez que nela deverá se registrar todos os dados importantes que ajudem na organização do verbete da obra terminológica a se elaborar. Krieger e Finatto (2004, p. 136) definem ficha terminológica como “um registro completo e organizado de informações referentes a um dado termo”. Para Pontes (1996, p. 47), a ficha terminológica além de consistir em “um conjunto de informações sobre os termos próprios de um determinado domínio” apresenta uma série de componentes necessários de natureza documental, terminológica e linguística. Dessa forma, este autor afirma que uma ficha terminológica deve conter os seguintes itens a serem considerados na identificação dos termos:

(i) de natureza documental: domínio(s), fonte(s), nome do autor da ficha dentre outros;

(ii) de natureza terminológica: termo-entrada, nome científico, definição, contexto dentre outros;

(iii) de natureza linguística: categoria gramatical, variantes, termos remissivos, equivalentes, normalização dentre outros.

Esses componentes, no entanto, devem ser adaptados de acordo com o objetivo da obra que se pretende produzir. Por isso afirmam Krieger e Finatto (2004, 136, p. 136) que “cada trabalho, em suas especificidades, pode exigir um tipo distinto de ficha terminológica que, em linhas gerais, alimentará tipos diferentes de verbetes e dicionários”. Conforme Pontes

(1996, p. 12), a ficha terminológica serve para facilitar qualquer mudança exigida durante a pesquisa, para adicionar informações que vão surgindo, para acumular elementos no momento da montagem do glossário, para servir de *input* para o registro dos dados em bases informatizadas dentre outros. Considerando as características de uma ficha terminológica, os componentes que ela deve conter e os objetivos previstos na proposta de execução do projeto, adotamos um modelo de ficha terminológica que se configura a partir da base de dados eletrônica do *software Lexique Pro* e que apresenta os 14 (quatorze) campos a seguir:

Quadro 07 – Ficha Terminológica

| | | | |
|----|-----------|-------------------------------------|---|
| 1 | - | NÚMERO | número de identificação dos termos em ordem sequencial. |
| 2 | <i>lx</i> | ENTRADA | o termo-entrada se apresenta sob forma lematizada (forma nominal no masculino ou feminino singular e verbo no infinitivo). |
| 3 | <i>ps</i> | CATEGORIA GRAMATICAL/ GÊNERO | indicação morfológica mínima do termo em seu contexto de uso. |
| 4 | <i>va</i> | VARIANTE | indicação das variantes terminológicas pela expressão “variante”. |
| 5 | <i>sd</i> | ÁREA | refere-se aos campos conceituais previstos na árvore de domínio. |
| 6 | <i>dn</i> | DEFINIÇÃO | indica os traços necessários à identificação do conceito de acordo com os aspectos socioculturais que o contextualizam. |
| 7 | <i>xv</i> | CONTEXTO | o contexto de ocorrência ilustra o uso real do termo no discurso especializado. |
| 8 | <i>cf</i> | REMISSIVAS | prevê a relação hierárquica entre os termos: hiperônimo e hipônimo. |
| 9 | <i>pc</i> | IMAGEM | prevê o uso de imagens como fotografias que passam a ilustrar o glossário corroborando para o entendimento da definição. |
| 10 | <i>sf</i> | ÁUDIO | possibilita o uso dos sons da fala do informante do termo emitido. |
| 11 | <i>ff</i> | VÍDEO | prevê o uso de parte do material filmado no campo para ilustrar ações que ajudem na compreensão do termo. |
| 12 | <i>ff</i> | CARTOGRAMA | permite anexar o cartograma em formato PDF. |
| 13 | <i>nt</i> | NOTA | traz informações que ajudam a esclarecer as definições e os contextos e também particularidades funcionais e históricas das definições dos termos técnicos. |
| 14 | <i>dt</i> | DATA | Indica a data do preenchimento da ficha. |

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

Os códigos expostos na segunda coluna do quadro acima são referentes a cada campo que compõe a estrutura do glossário eletrônico na plataforma do *software Lexique Pro*. Por isso, além dos dados linguísticos é possível a inserção de outros elementos semióticos como imagens, áudios, vídeos e documentos em anexo. Todos esses elementos foram usados no glossário que compõe a terminologia da atividade de produção da farinha de mandioca que elaboramos e serão mais bem detalhados na seção posterior que trata sobre o uso do programa para a elaboração do glossário eletrônico.

4.3 Procedimentos para elaboração do glossário eletrônico

Para os procedimentos de elaboração do glossário eletrônico utilizou-se o *software Lexique Pro*, além de um conjunto de critérios que orientam a organização da macroestrutura e da microestrutura do glossário.

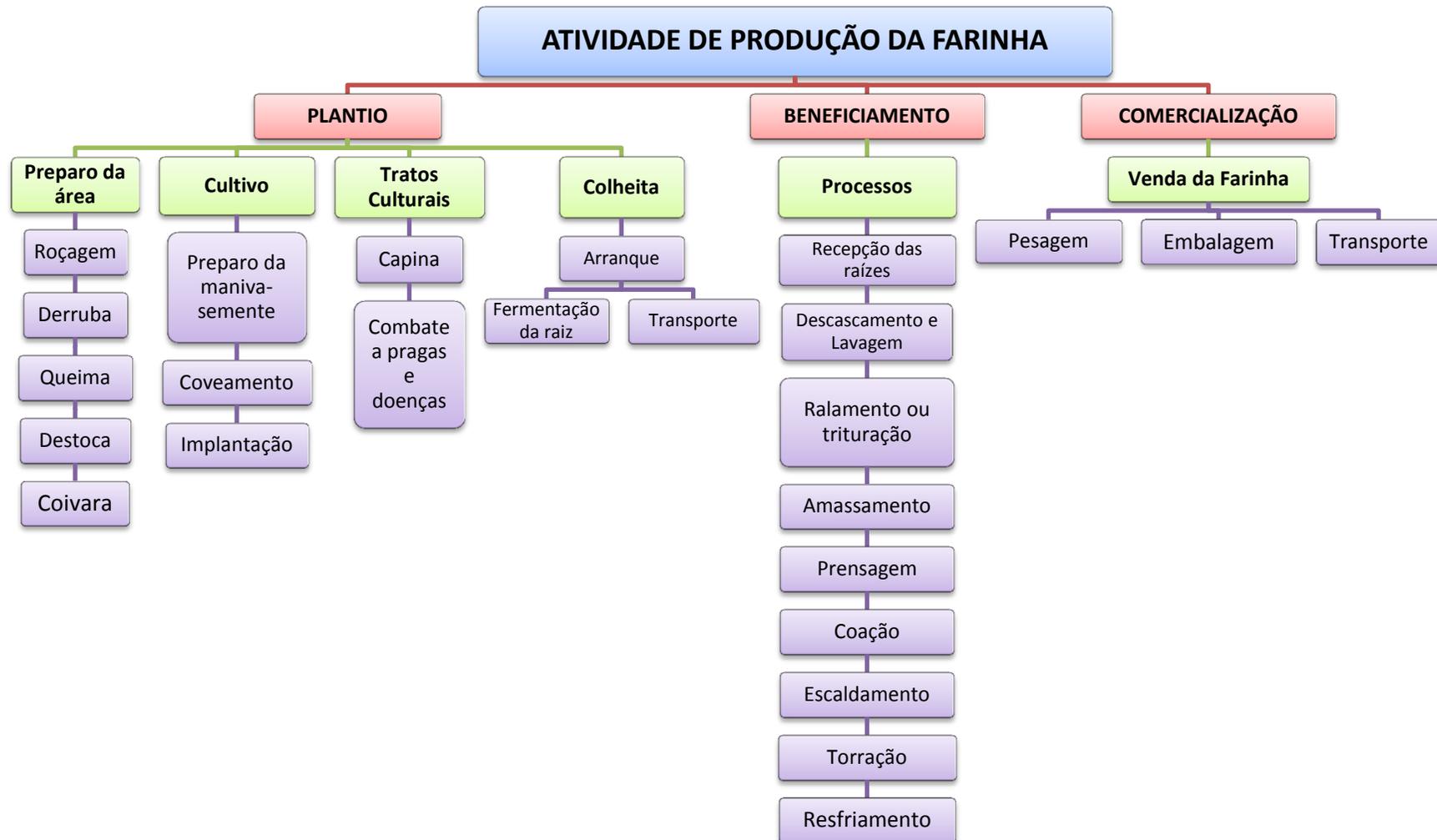
4.3.1 Identificação do público-alvo

Conhecer o perfil do usuário é de suma importância para que um repertório terminológico se torne um instrumento de consulta útil e, ainda, seja fonte de informação lexical e semântica de áreas específicas do conhecimento. Espera-se, então, como público alvo desse trabalho técnicos de instituições e órgãos que realizam atividades de extensão e orientação à agricultores no desenvolvimento do cultivo agrícola da mandioca para a produção de farinha na Amazônia paraense.

4.3.2 Definição da árvore de domínio

A criação de um esquema que estabeleça a hierarquia dos termos de acordo com seus respectivos campos conceituais é de fundamental importância para o trabalho terminológico. Esse esquema constitui procedimento essencial para a identificação, delimitação e segmentação dos termos que irão compor o produto terminológico que se pretende elaborar. O objetivo da elaboração desse esquema é evidenciar os campos conceituais da área em estudo e esclarecer os vínculos hiperonímicos e hiponímicos das unidades terminológicas descritas. Dessa forma apresentamos a seguinte árvore de domínio que estabelece a hierarquia dos termos no glossário:

Organograma 2 – Árvore de domínio da atividade de produção da farinha de mandioca na Amazônia paraense

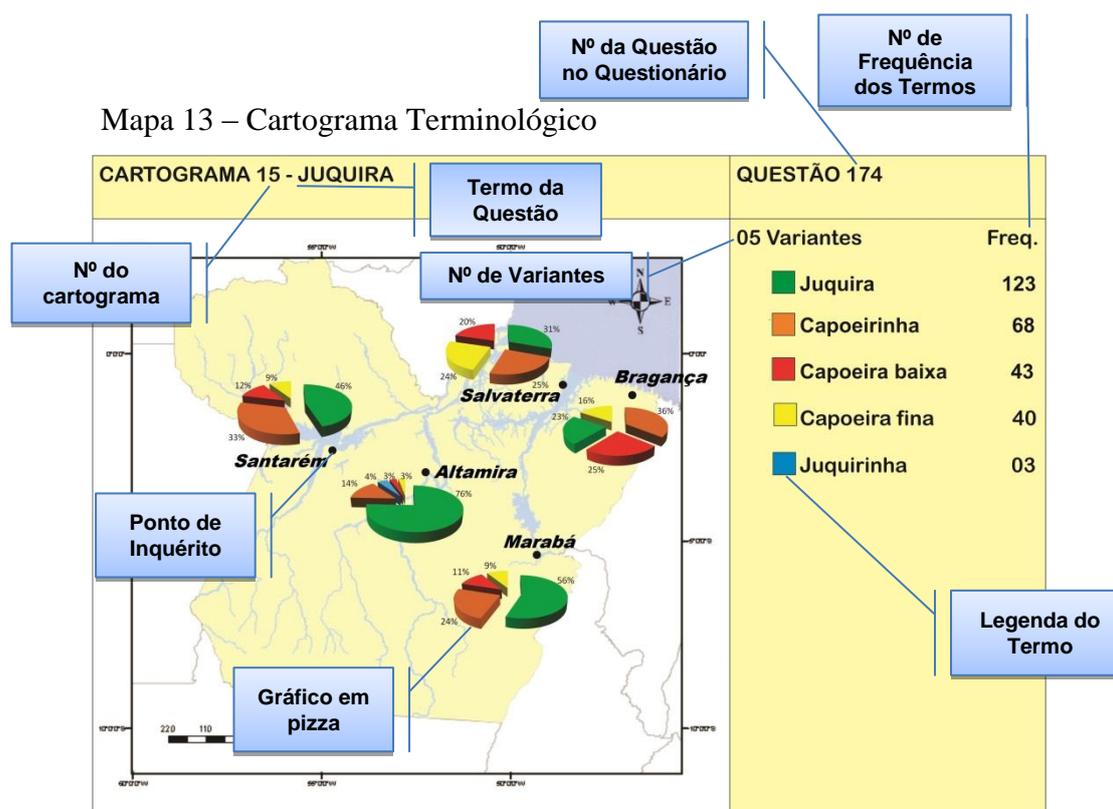


Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme Antunes (2006), a árvore de domínio pode auxiliar em toda pesquisa terminológica ajudando para delimitar a área temática do trabalho, fazer um plano sistemático de extração, controlar a pertinência dos termos, classificar e ordenar as fichas terminológicas, definir as unidades terminológicas da área de maneira lógica e sistemática e distinguir os termos do tronco comum e os de áreas conexas.

4.3.3 Preparação dos cartogramas terminológicos

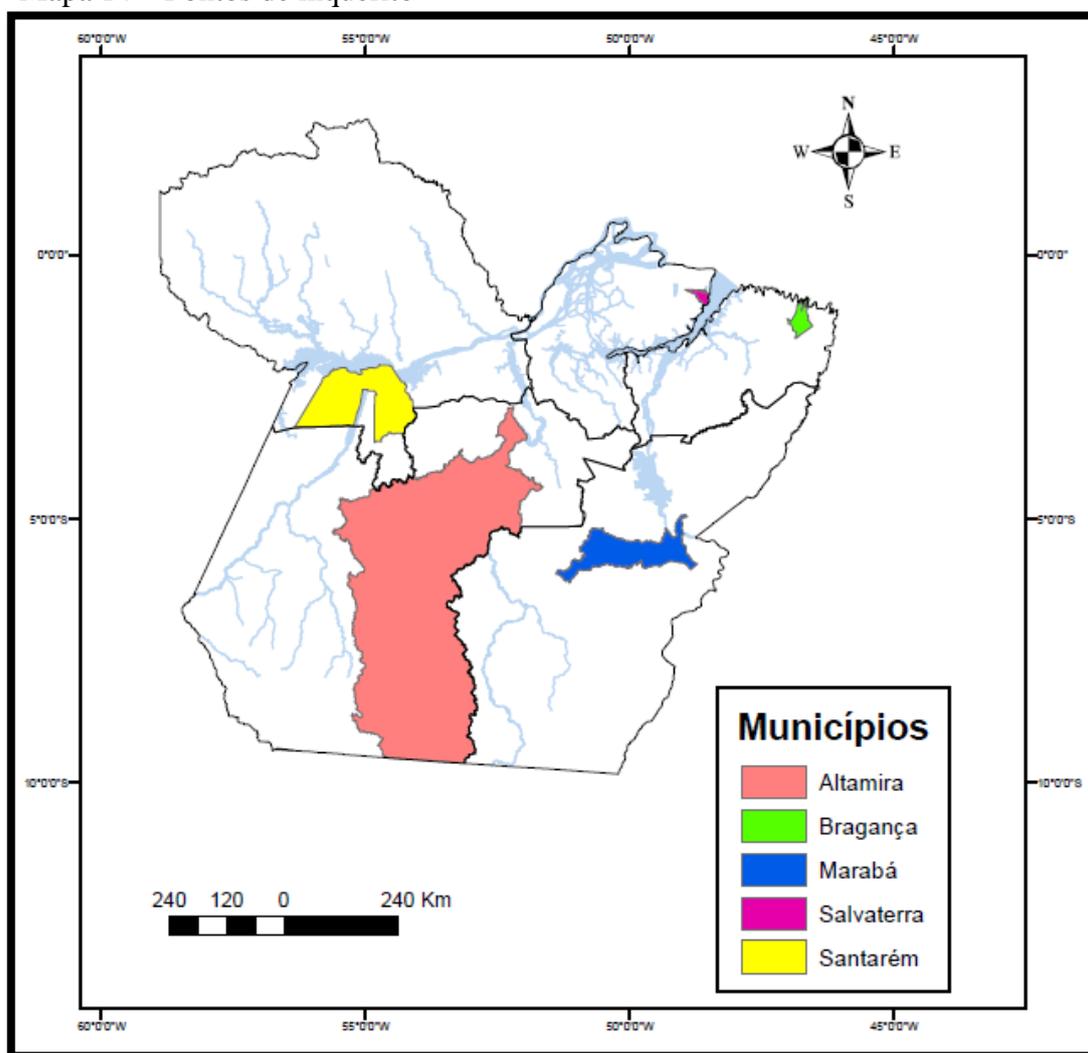
Os cartogramas terminológicos foram elaborados e organizados para serem inseridos no glossário eletrônico e anexados como parte da estrutura do verbete. Eles possuem a característica de serem sintéticos, porque apresentam as formas linguísticas fielmente como ocorrem em cada ponto de inquérito investigado. Assim, a partir da comparação dessas ocorrências pudemos visualizar pontualmente a distribuição dos termos no espaço geográfico, como no exemplo do cartograma 008 a seguir:



Do lado superior esquerdo, encontra-se o número do cartograma terminológico seguido pelo termo que se encontra no glossário com a respectiva definição. No canto

superior direito, o número da questão em que o termo se encontra no questionário terminológico. Na coluna, à direita, encontram-se o número de variantes, a legenda correspondente e a frequência de cada uma no *corpus* da pesquisa. Os pontos de inquérito, distribuídos nas cinco mesorregiões do estado, são representados por pontos indicados no mapa correspondentes aos municípios pertencentes a cinco mesorregiões do estado como segue: Santarém, Altamira, Marabá, Salvaterra e Bragança. O gráfico em pizza representa a partir do *corpus* analisado, a percentagem de uso das variantes em cada localidade.

Mapa 14 – Pontos de inquérito



Fonte: Elaborado pelo autor.

A indicação de cada localidade será orientada para o consultante com uma explicação prévia dos mapas geográficos, correspondentes a cada localidade representada no cartograma, através do guia de uso do glossário eletrônico.

4.3.4 Critérios auxiliares para o reconhecimento dos termos

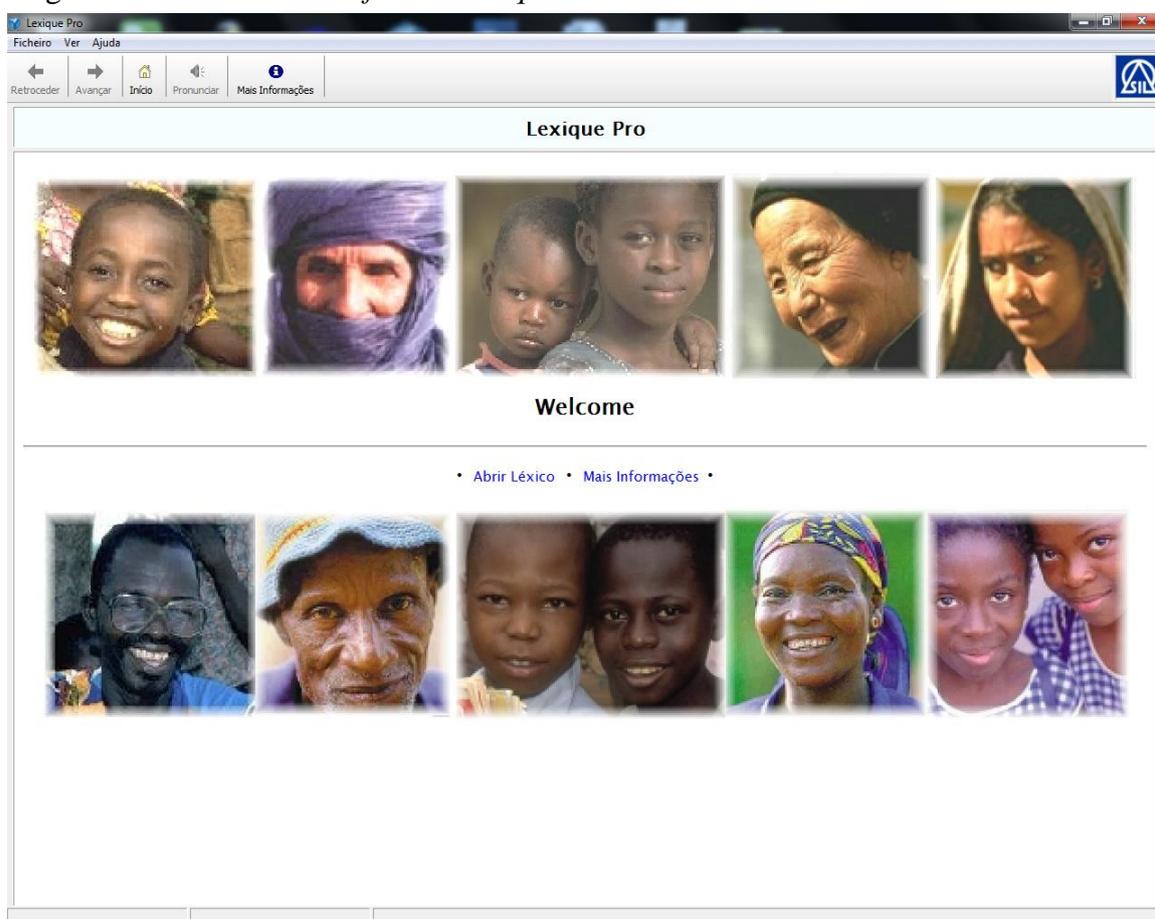
É necessário esclarecer que os termos incluídos no glossário não podem ser tomados apenas por aqueles constituídos, *stricto sensu*, da terminologia repertoriada. Krieger e Finatto (2004, p. 138) afirmam que “os termos, sejam unidades sígnicas ou lexicais, são vinculados à área temática do significado ou pela funcionalidade”. Assim, Maciel (1996 *apud* Krieger e Finatto, 2004, p. 138-139) explica que se trata da pertinência temática e da pertinência pragmática que contextualizam o uso dos termos no discurso especializado. Por pertinência temática, entende-se a “propriedade de um termo pertencer a uma terminologia *stricto sensu* pelo fato de vincular-se a um conceito que faz parte do campo cognitivo do domínio inventariado”. Podemos, com base nas autoras, afirmar que a pertinência temática se refere aos traços semanticamente relacionados à temática do domínio repertoriado. É por esse critério que se observa determinados termos como exclusivos de determinada terminologia. Entende-se por pertinência pragmática “a qualidade que permite que um termo ‘aparentemente alheio’ a certa subárea faça parte de uma terminologia *lato sensu*” (KRIEGER & FINATTO, 2004, p. 139). Nesse caso, justifica-se a inserção de um termo, por exemplo, conexo a outro domínio de conhecimento, mas que adquiriu estatuto próprio na terminologia repertoriada no glossário eletrônico.

4.3.5 O software *Lexique Pro*

O *software* de elaboração de dicionários e glossários eletrônicos *Lexique Pro* tem se tornado um recurso bastante usado por pesquisadores da área linguística e pode ser encontrado no sítio <<http://www.lexiquepro.com>> onde a versão mais atual está disponibilizada gratuitamente. Ele é indicado para quem deseja elaborar dicionários ou glossários em suporte eletrônico *on line* ou *off line*, permitindo o gerenciamento de arquivos e a geração de documentos em formato *Word* ou *Web*. Conforme Pontes (2009, p. 54) o dicionário eletrônico *on line* pode ser consultados em rede (*on line*) pelo acesso à Internet e “oferece ao usuário enormes vantagens pela facilidade que supõe o acesso em qualquer momento a múltiplos repertórios das mais variadas áreas ou domínios”. Já os dicionários eletrônicos *off line*, que nos interessa nesse trabalho, possuem formato em *CD-ROM* e apresentam como vantagens a capacidade de armazenamento de um número

expressivo de informações e a possibilidade de acesso imediato e rápido a todas elas. O *Lexique Pro* possui uma interface intuitiva que possibilita o seu manuseio de forma rápida e segura e possibilita a criação de um banco de dados do tipo *shoebuxe toolbox* em uma plataforma interativa. Isso significa que tivemos a possibilidade de ajustar alguns recursos disponíveis pelo programa de acordo com as necessidades específicas do projeto de elaboração do glossário como a adaptação das etiquetas pré-definidas para inserção dos dados linguísticos.

Figura 15 – Interface do *software Lexique Pro*

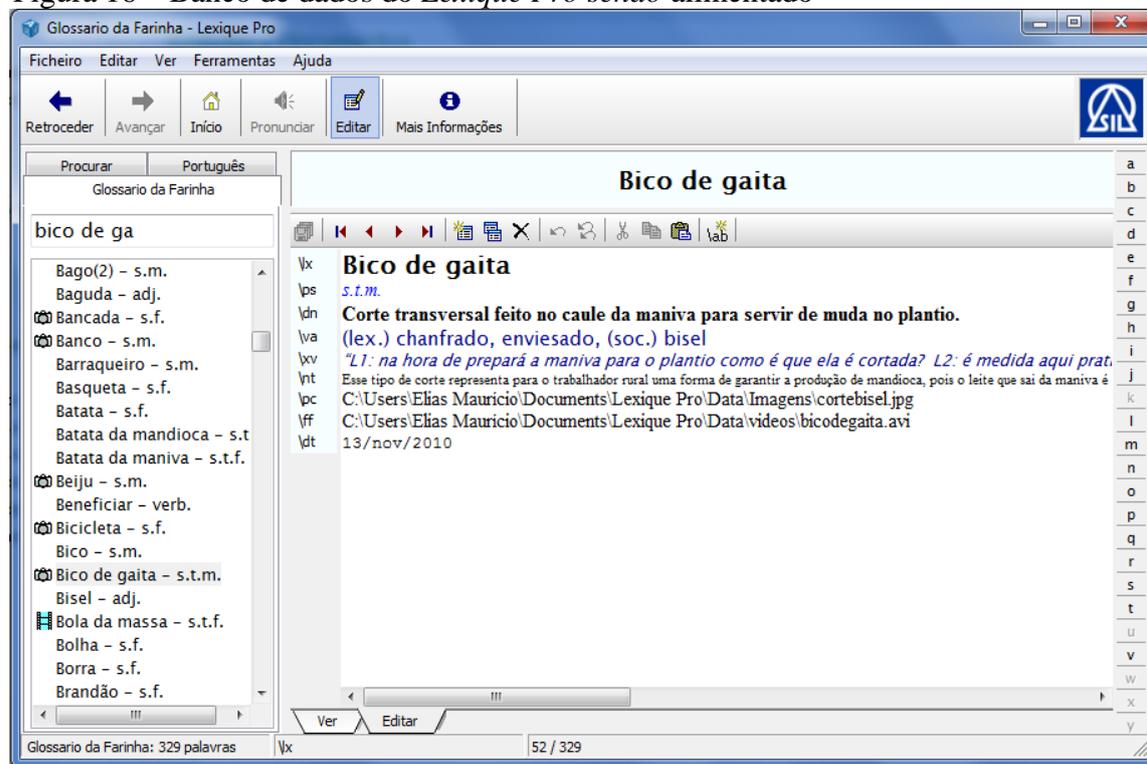


Fonte: Elaborada pelo autor.

Os recursos oferecidos pelo programa nos ajudaram ainda a organizar as fichas terminológicas, a macroestrutura, a microestrutura e a atualizar constantemente o banco de dados na elaboração ou revisão do glossário. A imagem seguinte demonstra o banco de dados alimentado pelos dados linguísticos da nossa pesquisa e ao mesmo tempo servindo como uma ficha terminológica onde as atualizações foram editadas a cada momento que

precisávamos realizar uma avaliação dos dados inseridos. Essa interface propicia verificar como o verbete fica organizado após a edição e lista todos os termos na coluna à esquerda da tela.

Figura 16 – Banco de dados do *Lexique Pro* sendo alimentado



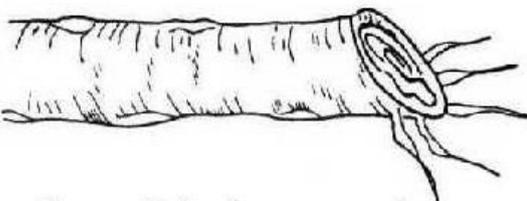
Fonte: Elaborada pelo autor.

Para inserir os dados linguísticos no banco de dados, cada campo é codificado por meio de etiquetas pré-definidas pelo programa, ou seja, códigos de entrada pelos quais cada parte da estrutura do verbete vai sendo organizada. Nesse caso, é necessário o pesquisador terminólogo ter claro os critérios que orientam a organização estrutural do glossário para formatá-lo de acordo com os fins ou objetivos a que se propõe a obra terminológica.

A tabela seguinte apresenta os dados codificados que fizeram parte de um verbete na elaboração do glossário eletrônico da cultura da farinha. Ela exemplifica a própria estrutura da ficha terminológica permitida pelo programa na qual aparecem as etiquetas e a identificação de cada campo preenchido. É importante esclarecer que, dependendo do termo, nem todos os campos serão preenchidos pelas etiquetas pré-definidas. Isso tem a ver com a própria microestrutura prevista inicialmente para a obra terminológica em que alguns termos poderão ou não se configurar na estrutura do verbete

como a inserção de imagens, fotos ou cartogramas terminológicos somente para citar alguns.

Quadro 08 – Campos usados para inserção do termo “bico de gaita” no *Lexique Pro*

| ETIQUET | CAMPO | DADOS INSERIDOS |
|---------|-------------------------|---|
| A | | |
| \lx | Termo- entrada | Bico de gaita |
| \ps | Categoria gramatical | <i>sm.</i> |
| \dn | Definição | Corte diagonal feito no pau da maniva. |
| \va | Variante | chanfrado, enchanfrado, enviesado, enviesado, inviés. |
| \xv | Contexto | L2: bico de gaita? bom eu vou te falar que <bico de gaita> é quando a gente corta a maniva assim bico quando a gente vai plantar a gente não corta ela diretamente a gente corta ela meio assim que ela fique meia pontuda então aquilo se chama bico de gaita... (INF03SANT) |
| \pc | Imagem |  |
| \ff | Anexo | Cartograma da variante bico de gaita em enexo. |
| \dt | Data | Data da elaboração ou da última revisão do verbete. |

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir da inserção das informações por meio do *menu* editar, do programa *Lexique Pro*, os verbetes foram estruturados automaticamente mediante a macroestrutura e a microestrutura prevista no projeto de elaboração do glossário eletrônico. A macroestrutura é o conjunto de entradas organizadas no paradigma vertical da obra terminológica. Para Pontes (2009, p. 73) por macroestrutura entende-se “[...] o conjunto de entradas organizadas verticalmente no corpo do dicionário ou nomenclatura. Essas entradas em geral estão em ordem alfabética para facilitar a leitura por parte do usuário”.

Dessa forma, estabelecemos os seguintes critérios na organização da macroestrutura do glossário:

(i) ordenação das entradas: consideramos a ordem alfabética contínua, por acreditarmos facilitar a pesquisa do consulente. De acordo com Barros (2004, p. 152), essa ordem não leva em conta espaços em branco, caracteres não-alfabéticos ou sinais diacríticos;

(ii): remissão (relações de homonímia e polissemia): para a remissão dos termos no glossário adotamos o critério de entradas distintas e marcados por números subsequentes. De acordo com Pontes (2009, p. 79) “Há vários critérios para a distinção; todavia, na prática lexicográfica, nenhum deles se sustenta. Por isso, assistematicamente, certos dicionários adotam uma apresentação polissêmica e outros seguem a apresentação homonímica”.

(iii) entrada representada por variantes: todas as variantes terão entradas independentes, mas farão remissões à entrada-principal por meio da expressão “*Ver entrada principal*”. Denominamos de entrada-principal àquela em que traz a definição do termo e aponta para as variantes por meio da expressão “*variante*”.

(iv) hiperônimo e hipônimo: aquele é considerado o termo mais alto em uma hierarquia enquanto este é o termo de significado que se subordina ao mais geral. No glossário eletrônico usamos o hipônimo fazendo remissão ao hiperônimo por meio da abreviatura “*Ver*”.

A microestrutura é o conjunto de informações que se segue ao termo entrada do verbete. De acordo com Pontes (2009, p. 95) a microestrutura “[...] consiste em um conjunto de paradigmas (ou informações) ordenadas e estruturados, dispostos horizontalmente, ou seja, linearmente, após a entrada, dentro de cada verbete”. Considerando a própria estrutura do *Lexique Pro* e os objetivos iniciais da obra, a organização da microestrutura segue o seguinte padrão para construção dos verbetes:

**ENTRADA ± ÁUDIO + CATEGORIA GRAMATICAL VARIANTE + DEFINIÇÃO + CONTEXTO ±
REMISSIVA ± IMAGEM ± VÍDEO ± CARTA TERMINOLÓGICA + CAMPO CONCEITUAL ± NOTA**

4.3.6 Checagem das informações

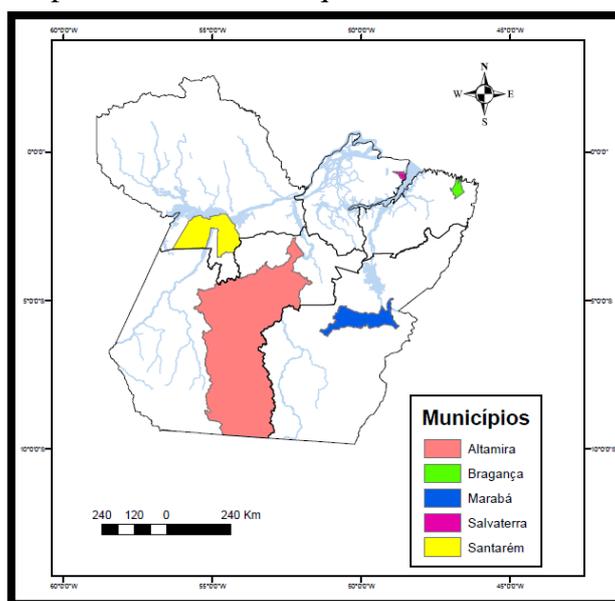
A checagem final das informações é uma etapa bastante importante para a conclusão da obra terminológica que se esteja construindo. Nesse caso, fala-se em teste de fiabilidade, ou seja, verificar a real pertinência da terminologia que faz parte da obra terminológica. Para isso, foi necessário que retornássemos com alguns dos entrevistados para sanarmos algumas dúvidas sobre o uso de alguns termos no discurso especializado. Assim, tivemos a possibilidade de discutir a pertinência das informações, correções, acréscimos de outros termos e supressões, visando o aperfeiçoamento qualitativo e quantitativo para nos possibilitar um resultado mais seguro sobre as informações inseridas no glossário eletrônico.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO SOBRE AS VARIANTES GEOGRÁFICAS CARTOGRAFADAS

Os cartogramas terminológicos analisados estão dispostos em ordem numérica crescente e representam amostras representativas do ponto de vista da frequência, pertinência temática e pragmática da área em estudo. Sempre que possível, buscamos realizar um levantamento, a partir de oito dicionários de língua tupi, para sabermos se os termos cartografados estão registrados e quais acepções trazem. Os dicionários são (i) Boudin (1978, vol. 1); (ii) Boudin (1978, vol.2); (iii) Cunha (1999); (iv) Dias (1970); (v) Mello (1967); (vi) Tibiriçá (1984); (vii) Sampaio (1987); (viii) Sampaio (1986). Ressalta-se que não se trata de um levantamento etimológico e exaustivo, mas simplesmente a busca de registros que nos apontem se os termos analisados trazem resquícios sobre o sentido cultural usado na atividade especializada de produção da farinha de mandioca na Amazônia paraense. Dessa forma, esta descrição se justifica pelo fato de poder subsidiar com informações que possam ser inseridas como notas adicionais no glossário eletrônico: aspectos culturais e influências linguísticas que os termos assumem nas diversas regiões pesquisadas.

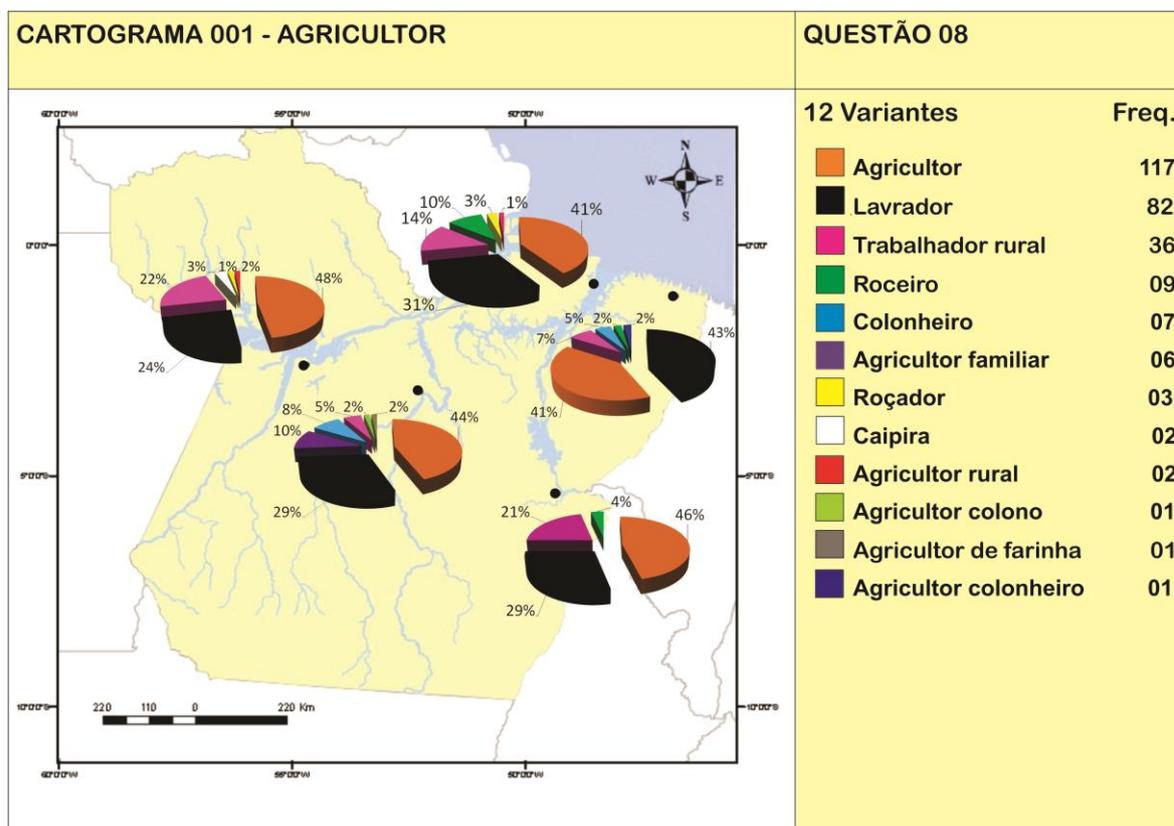
Os cartogramas terminológicos devem ser lidos considerando os cinco pontos de inquérito localizados no mapa seguinte:

Mapa 15 – Pontos de inquérito



Fonte: Elaborado pelo autor

5.1 Cartograma 001 – Agricultor



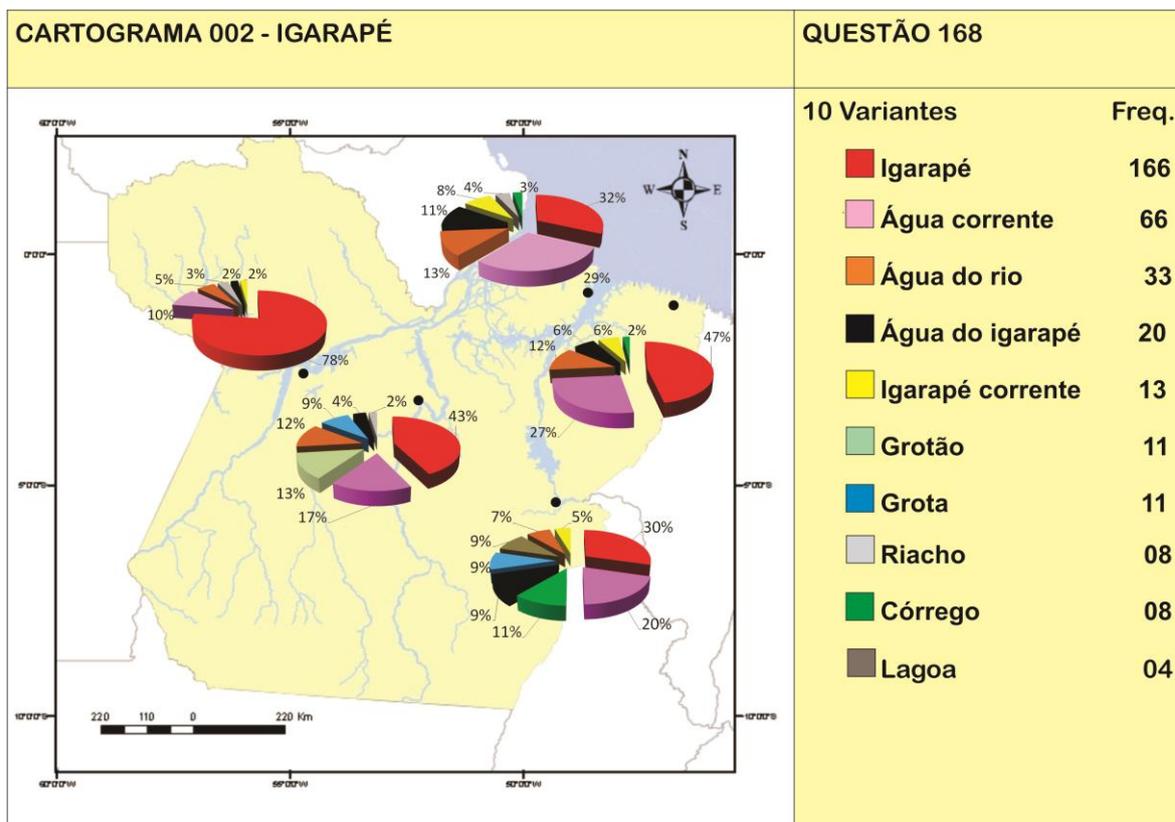
| TERMOS | DICIONÁRIOS DE LÍNGUA TUPI | | | | | | | |
|---------|----------------------------|-----------------|--------------|-------------|--------------|---------------------|----------------|----------------|
| | Boudin 1 (1978) | Boudin 2 (1978) | Cunha (1999) | Dias (1970) | Mello (1967) | Tibiricá (1984) | Sampaio (1987) | Sampaio (1986) |
| Caipira | | | caipira | capixába | caáipira | caipira,ca apira | caí-pyra | |
| Roceiro | | | | | caápixáua | capixaba | cô-pichaba | |

O cartograma 001 apresenta 12 variantes sendo o termo “agricultor” o mais recorrente no *corpus* da pesquisa, seguido pelos termos “lavrador” e “trabalhador rural” respectivamente. Os dados evidenciam que o uso do termo “agricultor” e “lavrador” apresentam, praticamente, uma proporção de uso muito próxima entre os pontos de inquérito investigados. Por sua vez, o termo “trabalhador rural” possui menor uso em Bragança e Altamira.

Verifica-se, também, que alguns termos sugerem uma divisão vertical entre um lado e outro do estado em termos de preferência de uso do léxico especializado. O termo

“*roceiro*”, por exemplo, aparece do lado direito do mapa em três pontos de inquérito (Salvaterra, Bragança e Marabá), enquanto é apagado do lado esquerdo em dois pontos de inquérito (Santarém e Altamira). No município de Santarém o termo “*caipira*” foi recorrente em uma região onde há uma grande influência indígena. Autores como Cunha (1999), Mello (1967), (Tibiriçá, 1984) e Sampaio (1987) apresentam o termo como provável origem indígena. Mello (1967) apresenta “*caápixaua*” correlacionado ao termo “*roceiro*” trazendo uma acepção de “*homem do mato*”. Nesse sentido, o homem do mato é o homem da roça, o trabalhador rural, o agricultor e o mesmo roceiro. Dessa forma, podemos considerar que esses resquícios de traços da língua da qual o português brasileiro é influenciado ainda permanecem vivos no discurso especializado provenientes de atividades culturais como o é a produção da farinha de mandioca na Amazônia paraense.

5.2 Cartograma 002 – Igarapé



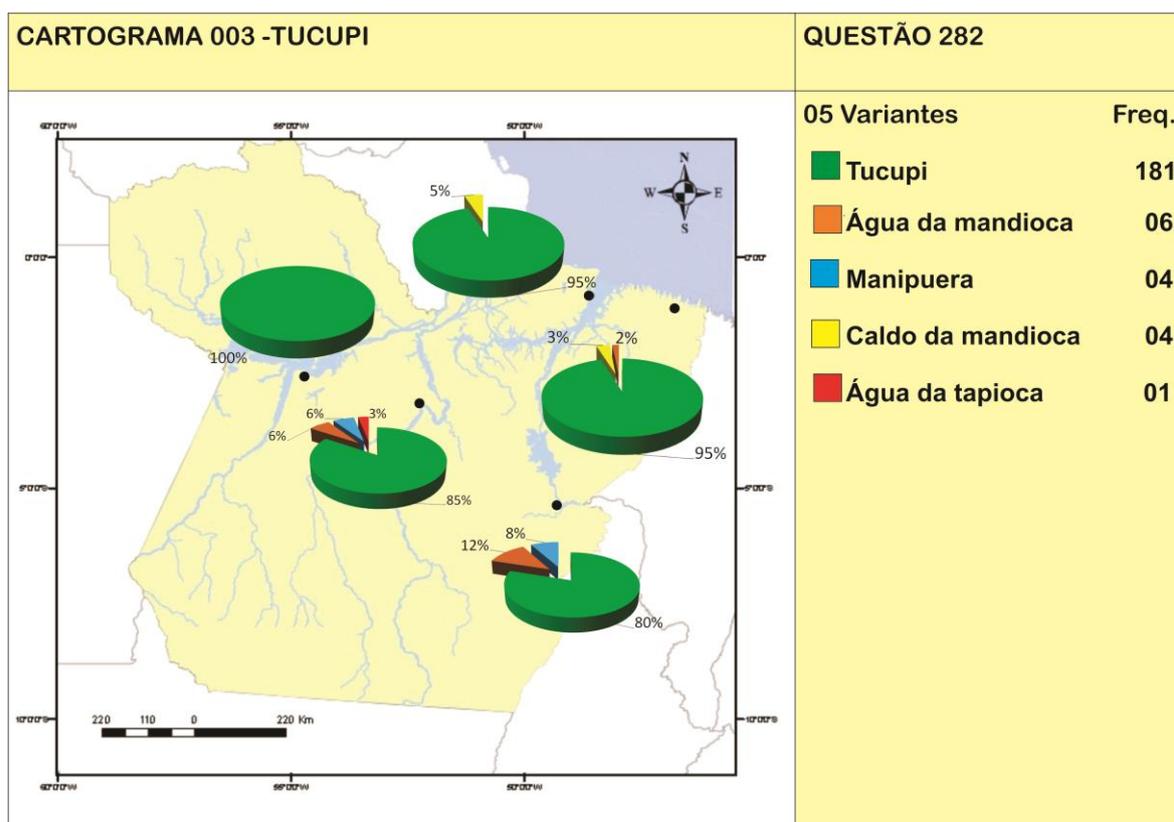
| TERMOS | DICIONÁRIOS DE LÍNGUA TUPI | | | | | | | |
|---------|----------------------------|-----------------|--------------|-------------|--------------|-----------------|----------------|----------------|
| | Boudin 1 (1978) | Boudin 2 (1978) | Cunha (1999) | Dias (1970) | Mello (1967) | Tibiricá (1984) | Sampaio (1987) | Sampaio (1986) |
| Igarapé | iarapê | iarapê | - | ygarapê | ygarapê | yar-apê | igara-apê | ygarapê |
| Riacho | i-akâng | i-akâng | - | - | - | - | - | yakã |
| Córrego | i-akâng | i-akâng | - | - | - | - | - | - |
| Lagoa | i-paw | i-paw | - | - | - | - | - | - |

O cartograma 002 apresenta 10 variantes sendo a mais recorrente o termo igarapé. No entanto, os termos “água corrente”, “água do rio” e “água do igarapé” estão

distribuídos em todos os pontos de inquérito. Entre todas as localidades o termo “igarapé” apresentou 78% de uso no município de Santarém, que fica localizado no Baixo Amazonas. O termo “córrego” se configura como elemento que sugere uma isoglossa entre o lado direito e esquerdo do mapa, demonstrando, claramente, a preferência que os falantes fazem no uso das terminologias nos mais variados pontos de inquérito da nossa pesquisa.

O termo igarapé foi encontrado nas obras de Boudin (1978) grafado como “*iarapé*”, Dias (1970) “*ygarapé*”, Mello (1967) e Sampaio (1986) “*yagarapé*”, Tibiriçá (1984) “*yar-apé*” e Sampaio (1987) como “*igara-apé*”. Todos esses termos em *tupi* aparecem com o sentido nessas obras como “caminho da canoa” com excessão da acepção encontrada em Dias (1970) que usa outros termos (rio e regato) para representar o sentido deste. O igarapé é um cenário do qual o agricultor convive no dia-a-dia. Na atividade especializada de produção da farinha ele é usado para fermentar a mandioca, mas também é o caminho por onde passa a canoa desse agricultor. Por sua vez, os termos “*riacho*”, “*córrego*” e “*canoa*” aparecem especificamente na obra de Boudin (1978) como “*i-akāng*”, “*i-akāng*” e “*i-paw*” respectivamente. Todos esses termos fazem parte da vida diária como elemento cultural das atividades agrícolas do homem do campo na Amazônia paraense.

5.3 Cartograma 003 – Tucupi



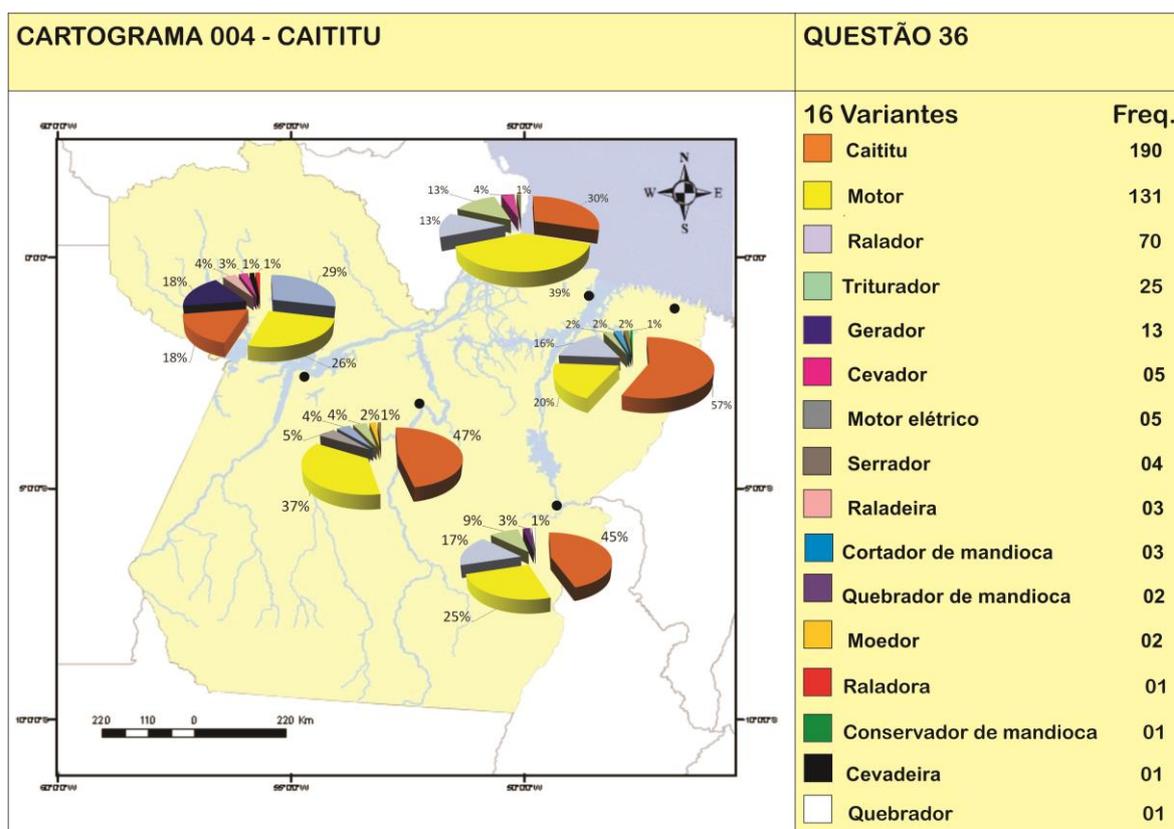
| TERMOS | DICIONÁRIOS DE LÍNGUA TUPI | | | | | | | |
|-----------|----------------------------|-------------------|-------------------|-------------|--------------|-------------------------|----------------|----------------|
| | Boudin 1 (1978) | Boudin 2 (1978) | Cunha (1999) | Dias (1970) | Mello (1967) | Tibiricá (1984) | Sampaio (1987) | Sampaio (1986) |
| Tucupi | tikupi, tukupi | tikupi, tukupi | tucupi, tocupi | tucupim | - | tucupi, tycupy | tycú-pi | tukupí |
| Manipuera | mani' o i-kwêr | mani' o i-kwêr | - | manipoeira | - | manicuera, manipuera | - | - |

O cartograma 003 apresenta 05 variantes com destaque para o termo “*tucupi*” que possui uma frequência predominante no *corpus* e se encontra presente em todos os pontos de inquérito. Em menor proporção aparecem os termos “água da mandioca” com ocorrência de 12% em Marabá, 6% em Altamira e 2% em Bragança; “manipuera” com 8%

em Marabá e 6% em Altamira; “caldo da mandioca” com 5% em Santarém e 3% em Bragança; “água da tapioca” com 3% em Altamira.

O termo “*tucupi*” encontra-se registrado nas obras de Boudin (1978), Cunha (1999), Tibiriçá (1984) e Sampaio (1986), no entanto somente em Boudin (1978) encontramos sentido de “*caldo extraído da massa da mandioca puba*”, o mesmo encontrado na variante do termo “*manipuera*” em Dias (1970) e Boudin (1978). É válido ressaltar que no processo de produção da farinha de mandioca, o agricultor espreme a massa da mandioca para extrair o tucupi.

5.4 Cartograma 004 – Caititu



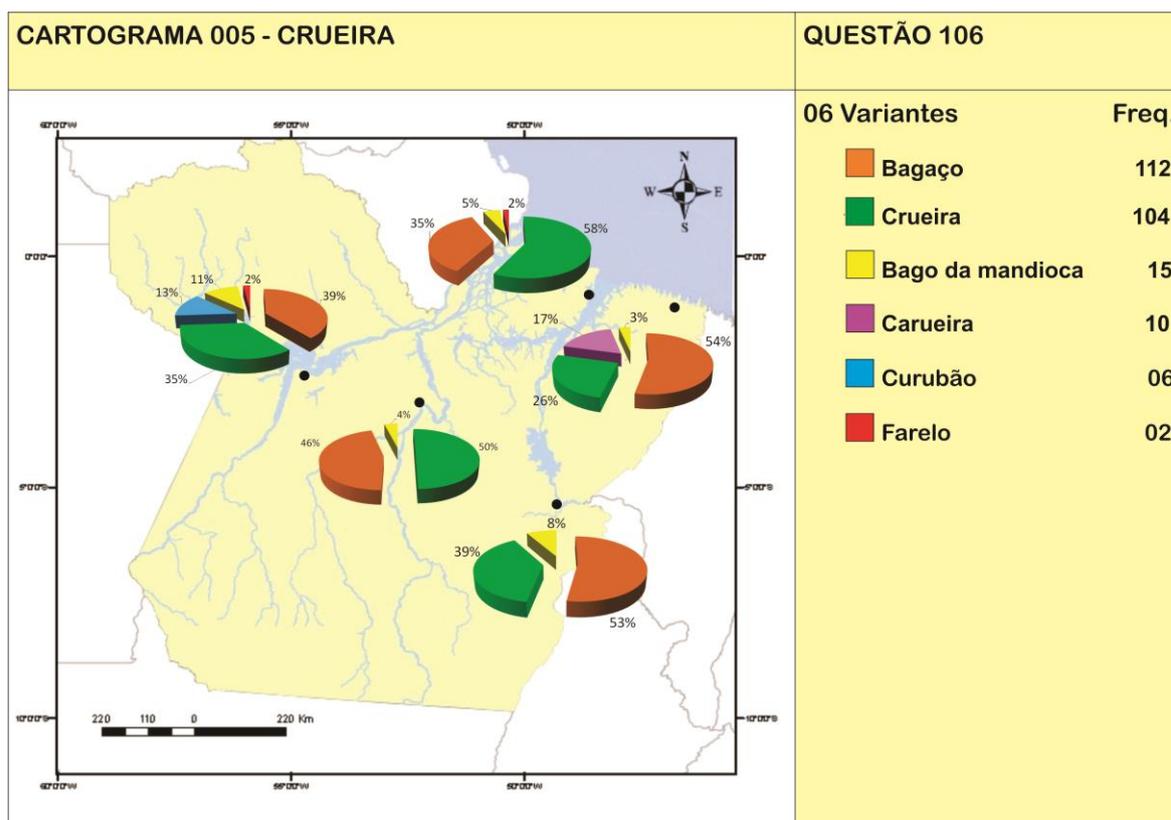
| TERMOS | DICIONÁRIOS DE LÍNGUA TUPI | | | | | | | |
|---------|----------------------------|--------------------------|--------------|-------------|--------------|-----------------|----------------|----------------|
| | Boudin 1 (1978) | Boudin 2 (1978) | Cunha (1999) | Dias (1970) | Mello (1967) | Tibiricá (1984) | Sampaio (1987) | Sampaio (1986) |
| Caititu | imata, imata-kamitãng | imata, imata-kamitãng | | | caitetu | caaitu, taitetu | | taitetú |

O cartograma 004 apresenta 16 variantes destacando-se como maiores frequências os termos “caaititu” e “motor” que juntos somam 321 ocorrências no *copus*. O termo “caaititu” aparece no cartograma como preferencial para as localidades de Bragança (57%), Marabá (45%) e Altamira (47%), enquanto o termo “motor” é mais frequente para as localidades de Santarém (26%) e Salvaterra (39%). Estas duas variantes sugerem uma concorrência entre si e estão presentes em todas as localidades. É interessante destacar que a chegada da energia elétrica em muitas localidades rurais trouxe a facilidade do uso do caaititu movido por um motor elétrico. Nesse sentido, em termos linguísticos, o termo

“motor” seria o resultado de um processo metonímico que passa a fazer cada vez mais parte do discurso especializado dos agricultores.

O termo “caititu” é registrado nos dicionários de Boudin (1978, v.1), Boudin (1978, v.2), Mello (1967), Tibiriçá (1984) e Sampaio (1986). Este termo apresenta a acepção de “*porco do mato*” fazendo referência a um animal mamífero que se alimenta de tubérculos. O termo “caititu”, usado na atividade especializada de produção da farinha, no entanto, apresenta uma acepção relacionada ao instrumento usado para triturar a mandioca e transformá-la em massa. Essa atividade de triturar a mandioca sugere certa analogia ao ato de roer a mandioca como o faz o “porco do mato” quando se alimenta de tubérculos.

5.5 Cartograma 005 – Crueira

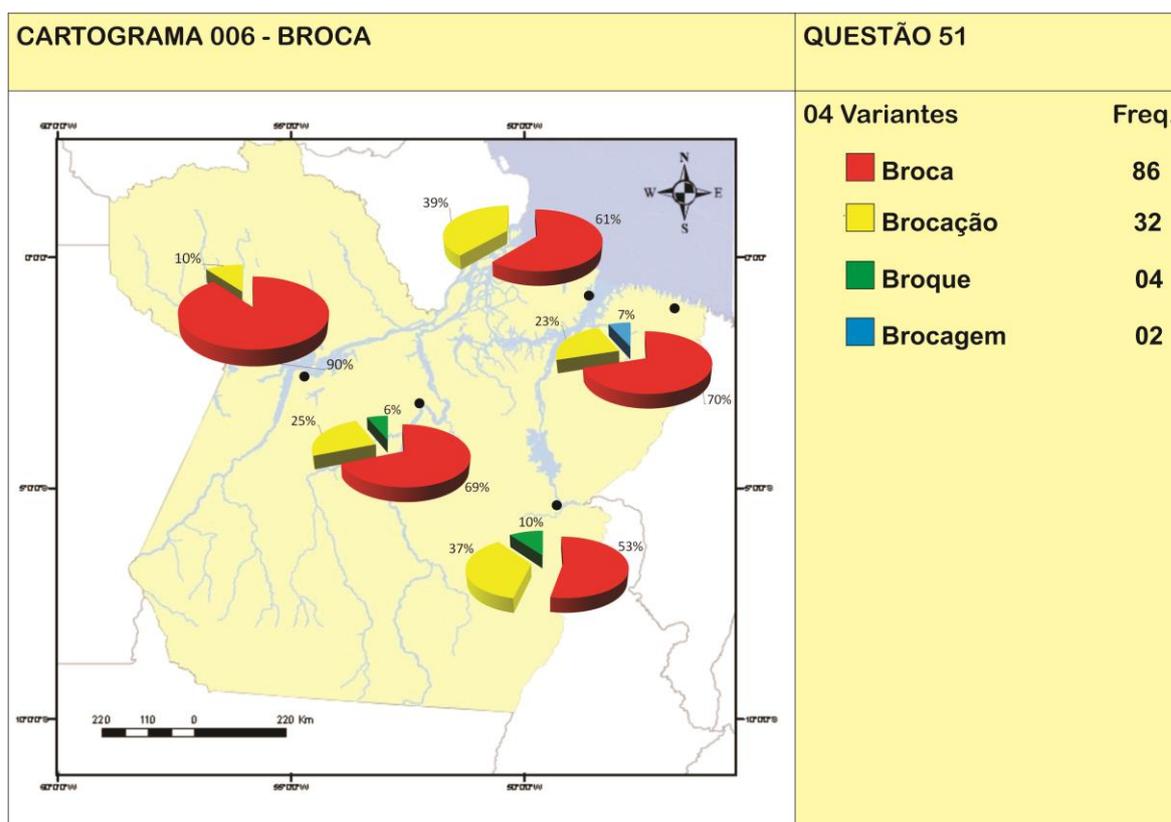


| TERMOS | DICIONÁRIOS DE LÍNGUA TUPI | | | | | | | |
|----------|----------------------------|-----------------|--------------|-------------|--------------|-----------------|----------------|----------------|
| | Boudin 1 (1978) | Boudin 2 (1978) | Cunha (1999) | Dias (1970) | Mello (1967) | Tibiriçá (1984) | Sampaio (1987) | Sampaio (1986) |
| Crueira | | | kuru'era | | curêra | caruera | caruéra | |
| Carueira | | | kuru'era | | curêra | caruera | caruéra | |

O cartograma 005 apresenta 06 variantes demonstrando que os termos “bagaço” (112) e “crueira” (104) são os mais frequentes no *corpus*. Crueira é um termo tipicamente usado na atividade especializada de produção da farinha de mandioca e que atesta a história da presença indígena nessa atividade. Em Cunha (1999), Mello (1976), Tibiriçá (1984) e Sampaio (1987) encontram-se os termos “crueira” e “carueira” registrados de várias formas como “karu'era”, “curêra”, “caruera” e “caruéra”. Todos esses autores trazem a aceção do termo como “[...] troços, fragmentos; pedaços da mandioca ralada que não passam na peneira.” (SAMPAIO, 1987, 226). Em termos de

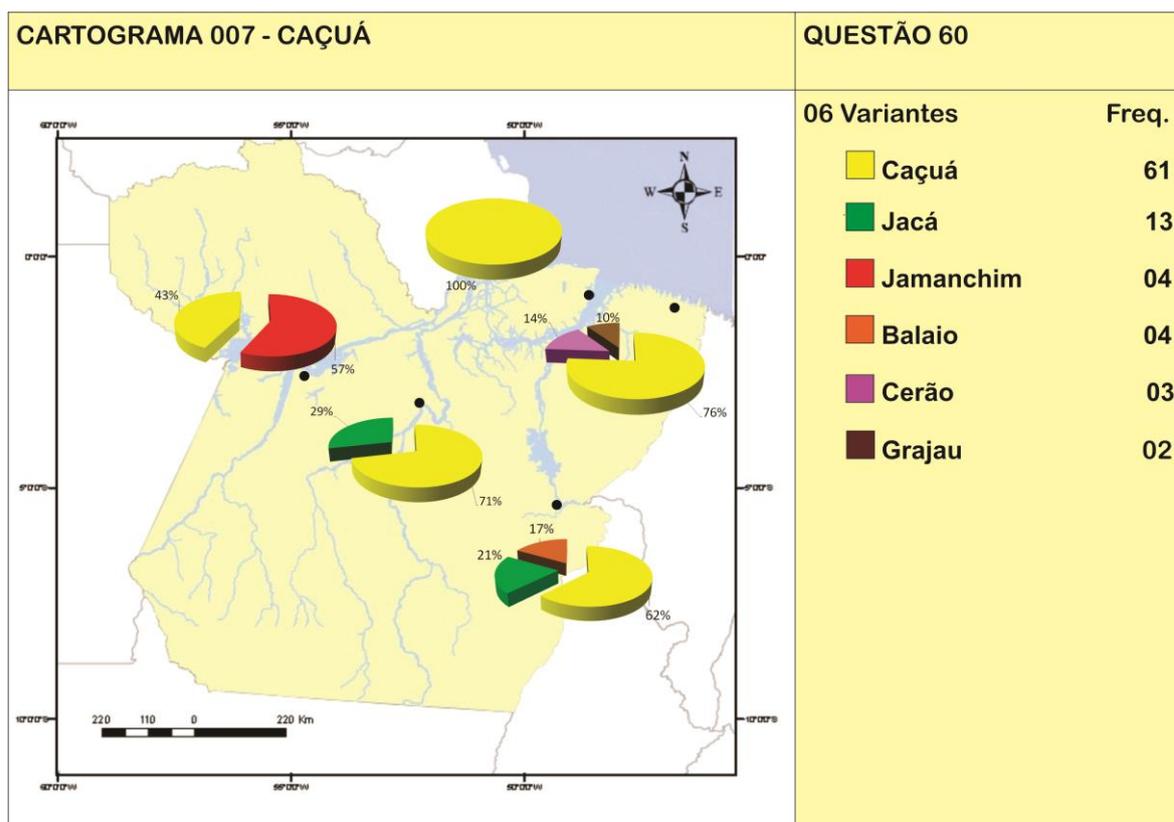
distribuição das variantes terminológicas no espaço geográfico, os termos “*bagaço*” e “*crueira*” aparecem em plena concorrência. Em localidades como Altamira e Salvaterra a variante “*crueira*” mostrou-se mais produtiva com frequência de 50% e 58% respectivamente. Já em Bragança, Marabá e Santarém a variante mais produtiva foi “*bagaço*” com frequência de 54%, 53% e 39% respectivamente. A variante terminológica “*bago da mandioca*” se encontra distribuída em todos os pontos de inquérito com uso de 5% em Salvaterra, 3% em Bragança, 4% em Altamira, 8% em Marabá e 11% em Santarém. A variante “*carueira*” ocorreu apenas no município de Bragança com frequência de 17%, “*curubão*” em Santarém com 13% e “farelo” em Santarém e Salvaterra com frequência de 2% em cada uma destas duas localidades.

5.6 Cartograma 006 – Broca



O cartograma 006 apresenta 04 variantes sendo os termos “broca” e “brocação” os mais frequentes no *corpus* da pesquisa. Embora estes dois termos se encontrem distribuídos em todos os pontos de inquérito, a variante “broca” é a forma usada categoricamente com uma frequência de 90% em Santarém, 70% em Bragança, 69% em Altamira, 61% em Salvaterra e 53% em Marabá. A variante terminológica “broque” aparece com uma frequência de 10% em Marabá e 6% em Altamira, enquanto brocagem ocorreu apenas no município de Bragança com uma frequência de 7%. Ressalta-se que a broca é uma das primeiras operações realizadas no roçado, que consiste no corte da vegetação baixa para o plantio das manivas. As variantes terminológicas presentes neste cartograma não se encontram registrados nos dicionários de língua tupi, quais sejam Boudin (1978, vol. 1); Boudin (1978, vol.2); Cunha (1999); Dias (1970); Mello (1967); Tibiriçá (1984); Sampaio (1987) e Sampaio (1986).

5.7 Cartograma 007 – Caçuá

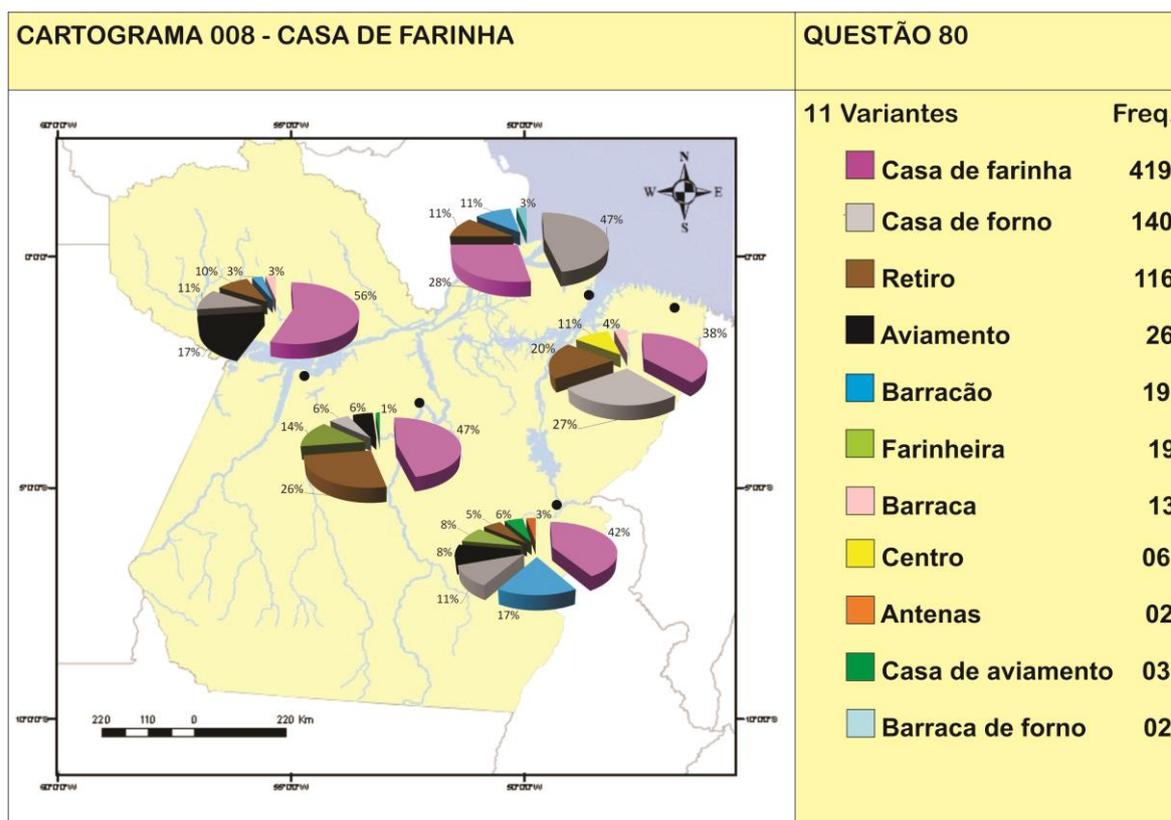


| TERMOS | DICIONÁRIOS DE LÍNGUA TUPI | | | | | | | |
|-----------|----------------------------|--------------------|--------------------|-------------|--------------|-----------------|----------------|----------------|
| | Boudin 1 (1978) | Boudin 2 (1978) | Cunha (1999) | Dias (1970) | Mello (1967) | Tibiriçá (1984) | Sampaio (1987) | Sampaio (1986) |
| Caçuá | | | | cassuá | | cassuá | | |
| Jacá | | | | jacá | | jacá, ajacá | ayacá | |
| Jamanchim | jamaxim, manaku | jamaxim, manaku | jamaxi, jamachí | | | jamaxi | | |

O cartograma 007 apresenta 06 variantes, sendo o termo “caçuá” o de maior frequência em quatro pontos de inquérito: Salvaterra (100%), Bragança (76%), Altamira (71%) e Marabá (62%). Por outro lado, no município de Santarém a preferência de uso se deu com a variante terminológica “jamanchim” (57%) em detrimento de “caçuá” (43%). A variante “jacá” teve frequência de 29% em Altamira e 21% em Marabá, enquanto “balaio”

ocorreu apenas em Marabá com uma frequência de 17%. Por sua vez, as variantes “cerão” e “grajau” ocorreram apenas no município de Bragança com frequência de 14% e 10% respectivamente. As variantes “caçuá” e “*jamanchim*” são registradas nos dicionários de Tibiriça (1984), Boudin (1978), Sampaio (1987) e Cunha (1999), apresentando a acepção relacionada a uma espécie de cesto, o que corrobora com o sentido do termo usado pelos trabalhadores rurais nas diversas localidades da Amazônia paraense.

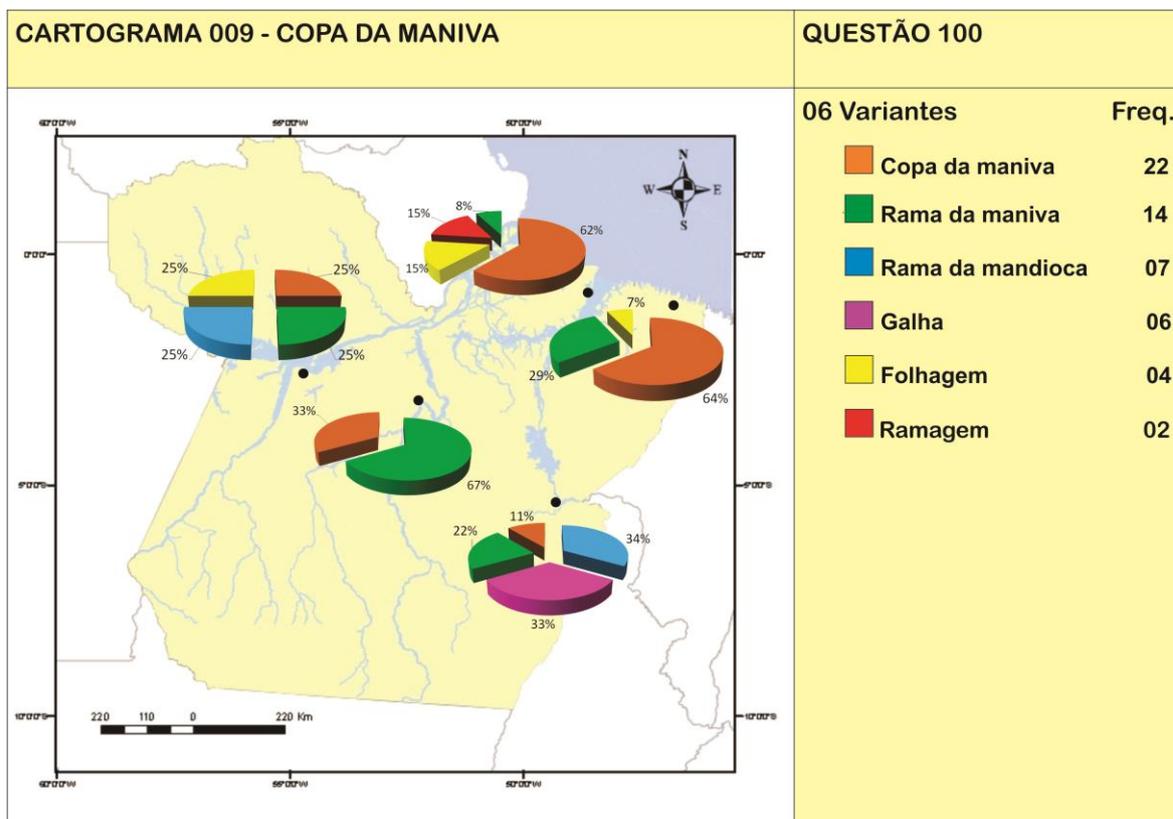
5.8 Cartograma 008 – Casa de Farinha



O cartograma 008 apresenta 11 variantes distribuídas entre as mesorregiões do território paraense. Os termos mais frequentes no *corpus* são “*casa de farinha*” (419), “*casa de forno*” (140) e “*retiro*” (116). No entanto, o município de Salvaterra, na mesorregião do Marajó, um dos cinco pontos de inquérito da pesquisa, apresenta preferência para o uso da variante terminológica “*casa de fono*” com um índice de 47%. Já os demais pontos de inquérito apresentam preferência pela variante “*casa de farinha*”: Santarém (56%), Altamira (47%), Marabá (42%) e Bragança (38%). A variante “*retiro*” apresenta uma menor força de uso, porém se encontra distribuída em todos os pontos de inquérito: Altamira (26%), Bragança (20%), Marabá (11%), Salvaterra (11%) e Santarém (10%), o que sugere uma competição entre os termos usados pelos trabalhadores rurais. As variantes terminológicas “*aviamento*”, “*farinheira*” e “*casa de aviamento*” sugerem uma isoglossa que compreende os municípios de Santarém, Altamira e Marabá. A variante “*centro*” ocorreu no município de Bragança (11%), comportando-se como típico da região. Os termos “*antenas*” em Marabá (3%) e “*barraca de forno*” em Salvaterra (3%)

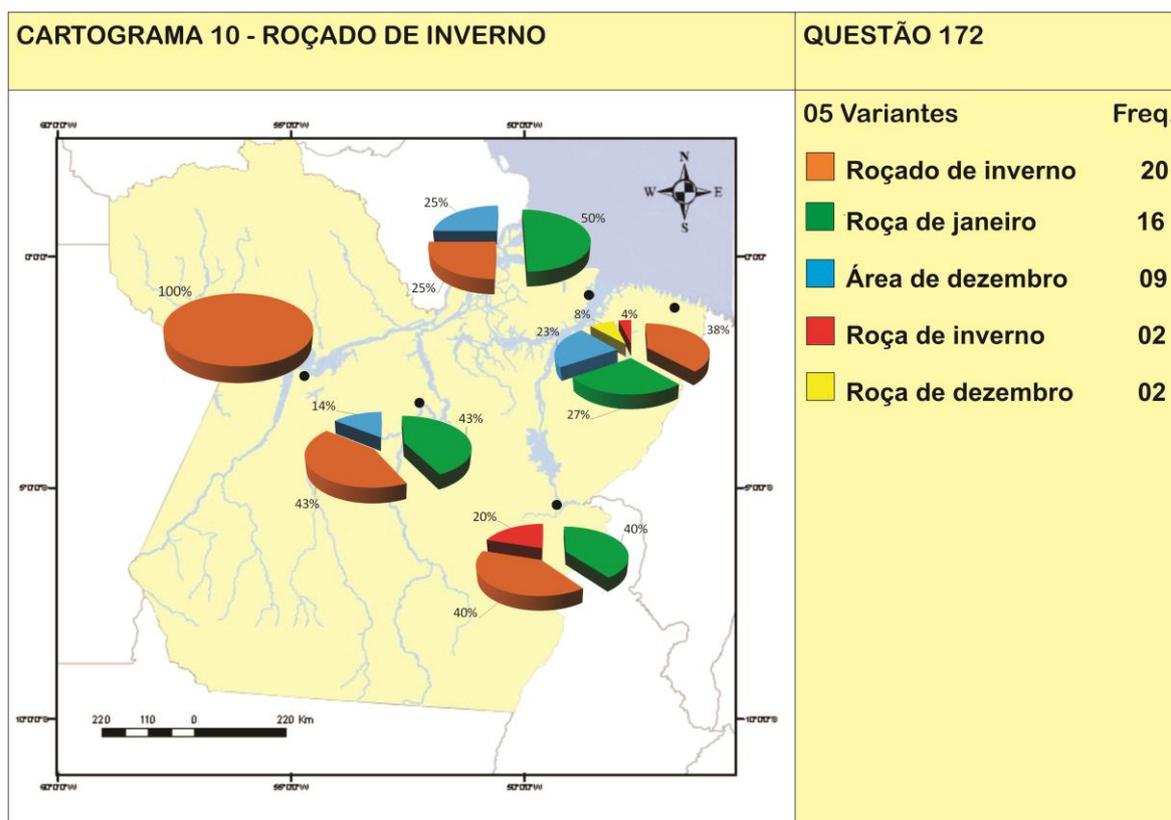
também sugerem um uso típico pelos trabalhadores rurais destas regiões. Ressalta-se, que estes termos não aparecem registrados nos dicionários de língua tupi analisados.

5.9 Cartograma 009 – Copa da Maniva



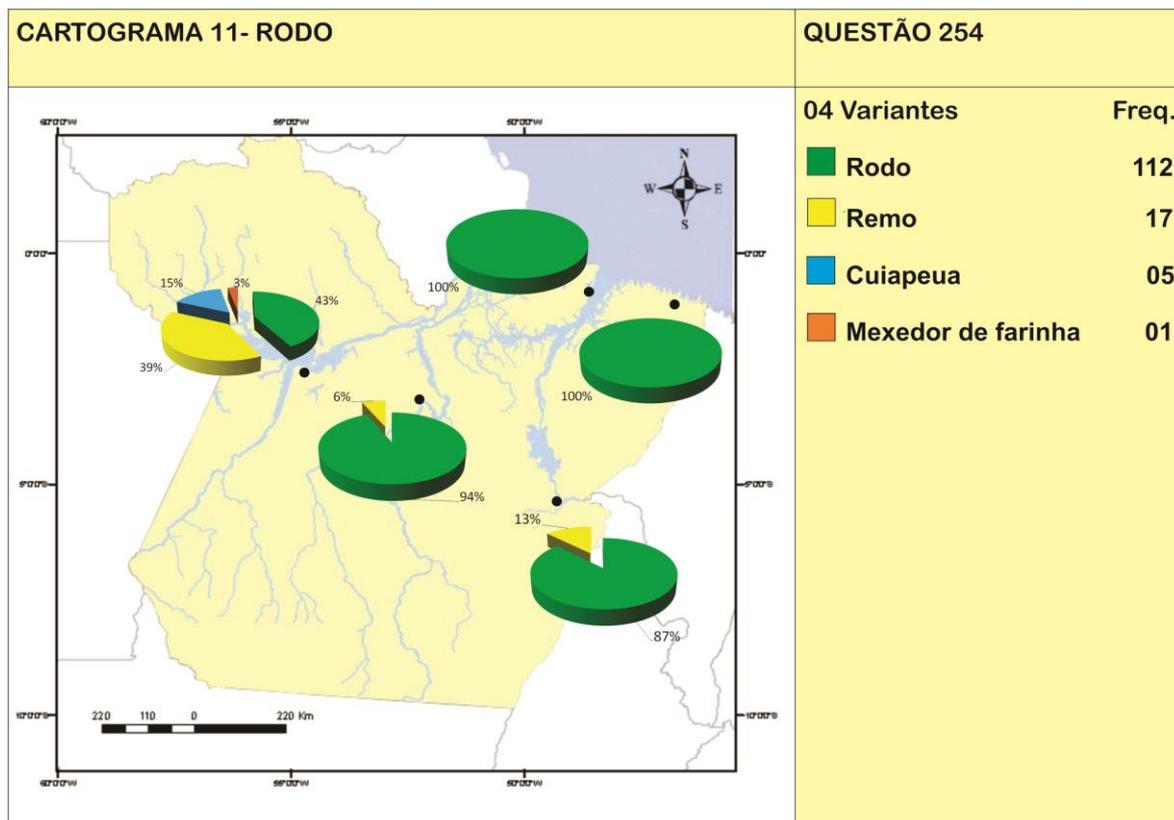
O cartograma 009 apresenta 06 variantes sendo as de maiores frequências os termos “*copa da maniva*” (22) e “*rama da maniva*” (14). A variante terminológica “*copa da maniva*” possui maior força de uso em Bragança (64%) e Salvaterra (62%). Enquanto no município de Altamira a preferência é pela variante “*rama da maniva*” (67%), em Marabá a força de uso é pela variante “*rama da mandioca*” (34%) seguida pela variante “*galha*” (33%). No município de Santarém ocorreu uma distribuição de 25% para cada uma das quatro variantes: “*copa da maniva*”, “*rama da maniva*”, “*rama da mandioca*” e “*folhagem*”. Ressalta-se que as quatro variantes não se encontram registradas nos dicionários de língua tupi analisados.

5.10 Cartograma 10 – Roçado de inverno



O cartograma 10 apresenta 05 variantes sendo os termos “*roça de janeiro*”, “*roçado de inverno*” e “*área de dezembro*” os que possuem maior frequência no *corpus*. A variante terminológica “*roçado de inverno*” se distribui em todos os pontos de inquérito com maior frequência de uso em Santarém (100%) e Bragança (38%), enquanto a variante “*roça de janeiro*” possui maior frequência e Salvaterra (50%) e se distribui apenas em quatro pontos de inquérito. Os resultados ainda sugerem uma concorrência entre as variantes “*roçado de inverno*” e “*roça de janeiro*”. A variante “*roça de inverno*” foi ocorrente em Marabá (20%) e Bragança (4%), enquanto “*roça de dezembro*” apenas no município de Bragança (8%).

5.11 Cartograma 11 – Rodo

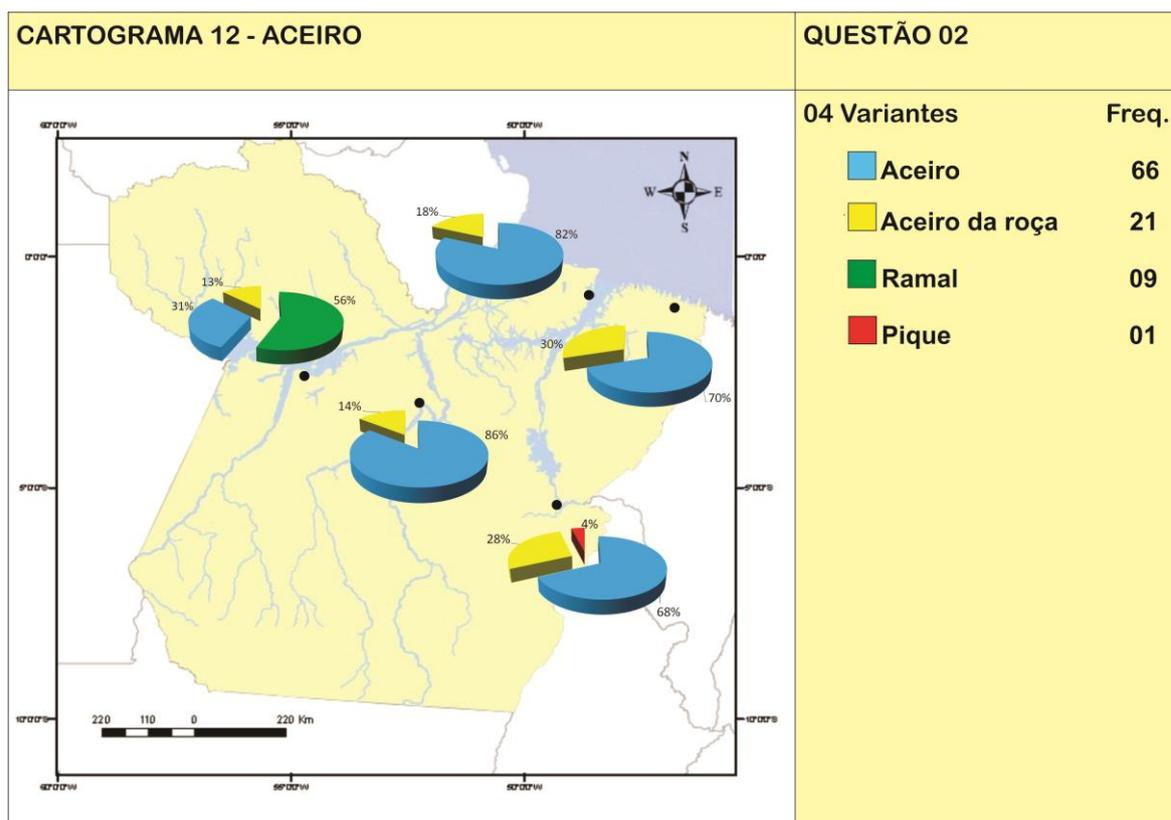


| TERMOS | DICIONÁRIOS DE LÍNGUA TUPI | | | | | | | |
|----------|----------------------------|-----------------|--------------|-------------|--------------|-----------------|----------------|----------------|
| | Boudin 1 (1978) | Boudin 2 (1978) | Cunha (1999) | Dias (1970) | Mello (1967) | Tibiriçá (1984) | Sampaio (1987) | Sampaio (1986) |
| Cuiapeua | kawa-péhé | kawa-péhé | kui'peua | | | cuipeba | | |

O cartograma 11 apresenta 04 variantes com frequência no *corpus* de 112 ocorrências para o termo “*rodo*”, 17 ocorrências para “*remo*”, 05 ocorrências para “*cuiapeua*” e 01 ocorrência para “*mexedor de farinha*”. A variante “*rodo*” é categórica, pois é usada em todos os pontos de inquérito: Salvaterra (100%), Bragança (100%), Altamira (94%), Marabá (87%) e Santarém (43%). Observa-se que em Santarém os termos “*rodo*” (43%) e “*remo*” (39%) competem entre si e são usados com menor frequência os termos “*cuiapeua*” (15%) e “*mexedor de farinha*” (3%). A variante terminológica “*remo*” sugere a formação de uma isoglossa no eixo que compreende as localidades de Santarém, Altamira e Marabá. Ressalta-se, ainda, que o termo “*cuiapeua*” está registrado nos

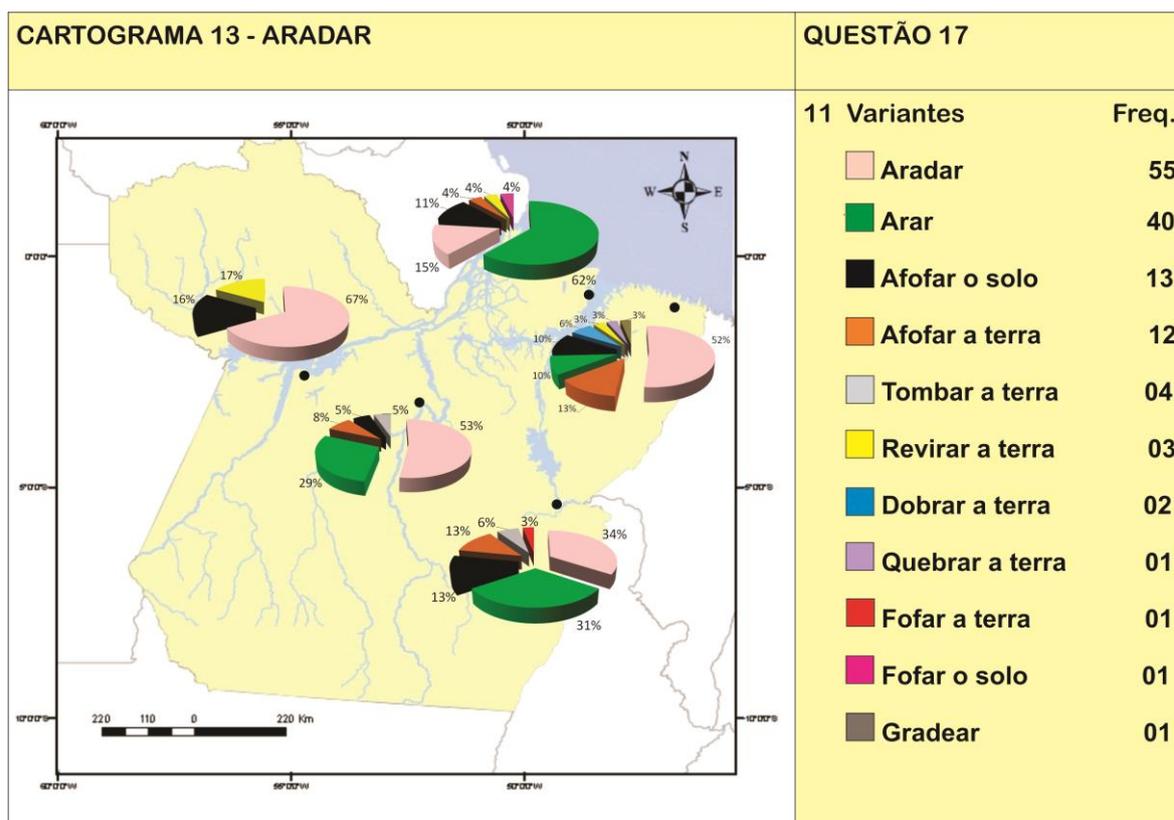
dicionários de Boudin (1978), Cunha (1999) e Tibiriçá (1984) como “*kawa-péhé*”, “*kui’peua*” e “*cuipeba*” respectivamente. Este termo é apresentado nessas obras com o sentido de “*cuia redonda e chata*”. Nesse sentido, a cuia foi um instrumento usado para mexer a farinha. Assim, podemos dizer que o termo “*cuiapeua*”, ligado a esse sentido, é usado culturalmente como variante dos termos “rodo”, “remo” e “mexedor de farinha”.

5.12 Cartograma 12 – Aceiro



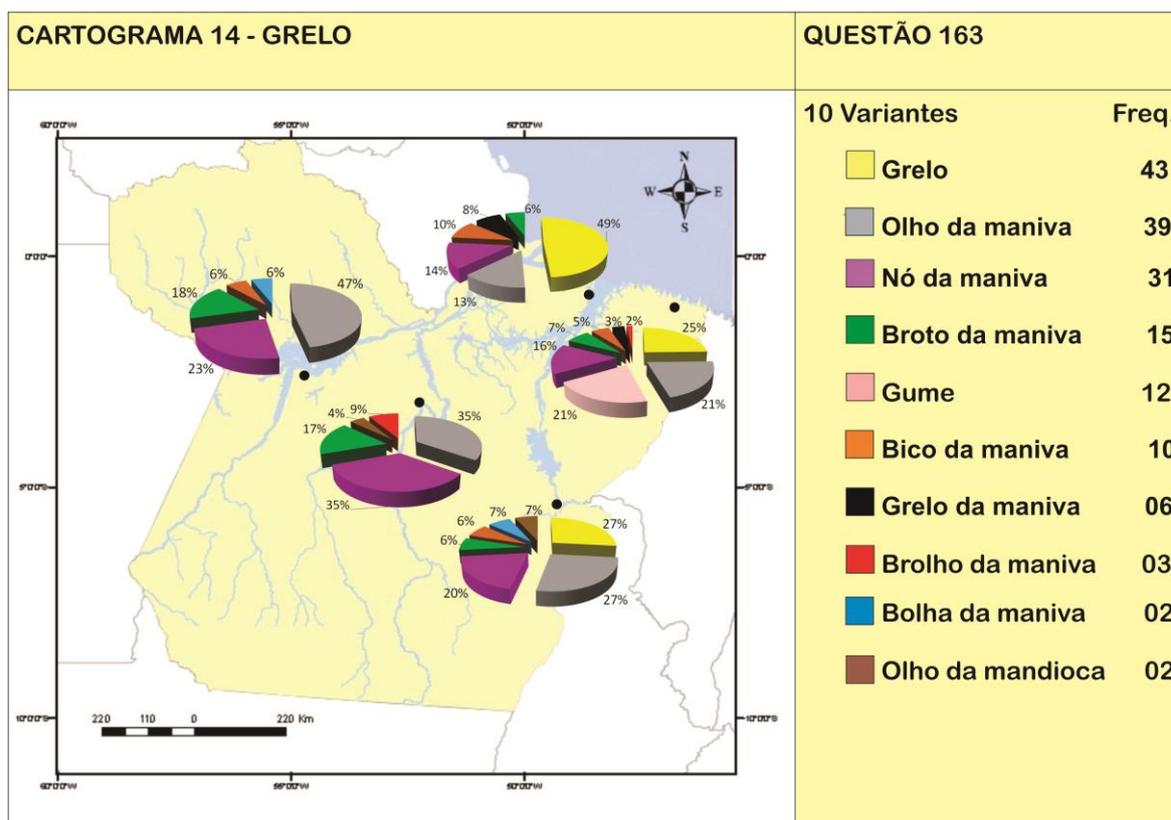
O cartograma 12 apresenta 04 variantes das quais os termos “*aceiro*” possui maior força de uso em quatro dos cinco pontos de inquérito investigados: Altamira (86%), Salvaterra (82%), Bragança (70%), Marabá (68%) e Santarém (31%). No município de Santarém, destacou-se o uso da variante terminológica “*ramal*” (56%). A variante “*aceiro da roça*” também se distribui entre todos os pontos de inquérito: Bragança (30%), Marabá (28%), Salvaterra (18%), Marabá (14%) e Santarém (13%). A variante “*pique*” foi registrada apenas na localidade de Marabá com uma frequência de uso de 4%.

5.13 Cartograma 13 – Aradar



O cartograma 13 apresenta 11 variantes distribuídas em todos os pontos de inquérito investigados. As variantes terminológicas mais recorrentes são “*aradar*” e “*arar*” com frequência de 55 e 40 ocorrências respectivamente no *corpus*. No entanto, o termo “*aradar*” apresentou mais força de uso nos municípios de Santarém (67%), Altamira (53%), Bragança (52%) e Marabá (34%), enquanto o termo “*arar*” apresentou mais força de uso apenas no município de Salvaterra (62%). A localidade que mais apresentou variante foi Bragança com a quantidade de 08, seguida pelos municípios de Salvaterra e Marabá com a quantidade de 06 em cada ponto de inquérito. Embora a variante “*arar*” tenha sido apagada em Santarém, o cartograma aponta uma concorrência forte entre as variantes “*aradar*” e “*arar*”. Nesse sentido, ressaltamos que o termo mais popular “*aradar*” acaba tendo mais reflexo no discurso do trabalhador rural.

5.14 Cartograma 14 – Grelo

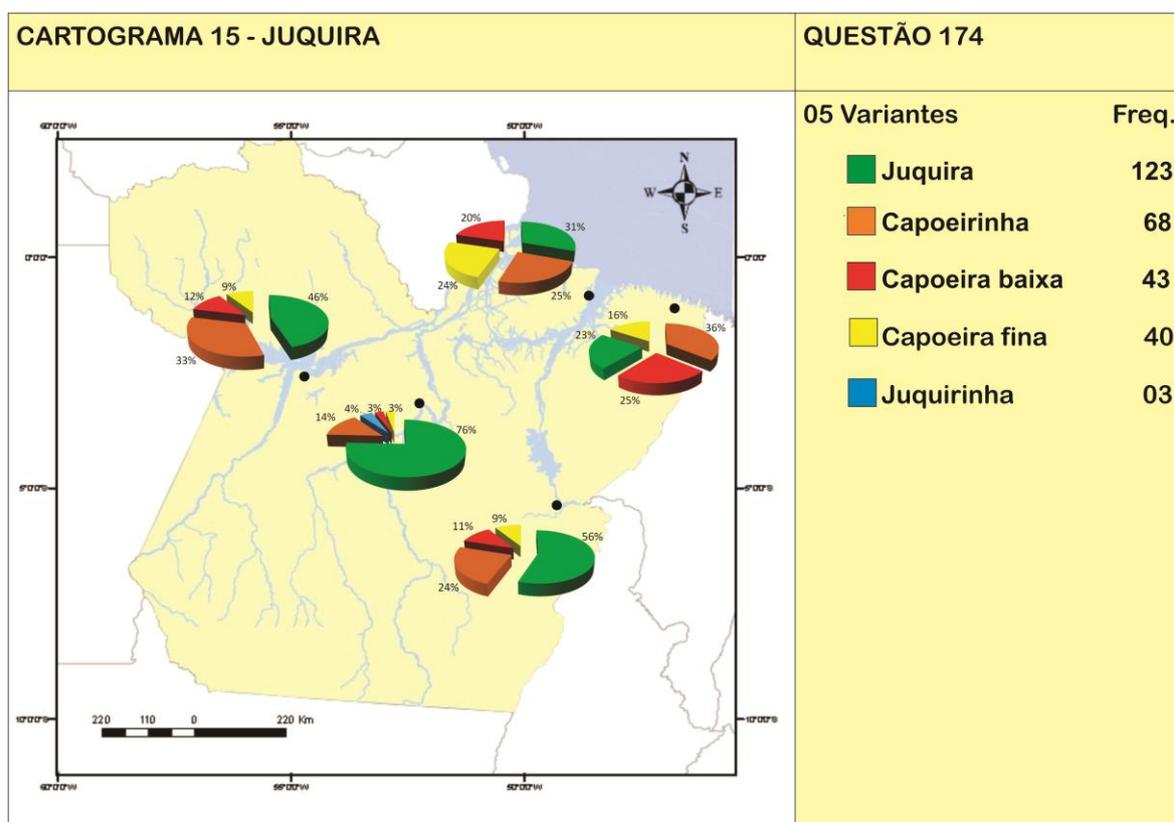


| TERMOS | DICIONÁRIOS DE LÍNGUA TUPI | | | | | | | |
|--------|----------------------------|---------------------------|--------------|-------------|--------------|-----------------|----------------|----------------|
| | Boudin 1 (1978) | Boudin 2 (1978) | Cunha (1999) | Dias (1970) | Mello (1967) | Tibiricá (1984) | Sampaio (1987) | Sampaio (1986) |
| Grelo | kir, mani'ók tiningwêr | kir, mani'ók tiningwêr | | | | | | |

O cartograma 14 apresenta 10 variantes terminológicas distribuídas em todo o espaço do território paraense. As variantes mais frequentes são “grelo” (43), “olho da maniva” (39), “nó da maniva” (31). Embora a variante terminológica “grelo” possua mais ocorrência no *corpus* da pesquisa, ela não se encontra distribuída em todos os pontos de inquérito. Por outro lado, as variantes “olho da maniva”, “nó da maniva” e “broto da maniva”, menos frequentes no *corpus*, encontram-se distribuídas em todos os pontos de inquérito. Das 10 variantes apresentadas no cartograma, 08 se encontram no discurso dos trabalhadores rurais do município de Bragança; 07 variantes no discurso dos trabalhadores

rurais de Marabá; 06 variantes no discurso dos trabalhadores rurais Salvaterra e 05 variantes no discurso dos trabalhadores rurais de Altamira e Santarém. Ressalta-se, ainda, que dos termos contidos no cartograma apenas “*grelo*” é documentado na obra de Boudin (1978, p. 103,128) como “*kir*” e “*mani’ók tiningwêr*” na qual se apresenta uma acepção de “broto, grelo, renovo” (BOUDIN, 1978, P. 103) e “olhos, broto da mandioca” (BOUDIN, 1978, P. 128). Assim, os trabalhadores rurais definem culturalmente o termo “*grelo*” como o local de renovo por onde nascem os novos ramos da planta.

5.15 Cartograma 15 – Juquira

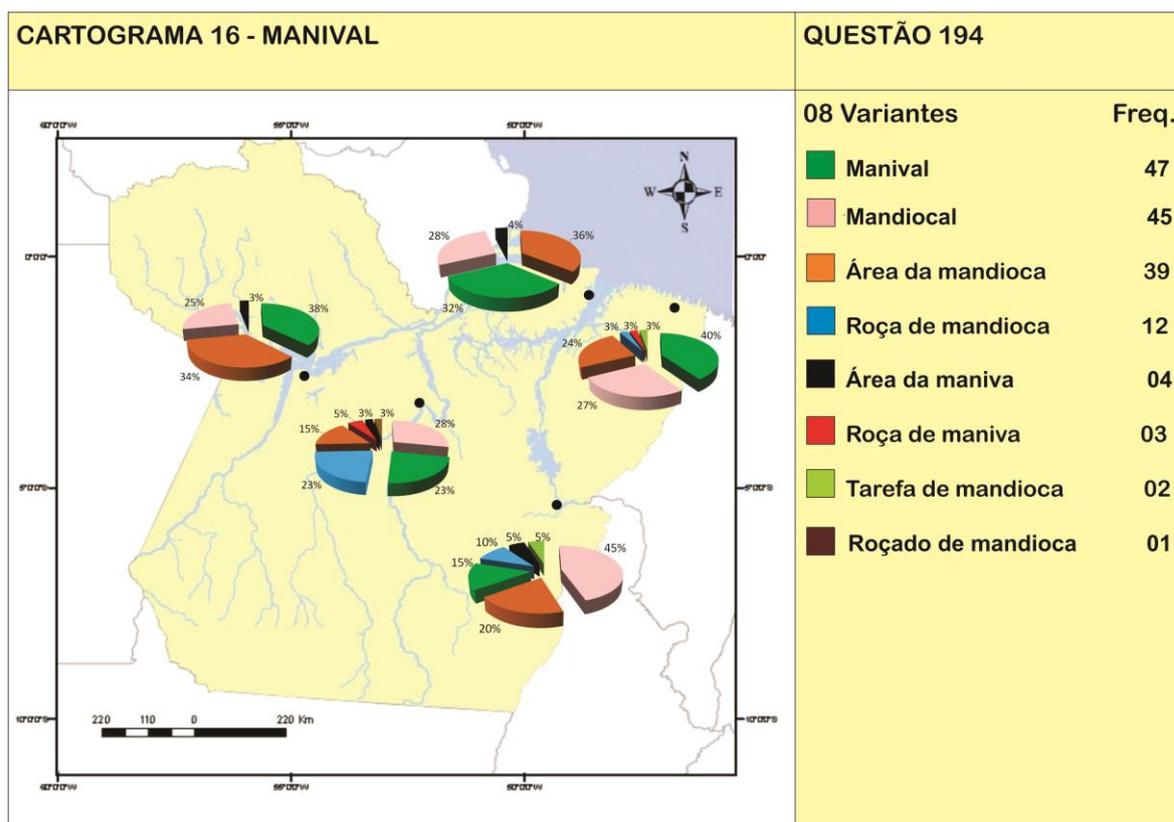


| TERMOS | DICIONÁRIOS DE LÍNGUA TUPI | | | | | | | |
|----------|----------------------------|--------------------|--------------|-------------|--------------|----------------------|----------------|----------------|
| | Boudin 1 (1978) | Boudin 2 (1978) | Cunha (1999) | Dias (1970) | Mello (1967) | Tibiriçá (1984) | Sampaio (1987) | Sampaio (1986) |
| Capoeira | kô-kuêr, ko-kuê | kô-kuêr, ko-kuê | ko'puera | | capoeira | caapuera, capuera | | kapuera |

O cartograma 15 apresenta 05 variantes distribuídas em todas as localidades pesquisadas: “juquira” (123), “capoeirinha” (68), “capoeira baixa” (43), “capoeira fina” (40) e “juquirinha” (03). Com exceção da variante terminológica “juquirinha” ocorrente no município de Altamira (4%), todas as outras variantes se encontram no discurso dos trabalhadores rurais de todas as localidades. A variante “juquira” tem maior força de uso para os municípios de Altamira (76%), Marabá (56%), Santarém (46%) e Salvaterra (31%), enquanto a variante “capoeirinha” apresentou maior força de uso para o município de Bragança (36%). A variante “capoeira” encontrada nos dicionários de Boudin (1978, p. 106, vol. 1), Boudin (1978, p. 69, vol.2), Tibiriçá (1984, p. 76), Cunha

(1999,p. 98) e Sampaio (1986, p. 84) apresentam uma acepção próxima ao que se verificou no *corpus* da nossa pesquisa, ou seja, “terreno onde já houve roça e que foi reconquistado pelo mato” (CUNHA, 1999, p. 98).

5.16 Cartograma 16 – Manival

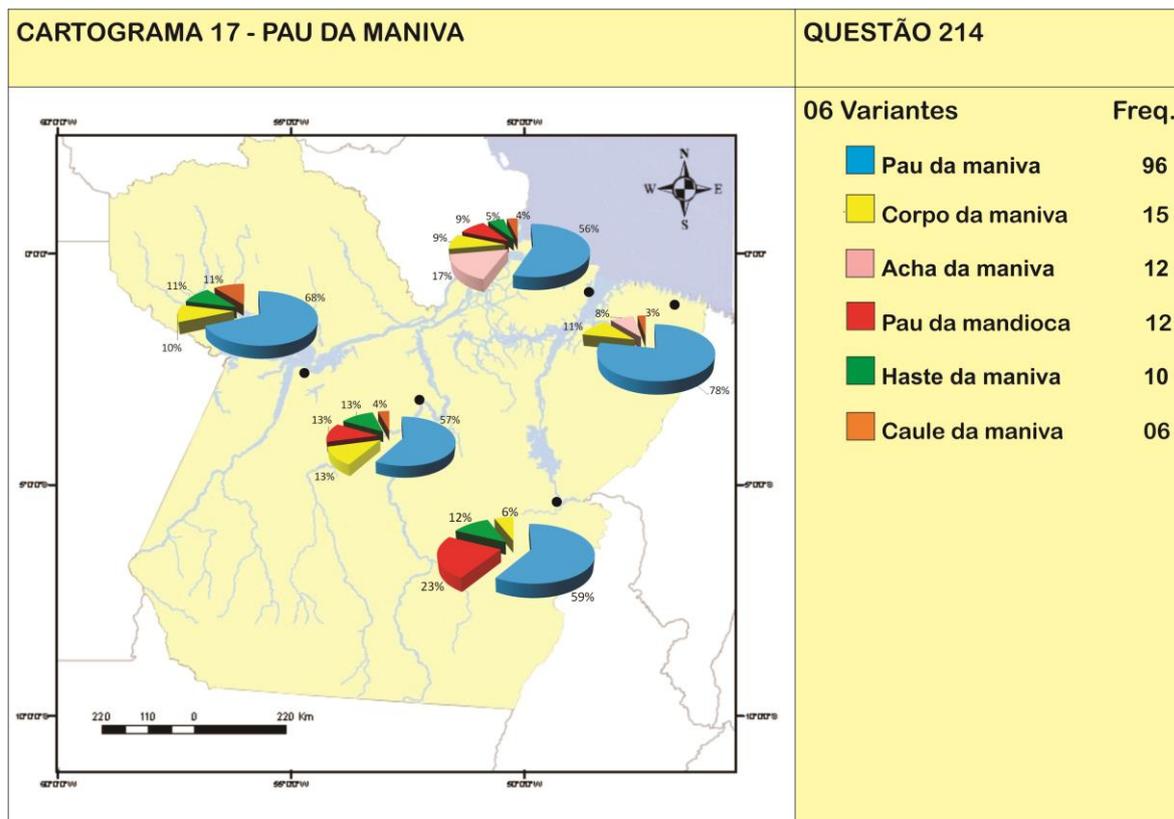


| TERMOS | DICIONÁRIOS DE LÍNGUA TUPI | | | | | | | |
|-----------|-----------------------------|-----------------------------|--------------|-------------|--------------|-----------------|----------------|----------------|
| | Boudin 1 (1978) | Boudin 2 (1978) | Cunha (1999) | Dias (1970) | Mello (1967) | Tibiriçá (1984) | Sampaio (1987) | Sampaio (1986) |
| Manival | mani'i-tiw | mani'i-tiw | | | | | | |
| Mandiocal | mani'ók-tim, mani'ók-tiw | mani'ók-tim, mani'ók-tiw | mandiocal | | | mandiotyba | mandió-tybe | |

O cartograma 16 apresenta 08 variantes distribuídas em todos os pontos de inquérito. As variantes mais frequentes são “*manival*” (47), “*mandiocal*” (45) e “*área da mandioca*” (39). A variante terminológica “*manival*” tem maior força de uso nas localidades de Bragança (40%) e Santarém (38%), “*mandiocal*” tem maior força de uso em Marabá (45%) e Altamira (28%), enquanto a variante “*área da mandioca*” apresentou maior força no município de Salvaterra (36%). Considerando a frequência de uso e a sua

distribuição no espaço geográfico, podemos inferir que as variantes terminológicas “*manival*”, “*mandioca*” e “*área da mandioca*” são termos que se encontram em constante concorrência. O termo “*mandiocal*” e “*manival*” encontram-se registrados nos dicionários de Boudin (1978, p. 128, vol.1) Boudin (1978, p. 221, vol.2), Cunha (1999, p. 200), Tibiriçá (1984, p. 126) Sampaio (1987, p. 277) nas formas “*mani’ôk-tim*”, “*mani’ôk-tiw*”, “*mandiocal*”, “*mandiotyba*”, “*mandió-tybe*” para *mandiocal* e “*mani’i-tiw*” para *manival*, ambas trazendo a acepção de “*o sítio das mandiocas, mandioca; a roça de mandioca, plantação de mandioca*”.

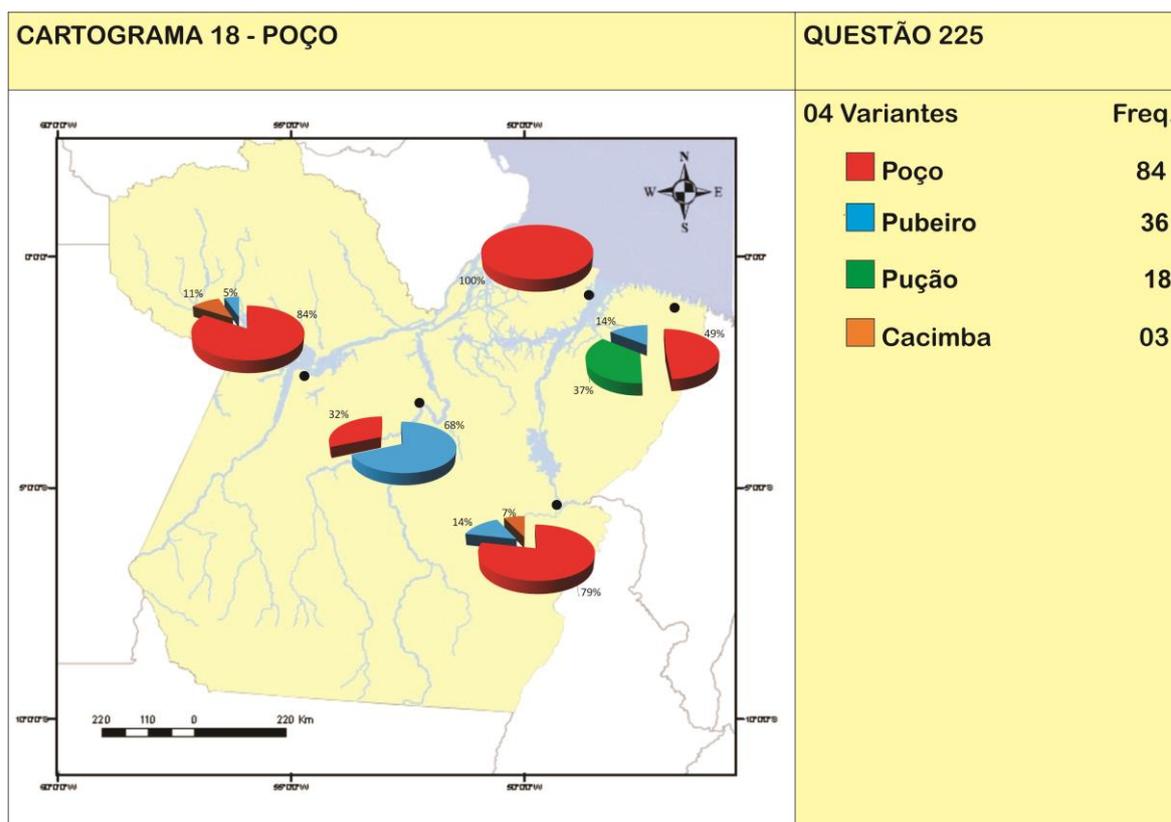
5.17 Cartograma 17 – Pau da Maniva



| TERMOS | DICIONÁRIOS DE LÍNGUA TUPI | | | | | | | |
|---------------|----------------------------|-----------------|--------------|-------------|--------------|-----------------|----------------|----------------|
| | Boudin 1 (1978) | Boudin 2 (1978) | Cunha (1999) | Dias (1970) | Mello (1967) | Tibiriçá (1984) | Sampaio (1987) | Sampaio (1986) |
| Pau da maniva | | | | | maníua | maniýba | | |

O cartograma 17 apresenta 06 variantes com frequência maior e representativa para o termo “*pau da maniva*”, que totaliza 96 ocorrências no *corpus* da pesquisa. A variante “*pau da maniva*” apresenta maior força de uso no município de Bragança (78%) e uso expressivo nas demais localidades: Santarém (68%), Marabá (59%), Altamira (57%) e Salvaterra (56%). As demais variantes como “*corpo da maniva*”, “*pau da mandioca*”, “*haste da maniva*” e “*caule da maniva*”, embora apresentem menor frequência, estão distribuídas entre a maioria dos pontos de inquérito, tornando-se produtivo o uso dessas variantes no discurso dos trabalhadores rurais. Na obra Tibiriçá (1984, p. 127), os termos “*caule da maniva*” e “*haste da maniva*” encontram-se registrados como “*maniýba*” e em Mello (1967, p. 40) como “*maníua*”.

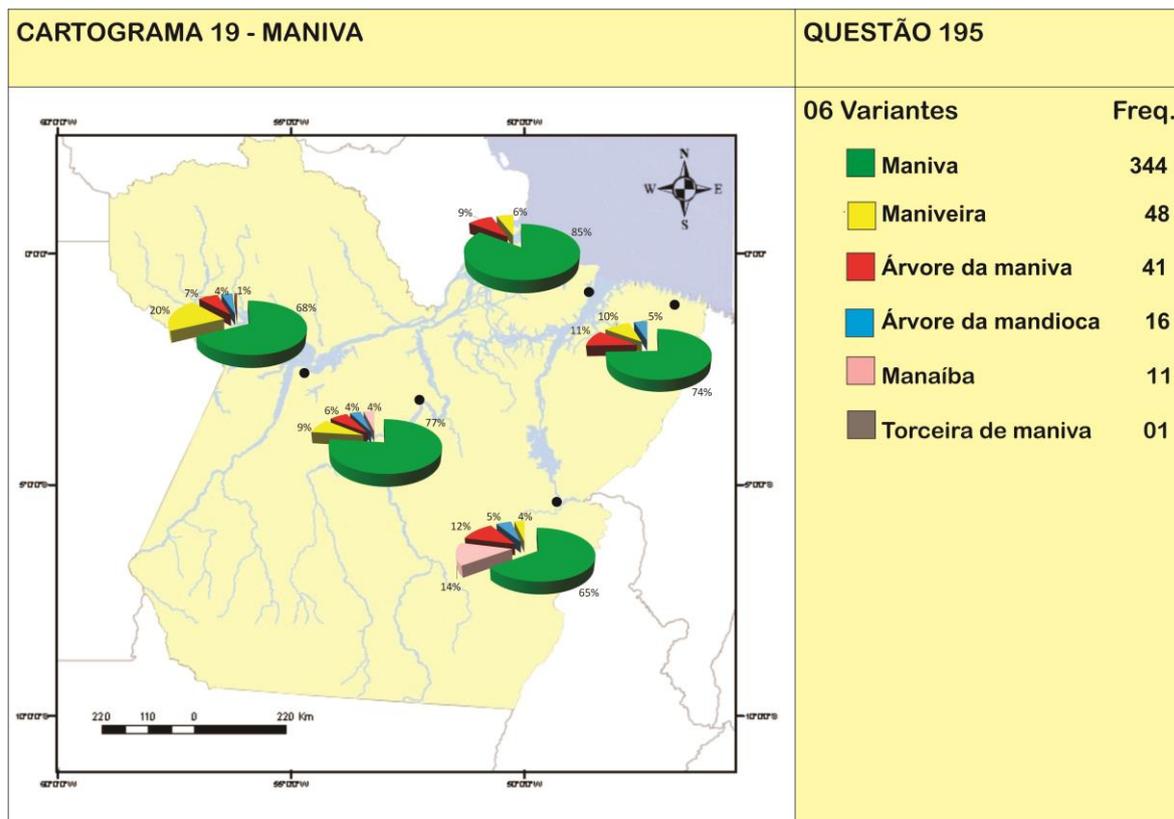
5.18 Cartograma 18 – Poço



| TERMOS | DICIONÁRIOS DE LÍNGUA TUPI | | | | | | | |
|--------|----------------------------|------------------|--------------|-------------|--------------|-----------------|----------------|----------------|
| | Boudin 1 (1978) | Boudin 2 (1978) | Cunha (1999) | Dias (1970) | Mello (1967) | Tibiriçá (1984) | Sampaio (1987) | Sampaio (1986) |
| Poço | i-kwar, i-kwá | i-kwar, i-kwá | | | | | | |

O cartograma 18 apresenta 04 variantes distribuídas no espaço geográfico. A variante “*poço*” possui maior força de uso em quatro pontos de inquérito: Salvaterra (100%), Santarém (84%), Marabá (79%) e Bragança (49%). A variante “*pubeiro*” tem maior força de uso no município de Altamira (68%), porém é encontrada em outros três pontos de inquérito com menor frequência: Bragança (14%), Marabá (14%) e Santarém (5%). Verificamos que em Boudin (1978, 275, vol.1) e Boudin (1978, p. 74, vol.2) o termo “*poço*” é registrado como “*i-kwar*” e “*i-kwá*”.

5.19 Cartograma 19 – Maniva

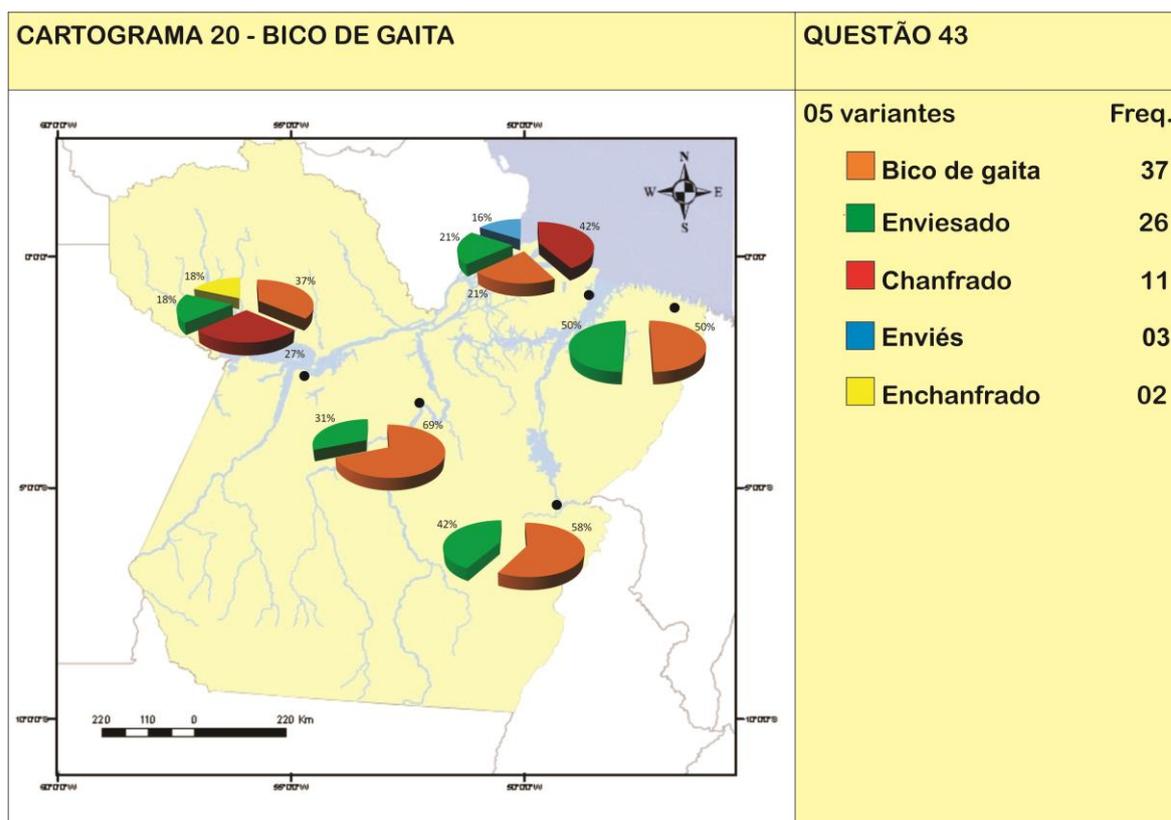


| TERMOS | DICIONÁRIOS DE LÍNGUA TUPI | | | | | | | |
|--------|-----------------------------------|-----------------------------------|--------------|-------------|--------------|-----------------|----------------|----------------|
| | Boudin 1 (1978) | Boudin 2 (1978) | Cunha (1999) | Dias (1970) | Mello (1967) | Tibiriçá (1984) | Sampaio (1987) | Sampaio (1986) |
| Maniva | mani'iw, mani'iwêr, mandiib | mani'iw, mani'iwêr, mandiib | manaiba | maniva | maníua | maniýba | | |

O cartograma 19 apresenta 06 variantes distribuídas entre os pontos de inquérito da pesquisa. Observa-se que a variante terminológica “*maniva*” possui força de uso expressiva, distribuindo-se em todo o espaço geográfico: Salvaterra (85%), Altamira (77%), Bragança (74%), Santarém (68%) e Marabá (65%). Embora as variantes “*maniveira*” e “*árvore da maniva*” apresentem menor frequência de uso, estão distribuídas entre todas as localidades. Enquanto aquela é marcada como variante com frequência de 20% em Santarém, esta apresenta 12% de uso para o município de Marabá. A variante “*manaíba*”, por sua vez, está presente em dois pontos de inquérito: Marabá

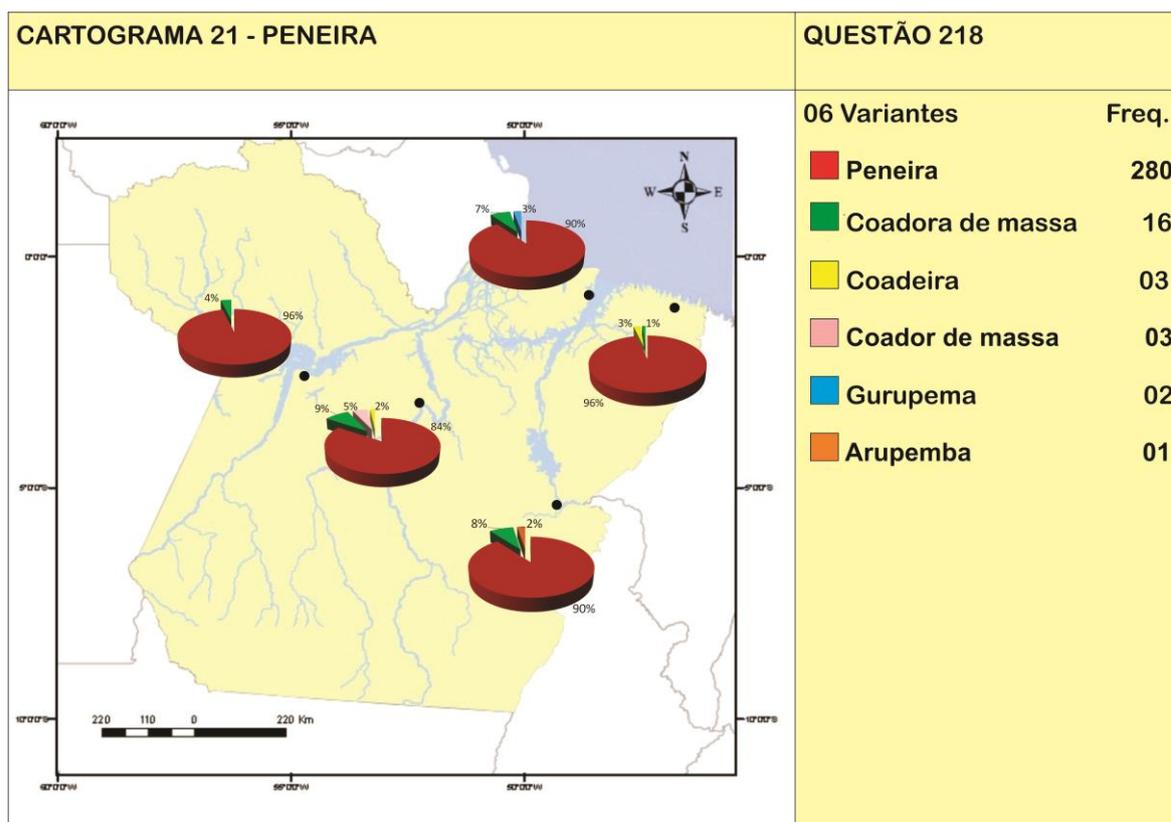
(14%) e Altamira (4%) enquanto “*torceira de maniva*” apenas em Santarém (1%). O termo “*maniva*” encontra-se registrado nos dicionários de Mello (1967, p. 40) como “*maníua*”, em Tibiriçá (1984, p. 127) como “*maniýba*”, em Cunha (1999, p. 204) como “*manaíba*” e em Boudin (1978, p. 128, vol.1) como “*mani’iw*”, “*mani’iwêr*” e “*mandiib*”, trazendo a acepção de “*maniveira, árvore da mandioca*”.

5.20 Cartograma 20 – Bico de Gaita



O cartograma 20 apresenta 05 variantes terminológicas que se encontram distribuídas entre os pontos de inquérito investigados. As variantes “*bico de gaita*” e “*enviesado*” apresentam maior frequência no *corpus*, sendo que os resultados sugerem uma competição entre esses dois termos na maioria dos municípios. O termo “*bico de gaita*” possui maior força de uso para o município de Altamira (69%) e menor força de uso para o município de Salvaterra (21%). Já o termo “*enviesado*” possui maior força de uso em Bragança (50%) e menor força de uso em Santarém (18%). Diferentemente dos outros pontos de inquérito, o termo “*chanfrado*” possui preferência no discurso dos trabalhadores rurais do município de Salvaterra (42%). O termo “*enviés*” ocorre apenas em Salvaterra (16%) e “*enchanfrado*” apenas em Santarém (18%). O termo “*bico de gaita*” se refere a um tipo de corte realizado no caule da maniva para servir de muda no plantio. Em todas as mesorregiões pesquisadas essa técnica de corte é usada pelos trabalhadores rurais.

5.21 Cartograma 21 – Peneira

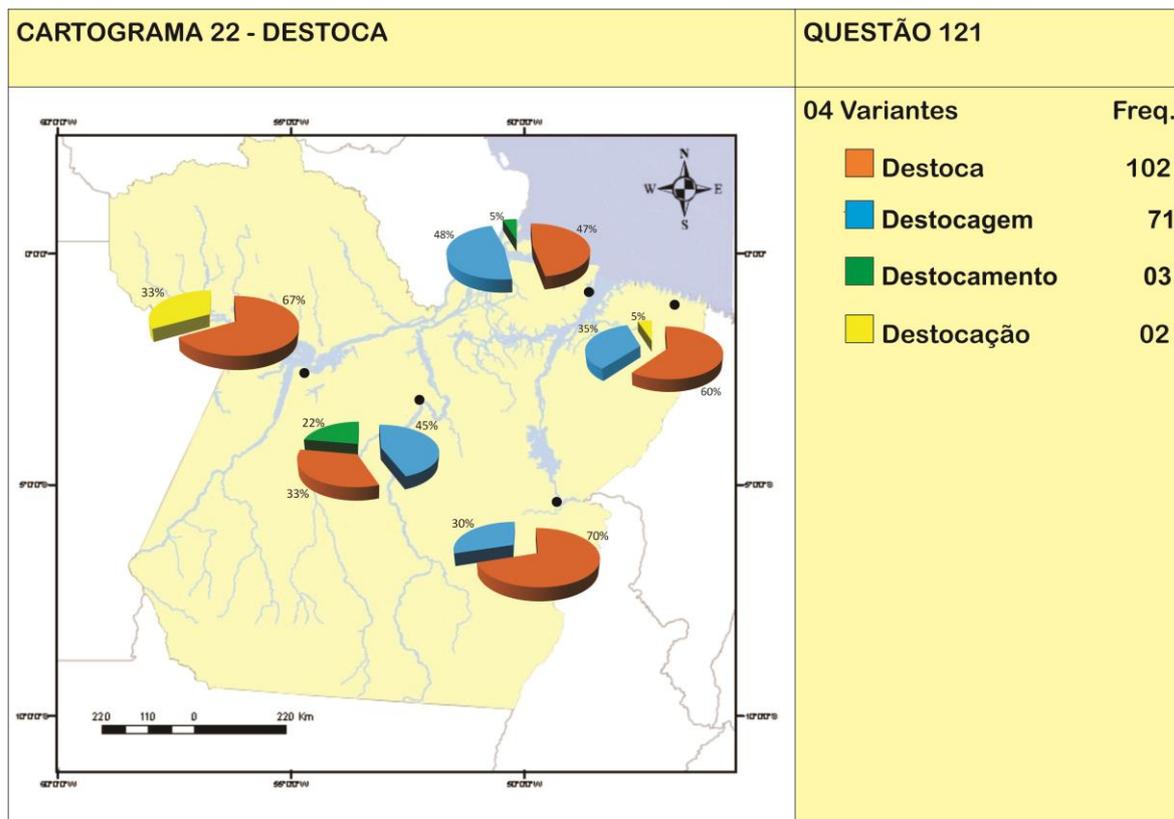


| TERMOS | DICIONÁRIOS DE LÍNGUA TUPI | | | | | | | |
|---------|------------------------------|------------------------------|--------------|-------------|--------------|----------------------|-----------------------------------|-------------------|
| | Boudin 1 (1978) | Boudin 2 (1978) | Cunha (1999) | Dias (1970) | Mello (1967) | Tibiricá (1984) | Sampaio (1987) | Sampaio (1986) |
| Peneira | irupêm, irupe, iru-péb | irupêm, irupe, iru-péb | urupema | urapema | urupêma | urupema, urupemba | urupema, urupemba, gurupema | urupê, urupema |

O cartograma 21 apresenta 06 variantes terminológicas distribuídas em toda Amazônia paraense. A variante “*peneira*” é usada categoricamente em todos os pontos de inquérito: Bragança (96%), Santarém (96%), Salvaterra (90%), Marabá (90%) e Altamira (84%). Embora variante terminológica “*coadora de massa*” tenha menor força de uso, encontra-se distribuída em todos os pontos de inquérito investigados: Altamira (9%), Marabá (8%), Salvaterra (7%) Santarém (4%) e Bragança (1%). O termo “*coadeira*” distribui-se entre duas localidades: Bragança (3%) e Altamira (2%), enquanto o termo “*coador de massa*” ocorre apenas em Altamira (5%). Por sua vez, as variante “*gurupema*” e “*arupemba*” ocorreu apenas em Salvaterra (3%) e Marabá (2%) respectivamente.

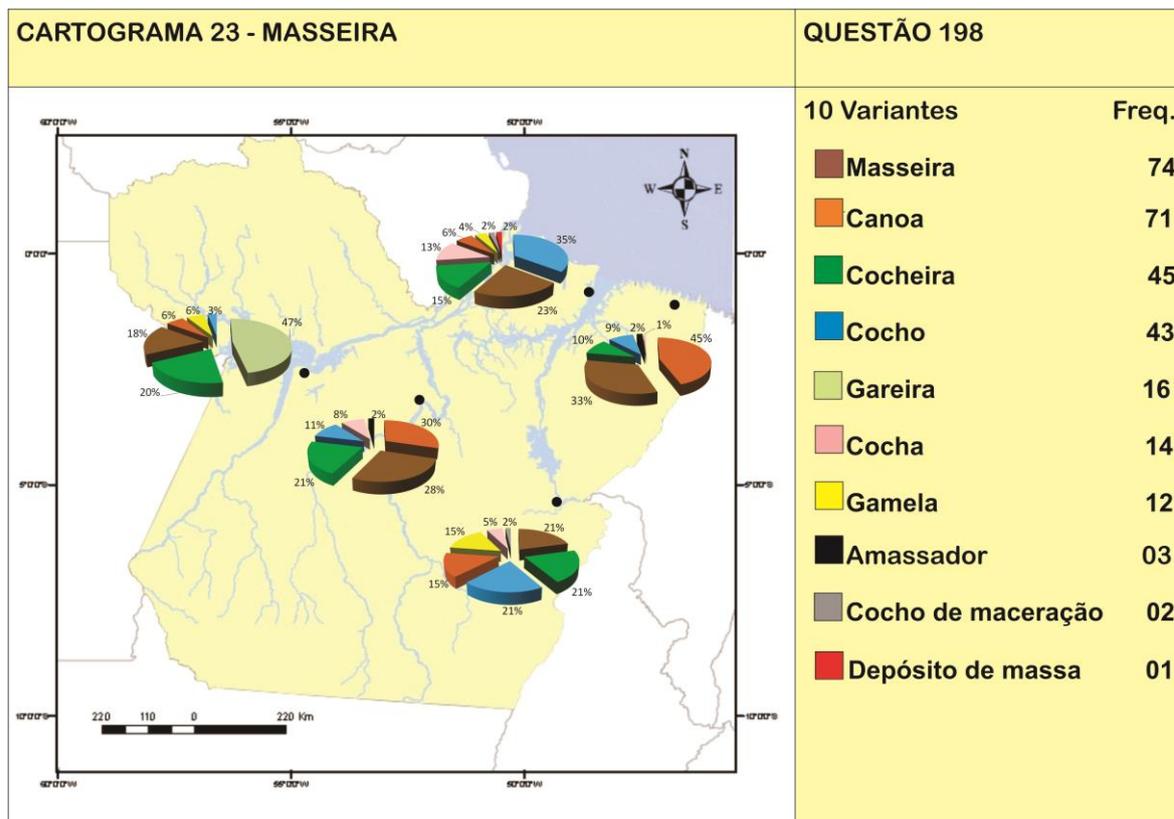
Ressalta-se que os termos foram encontrados documentados nas obras de Boudin (1978, p. 80, vol.1), Boudin (1978, p. 266, vol.2), Mello (1967, p. 65), Cunha (1999, p. 357), Dias (1970, p. 71), Tibiriçá (1984, p. 189), Sampaio (1986, p. 174) e Sampaio (1987, p. 342) de acordo com o quadro anterior e em todas as entradas dessas obras apresentam-se uma acepção do termo como “*peneira*”.

5.22 Cartograma 22 – Destoca



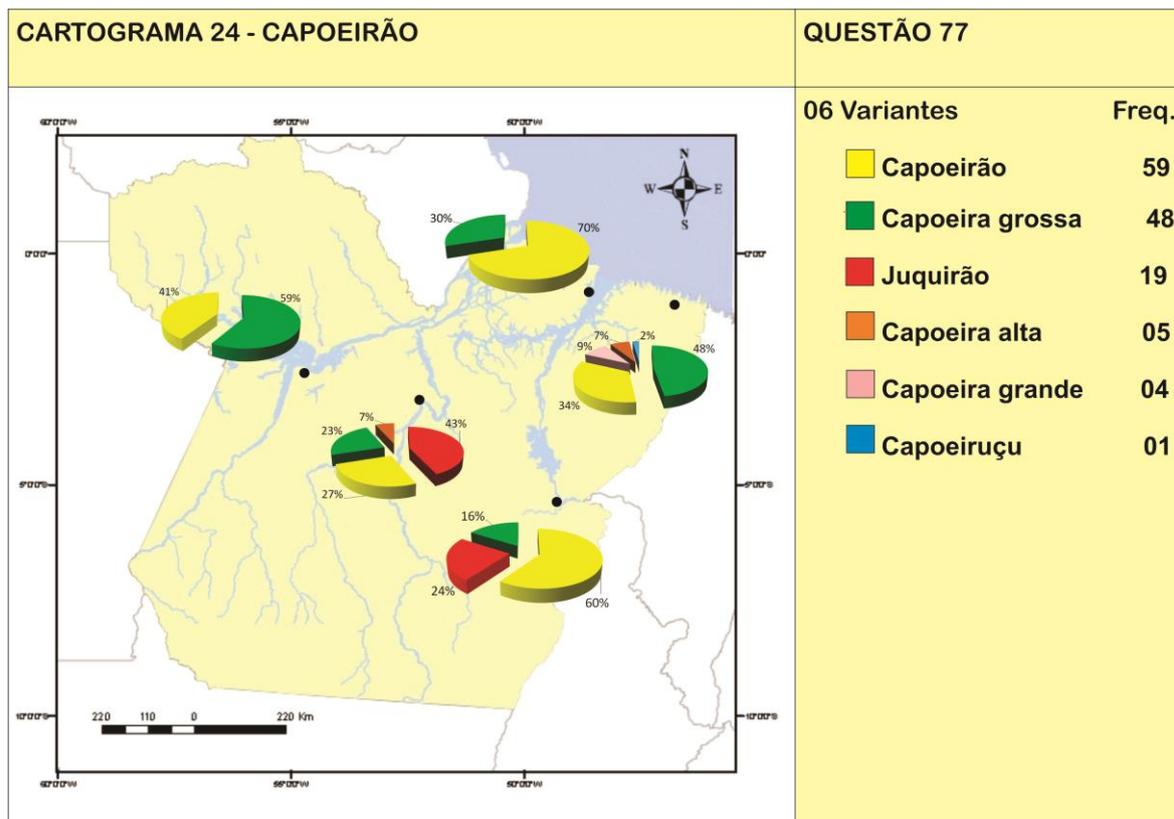
O cartograma 22 apresenta 04 variantes, sendo os termos “*destoca*” (102) e “*destocagem*” (71) os de maior frequência no *corpus*. A variante terminológica “*destoca*” se destaca quanto à força de uso na maioria dos pontos de inquérito como também pela sua distribuição em todas as localidades: Marabá (70%), Santarém (67%), Bragança (60%), Salvaterra (47%) e Altamira (33%). A variante “*destocagem*” ocorre em quatro localidades, apresentando força de uso para os municípios de Salvaterra (48%) e Altamira (45%). A variante “*destocamento*” ocorre em Altamira (22%) e Salvaterra (5%), enquanto destocação em Santarém (33%) e Bragança (5%). A “*destoca*” é um processo pelo qual o trabalhador rural retira os tocos que ficam no roçado após o processo denominado queima. Ressaltamos, porém, que a destoca não é um processo frequente nessa atividade especializada uma vez que exige equipamentos que a grande maioria dos trabalhadores rurais não possui. Dessa forma, o plantio é realizado quase exclusivamente no roçado em meio aos tocos que sobram após a queima.

5.23 Cartograma 23 – Masseira



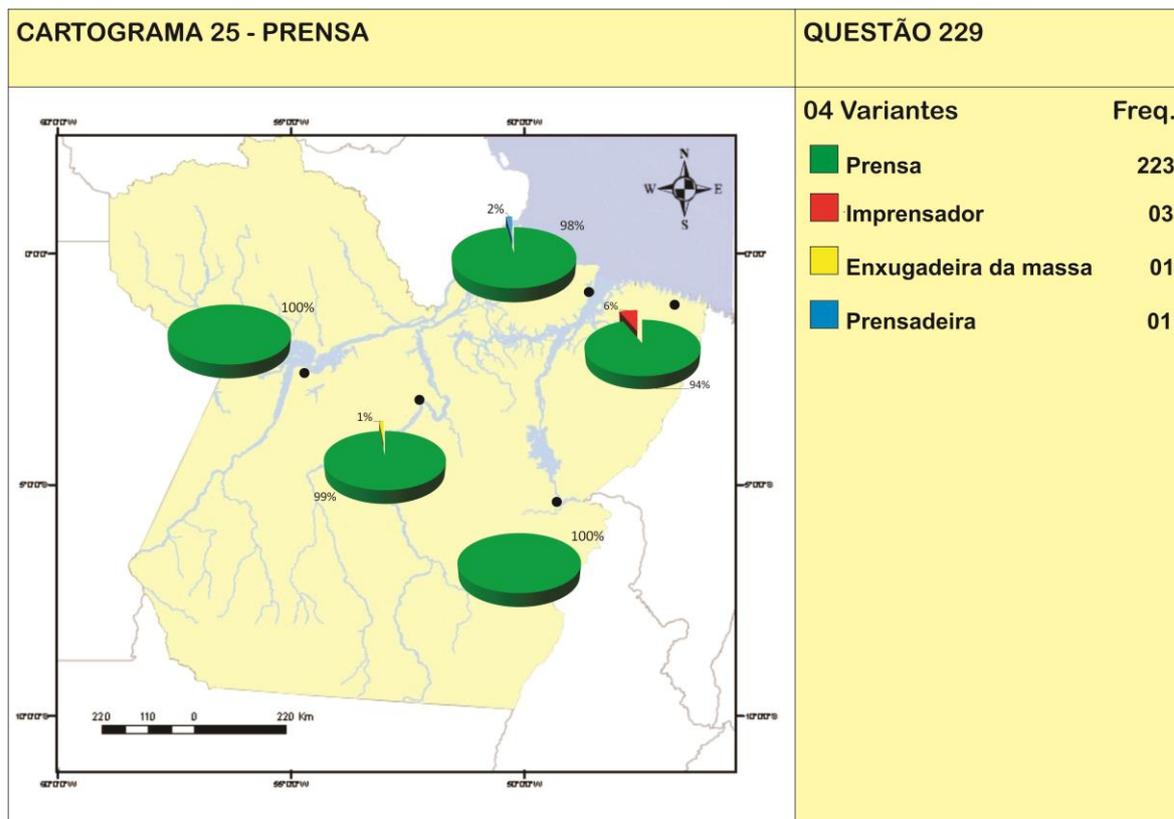
O cartograma 23 apresenta 10 variantes distribuídas em todos os pontos de inquérito da pesquisa. Em termos de distribuição espacial, os termos “masseira”, “canao”, “cocheira” e “cocho” possuem um alcance mais abrangente em todo o território. A variante “canao” possui maior força de uso em Bragança (45%) e Altamira (30%) enquanto a variante “cocho” possui maior força de uso em Salvaterra (35%). A variante “gareira” se destaca como termo de preferência para o município de Santarém (47%) e os termos “masseira”, “cocheira” e “cocho” aparecem no município de Marabá com uma frequência de 21% cada. A masseira é um utensílio produzido de tronco de árvore escavado e usado para amassar a massa da mandioca ralada ou triturada pelo trabalhador rural.

5.24 Cartograma 24 – Capoeirão



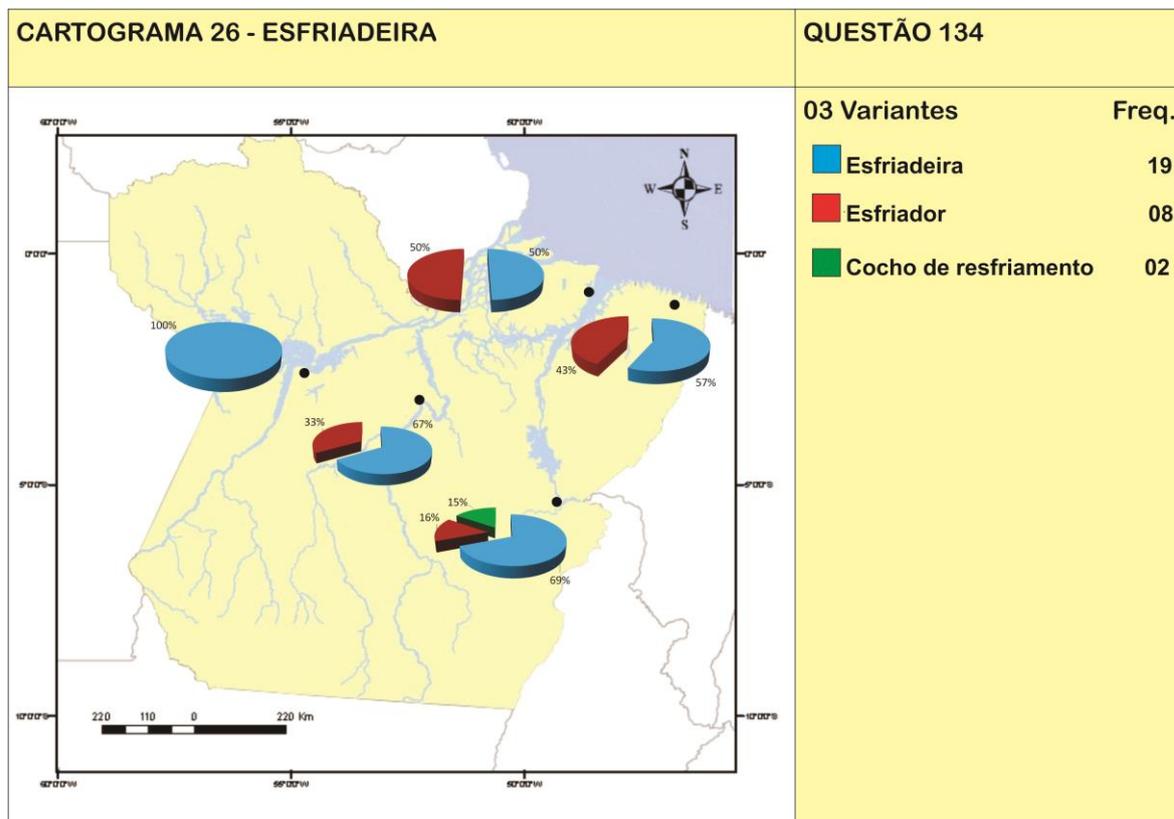
O cartograma 24 apresenta 06 variantes distribuídas em todos os pontos de inquérito da pesquisa. As variantes terminológicas “capoeirão” e “capoeira grossa” são as mais frequentes no *corpus* e aparecem em todas as localidades investigadas. A variante “capoeirão” possui força de uso nos municípios de Salvaterra (70%) e Marabá (60%), enquanto a variante “capoeira grossa” em Santarém (59%) e Bragança (48%). Por sua vez, a variante terminológica “juquirão” apresentou maior força de uso para o município de Altamira (43%). A variante “capoeira alta” ocorreu entre os municípios de Altamira (7%) e Bragança (7%) e os termos “capoeira grande” e “capoeiruçu” no município de Bragança com uma frequência de 9% e 2% respectivamente. Ressalta-se que “capoeirão” é considerado pelo trabalhador rural como a área de terra onde a mata é densa e alta.

5.25 Cartograma 25 – Prensa



O cartograma 25 apresenta 04 variantes, sendo que o termo “*prensa*” é categórico em todos os pontos de inquérito, possuindo uma força de uso hegemônica: Santarém (100%), Marabá (100%), Altamira (99%), Salvaterra (98%) e Bragança (94%). As variantes terminológicas “*imprensador*”, “*prensadeira*” e “*enxugadeira de massa*” ocorreram nas localidades de Bragança (6%), Salvaterra (2%) e Altamira (1%) respectivamente. Na atividade de produção da farinha, a prensa é um instrumento usado para comprimir a massa da mandioca para extração do *tucupi*.

5.26 Cartograma 26 – Esfriadeira



O cartograma 26 apresenta 03 variantes terminológicas distribuídas entre os pontos de inquérito. A variante terminológica “*esfriadeira*” possui maior força de uso na maioria dos pontos de inquérito e está distribuída em todo o território investigado: Santarém (100%), Marabá (69%), Altamira (67%), Bragança 57% e Salvaterra (50%). A variante “*esfriador*” possui ocorrência em quatro localidades: Salvaterra (50%), Bragança (43%), Altamira (33%) e Marabá (16%), enquanto “*cocho de resfriamento*” apenas no município de Marabá (15%). A *esfriadeira* é um utensílio produzido de tronco de árvore escavado e usado para se colocar a farinha torrada para esfriar. A *esfriadeira* e a *masseira* são utensílios idênticos se diferenciando apenas na finalidade para a qual servem, mas geralmente o trabalhador rural destina um desses utensílios para ser usado apenas com a função de *esfriadeira* ou *masseira* na casa de farinha.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos terminológicos têm sido palco de nosso interesse nos últimos oito anos quando então adentramos nos bancos da pós-graduação e desenvolvemos nosso primeiro trabalho na área do léxico de especialidade. Naquele primeiro momento sabíamos que muito ainda se tinha por fazer e que precisávamos expandir a nossa perspectiva para mergulhos mais aprofundados no mundo intelectual. Foi quando, então, surgiu a oportunidade de darmos continuidade, em nível de doutorado, ao que havíamos começado no curso de mestrado e podermos contribuir para o conhecimento sobre os saberes tradicionais do universo da atividade de produção da farinha de mandioca na Amazônia paraense.

Para isso, recorremos aos pressupostos teóricos da Socioterminologia (GAUDIN, 1993; 2003; FAULSTICH, 1995; 1996; 1998; 2001; 2006; 2010) aliados à perspectiva geolinguística (COSERIU, 1982; BRANDÃO, 1991, ALINEI, 1994; FERREIRA e CARDOSO, 1994; THUN, 2005; CARDOSO, 2009; CARDOSO, 2010) por acreditarmos e defendermos que o espaço geográfico pode nos apresentar muitas respostas sobre o movimento dos termos. Sabemos que os estudos socioterminológicos têm se preocupado com a relação linguagem e sociedade, oportunizando o entendimento de que a variação deva ser considerada como um pressuposto importante à prática terminológica. Ao apresentarmos o glossário eletrônico da cultura da farinha de mandioca na Amazônia paraense uma das nossas principais preocupações foi descrever a linguagem em uso por quem dela se utiliza na interação social. Deve-se depreender dessa obra que não estávamos preocupados em classificar os termos, embora sabéssemos da importância disso para a descrição e o entendimento do funcionamento da linguagem. Por isso, a obra pretende tão somente demonstrar que os termos são variantes que o falante elege para o contato sociocomunicativo em seu convívio social.

A obra terminológica elaborada traz a perspectiva de ter sido construída com base em ferramentas digitais. Assim dispusemos de uma série de recursos computadorizados para o tratamento dos dados coletados com apoio dos *softwares Transana* para transcrição dos dados, *WordSmith Tools* para extração dos termos e *Lexique Pro* para elaboração do glossário eletrônico. Entendemos que na atualidade para qualquer trabalho terminológico que se queira realizar seja imprescindível a constituição de um *corpus* e o tratamento deste por meio de recursos informatizados. Para Borba e Villar

(2011, p. 21) “Com um *corpus* controlado por computador, tem-se mais segurança e objetividade na organização tanto da macroestrutura como da microestrutura do dicionário”. Por sua vez Maciel (2006, p. 01) afirma que “Diante do volume e da multiplicidade da produção técnico-científica e dos recursos operacionais informatizados disponíveis atualmente, nenhum terminólogo concebe realizar um trabalho teórico ou uma aplicação terminográfica que não se inicie pela construção de um *corpus* digitalizado”.

Acreditamos que uma obra terminológica no formato digital venha contribuir bastante na busca de informação para o consulente. Dentre as características de um glossário eletrônico, encontram-se a disponibilidade de imagens, vídeos e áudios que corroboram para o entendimento do sentido do termo por vezes difícil de definir ou de se deixar traduzir em decorrência de seus aspectos culturais particulares. Há também a possibilidade de qualquer termo na microestrutura do verbete servir de *hyperlink* para a sua explicação ou direcionar rapidamente para o(s) termo(s) variante(s) a que se refere(m), ajudando o consulente na tarefa de compreensão do universo especializado repertoriado. Essas novas possibilidades na era da informática devem fazer parte da prática e das reflexões na área dos estudos terminológicos de forma a contribuir para o acesso à informação numa sociedade globalizada cada vez mais exigente pela informação rápida e segura.

Ao buscarmos aliar os princípios geolinguísticos para a pesquisa terminológica acreditamos ter oportunizado uma forma de se tratar o termo no espaço geográfico garantindo confiabilidade nos resultados alcançados. Não buscamos enveredar pelas reflexões sobre regionalismos, porém acreditamos que os resultados possam nos sugerir indícios de práticas languageiras específicas evidenciadas em alguns pontos de inquérito. Dessa forma, os pressupostos da Geolinguística nos possibilitaram a elaborar cartogramas terminológicos que evidenciam a distribuição das variantes terminológicas no espaço geográfico. No entanto, não tivemos a preocupação em categorizar os dados linguísticos do ponto de vista de sua estratificação social uma vez que essas informações não teriam sentido para serem inseridas no glossário em decorrência do próprio público-alvo a que a obra se destina.

Realizamos uma breve discussão sobre os cartogramas terminológicos elaborados e, a partir deles, pudemos evidenciar que há uma diversidade de usos linguísticos na Amazônia paraense e que essa diversidade corrobora para o universal linguístico sobre a diversidade linguística na unidade. Esses cartogramas sugerem algumas

peculiaridade no que diz respeito o uso dos termos no discurso especializado nas várias comunidades investigadas. No entanto, não é pretensão nossa apresentar os nossos resultados como algo totalmente pronto e acabado. Temos plena consciência dos limites de nossa investigação e de que o levantamento de um maior número de pontos de inquérito poderia trazer resultados mais satisfatórios sobre a natureza da variação geográfica. Assim, com os dados obtidos, pudemos perceber alguns indícios de que há influências indígenas fortemente verificáveis no discurso especializado dos trabalhadores rurais. Temos como exemplo os termos *jamanchim* e *manicujá* que foram usados na mesorregião do Baixo Amazonas e evidenciam a influência da linguagem indígena. Estes termos estão documentados na obra de Cunha (1999), Tibiriça (1994) como “*jamaxi*” e “*manicujá*” trazendo a acepção de “*jamaxi – Am. grande cesto usado em viajemos espécie de cesto*” (TIBIRIÇA, 1994, p. 115; CUNHA, 1999, p. 171) e “*manicujá – Am. cova onde se planta a mandioca*” (TIBIRIÇA, 1994, p. 127).

Considerando a trilha pela qual percorremos até o momento, aliando os princípios socioterminológicos aos geolinguísticos, chegamos à conclusão de que há de se refletir sobre uma Geoterminologia que possa buscar a compreensão dos termos na dimensão diatópica. Acreditamos ser possível uma empreitada nesse caminho uma vez que várias atividades especializadas tradicionais, como a terminologia da farinha de mandioca, possuem influência da modalidade oral da língua e precisam ser documentadas para se resguardar esse patrimônio lexical ainda evidente. Além disso, mesmo que determinadas terminologias tenham influência de áreas mais técnicas e uma grande tradição na modalidade escrita, são também usadas por falantes nativos da língua em graus de terminologização diferentes. Em nossa convivência profissional durante alguns anos como servidor do Ministério Público do Estado, por exemplo, pudemos observar que muitos cidadãos se reportavam ao Promotor de Justiça como Promotor Público. Na realidade, aquele é o termo constituído legalmente, embora muitos falantes no seu cotidiano usem este que não é aceito em documentos oficiais.

Com a elaboração do glossário esperamos ter contribuído não apenas para o reconhecimento do léxico especializado, mais também para construção de um caminho a ser cada vez mais aprofundado por futuras pesquisas. Por isso, temos plena consciência de termos percorrido apenas em direção a mais uma estação e que outras ainda poderão ser exploradas. Outros pontos de inquérito não somente podem como devem ser investigados a fim de se reconhecer melhor a terminologia em foco. Seria interessante um mapeamento

das variantes terminológicas entre regiões do Brasil a fim de verificar a existência de peculiaridades regionais, o que poderia ser causado principalmente por diferentes processos de produção da farinha, tanto do ponto de vista tradicional quanto industrial. Além disso, cremos ser necessário um levantamento de termos relacionados ao universo da farinha de mandioca em gêneros textuais escritos de diversa natureza para que se possa vislumbrar o discurso técnico que se tenha formado dessa atividade especializada.

7 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Milton de. **A mandioca na Amazônia**. Belém – PA: 1969.

ALBUQUERQUE, Milton de; CARDOSO, Eloisa Maria Ramos. **A mandioca no trópico úmido**. Brasília: Editerra, 1980.

ALINEI, Mario. L'Atlas Linguarum Europae: risultati, struttura, storia, prospettivi, in: MOUTON, Pilar Garcia (org.). **Geolinguística**. Trabajos europeos. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1994.

ALMEIDA, José Jonas. **A cidade de Marabá sob os impactos dos projetos governamentais**. 2008. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ALVES, R.N. B; MODESTO JUNIOR, M. S.; ANDRADE, A. C. S. **O trio da produtividade na cultura da mandioca**: estudo de caso de adoção de tecnologias na região no Baixo Tocantins. Disponível em: <http://www.cnpma.embrapa.br/boaspraticas/download/Trio_Produtividade_Cultura_Mandioca.pdf>. Acesso em 25 fev. 2014.

ANTUNES, Mafalda. **Metodologia do trabalho terminológico: o caso da terminologia do cinema em português europeu**. Revista *on-line* Debate Terminológico, n. 02, UFRGS, 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/riterm/article/view/21553>>. Acesso em 13/02/2014.

ARAÚJO, Rhoberta Santana. **A implantação do REUNI na Universidade Federal do Pará**: um estudo de caso do Campus Universitário de Altamira. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BORBA, Francisco da Silva; VILLAR, Mauro de Salles. O trabalho do dicionarista. In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (Org.). **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola, 2011. p. 17-25.

BOUDIN, Max Henri. **Dicionário de tupi moderno: dialeto tembé-tênêthar do alto do rio Gurupi**. Vol. 1 e 2. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

BRAGANÇA detém a fama de ter a melhor farinha. Pará, 2013. Disponível em: < <http://diariodopara.diarioonline.com.br/N-169843-BRAGANCA+DETEM+A+FAMA+DE+TER+A+MELHOR+FARINHA+.html>>. Acesso em: 14 out. 2014.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A Geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BARROS, Lídia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

CABRÉ, María Teresa et al. **La terminologia hoy: replanteamiento o diversificación**. In: ORGANON, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Terminologia e Integração. V. 12, nº 26. Porto Alegre, 1998.

CARDOSO, Eloisa Maria Ramos. Tradição da produção da farinha de mandioca na Amazônia. In: SOUZA, Luciano da Silva et al. **Processamento e utilização da mandioca**. Brasília - DF: EMBRAPA, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALIB: descrição e estágio atual**. Revista **ABRALIN**; v.8, n.1, p. 185-198 jan./jun. 2009. Disponível: <http://www.abralin.org/site/data/uploads/revistas/2009-vol-8-n-1/suzanaalice.pdf> Acesso em 02 abr. 2015.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CARVALHO, Orlene Lúia de Sabóia; BAGNO, Marcos (org.). **Dicionários escolares: políticas, formas e usos.**São Paulo: Parábola, 2011.

CEREDA, Marney Pascoli. Produtos e subprodutos.In: Souza, Luciano da Silva; FARIAS, Alba Rejane Nunes; MATTOS, Pedro Luiz Pires; FAKUDA, Wânia Maria Gonçalves. **Processamento e utilização da mandioca.** Cruz das Almas: EMBRAPA, 2005.

COSERIU, Eugenio. **O homem e sua linguagem.** Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

COSTA, Ériko Fabrício Nery. **Periferização, dispersão e fragmentação urbana em cidades intermediárias da Amazônia: o caso de Altamira – Pará.** 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano) – Universidade da Amazônia, Belém, 2013.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi.** 5. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, Universidade de Brasília 1999.

DIAS, Gonçalves. **Dicionário da língua tupi:** chamada língua geral dos indígenas do Brasil. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1970.

ELIZAINCÍN, Adolfo. Socio y Geolinguística: nueva alianza em los estudios sobre el uso lingüístico. **Estudos Linguísticos e Literários.** Salvador, n. 41, jan/jun. 2010, Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, UFBA, 2010. (p. 13- 28)

FAULSTICH, Enilde.**Socioterminologia:** mais que um método de pesquisa, uma disciplina. Ciência da Informação, Brasília, v. 24, n. 3, p. 281-288, 1995a.

_____. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia:** termo e variação. Brasília: Universidade de Brasília/LIV, 1995b.

_____. **Variantes terminológicas:** princípios lingüísticos de análise e método de recolha. Actes réflexions méthodologiques sur le travail en terminologie et en terminotique

dans les langue latines. Nice: Realiter / Université de Nice Sophia-Antipolis, pp. 15-20. 1996.

_____. **Entre a sincronia e a diacronia:** Variação terminológica no código da língua. VI Simpósio da Rede Iberoamericana – RITERM, 1998a. Disponível em <<http://vsites.unb.br/il/liv/enilde//documentos/HAVANA98.pdf>>. Acesso em 22 fev. 2014.

_____. **Principes formels et fonctionnels de la variation en terminologie.** Terminology, vol 5(1), pp. 93-106, 1998b.

_____. **Proposta metodológica para a elaboração de léxicos, dicionários e glossários.** LIV/IL/UnB/Centro Lexterm. Brasília, 2001.

_____. **A Socioterminologia na comunicação científica e técnica.** Ciência e Cultura (Terminologia/Artigos). São Paulo: vol. 58, n.2, pp. 27-31, 2006. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo>>. Acesso em 18 out. 2009.

_____. **Socioterminologia:** escopo e método. Brasília/DF: UnB: Centro Lexterm, 2010. No prelo.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A Dialetoлогия no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994.

FOLEGATTI, Marília Ieda da Silveira; MATSUURA, Fernando César Akira Urbano; FILHO, José Raimundo Ferreira. A indústria da farinha de mandioca. *In:* SOUZA, Luciano da Silva et al. **Processamento e utilização da mandioca.** Brasília - DF: EMBRAPA, 2005.

FROMM, Guilherme. **O uso de corpora na análise linguística.** Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlm/comet/artigos/O%20uso%20de%20corpora%20Guilherme.pdf>>. Acesso em 23 mai. 2008.

GAUDIN, François. **Pour une socio-terminologie**: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1993.

_____. **Socioterminologie**: une approche sociolinguistique de la terminologie. Bruxelles: Duculot, 2003. (Coleção Champs linguistiques).

GUTIERRES, Dalva Valente Guimarães. **A municipalização do ensino no município de Altamira – Pará e suas implicações para a democratização educacional**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Sidra. Agricultura.

(<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/prevsaf/default.asp?t=1&z=t&o=26&u2=1&u3=1&u4=1&u1=1>, 25 de março de 2015.)

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E AMBIENTAL DO PARÁ. **Síntese econômica, social e ambiental do município de Altamira**. IDESP, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Cidades. (<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=150060&search=para|altamira>, 08 de outubro de 2015.)

JUNIOR-DINIZ, Jabert. **A influência da vegetação no índice de conforto térmico em praças de diferentes configurações morfológicas na cidade de Santarém – PA**. 2012. Dissertação (Mestrado em Recursos Naturais da Amazônia). Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais da Amazônia, Universidade Federal do Oeste Paraense, Santarém, 2012.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Borcony. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LIMA, Alcides Fernandes. **Socioterminologia da indústria madeireira**. 2010. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

MACIEL, Anna Maria Becker. Processamento semi-automatizado da linguagem jurídica: problemas na seleção de termos. In: Krieger, Maria das Graças & MACIEL, Anna Maria Becker (org.) **Temas de Terminologia**. Porto Alegre/São Paulo: Editora Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001, p. 372-382.

MACIEL, Anna Maria Becker. **Reflexão sobre a pesquisa terminológica em corpus..** São Paulo: PPGL/UFRGS, 2006.

MELLO, Octaviano. **Dicionário tupi-português, português-tupi**. São Paulo: Editor Folco Masucci, 1967.

MONTES GIRALDO, José Joaquín. **Dialectologia general e hispano-americana: orientación teórica, metodológica y bibliográfica**. 2. ed. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1987.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MURÚA, Miguel et al. **Instructivo Transana**. Asociación Civil INCLUIR, Instituto para la inclusión social y El desarrollo humano. Octubre, 2006. Disponível em: <<http://www.transana.org/>>. Acesso em: 22 de ago. 2008.

OLIVEIRA, Suellen Maria. **Influência de processos oceanográficos e antrópicos em uma praia arenosa na região amazônica (Ajuruteua-Pará, Brasil)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Biologia Ambiental) – Instituto de Estudos Costeiros, Universidade Federal do Pará, Bragança, 2011.

PEREIRA, José Carlos Matos. **Importância e significado das cidades médias na Amazônia: uma abordagem a partir de Santarém – Pará**. 2004. Dissertação (Mestrado em

Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.

PONTES, Antônio Luciano. **Os termos da cultura e da industrialização do caju**. 1996. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 1996.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê**. Fortaleza: EdUECE, 2009.

PONTES, Antônio Luciano; MONTEIRO, Jamyle dos Santos. Interface entre Geolinguística e Lexicografia Regional. In: RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides Fernandes; OLIVEIRA, Marilucia Barros; COSTA, Eliane Oliveira. (Org.). **Estudos Sociodialetais do Português Brasileiro**. São Paulo: Pontes Editores, 2014.

ROMANO, Valter Pereira. **Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente**. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

SAMPAIO, Mário Arnaud. **Vocabulário guarani-português**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

SAMPAIO, Teodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de corpus**. São Paulo: Manole, 2004.

SILVA, Eliane Raíssa Ribeiro. **Agricultura urbana: contribuição e importância dos quintais para a alimentação e renda de agricultores urbanos de Santarém – Pará**. 2011. Dissertação. (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) – Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

THUN, Harald. A Dialetolegia pluridimensional no Rio da Prata. In: STAHLZIWS, Ana Maria. **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. **Dicionário tupi-português com esboço de gramática de tupi antigo**. 2. ed. São Paulo: Editora Traço, 1984.

VIÉGAS, A. P. **Estudos sobre a mandioca**. São Paulo: Instituto Agrônômico do Estado de São Paulo, 1976.

WÜSTER, Eugen. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica**. Tradução I. Maria Teresa Cabré. Universidad Pompeu Fabra. Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1998.

XATARA, Claudia; CLECI, Regina Bevilacqua; HUMBLÉ, Philippe René Marie (org.). **Dicionário na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola, 2011.

YDA, Vanessa. **A interface de dicionários regionais e estudos geolinguísticos: o verbete**. 1º CIELLI – Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários. Universidade Estadual de Maringá – UEM. 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – GUIA DE USO DO GLOSSÁRIO ELETRÔNICO

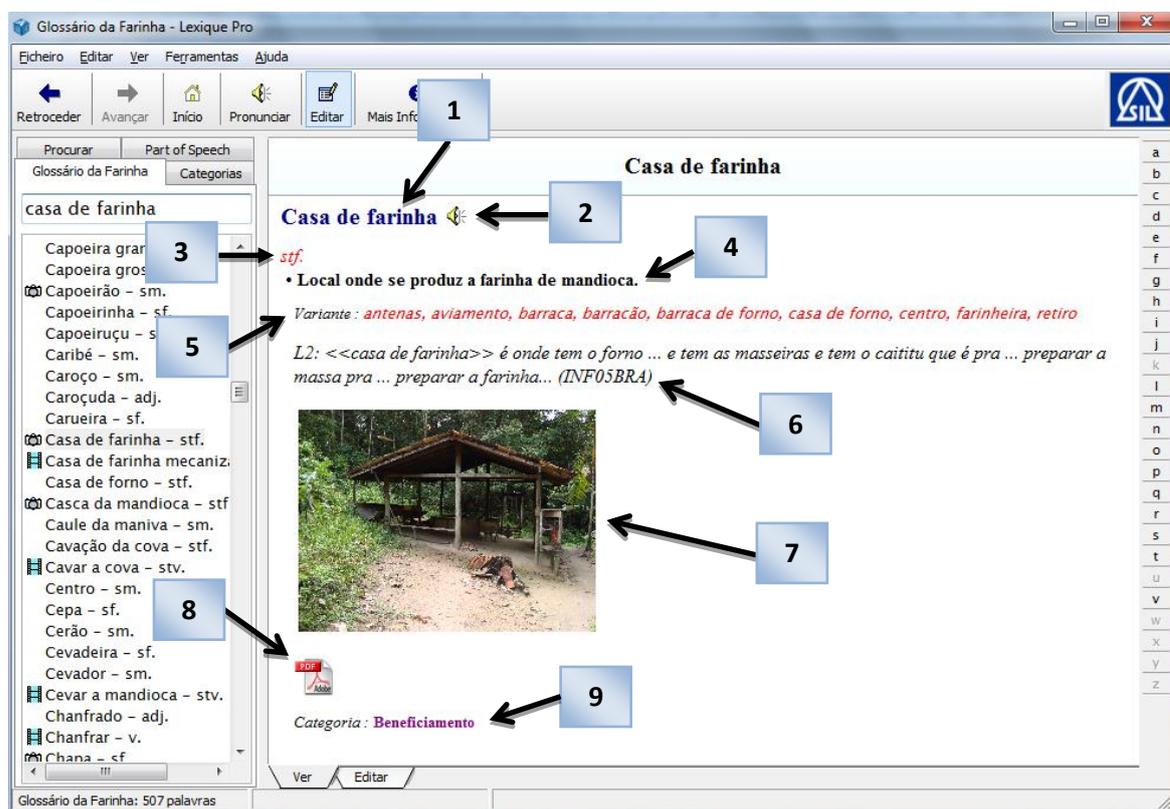
Este guia de uso se faz necessário à medida que orientará o consultante a instalar e a usar os recursos disponibilizados pelo glossário eletrônico. Podemos dizer que a obra terminológica que elaboramos não nasceu de um simples acaso, mas da necessidade de responder a questionamentos de linguistas que trabalham com o léxico especializado e também de técnicos agrícolas que atuam na atividade de extensão e orientação rural para agricultores que atuam na atividade especializada de produção da farinha de mandioca na Amazônia paraense.

• Instalação do glossário

Para o uso do glossário eletrônico é necessário que se realize a instalação do *software* por meio do arquivo denominado *glossario_setup* que se encontra no *CD-ROM* juntamente com este guia em formato PDF.

• Estrutura do verbete

Os termos do glossário podem vir apoiados por recursos multimodais como áudio, vídeo, imagem, cartograma terminológico, *links* e cores na estrutura do verbete.



Os campos marcados na imagem anterior demonstram como está estruturado o verbete do glossário com base no que foi definido na macroestrutura e na microestrutura:

Campo 1 – corresponde ao termo entrada do glossário que se encontra em cor azul;

Campo 2 – o ícone alto-falante, ao lado do termo-entrada, significa que este disponibiliza o áudio do termo sendo pronunciado pelo agricultor;

Campo 3 – corresponde a categoria gramatical do termo-entrada;

Campo 4 – trata-se da definição do termo;

Campo 5 – corresponde a(s) variante(s) relacionada(s) ao termo-entrada que são sempre destacadas em cor vermelha;

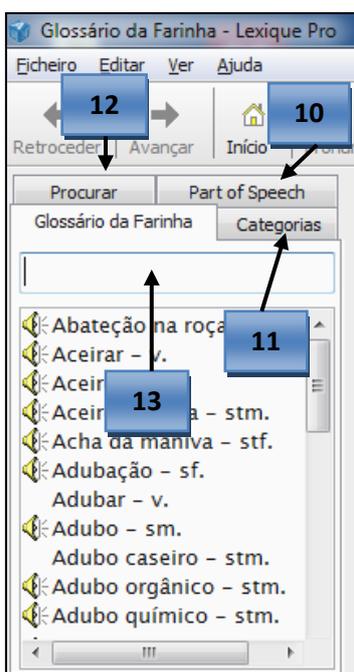
Campo 6 – apresenta o contexto discursivo em que o termo é usado pelo agricultor;

Campo 7 – imagem que ilustra o termo-entrada, ajudando na compreensão do termo usado pelo agricultor;

Campo 8 – cartograma terminológico da distribuição do termo no espaço geográfico em formato PDF;

Campo 9 – corresponde ao campo semântico em que o termo se encontra inserido.

- **Organização da listagem dos termos**



Embora os termos estejam organizados em ordem alfabética, o glossário possibilita ao consulente a listagem pela categoria gramatical, clicando na aba “*part f speech*” (10) ou pelo campo semântico, clicando na aba “*categorias*” (11). O consulente ainda poderá procurar um termo especificamente clicando na aba “*procurar*” (12), digitando-o no espaço em branco (13). Nesse caso, o programa direcionará automaticamente ao termo pesquisado para que o consulente possa consultar todas as suas informações organizadas no verbete. É importante salientar que a listagem dos termos apresenta ícones ao lado de cada unidade lexical que correspondem ao áudio, vídeo ou imagens que fazem parte da própria estrutura do verbete no glossário.

- **Recursos multimodais: áudio, vídeo, imagem e links**

Os recursos multimodais como a utilização de áudio, vídeo, imagens e *links* são explorados no glossário na perspectiva de ajudar o consulente a contextualizar os termos na perspectiva do glossário que é entender os saberes oriundos da atividade especializada de produção da farinha de mandioca na Amazônia paraense.

- **Aúdio**

Alguns termos apresentam o áudio da pronúncia pelo falante, possibilitando o consulente entender como este termo é pronunciado na região. Este recurso está disponível no glossário eletrônico nos termos em que aparece um ícone de um autofalante (14). Nesse caso, o consulente deve clicar em cima do ícone para ouvir a pronúncia do termo.

Queima  

sf.

- **Processo que consiste em colocar fogo na vegetação da área em que se realiza o plantio da maniva.**

Variante : queimação

L2: a <<queima>> é quando a gente roça que a gente vai queimar pra plantar... (INF05SAL)

Categoria : Plantio

- **Vídeo**

Alguns termos apresentam acesso ao vídeo de operações realizadas na atividade especializada de produção da farinha de mandioca. Este recurso auxilia a compreensão do termo em seu contexto de uso pelo falante. Todos os termos com este recurso apresentam um ícone de uma fita de filmagem (15) logo após o contexto de uso pelo informante. Nesse caso, o consulente deve clicar em cima do ícone para visualizar a ação gravada em vídeo.

Cavar a cova

stv.

- **Abrir buraco no solo para a realização do plantio da maniva.**

Variante : manicujá

L2: <<cavar a cova>> é o primeiro processo que faz para o plantio da maniva... (INF04SANT)

Categoria : Plantio

Imagens

Alguns termos são acompanhados por imagens (16) que auxiliam na compreensão da definição. Ao clicar em cima da imagem ela se expande em outra janela aproximando-a para melhor visualização do consultente.

Tipiti 

sm.

- Cesto cilíndrico de palha trançada e usado para comprimir a massa da mandioca.

Variante : *tapiti*

L2: o <<tipiti>> é uma coisa feita de talo de:: jacitara que a gente bota a massa dentro pra espremer a massa... (INF05SAL)



← **16**

Categoria : **Beneficiamento**

Links

As variantes terminológicas são ligadas ao termo-entrada principal, ou seja, à variante que apresenta a definição. No exemplo do verbete da variante “remo” a expressão “Ver entrada principal” direciona por meio de um *link* disposto no termo seguinte (17), em cor vermelha, ao verbete onde se encontra o termo-entrada principal com a definição.

Remo 

sm.

Ver entrada principal : *rodo* ← **17**

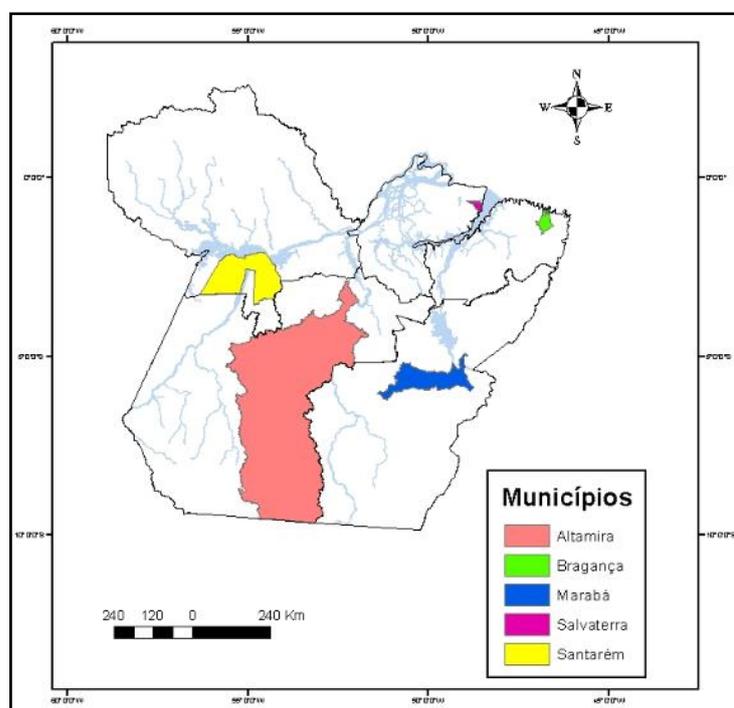
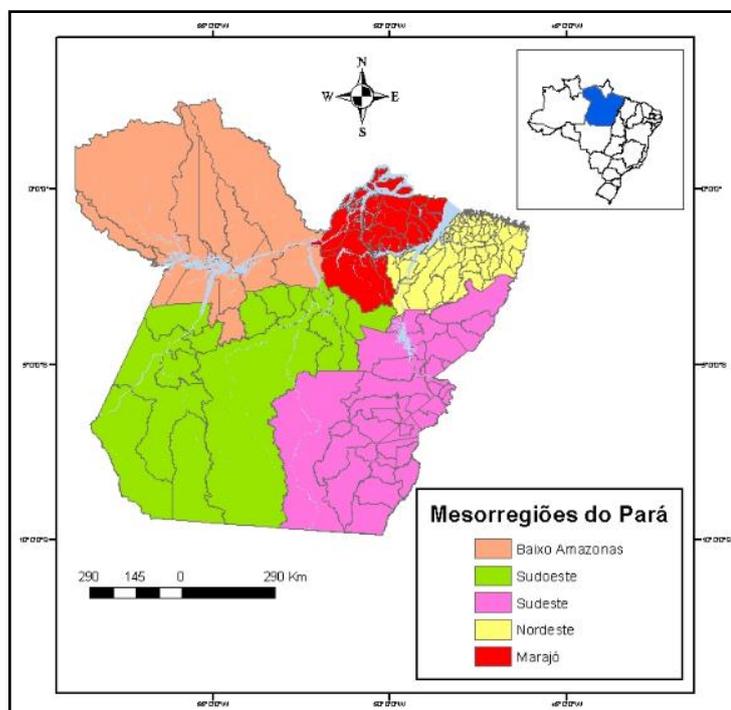
L1: uhm e tem outros nomes que vocês chamam pra palheta? L2: tem rodo... tem o <<remo>> né isso aí... (INF03ALT)

Categoria : **Beneficiamento**

• Estrutura dos cartogramas terminológicos

Os cartogramas terminológicos são estruturados a partir do mapa das localidades em que os termos se distribuem: Altamira, Bragança, Marabá, Salvaterra e Santarem. Cada

uma dessas localidades pertence a uma das cinco mesorregiões da Amazônia paraense respectivamente: Sudoeste, Nordeste, Sudeste, Marajó e Baixo Amazonas.



Alguns termos do glossário apresentam na sua estrutura um cartograma terminológico com a distribuição das variantess no espaço geográfico. Para se realizar a leitura dos cartogramas inseridos na estrutura do verbete do glossário eletrônico é necessário

considerar as localidades georreferenciadas nos mapas das mesorregiões e das localidades (municípios). Para ter acesso ao cartograma terminológico, o consulente deve clicar em cima do aquirvo em PDF (18).

Tucupi 🔊

sm.

- Líquido amarelo extraído da raiz da mandioca brava no processo de produção da farinha.

Variante : água da mandioca, água da tapioca, caldo da mandioca, manipuera

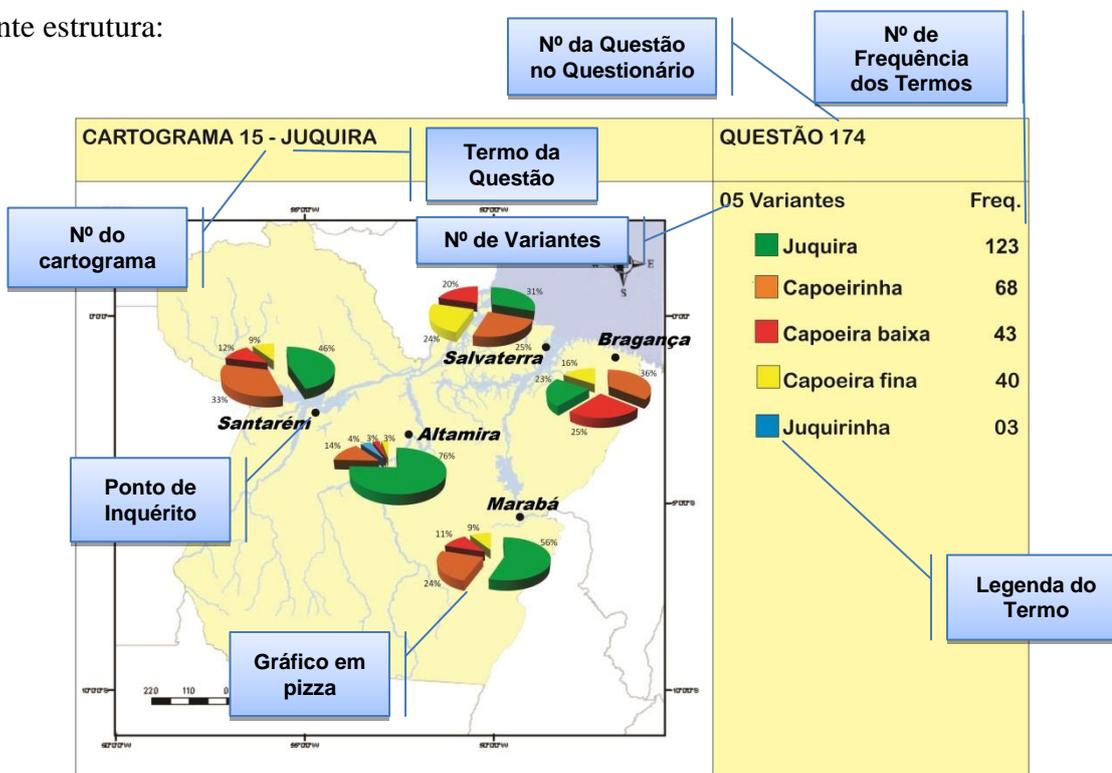
L2: o <<tucupi>> é que sai da massa da mandioca a gente espreme ela e:: sai o tucupi... (INF05SAL)



 ← **18**

Categoria : **Beneficiamento**

Ao clicar em cima do arquivo em PDF, o cartograma se abrirá e apresentará a seguinte estrutura:



- **Abreviaturas usadas no glossário**

Uma série de abreviaturas é usada no glossário eletrônico, sendo necessário o reconhecimento delas para uma compreensão eficaz da organização dos elementos da estrutura dos verbetes. Essas abreviaturas dizem respeito a descrição gramatical dos termos, localidades onde os termos foram coletados, sujeitos da pesquisa e remissivas entre os termos que devem ser lidas da seguinte maneira:

| | |
|-------------|---|
| <i>adj.</i> | - adjetivo |
| <i>ALT</i> | - Altamira |
| <i>BRA</i> | - Bragança |
| <i>INF</i> | - informante |
| <i>L1</i> | - pesquisador |
| <i>L2</i> | - informante |
| <i>MAR</i> | - Marabá |
| <i>SAL</i> | - Salvaterra |
| <i>SANT</i> | - Santarém |
| <i>s.f.</i> | - substantivo feminino |
| <i>s.m.</i> | - substantivo masculino |
| <i>stf.</i> | - sintagma terminológico feminino |
| <i>stm.</i> | - sintagma terminológico masculino |
| <i>stv.</i> | - sintagma terminológico verbal |
| <i>v.</i> | - verbo |
| <i>ver.</i> | - igualdade estabelecida na equivalência do termo |

- **Impressão do glossário**

O programa não permite a impressão do glossário como um todo (de uma só vez), considerando que somente no formato eletrônico os recursos multimodais (áudio, vídeo, acesso aos cartogramas terminológicos e *links*) podem ser acessados e usados pelo consulente. Porém, o glossário eletrônico permite a impressão de cada verbete por vez que esteja sendo consultado. Nesse caso, basta que o consulente acesse o menu “*Ficheiro*” do programa e dê um clique em “*imprimir*” ou “*pré-visualizar a impressão*” e terá como resultado a impressão

ou pré-visualização do verbete consultado. A imagem seguinte exemplifica a impressão do termo “crureira” pertencente a um verbete do glossário eletrônico.

Crureira

sf.

- **Pedaços de mandioca que sobram ao se passar a massa crua na peneira.**

*Variante : **bagaco, bago da mandioca, carueira, curubão, farelo***

L1: o que é a crureira? L2: <<crureira>> é::: é quando a gente ... passa a massa... aí fica na penera aqueles graúdos aqueles pedacinho de massa aqueles carocinho de massa isso que é crureira que nós chama... (INF05BRA)



*Categoria : **Beneficiamento***

APÊNDICE B – GLOSSÁRIO NA VERSÃO IMPRESSA



Glossário da Farinha

• a • b • c • d • e • f • g • h • i • j • k • l • m • n • o • p • q • r • s • t • u • v • w • x • y • z •



a

Abateção na roça *stf.* Limpeza realizada no roçado de mandioca. L2: *olhe capinar o roçado é quando ela já grande/ a maniva tá grande () um bora capinar que é pra... esperar ela amadurecer fazer a limpeza é abateção que a gente chama é <<abateção na roça>> (INF03SAL)*
 Categoria: **Plantio.**

Aceirar *v.* Abrir um limite ao redor do roçado de mandioca para evitar a transposição de foco de incêndio. L2: *sim.. a mandioca primeiro tem que fazer o que primeiro projetar o jeito como/ fazer a área da... de plantar ela né... roçar o mato como nós trata brocar... trata roçar () roçar e brocar né primeiro faz o (broques) depois do broques tem que fazer a derruba... queimar... () brocou derrubou fez aceiro aceitou nós conhece <<aceirar>> (arrastar lá) as folhas cortar o mato () fazer o aceiro depois vem o que né o:: a maniva né a maniva... [...]... (INF04MAR) Categoria: **Plantio.***

Aceiro *sm.* Ver entrada principal : aceiro da roça. L2: *a gente usa sim <<aceiro>> a gente alimpa aberando a roça onde tá brocado alimpa que é para o fogo não passar pro outro mato que tá verde porque se não fazer o fogo passa pra o outro (lado que tá verde) e vai estragar (INF01BRA)*
 Categoria: **Plantio.**

Aceiro da roça *stm.* Limite aberto ao redor do roçado para que não ocorra transposição de focos de incêndio para outras áreas. Variante: aceiro; pique; ramal. L2: *o <<aceiro da roça>> é pra:: gente faz pra quando for tacar fogo no no roçado a gente faz esse aceiro ao redor todinho do roçado..para o fogo.. para o fogo não transpassar pra o mato né pra outro mato.. pra num queimar o mato.. é esse o aceiro da roça... (INF02SANT)*
 Categoria: **Plantio.**

Acha da maniva *stf.* Ver entrada principal: pau da maniva. L2: *<<acha da maniva>> é que a gente corta pra plantar ela/ que a gente diz que o pau ... (mais os outros) diz hacha... L1: acha da maniva? L2: é acha da maniva... L1: acha da maniva se parece com o que? L2: é:: uma varinha normal cheia de olho... (INF05SAL) Categoria: **Plantio.***

Adubação *sf.* Fertilização do solo no pé da maniva após trinta dias de seu brotamento. L2: *é:: eles fazem <<adubação>> aqui com trinta dias da maniva nascida depois ... com trinta dias que ela tá nasci/ ... ela nasce quando você for lá que ela tiver já toda de fora a maniva ai*

você confere trinta dias aí que você vai fazer a adubação no pé dela... (INF03BRA)
 Categoria: **Plantio**.

Adubar *v.* Fertilizar o solo no pé da maniva após trinta dias de seu brotamento. L2: *é pra <<adubar>> a terra que é pra a mandioca/ a terra está fraca.. não tem mais sustância só da terra a gente compra o adubo e coloca na terra pra plantar a mandioca... (INF01BRA)*
 Categoria: **Plantio**.

Adubo *sm.* Resíduo animal, vegetal ou substância química usada para a fertilização do solo. *Ver : adubo caseiro; adubo orgânico; adubo químico. L2: é o o o <<adubo>> pra nós porque eu sempre acompanho vários... vários encontros por aí o adubo a gente faz né do do das coisas mesmo principalmente da folha né aí por exemplo no roçado quando a gente que quando a gente capina aquele mato mesmo que vai ficando lá a gente deixa lá porque ele vai ele ele vai apodrecendo né ele serve de adubo e assim sucessivamente... (INF01SANT)*
 Categoria: **Plantio**.

Adubo caseiro *stm.* *Ver entrada principal: adubo orgânico. L1: de quais outros nomes adubo orgânico é chamado aqui no município? L2: poderia ser <<adubo caseiro>> a gente usa muito assim como adubo caseiro... (INF04SANT)* Categoria: **Plantio**.

Adubo orgânico *stm.* Resíduo animal ou vegetal decomposto usado para fertilizar o solo no cultivo da mandioca. *Variante: adubo caseiro. L2: bom o <<adubo orgânico>> pra que já ... já trata ... é:: praticamente como se fosse:: capinar o terreiro ... aí depositava esse lixo numa parte pra ele apodrecer ... pra depois usar como::: um adubo assim jogando no pé da planta adubando com ele que é o adubo orgânico... (INF05SAL)* Categoria: **Plantio**.

Adubo químico *stm.* Substância química usada para fertilizar o solo no cultivo da mandioca. L2: *bom o <<adubo químico>> é esse adubo que a gente compra aí nas fábricas pra ... pra gente adubar esse que é o químico... (INF05SAL)* Categoria: **Plantio**.

Afofar a terra *stv.* *Ver entrada principal : arar. L1: você já ouviu falar aqui no município em afofar o solo? L2:é <<afofar a terra>> né? (INF04MAR)* Categoria: **Plantio**.

Afofar o solo *stm.* Ver entrada principal : arar. L2: <<afofar o solo>> é:: fofa com... com arado... fofa manual com picarete fofa... e aí planta que aonde a terra é dura a mandioca se não fofar ela não cria batata ela não engrossa a batata... (INF03MAR) Categoria: **Plantio**.

Agricultor *sm.* Trabalhador que desenvolve suas atividades laborais na lavoura. Variante: *agricultor familiar; agricultor colono; agricultor de farinha; agricultor rural; agricultor colonheiro; caipira; colono; colonheiro; lavrador; roçador; roceiro; trabalhador rural.* L2: <<agricultor>> é aquele que trabalha.. na roça em tudo que é tipo de de/ da natureza né... de natureza que é agricultor... (INF05SANT) Categoria: **Plantio, Beneficiamento, Comercialização**.

Agricultor colonheiro *stm.* Ver entrada principal: *agricultor.* L1: e:: a gente falou ainda agora em agricultor é a mesma coisa? L2: é... L1: o que mais Agricultor... L2: é:: <<agricultor colonheiro>> lavrador... (INF04BRA) Categoria: **Plantio, Beneficiamento, Comercialização**.

Agricultor colono *stm.* Ver entrada principal : *agricultor.* L2: sim <<agricultor colono>> agricultor... e... que trabalha plantando as.. mandioca... arroz né pode falar também isso né planta arroz feijão... (INF06ALT) Categoria: **Plantio, Beneficiamento, Comercialização**.

Agricultor de farinha *stm.* Ver entrada principal : *agricultor.* L2: não só:: quando é colono <<agricultor de farinha>> né também chama () chama farinha né chama colono né (INF06ALT) Categoria: **Plantio, Beneficiamento, Comercialização**.

Agricultor familiar *stm.* Ver entrada principal: *agricultor.* L1: outros nomes tem? Além de agricultor lavrador? L2: não é lavrador <<agricultor familiar>>... e:: esses nomes né... (INF06ALT) Categoria: **Plantio, Beneficiamento, Comercialização**.

Agricultor rural *stm.* Ver entrada principal : *agricultor.* L1: trabalhador rural se parece com que? L2: é um home uma mulher são o <<agricultor rural>>... (INF05SAL) Categoria: **Plantio, Beneficiamento, Comercialização**.

Agricultura familiar *stf.* Cultivo de terra realizado por pequenos agricultores de uma família. L2: <<agricultura familiar>> é quando ... participa ... a/ o marido a mulher a ... os filhos que estão tudo maior de idade né... L1: certo... (INF05BRA) Categoria: **Plantio**.

Água da mandioca *stf.* Ver entrada principal: tucupi. L1: você já ouviu falar aqui no município em tucupi o que é o tucupi? L2: tucupi? é a <<água da mandioca>>... água da mandioca pra cozinhar... é o tucupi... (INF05MAR) Categoria: **Beneficiamento**.

Água da tapioca *stf.* Ver entrada principal: tucupi. L1: goma da tapioca né mas seria o que ... essa goma? L2: a gente... raspa a mandioca não sabe... e passa ela no caititu... aí vai lavar a massa... aí bota aquela a água junto a <<água da tapioca>> junto deixa ela sentar... aí que derrama... aquela água fica a tapioca sabe... (INF06ALT) Categoria: **Beneficiamento**.

Água do igarapé *stf.* Ver entrada principal : igarapé. L2: <água> é aqueles que costumam chamar os córregos aqui de igarapé né? que eu conheço é isso aí... (INF01MAR) Categoria: **Beneficiamento**.

Água do rio *stf.* Ver entrada principal : igarapé. L2: <<água do rio>>?... justamente ela... ela é usada pra isso né pra por a mandioca de molho e amolecer né a mandioca... (INF02BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

Aipim *sm.* Ver entrada principal: macaxeira. L1: de quais outros nomes mandioca mansa é chamada aqui no município? L2: o povo chama macaxeira <<aipim>> né... (INF03SANT) Categoria: **Plantio, Beneficiamento, Comercialização**.

Alavanca *s.f.* Vara de ferro usada para remover a raiz da maniveira do solo. Categoria: **Plantio, Beneficiamento**.

Alqueirão *sm.* Unidade de medida correspondente a dezesseis linhas ou duzentos metros quadrados da área de cultivo agrícola. L1: ah sim mas tem outros nomes que chamam para o alqueire aqui no município? L2: não só tem alqueire alqueirinho sabe que o <<alqueirão>> é... é dezesseis linhas e o alqueirinho é oito linha... (INF06ALT) Categoria: **Plantio**.

Alqueire (1) *sm.* Unidade de medida da área de cultivo agrícola. *Ver: alqueirão; alqueirinho.* *Variante: equitare. L1: o que é o alqueire no cultivo da mandioca? L2: o <<alqueire>> é uma área... de... é:: dezesseis linhas... de terra... que é:: duzentos metros em cada/ em quadro... (INF02MAR)* *Note:* De acordo com os trabalhadores rurais um alqueire corresponde a duzentos metros quadrados da área de cultivo da mandioca. *Categoria : Plantio, Comercialização.*

Alqueire (2) *sm.* Unidade de medida de farinha empalhada no paneiro correspondente a trinta quilos. *L2: olha no que eu entendia era uma lata de farinha botada num paneiro EMPalhado e colocado num paneiro né aí... era um ... um <<alqueire>> era dois paneiros daquele mesmo tamanho empalhado a farinha [...] (INF01BRA)* *Note:* De acordo com os trabalhadores rurais um alqueire de farinha corresponde a trinta quilos. *Categoria : Beneficiamento, Comercialização.*

Alqueirinho *sm.* Unidade de medida correspondente a oito linhas ou cem metros quadrados da área de cultivo agrícola. *L2: não só tem alqueire alqueirinho sabe que o alqueirão é... é dezesseis linhas e o <<alqueirinho>> é é oito linha L1: seria então:: L2: a metade... (INF06ALT)* *Categoria: Plantio.*

Alqueiro *sm.* *Ver entrada principal : alqueire (1).* *L2: o <<alqueiro>> é quando você bota... uma área de terra você chama de um alqueiro tem um alqueiro dois alqueiro... (INF04BRA). (2)* *L2: bom pra cá <<alqueiro>> pra nós.. se tem relação ao quilo.. um alqueiro são trinta quilos... (INF04SANT)* *Categoria: Plantio.*

Amargoso *sm.* *Ver entrada principal: capim flor branca. L2: tem nós trata <<amargoso>>... outros chama como é outro nome dele? me esqueci o outro nome como é chamado pendão branco chama ele de pendão branco também e amargoso (INF04MAR)* *Categoria: Plantio.*

Amassador (1) *sm.* *Ver entrada principal : masseira. L2: o <<amassador>> que eles/ que eu conheço aqui é o coxo de armazenar a massa... (INF01ALT)* *Categoria: Beneficiamento.*

Amassador (2) *sm.* Pessoa que realiza a maceração da mandioca na para a produção de farinha. *L2: é descascá ôtro carregá do poço... lá da onde tá a mandioca pa massêra e ôtros tem*

que ter o <amassadô> lá... o preparadô pa pa jogá no forno... assim que a gente usa...(INF02ACA)) Categoria: **Beneficiamento**.

Amassar v. Machucar a massa da mandioca com as mãos. L1: e:: maceração da mandioca a senhora já ouviu falar? L2: massação da mandioca né é tem eu sei quando a gente tira ela da água ás vezes não vai cevar aí a pessoa amassa na mão... é chama AMASSAR <<amassar>> mandioca... (INF05ALT) Categoria: **Plantio**.

Amido sm. Ver entrada principal : goma. L1: de quais outros nomes goma é chamado aqui no município? L2: bom o povo chama goma chama tapioca chama... goma tapioca <<amido>>... (INF03SANT) Categoria: **Beneficiamento**.

Antecasca sf. Ver entrada principal: pele da mandioca. L1: isso e a pele da mandioca o senhor já ouviu falar aqui no município? L2: a pele da mandioca é a <antecasca> da casca né? (INF06ALT) Categoria: **Beneficiamento**.

Aparador da massa stm. Recipiente usado para aparar a massa da mandioca triturada no caititu. L1: o caititu se parece com o que? L2: é uma lata... uma lata ... é::: coberta com uma bola com umas tariscas por dentro pra gente selar mandioca... L1: uhm::: L2: embaixo o <<aparador da massa>>. (INF05SAL) Categoria: **Beneficiamento**.



Aradar v. Ver entrada principal: arar. L1: o que é arar e o que tem a ver com o cultivo da mandioca? L2: não arar é a mesma coisa que ... se eu fosse <<aradar>>... né que vira a terra é o mesmo processo pra plantar maniva pra ... comer a mandioca... (INF05SAL) Categoria: **Plantio**.

Aradeira sf. Ver entrada principal: arado. L2: bem a gente pra mandioca a gente não usa muito destocamento né que a gente planta no meio dos toco mesmo ... só se fosse para arar que a <<aradeira>> ela... sai destruindo os tocos mas ... é normal... a gente planta normal mesmo... (INF05SAL) Categoria: **Plantio**.

Arado *sm.* Instrumento agrícola usado para remexer a terra no preparo da área de cultivo agrícola. *Variante:* aradeira; arador. L2: *eh o <<arado>> é um maquinário né que:: ele... eh depende que eles ele é uns ferro né que ele sai na ((tosse)) na área assim da terra por exemplo né ela ela vai remexendo a terra... (INF01SANT)Note:* O arado não é um instrumento usado pelos pequenos agricultores que cultivam mandioca para a produção de farinha. *Categoria :* **Plantio.**



Arador *sm.* *Ver entrada principal:* arado. L2: *o <<arador>> ele ele mexe a terra e e fica boa a mandioca... (INF01SAL) Categoria:* **Plantio.**

Arar *v.* Descompactar o solo para a realização do plantio das manivas. *Variante:* afofar o solo; afofar a terra; aradar; dobrar a terra; fofar a terra; fofar o solo; gradear; quebrar a terra; revirar a terra; tombar a terra. L2: *não <<arar>> é:: cortar a terra com uma máquina que corta a terra ... pra triturar... né pra poder plantar... (INF02SAL) Categoria:* **Plantio.**

Área da mandioca *stf.* Local onde se cultiva a mandioca. *Variante:* área da maniva; área de roça; manival; mandiocal; roça de mandioca; roça de maniva; roçado de mandioca; tarefa; tarefa de mandioca. L2: *a <<área da mandioca>> é onde a gente faz o roçado né... (INF02SANT) Categoria:* **Plantio.**

Área da maniva *stf.* *Ver entrada principal :* área da mandioca. L1: *capinação se parece com o quê? L2: se parece com.. deixar toda a <<área da maniva>> limpa sem mato em pé só mesmo a maniva... (INF04SANT) Categoria:* **Plantio.**

Área de dezembro *stf.* *Ver entrada principal:* roça de janeiro. L2: *é <<área de dezembro>> é o roçado que a gente roça... em novembro... aí queima em dezembro pra plantar em janeiro... (INF05BRA) Categoria:* **Plantio.**

Área de novembro *stf.* Roçado de mandioca em que o plantio tenha ocorrido no mês de novembro. L2: *<<área de novembro>>... área de novembro aqui é que a gente roça a ...*

setembro ... aí quando é em outubro/fim de outubro queima e planta em novembro... (INF05BRA)

*Categoria: **Plantio.***

Área de roça *sf.* *Ver entrada principal: área da mandioca. L2: a farinha é quando o produtor tá desmanchando por exemplo uma <<área de roça>> né () vou desmanchar uma tarefa de roça duas tarefas de roças então eu ponho o pessoal pra trabalhar... (INF02SAL)*

*Categoria: **Plantio.***

Área molhada *sf.* *Ver entrada principal: igapó. L2: área úmida é:: onde ela é úmida não presta pra plantar mandioca que a mandioca não é de terra úmida ela é terra... é::: enxuta molhada/ que molha mas enxuga né porque se não ela apodrece ela em três dias ela tá podre se ela ficar na <<área molhada>> direto... (INF03MAR)*

*Categoria: **Plantio.***

Área secundária *sf.* *Ver entrada principal: área secundária desmatada. L2: área secundária desmatada é quando é uma área que a pessoa já botou a roça atrás... que ela tá em processo de crescimento o mato de novo ela é uma <<área secundária>> (INF04BRA)*

*Categoria: **Plantio.***

Área secundária desmatada *sf.* *Roçado em que a vegetação foi desmatada mais de uma vez para o cultivo da mandioca. Variante: área secundária. L2: <<área secundária desmatada>> é:: a área que bota a roça ela tá desmatada... a área... (INF05MAR)*

*Categoria: **Plantio.***

Área úmida *sf.* *Ver entrada principal: igapó. L2: a <<área úmida>> não dá pra gente... plantar mandioca porque se plantar na área úmida quando ela ficar úmida mesmo estraga apodrece... (INF05SAL)*

*Categoria: **Plantio.***

Arrancação *sf.* *Ver entrada principal: arranque. L2: [...] aqui a gente costuma... eh deixar passar um ano um ano e meio tratando dela aí que vem já o começo da... por exemplo da <<arrancação>> né pa começar preparar fa/ a farinha....(INF01SANT)*

*Categoria: **Plantio, Beneficiamento.***

Arranque *sm.* Remoção da mandioca do solo por meio de um puxão com as mãos ou com auxílio de alavanca.

Variante: arrancação. L2: <<arranque>> é tirar a mandioca do solo da terra... (INF02SANT) Categoria: Plantio, Beneficiamento.



Arupemba *sf.* Ver entrada principal: peneira. L1: de quais outros nomes a peneira é chamada aqui no município? L2: peneira <<arupemba>> L1: arupemba? L2: é... (INF02MAR) Categoria: **Beneficiamento.**

Árvore da mandioca *stf.* Ver entrada principal: maniva. L2: a rama da maniva se torna mesmo a <<árvore da mandioca>> da da... da mandioca né tira pra tirar a... as muda né pra plantar né... (INF06ALT) Categoria: **Plantio.**

Árvore da maniva *stf.* Ver entrada principal : maniva. L2: <<árvore da maniva>> é que a gente planta pra poder dá mandioca... (INF04SAL) Categoria: **Plantio.**

Atacadista *sm.* Ver entrada principal: atravessador. L2: tem é porque tem o atravessador né tem o o:: o comerciante... e tem dá outro nome que como é que a gente chama ele... é::: de <<atacadista>> (INF02ALT) Categoria: **Comercialização.**

Atravessador *sm.* Pessoa que compra a farinha em quantidade para revender. *Variante: atacadista; marretador; marreteiro. L2: olha o <<atravessador>> é aquele que pega já tudo pronto né aí principalmente olha agora essa época aqui a farinha tá difícil... tem muito pó pra fazer... quando chega um produtor com uma farinha meu irmão veja o tanto de atravessador que tem pra comprar cada pega aquele que é o mais esperto né... (risos)... (INF01SANT) Categoria: **Beneficiamento.***

Aturá *sm.* Cesto produzido com cipó de timbuaçu ou tala de guarumã e usado para transportar a mandioca pelo agricultor. L2: tem muita gente que usa o <<aturá>> pra carregar mandioca né que bota no/ aquela ... aquela alça na (testa) e carrega na costa... (INF05SAL) Categoria: **Plantio, Beneficiamento.**



Aviamento *sm.* Ver entrada principal: casa de farinha. L1: então um outro nome casa da farinha é chamado aqui no município seria? L2: antenas... L1: antenas? L2:é:: L1: você já ouviu falar aqui no município/... L2: ah sim outra também <<aviamento>> também né ... (INF04MAR) Categoria: **Beneficiamento.**

b

Babalu *adj.* Ver entrada principal: caroçuda. L1: certo de quais os outros nomes farinha grossa é chamada aqui no município? L2: farinha grossa a gente aqui de <<babalu>>... L1: babalu? L2: é... L1: ai já se sabe que é uma farinha grossa? L2: grossa graudona é... (INF02BRA) Categoria: **Beneficiamento.**

Bagaço *sm.* Ver entrada principal: crueira. L1: o que é o bagaço e o que tem a ver com a atividade de produção da farinha? L2: o <<bagaço>> é a:: a raspa da mandioca... ou a crueira tem o talo da mandioca... chama de bagaço... (INF03SAL) Categoria: **Beneficiamento.**

Bagão *sm.* Carço grande de farinha. L2: é farinha mesmo eh... () quando sai muito graúda aí sai um <<bagão>> né... L1: ah:: (INF01SAL) Categoria : **Beneficiamento.**

Bago da farinha *sm.* Ver entrada principal: caroço. L2: o <<bago da farinha>> é o/ quando a farinha é muito grossa né que ela fica uns bago grande né que tem uns ... mais finos que o bago é mais fino é isso aí... (INF03ALT) Categoria: **Beneficiamento.**

Bago da mandioca *stm.* Ver entrada principal : crueira. L2: o bago o <<bago da mandioca>> é a:: é o resto da cevagem da mandioca que fica aqueles pedaços aí a gente chama de crueira... (INF03SAL) Categoria: **Plantio.**

Bago da maniva *sm.* Pedaco da maniva cortada para o plantio. L2: aqui a gente conhece o bago da fa/ ... da maniva... que é o processo... que é cortado (um palmo) que se chama <<bago da maniva>>... pra plantar... (INF04BRA) Categoria: **Plantio.**



Baguda *adj.* Ver entrada principal : caroçuda. L2: [...] a gente chama graúda quando ela fica uma farinha muito grossa muita <<baguda>> a gente chama... é graúda (INF01BRA) Categoria: **Beneficiamento.**

Baixada *sf.* Ver entrada principal: igapó. L1: ah quando essa área tá úmida e tem outros nomes que vocês chamam além de área úmida? L2: não não só <<baixada>> mesmo e área úmida... (INF01ALT) Categoria: **Plantio.**

Baixão *sm.* Ver entrada principal: igapó. L2: área úmida é::: assim perto do::: do garapé né como é chamado... (baixão) chama-se <<baixão>>... aquela área que fica.. úmida... (INF04ALT) Categoria: **Plantio.**

Balaio *sm.* Ver entrada principal: caçuí. L1: de quais outros nomes o açu/ o caçuí é chamado aqui no município? L2: paneiro... (corço)... <<balaio>> cesto tudo esse nomes... (INF03MAR) Categoria: **Plantio.**

Baluda *adj.* Ver entrada principal : caroçuda. L1: de quais outros nomes bago da farinha é chamado aqui no município? L2: quando ela sai muito graúda a gente diz que é bala ((riso)) L1: é mesmo é? L2: credo essa farinha tá muita <<baluda>> (INF05SAL) Categoria: **Beneficiamento, Comercialização.**

Bancada *sf.* Peça plana de madeira preparada para servir de apoio ao caititu. L2: a <<bancada>> é onde se faz pra cevar a mandioca... pra moer que a gente diz... (INF06SANT) Categoria: **Beneficiamento.**



Banco *sm.* Caixa de madeira que envolve o rodete e evita o espalhamento da massa no momento da trituração da mandioca no caititu. L1: e o que é banco e o que tem a ver com a atividade de produção da farinha? L2: bom o <<banco>> é::... é a proteção do caititu... L1: ah:: (INF02SAL) Categoria: **Beneficiamento.**



Barraca *sf.* Ver entrada principal: casa de farinha. L1: de quais outros nomes casa de farinha é chamado aqui no município? L2: <<barraca>> barracão... (INF05SANT) Categoria: **Beneficiamento.**

Barraca de forno *sf.* Ver entrada principal: casa de farinha. L1: o que é barraqueiro? L2: barraqueiro é o que prepara a casa de farinha né a gente chama <<barraca de forno>> uns chamam barraca de forno... (INF03SAL) Categoria: **Beneficiamento.**

Barracão *sm.* Ver entrada principal: casa de farinha. L1: de quais outros nomes casa de farinha é chamado aqui no município? L2: barraca <<barracão>> (INF05SANT) Categoria: **Beneficiamento.**

Barraqueiro *sm.* Trabalhador que constrói a casa de farinha. L1: o que é barraqueiro? L2: <<barraqueiro>> é o que prepara a casa de farinha né a gente chama barraca de forno uns chamam barraca de forno... (INF03SANT) Categoria: **Beneficiamento.**

Basqueta *sf* .Recipiente plástico usado para colocar mandioca.*Variante: cajá. L2: <<basqueta>> aqui pra nós é uma caixa de plástico daquelas caixas grande assim de plástico... serve pra colocar mandioca dentro né (INF05BRA)*
 Categoria: **Plantio, Beneficiamento.**



Batata da mandioca *stf. Ver entrada principal: mandioca. L2: a <<batata da mandioca>> que a gente chama pra cá é a... mandioca chama batata e chama mandioca... (INF03SAL)*
 Categoria: **Plantio, Beneficiamento.**

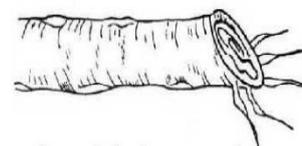
Batata da maniva *stf. Ver entrada principal : mandioca. L2: batata da maniva? a <<batata da maniva>> é::: é a mesma mandioca tira da maniva planta a maniva pra::: dá... pra poder ela criar batata né (INF06ALT) Categoria: **Plantio, Beneficiamento.***

Beiju *sm. Bolo fino feito da massa da mandioca. L2: porque o cultivo da mandioca a gente planta a.. a maniva que vai se dar a mandioca.. depois de um ano e::: uma ano um ano e meio depende muito da terra vai fazer farinha vai fazer <<beiju>> o que se der... (INF04SANT)*
 Categoria: **Beneficiamento.**



Bico da maniva *sm. Ver entrada principal : olho da maniva. L1: o que é bico da maniva e o que tem a ver com o cultivo da mandioca? L2: <<bico da maniva>> é o (). da maniva é. aqueles nós que tem... (INF03SAL) Categoria: **Plantio.***

Bico de gaita *adj. Corte diagonal feito no pau da maniva.Variante: chanfrado; enchanfrado; enviesado; inviés. L2: bico de gaita? bom que eu vou te falar que <<bico de gaita>> é quando a gente corta a maniva assim bico quando a gente vai plantar a gente não corta ela diretamente a gente corta ela meio assim que ela fique meia pontuda então aquilo se chama bico de gaita... (INF03SANT) Categoria: **Plantio.***



Biribá *sf.* Árvore da qual se extrai a fibra para amarrar saco com farinha. L2: a envira ... é uma árvore que nasce na roça que a gente chama:: <<biribá>> aí tem uma outra que tem:: jarana TIRA ENVIRA PRA amarrar saco... (INF03SAL) Categoria: **Plantio**.

Bola *sf.* Ver entrada principal: bola do caititu. L2: caititu é uma <<bola>> feita de madeira... que a gente... faz ela cilindrada depois do/ den/ bota dente nela e tarisca ela... e aí faz a bola do caititu... aquilo que roi a mandioca... é de roer a mandioca... (INF03MAR) Categoria: **Beneficiamento**.

Bola de massa *sf.* Quantidade de massa de mandioca colocada no tipiti. Variante: turrão. L2: a <<bola de massa>> é que a gente na hora que vai amassar a gente faz aquelas bola pra botar num saco pra botar na prensa... (INF05SAL) Categoria: **Beneficiamento**.

Bola do caititu *sf.* Peça cilíndrica de madeira, revestida de serrilha de aço, que compõe o caititu. Variante: bola; bolinete. L2: tarisca é a do:: da <<bola do caititu>>... que é colocado na... L1: que fica junto na/ com o caititu? L2: é:: ele é uma bola assim de... madeira aí coloca as tarisca assim tudinho nele ai que é pra poder cortar... aí no que roda ele corta... (INF05ALT) Categoria: **Beneficiamento**.



Bolandeira *sm.* Roda grande de madeira usada para acionar o caititu. L2: esse cevar como é... nós... bota ele... vamos três caititu tanto faz ser uma <<bolandeira>> pra fazer a farinha né cevar ela né tem que cevar né cortar toda pra fazer a massa... pra fazer a farinha (INF04MAR) Categoria: **Beneficiamento**.



Bolha da maniva *sf.* Ver entrada principal: olho da maniva. L2: <<bolha da maniva>> é:: é o olho é:: ... o pau da mandioca tem as bolhas é que aonde vai nascer o pé... da mandioca... (INF03MAR) Categoria: **Plantio**.

Bolinete *sm.* Ver entrada principal : bola do caititu. L2: ele é uma ... um ... chamado <<bolinete>> de madeira ... feitas as tarisquinha tudo assim de de ferro ... uns biquinhos () é o ralo que corta mais que gilete aqui né então isso é chamado de caititu aí eles colocam lá::: na distância daqui pra aquela porta lá assim ... e aqui eles enfincam um ... um um pau no chão e tem uma roda de madeira grande com um eixo que é pra girar aquilo ali que vai rodar... (INF01MAR) Categoria: **Beneficiamento**.

Borra *sf.* Impureza que se assenta sobre a tapioca após o processo de decantação. L2: nos vasilhames né vamos dizer nas bacias né aí quando... assenta a tapioca que o cara vai derramar... fica uma borra por cima sabe... aí tem que passar... tem que lavar de novo pra tirar aquela <<borra>> até ficar... a tapioca branca sabe... (INF06ALT) Categoria: **Beneficiamento**.

Braça *sf.* Unidade de medida, em comprimento da área de cultivo agrícola, correspondente a dez palmos ou dois metros e vinte centímetros. L2: a <<braça>> é:: medir... dois metros e vinte é uma braça... pra medir... (INF05MAR) Categoria: **Plantio**.

Braço da maniveira *stm.* Parte do ramo da maniveira que se liga ao caule. L1: você já ouviu falar aqui no município em braço da maniveira? L2: () <<braço da maniveira>> é é porque ela as vez ela tem vários galhos né.... (INF01SANT) Categoria : **Plantio**.

Brocação *sf.* Ver entrada principal : broca (1). L2: é:: brocar e <<brocação>> é a mesma broca tudo é:: é o mesmo é o mesmo... é a mesma linguagem brocação... (INF03MAR) Categoria : **Plantio**.

Brocagem *sf.* Ver entrada principal : broca (1). L1: o que é a capoeira grossa? L2: a capoeira grossa é aquela que eu lhe falei aonde tem/ que você trabalha que você faz a <<brocagem>> ... pra depois fazer a a derruba... (INF03BRA) Categoria : **Plantio**.

Brocar *v.* Cortar a vegetação baixa na área de terra onde se realizará o plantio de manivas para o cultivo da mandioca. L2: <<brocar>> serve pra limpar o processo pra poder ter se for capoeira grande tem que brocar ... pra ela limpar os pés do pau maior pra poder a gente derrubar ... (INF04BRA) Categoria : **Plantio**.

Broca (1) *sf.* Operação que consiste no corte da vegetação baixa na área onde se realizará o plantio das manivas para o cultivo. Variante: brocação; brocagem; broque. L2: a gente <<broca>> o mato aí... derruba... queima... aí limpa a terra... pra ficar só o chão ai planta a maniva... aí quando o mato tá meio grande a gente dá uma limpa ai fica.. aí a mandioca cresce... aí

*com... com um ano com um ano e meio tá bom de fazer farinha... (INF06ALT); (2) L2: já tem <<broca>> que dá... é um... L1: seria o que? L2: é uma... é um... um mal que dá na maniva né... (INF06ALT) Categoria : **Plantio**.*

Broca (2) *sf.* Praga que ataca a plantaçoão de manivas perfurando o interior do caule e causando a perda de folhas e ressecamento das ramas. L2: a <broca> é um inseto que dá na... na plantaçoão... um inseto... (INF03SAL) Categoria : **Plantio**.

Brolhar *v.* Desenvolver as raízes da maniva. L2: você jogou assim... até na beira de um quintal da sua casa aí começa a <<brolhar>> sai aqueles olhinhos da maniva a gente chama de brotar o broto da maniva... (INF02BRA) Categoria: **Plantio**.

Brolho *sm.* Ver entrada principal: olho da maniva. L1: brolho o que é o brolho? L2: <<brolho>> é o broto é o mesmo broto (que aqui tem muito linguajar diferente) é broto da mandioca... quebra ela vai brota aí brolho... (INF03MAR) Categoria : **Plantio**.

Brolho da maniva *stm.* Ver entrada principal: olho da maniva. L2: o <<brolho da maniva>> é quando você planta que ela tá brotando... ela tá brolhando a maniva... tá nascendo que chama também... (INF04BRA) Categoria: **Plantio**.

Broque *sm.* Ver entrada principal : broca (1). L2: é:: o:: cara começar ... a:: a roça depende do mato... se for mata alta você broca ela todinha... depois é que você vai derrubar ela pra queimar e se for juquira muitas vezes você faz o <<broque>> de uma vez só leva tudo de uma roçada só já vai ficando pronta... (INF01ALT) Categoria: **Plantio**.

Broto da mandioca *stm.* Ver entrada principal: olho da maniva. L2: brolho é o broto é o mesmo broto (que aqui tem muito linguajar diferente) é <<broto da mandioca>>... quebra ela vai brota aí brolho.. L1: então dos outros nomes conhecidos aqui no município é o broto? L2: é broto de mandioca... (INF03MAR) Categoria: **Plantio**.

Broto da maniva *stm.* Ver entrada principal: olho da maniva. L2: o <<broto da maniva>> é assim que a maniva tem vários/ a gente chama pra cá olhinho né e cada olhinho daquele... ela vai se brotar no caso crescer... (INF04SANT) Categoria : **Plantio**.

Bucho de pirarucu *stm.* Capim que prejudica o roçado de mandioca. *Ver: capim brabo.* L1: *capim brabo recebe outro nome? L2: recebe como eu tô te dizendo chama <<bucho de pirarucu>> chama tiririca são esses nomes aí... (INF03SANT) Categoria : Plantio.*

c

Cacimba *sf.* *Ver entrada principal: poço.* L1: *de quais outros nomes poço é chamado aqui no município? L2: de <<cacimba>> eu conheço por cacimba... (INF02SANT) Categoria: Beneficiamento.*

Caçúá *sm.* Cesto usado para o transporte de mandioca no lombo de um animal. *Variante: balaio; cerão; grajau; jacá; jamanchim.* L1: *o que é o caçúá? L2: <<caçúá>>... é o ... é um coisa que é feito assim de cipó titica ... pra colocar no burro ... pra levar pra roça ... pra colocar mandioca dentro pra trazer pra água... (INF05BRA) Categoria: Plantio.*



Caipira *sm.* *Ver entrada principal: agricultor.* L1: *o que é braçal? L2: é os que trabalham em roça né são braçal... L1: braçal se parece com o quê? L2: são os caipiras... L1: de quais outros nomes braçal é chamado aqui no município? L2: é <<caipira>>... (INF05SANT) Categoria: Plantio, Beneficiamento.*

Caititu *sm.* Instrumento usado para transformar a mandioca em massa. *Variante: cevadeira; cevador; conservador de mandioca; cortador de mandioca; gerador; moedor; motor; quebrador de mandioca; raladeira; ralador; raladora; serrador; triturador.* L1: *o que é caititu e o que tem a ver com a atividade de produção da farinha? L2: <<caititu>> é pra:: é o processo onde vai triturar.. a mandioca.. () fininha... (INF04SANT) Categoria: Beneficiamento.*



Caixa *sf.* Depósito de madeira usado para aparar a massa da mandioca esfarelada no processo de peneiramento. *Variante: caixote; caixote de botar farinha.*
L2: ... a <<caixa>>... é feita de madeira de tábuas né ... com quatro perninhas assim... L1: sim... L2: aí prega dos lados assim duas aí prega aqui duas () na outra esteira aí fica aquela caixa pra botar ... tem gente que bota mandioca mole dentro/ massa ... e eu quando não bota farinha dentro também né (INF05BRA)
Categoria: Beneficiamento.



Caixote *sm.* Ver entrada principal: caixa. *L1: mas tem outros nomes que vocês chamam além de caixa?*
L2: caixote caixote é CAIXA caixote de botar farinha... L1: caixote... L2: é só isso <<caixote>>
(INF05ALT) Categoria: Beneficiamento.

Cajá *sm.* Ver entrada principal : basqueta. *L1: de quais outros nomes a basqueta é chamado aqui no município? L2: é <<cajá>> (INF02BRA) Categoria: Plantio, Beneficiamento.*

Caldo da mandioca *stm.* Ver entrada principal: tucupi. *L1: o que é tucupi? L2: tucupi é o <<caldo da mandioca>> (INF04SANT) Categoria: Beneficiamento.*

Cambão da mandioca *stm.* Ver entrada principal: tronco da maniva. *L2: <<cambão da mandioca>> a gente corta o:: ... a gente corta pra... pra segurar no cambão pra arrancar a maniva a mandioca né? (INF06ALT) Categoria: Plantio.*

Cambito *sm.* Peça de madeira usada sobre a cangalha em lombo de animal para o transporte de lenha. *L1: seria o que o cambito? L2: o <<cambito>> é de carregar... carregar lenha... pra torrar farinha... (INF04ALT) Categoria: Beneficiamento.*



Cangalha *sf.* Armação que se coloca em lombo de animais para alojar cargas. L2: *áí tem a <<cangalha>> que a gente chama que é engaxada na costa do burro né... bota as esteiras bota ele em cima áí ... ele tem dois cabeçotezinho assim... (INF05BRA)*
 Categoria: **Plantio, Beneficiamento.**



Canoa *sf.* Ver entrada principal: *masseira*. L2: *<<canao>> aqui que é usada na casa de farinha é masseira que nós fala você tira de um pau oco... pega uma madeira/ uma árvore ... de madeira oca áí parte ela limpa ela por dentro todinha... áí traz... bota lá na... na casa do forno fica umas... umas co/ umas () de pau assim... bota a travessa... áí bota ela em cima apoiada que é pra botar a massa dentro que é pra machucar pra... pra coar... (INF05BRA)* Categoria: **Beneficiamento.**

Capim brabo *stm.* Ver entrada principal : *erva daninha*. L2: *é o... ele num/ ele/ <<capim brabo>> ele... () dentro da mandioca não é bom (é ruim) que ele estragam pouco a mandioca mas tratam ele capim brabo rabo de égua... esses capim... (INF04MAR)* Categoria: **Plantio.**

Capim de rola *sm.* Planta de raiz profunda que detém o desenvolvimento da maniva no roçado. Ver : *capim brabo*. L2: *o <<capim de rola>> ela ... empata o crescimento da ... da mandioca inclusive lá do outro lado () ... (INF05SAL)* Categoria: **Plantio.**

Capim flor branca *stm.* Planta que detém o desenvolvimento da maniva. Ver: *capim brabo*. Variante: *amargoso; pendão branco*. L2: *<<capim flor branca>> é esse que acaba a mandioca... (INF05MAR)* Categoria: **Plantio.**

Capim navalha *stm.* Ver entrada principal: *tiririca*. L1: *você já ouviu falar aqui no município em tiririca? L2: tiririca que eu conheço é uma ... espécie de uma erva daninha com a saída na lavoura né.. que prejudica muito ()... L1: tem outro nome que é chamada além de tiririca? L2: é <<capim navalha>>... (INF01MAR)* Categoria: **Plantio.**

Capina *sf.* Operação que consiste na limpeza do roçado. Variante: *capinação; capinagem; roçação; roçagem; roçamento*. L2: *<<capina>> na roça é quando a gente vamo... capinar tirar os matos os capim as... as toíça todinha pra deixar a maniva no limpo mesmo... no amplo mesmo (INF05BRA)* Categoria: **Plantio.**

Capinação *sf.* Ver entrada principal: *capina*. L2: bem a <<capinação>> é quase idêntica aquela resposta de ainda agora *capinação* é:: pra *capinar* o mato de dentro da roça pra maniva desenvolver... (INF05SAL) Categoria: **Plantio**.

Capinagem *sf.* Ver entrada principal: *capina*. L1: de quais outros nomes *capinar* é chamado aqui no município? L2: é só <<capinagem>> mesmo... (INF04SAL) Categoria: **Plantio**.

Capinar *v.* Limpar o roçado. Variante: *rastelar*. L2: tem tem o <<capinar>> que a gente chama que é que nem eu lhe falei de *enxada* ou de *mão* e tem o roçado que a gente roça de foice debaixo da *mandioca* pra matar o mato... (INF01ALT) Categoria: **Plantio**.

Capitão *sm.* Ver entrada principal: *tronco da maniva*. L1: ah e a senhora já ouviu falar em *tronco da maniva* e *tronco da mandioca*? L2: *tronco*? eu chamo de <<capitão>> L1: você chama de *capitão*? L2: *capitão* é nós chama de *capitão* depois que tira *mandioca*... chama *capitão*... (INF05ALT) Categoria: **Plantio**.

Capoeira *sf.* Ver entrada principal : *juquira*. L2: <<capoeira>> é ... pra cá que nós chama assim tipo essa *zinha* aí pra frente é... *capoeira*... L1: mas é o que? é um:: L2: é um mato do mato mesmo ... tirou a maniva já vai saindo a *capoeira*... aquelas *toíça* vão crescendo... L1: qualquer mato assim:: qualquer um... L2: é... L1: é uma *capoeira*? L2: é uma *capoeira*. qualquer lugar tirou as manivas já vira *capoeira* lá... (INF05BRA) Categoria: **Plantio**.



Capoeira alta *sf.* Ver entrada principal: *capoeirão*. L2: () sabe *capoeiro-uçu* é quando ela é quase mato aí a gente chama *capoeiro-uçu* *capoeirão* é quando é uma <<capoeira alta>> grande que tem uma ponta de mata grande lá tem um *capoeirão* bom de botar na roça que chamam a gente chama aqui... (INF04BRA) Categoria: **Plantio**.

Capoeira baixa *sf.* Ver entrada principal : *juquira*. L1: você já ouviu falar aqui no município em <<capoeira baixa>>? L2: é isso que a gente estava falando agora né? é um mato que ainda tá baixinho ainda, começando a crescer... (INF06SANT) Categoria: **Plantio**.

Capoeira fina *sf.* Ver entrada principal : *juquira*. L1: o que é *capoeira fina* e o que tem a ver com o cultivo da *mandioca*? L3: quando ela tá começando a crescer, vem *fina* né vem *rala* aqui... <<capoeira fina>> (INF06SANT) Categoria: **Plantio**.

Capoeira grande *sf.* Ver entrada principal : capoeirão .L1: tem outra palavra que substitua ou que a senhora conheça que substitua capoeira grossa lá? L2: é <<capoeira grande>>... lá naquela ponta de capoeira grande (INF01BRA) Categoria: **Plantio**.

Capoeira grossa *sf.* Ver entrada principal : capoeirão. L2: <<capoeira grossa>> é quando ela ... o mato desenvolve rápido a madeira engrossa rápido aí aquela área fica boa pra/ logo logo pra próxima roça... (INF03SAL) Categoria: **Plantio**.

Capoeirão *sm.* Área de terra em que a vegetação alta desenvolve-se após o uso para o cultivo agrícola. Variante: capoeira alta; capoeira grande; capoeira grossa; capoeiruçu; juquirão. L2: isso <<capoeirão>> é quando capoeira grande quando o mato é grande chama capoeirão também... (INF04BRA) Categoria: **Plantio**.



Capoeirinha *sf.* Ver entrada principal : juquirã. L2: é essa <<capoeirinha>>... L1: a capoeirinha é a mesma capoeira fina? L2: é pra nós é é... L1: que o mato tá...L2: tá assim longe um do outro... tá fininho... (INF02BRA) Categoria: **Plantio**.

Capoeiruçu *sm.* Ver entrada principal : capoeirão. L1: mas por que que ela é melhor que vocês acham? L2: porque ela é::: terra de <<capoeiruçu>> ela é uma terra fofa... L1: capoeira o que? L2: capoeiroçu capoeiroçu que a gente chama é o capoeirão grande uma área de de mato grande... (INF04BRA) Categoria: **Plantio**.

Caribé *sm.* Mingau preparado com a farinha de mandioca crivada ou peneirada. L2: <<caribé>> é feito da/ do cú da farinha .. ela é/ serve pra isso o caribé o que é feito do cú pras pessoas doentes... (INF05SANT) Categoria: **Beneficiamento**.

Caroço *sm.* Pequeno fragmento de farinha. Variante: bago da farinha; grão da farinha. L1: de quais outros nomes grão de farinha é chamado aqui no município? L2: a gente chama de bago <<caroço>> (INF02SAL) Categoria: **Beneficiamento**.

Caroçuda *adj.* Que possui caroço grande. Variante: babalu; baluda. L1: o que é a farinha baguda? L2: a farinha baguda que eles querem dizer é a farinha que é mais ... que é mais <<caroçuda>> (INF04BRA) Note: Diz-se farinha caroçuda. Categoria : **Beneficiamento**.

Carueira *sf.* Ver entrada principal : *crueira*. L1: e de quais outros nomes o bagaço é chamado aqui no município? () L2: tirando do ... do bagaço a gente chama <<carueira>> (INF05BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

Casa de farinha *sf.* Local onde se produz a farinha de mandioca. Variante: *antenas; aviamento; barraca; barracão; barraca de forno; casa de forno; centro; farinheira; retiro*. L2: <<casa de farinha>> é onde tem o forno ... e tem as masseiras e tem o caititu que é pra ... preparar a massa pra ... preparar a farinha... (INF05BRA) Categoria: **Beneficiamento**.



Casa de farinha mecanizada *sf.* Local onde se produz a farinha de mandioca com uso de instrumento movido à eletricidade. L2: é quando:... <<casa de farinha mecanizada>> é quando tem o motor pra ... pra descascar... a mandioca. pra ralar a mandioca. pra machucar a mandioca também que ela tem que triturar tudinho né que eu... o forno... elétrico tem as palhetinhas pra tá:: mexendo (INF05BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

Casa de forno *sf.* Ver entrada principal : *casa de farinha*. L1: certo. você já ouviu falar aqui no município em casa de forno? L2: já.... L1: já? a casa/ o que é a casade forno? L2: a <<casa de forno>> é aonde fabrica a farinha... (INF05BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

Casca da mandioca *sf.* Camada externa, de cor marrom, que envolve a batata da mandioca. L2: bem a <<casca da mandioca>> é aquela quando a gente chega com ela da roça que a gente vai raspar ... aí a gente tira a casca pra ficar só o que a gente vai... utilizar na farinha é a casca a gente ... joga para os bichos descarta ela... (INF05SAL) Categoria: **Beneficiamento**.



Caule da maniva *sm.* Ver entrada principal: *pau da maniva*. L1: você já ouviu falar aqui no município em caule da maniva? L2: o <<caule da maniva>> é a vara da maniva... (INF04BRA) Categoria: **Plantio**.

Cavação da cova *sf.* Abertura de um buraco no solo para o plantio da maniva. *L1: só esse mesmo né e cavar a cova a senhora já ouviu falar? L2: é quando a gente cava o buraco pra plantar maniva e aí chama...* <<cavação da cova>> (INF04ALT) Categoria: **Plantio**.

Cavar a cova *stv.* Abrir um buraco no solo para o plantio da maniva. *Variante: manicujá. L2: <<cavar a cova>> é o primeiro processo que faz para o plantio da maniva... (INF04SANT) Categoria: Plantio.*

Centro *sm.* *Ver entrada principal: Casa de farinha. L1: casa de farinha? L2: CASA DE FARINHA casa de farinha... L1: centro e a mesma coisa também? L2: é... L1: mesmo retiro é o centro... L2: mesmo retiro tá pra o <<centro>> tá pra o retiro tá pra lá (INF01BRA) Categoria: Beneficiamento.*

Cepa *sf.* *Ver entrada principal: tronco da maniva. L1: de quais outros nomes cabão da mandioca é chamado aqui no município? L2: a gente conhece por <<cepa>> (INF03SANT) Categoria: Plantio.*

Cerão *sm.* *Ver entrada principal: caçuá. L1: o que é a guarumã? L2: guarumã é... L1: serve pra que? L2: ela serve pra se tirar a tala pra se fazer paneiro pra se fazer peneira pra se fazer <<cerão>> que é o caçoar né ela serve pra se fazer tipiti... (INF01BRA) Categoria: Plantio.*

Cevadeira *sf.* *Ver entrada principal: caítitu. L2: a casa de farinha ali nós temos uma casa de farinha, é aonde se faz a farinha né faz a casa pra/ TEM o forno tem <<cevadeira>> tem a garêra (INF06SANT) Categoria: Beneficiamento.*

Cevador *sm.* *Ver entrada principal: caítitu. L1: de quais outros nomes rodete é chamado aqui no município? L2: chama rodete e chama <<cevador>> (INF04SAL) Categoria: Beneficiamento.*

Cavar a mandioca *stv.* Reduzir a mandioca em fragmentos pequenos para transformá-la em massa com a utilização de um ralo ou do caítitu. *Variante: moer; quebrar a mandioca; ralar; triturar. L2: bem <<cavar a mandioca>> ela ... pra começar a fazer a farinha a/ o primeiro é tirar a mandioca... depois raspar depois cavar que é já pra ficar massa já... (INF05SAL) Categoria: Beneficiamento.*

Chanfrado *adj.* *Ver entrada principal: bico de gaita. L1: o que é cortar a maniva chanfrado e o que tem a ver com o cultivo da mandioca? L3: cortar ela chanfrado, a gente corta <<chanfrado>> o pau*

né põe um em cima do outro e sai cortando os pedaços chanfradinhos... (INF06SANT)
 Categoria: **Plantio.**

Chanfrar *v.* Cortar o caule da maniva em diagonal para servir de muda para o plantio. *L2: ((riso)) é <<chanfrar>> é é é:: o mesmo... corte né pra plantar a maniva...L1: ok ... chanfrar se parece com o que? L2: um bico normal de uma outra coisa... compridinho... (INF05SAL)*
 Categoria: **Plantio.**

Chapa *sf.* Instrumento retangular feito de chapa de ferro e tábuas nas laterais, usado para escaldar e torrar a massa da mandioca no processo de produção da farinha. *L2: a <<chapa>> ela é um:: um forno... quadrado (isso aqui) aí a pessoa compra aquele pedaço de zinco grande ai ele coloca uma tábua aqui outra aqui outra aqui ele faz aquele forno... um forno provisório enquanto a pessoa pode comprar outro melhor... (INF04BRA)*
 Categoria: **Beneficiamento.**



Charrete *sf.* Veículo à tração animal usado para o transporte de mandioca. *L2: carregador... pode ser... um carrinho de mão qualquer uma coisa que a gente carregue né? L1: um carregador:: L2: é:: pra carregar mandio/ fez um carro de mão pode ser um::uma <<charrete>> de uma burro que chamam carregador também né? L1: unhum... (INF04MAR)* Categoria: **Beneficiamento.**



Cipó timboaçú *stm.* Planta da qual se usa a fibra para produzir cesto. *L2: ele é feito de guarimã e feito de <<cipó timboaçú>>... que é o melhor caçuá que a gente temos aqui é o de timboaçú... (INF04BRA)* Categoria: **Plantio.**

Cipó titica *stm.* Planta da qual se usa a fibra para produzir cesto. *L1: esse caçuá? L2: é... L1: é feito de que? como é? L2: ele é feito de <<cipó titica>> ele pega ... pega quatro pau ... quatro não seis ... seis pedacinho de pau assim o tamanho dele... (INF05BRA)* Categoria: **Plantio.**

Coação *sf.* Ver entrada principal : peneiramento. *L1: o que é peneirar? L2: é coar a farinha... tirar o grosso... L1: de quais outros nomes peneirar é chamado aqui no município?L2: essa <<coação>>...(INF01SANT)* Categoria: **Beneficiamento.**

Coadeira *sf.* Ver entrada principal : peneira. L1: e de quais outros nomes a peneira é chamada aqui no município? L2: aqui a gente chama... peneira...<<coadeira>> (INF05BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

Coador *sm.* Ver entrada principal : peneira. L1: eh:: de quais outros nomes peneira é chamada aqui no município? L2: coedo/ <<coador>> (INF01SANT) Categoria: **Beneficiamento**.

Coadora de massa *sf.* Ver entrada principal : peneira. L2: a <<coadora de massa>> é a peneira... L1: é a peneira? L2: é... (INF02ALT) Categoria: **Beneficiamento**.

Coador de massa *stm.* Ver entrada principal : peneira. L1: de quais outros nomes peneira é chamado aqui no município? L2: pra nós a gente chama <<coador de massa>> (INF04SANT) Categoria: **Beneficiamento**.

Coar *v.* Ver entrada principal: peneirar. L2: bom <<coar>> é quando a gente bota a massa já pra ... enxuta já pra ir para o forno que a gente coa ela pra poder jogar no forno justamente com a peneira que a gente usa... (INF05SAL) Categoria: **Beneficiamento**.

Cocha *sf.* Ver entrada principal: masseira. L1: de quais outros nomes a canoa é chamada aqui no município? L2: é gamela é <<cocha>> (INF02MAR) Categoria: **Beneficiamento**.

Cocheira *sf.* Ver entrada principal : masseira. L2: é a masseira que eu já falei né é a cocheira outros chamam <<cocheira>> né pra colocar a massa dentro... (INF01BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

Cocho *sm.* Ver entrada principal : masseira. L2: a cocheira é ... é essa que ainda agora eu falei o <<cocho>> né que é é:: igualmente uma cocheira que ela é comprida de madeira ... que a gente utiliza com a massa... (INF05SAL) Categoria: **Beneficiamento**.

Cocho de maceração *stm.* Ver entrada principal: masseira. L2: <<cocho de maceração>> é aonde a gente mistura aquela massa a gente/ o cocho a gente vai misturar a massa que é pra poder botar pra espremer... (INF05SAL) Categoria: **Beneficiamento**.

Cocho de resfriamento *stm.* Ver entrada principal : esfriadeira. L1: e <<cocho de resfriamento>> o senhor já ouviu falar aqui no município? L2: já quando a gente

*tira a farinha que torra a farinha que tira ela quente tem que botar numa coxa... aberta que é pra:: não queimar não sabe? (INF06ALT) Categoria: **Beneficiamento**.*

Coivara *sf.* Resto de vegetação não atingida pela queimada na área do roçado de mandioca a qual se amontoa para queimar e deixar o terreno limpo e adubado com as cinzas. *Variante: encoivaração. L2: a <<coivara>> é quando você faz a roça e ela não queima que preste e você tem que ir lá e juntar o resto que sobrou do fogo... juntar todas aquelas madeiras... pra chamar de coivara ou... eles chamam de fogueira também mas o nome mais apropriado é coivara mesmo depois de tocar o fogo pra limpar o resto da terra né... (INF01MAR) Categoria: **Plantio**.*

Coivarar *v.* Amontar o entulho da primeira queimada na área do roçado de mandioca para queimar e deixar o terreno limpo e adubado com as cinzas. *Variante: encoivarar. L1: o que é coivarar? L2: bom a gente sai juntando todos aqueles pedaços de madeira que ficou lá no roçado que... que tá tomando espaço e a gente vai amontoando um em cima do outro e vai <<coivarar>> (INF03SANT) Categoria: **Plantio**.*

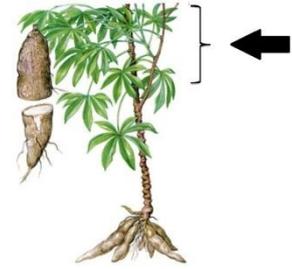
Colonheiro *sm.* *Ver entrada principal : agricultor. L1: você já ouviu falar aqui no município em lavrador? L2: lavrador é quem trabalha na roça... L1: e:: de quais outros nomes o lavrador é chamado? L2: só lavrador... <colonheiro>> L1: colonheiro também? L2: isso é... (INF04BRA) Categoria: **Plantio, Beneficiamento, Comercialização**.*

Colono *sm.* *Ver entrada principal: agricultor. L1: produtor rural mesmo né? mas tem outro nome que é chamado pra produtor rural aqui na região? L2: tem muita gente que chama <<colono>> né (INF06ALT) Categoria: **Plantio, Beneficiamento, Comercialização**.*

Conservador de mandioca *stm.* *Ver entrada principal : caítitu. L1: a senhora já ouviu falar em motor? L2: já... L1: o que é o motor ... lá no processo de produção da farinha? L2: é:: o <<conservador de mandioca>> de mandioca (INF01BRA) Categoria: **Beneficiamento**.*

Conservante *sm.* *Ver entrada principal: corante. L1: o que é a farinha pura? L2: farinha pura que não tem... não tem <<conservante>> ... não tem corante ela é natura... (INF03MAR) Categoria: **Beneficiamento**.*

Copa da maniva *sf.* Parte aérea superior da maniveira onde se encontram as folhas. *Variante: folhagem; galha; rama da maniva; rama da mandioca; ramagem. L1: o que é a copa da maniva? L2: <<copa da maniva>> é o:: a folha dela quando ela tá grande assim ... que a copa dela fica bonita/ tipo essa ai ó... (INF05BRA)*
 Categoria: **Plantio.**



Corante *sm.* Produto usado para dar cor à farinha. *Variante: conservante. L2: pois é... tem também outro tipo e tem também também uma farinha misturada que não é a farinha natural cor da mandioca que ela leva e ela leva por exemplo a pintura né é uma farinha misturada né com <<corante>> (INF01SANT)* Categoria: **Beneficiamento.**

Corpo da maniva *stm.* Ver entrada principal: caule da maniva. *L1: você já ouviu falar aqui no município em corpo da maniva? L2: o <<corpo da maniva>> é a vara da maniva... (INF04BRA)*
 Categoria: **Plantio.**

Córrego *sm.* Ver entrada principal: igarapé. *L2: já usa a mandioca descascada pra colocar no tanque e dentro do <córrego>... era com casca e tudo depois que você ia entrava lá pra tirar aquele negócio lá... (INF01MAR)* Categoria: **Plantio.**

Cortador de mandioca *stm.* Ver entrada principal: caititu. *L1: e de quais outros nomes o caititu é chamado aqui no município? L2: de <<cortador de mandioca>> aqui chama cortador de mandioca... de cevar a mandioca... (INF03BRA)* Categoria: **Beneficiamento.**

Cova *sf.* Buraco raso aberto no solo para o plantio da maniva. *L2: a <<cova>>... pra mim é cavar o chão fazer a cova que nós conhece é/ vamos cavar pra... poder plantar maniva (INF04MAR)*
 Categoria: **Plantio.**



Crivadeira *sf.* Ver entrada principal: ralo. *L3: a gente tira, coloca uma quantia na água e depois tira a mistura que é a farinha/ a mandioca dura ... passa na <<crivadeira>> pra crivar aí mistura com a mole... (INF06SANT)* Categoria: **Beneficiamento.**

Crivar *v.* Passar a farinha em um crivo para obter a parte mais fina dos grãos. L2: <<crivar>> é quando ... prepara a man/ a farinha ...aí bota na peneira pra:: pra penerar que fica ... passa o ... a farinha mais fina e fica só aquele graúvão em cima da peneira. isso é crivar... (INF05BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

Crivo *sm.* Utensílio de fundo perfurado usado para obter o cú da farinha. L2: o cú a gente tira da ... farinha passar no <<crivo>> aí sai aquela fininha que a gente chama de cú (INF03SAL) Categoria: **Beneficiamento**.

Crueira *sf.* Pedacos de mandioca que sobram ao se passar a massa crua na peneira. Variante: *bagaço; bago da mandioca; carueira; curubão; farelo.* L1: o que é a crueira? L2: <<crueira>> é::: é quando a gente ... passa a massa... aí fica na penera aqueles graúdos aqueles pedacinho de massa aqueles carocinho de massa isso que é crueira que nós chama... (INF05BRA) Categoria: **Beneficiamento**.



Cuí *sm.* Parte fina da farinha, semelhante a um pó, obtida ao passá-la em um crivo. Variante: *pó da farinha; poeira da farinha.* L2: bem o <<cuí>> é quando a gente coar farinha tira o grosso para um lado aí fica fininha a gente trata de cú (INF05SAL) Categoria: **Beneficiamento**.

Cuia *sf.* Utensílio usado para pegar a farinha de mandioca torrada. L2: [...] como eu tô falando pra você a gente usa coisas bem rustica ainda a gente usa <<cuia>> (INF03SANT) Categoria: **Beneficiamento**.



Cuiapeua *sf.* Ver entrada principal: *rodo.* L1: de quais outros nomes palheta é chamado aqui no município? tem outro nome que se dá pra palheta? L2: <<cuiapeua>> é que chamam cuiapeua... (INF05SANT) Categoria: **Beneficiamento**.

Cupim *sm.* Inseto que ataca a batata da mandioca. L2: quando a mandioca tá passando de:: de fazer a man/ a farinha... sempre dá <cupim> né (INF06ALT) Categoria: **Plantio.**



Curubão *sm.* Ver entrada principal: crueira. L2: eu sempre chamo sempre bago aí quando eu cheguei aqui no (cucuruná) a menina foi lá pro/ perguntar pra mim curubão queria () o que é curubão? é o bago da farinha aqui eles chamam <<curubão>> (INF05SANT) Categoria: **Beneficiamento, Comercialização.**

d

Deitar a maniva na cova *stv.* Estender o pedaço de maniva dentro do buraco feito no solo para o plantio. L2: olha diz assim <<deita aí essa maniva na cova>> num põe atravessado deita essa maniva na cova (INF01BRA) Categoria: **Plantio.**

Dente *sm.* Ponta serrilhada que, em conjunto, compõe o cilindro de madeira do caititu. L1: o que é o tarisca no cultivo da mandioca? L2: tarisca é:: uma tira de ferro uns <<dente>> que bota na... que bota na bola do caititu pra fazer a bola de ralar mandioca (INF03MAR) Categoria: **Beneficiamento.**

Depósito de massa *stm.* Ver entrada principal: masseira. L1: de quais/ é:: de quais outros nomes masseira é chamada aqui no município? L2: nós chamamos cocho <<depósito de massa>> (INF02SAL) Categoria: **Beneficiamento.**

Derruba *sf.* Operação que consiste no corte da vegetação alta para o cultivo da mandioca. Variante: derrubação; derrubagem; desmatação; desmatamento. L1: é:: o que é derruba e o que tem a ver com o cultivo da mandioca? L2: a <<derruba>> é quando a gente faz o roçado nos matos finos que fica grossos a gente diz tu já roçou? já agora falta derrubar que a gente vai ... com machado tombar o resto... (INF05SAL) Categoria: **Plantio.**

Derrubação *sf.* Ver entrada principal : derruba. L1: você já ouviu falar aqui no município em derrubação? L2: <<derrubação>> é isso... L1: isso o que? L2: é o roçado derrubar os pau... pra fazer... o roçado pra deixar secar né aí queima aí faz o plantio da maniva... (INF02BRA) Categoria: **Plantio.**

Derrubagem *sf.* Ver entrada principal: *derruba*. L2: *bem a <<derrubagem>> é normal como se fosse um roçado vou derrubar o mato pra fazer um roçado é normal... (INF05SAL)*
 Categoria: **Plantio**.

Derrubar *v.* Cortar a vegetação alta da área para o cultivo da mandioca. *Variante: desmatar.*
 L1: *o que é derruba no cultivo da mandioca? L2: derruba é:... é <<derrubar>> os pau fazer a roça... pra plantar mandioca... (INF05MAR)* Categoria: **Plantio**.

Desbrolhar *v.* Ver entrada principal: *desgrelar*. L1: *grelar é uma palavra usada aqui na agricultura da mandioca de farinha? L2: é é... L1: o que é grelar? L2: a maniva... L1: como assim? L2: é (que nem) <<desbrolhar>> né (desbrolhar) é desgrelar... (INF01BRA)* Categoria: **Plantio**.

Descascação *sf.* Ver entrada principal: *descascamento*. L2: *bom eu vi não aqui eu vi em outro lugar é uma máquina grande onde eles fazem inclusive lá onde eles tiram o amida da mandioca o amido... é eles jogam dentro de uma máquina e aquilo lá é uma <<descascação>>(INF03SANT)*
 Categoria: **Plantio**.

Descascamento *sm.* Operação que consiste na retirada da casca da mandioca com a utilização de faca. *Variante: descascação; rapagem.* L2: *<<descascamento>> é o descascar mandioca... (INF05MAR)* Categoria: **Beneficiamento**.



Descascar *v.* Remover a casca da mandioca com a utilização de faca. *Variante: raspar.* L1: *e casca da mandioca você já ouviu falar? L2: já... é que a gente tira né... casca pra... <<descascar>> e amassar ou ralar é assim (tem) que tirar a casca... (INF03ALT)* Categoria: **Beneficiamento**.

Desgrelar *v.* *Variante: desbrolhar.* L1: *o que é grelar? L2: a maniva... L1: como assim? L2: é (que nem) desbrolhar né? (desbrolhar) é <<desgrelar>>. (INF01BRA)* Categoria: **Plantio**.

Desmatação *sf.* Ver entrada principal: *derruba*. L1: *o que é derrubação e o que tem a ver com o cultivo da mandioca? L2: a derrubação é: a <<desmatação>> pra fazer a limpeza pra ... plantação da roça é (INF03SAL)* Categoria: **Plantio**.

Desmatamento *sm.* Ver entrada principal : derruba. L1: o que é o desmatamento? L2: o <<desmatamento>> é quando tem uma área de mata que o pessoal derruba as... florestas derrubas as plantas grande aí a ()... (INF02MAR) Categoria: **Plantio**.

Desmatar *v.* Ver entrada principal : derrubar. L1: o que é desmatar no cultivo da mandioca? L2: <<desmatar>> é aonde a gente roça ... pra desmatar vai derrubando vai acabando os matos né... pra cá que a gente conhece é isso... (INF05BRA) Categoria: **Plantio**.

Desmoitar *v.* Ver entrada principal: destocar. L1: mas tem outros nomes que vocês dão pra esse processo de destoca? L2: capinar capina destocar... L1: destocar seria um: L2: é <<desmoitar>> tem gente que chama desmoitar né (INF02ALT) Categoria: **Plantio**.

Destoca *sf.* Operação que consiste na retirada da sobra de tocos de árvores do solo após a queima. Variante: destocação; destocagem; destocamento. L2: ah o <<destoca>> é o seguinte as vez você tem uma capoeira aonde você já tirou todinha a mandioca né aí você num as vez não tem tempo de fazer outro roçado outra outra parte diz assim eu vou fazer um destoque aí vai alimpar de novo aquilo aonde já foi pa pa pa fazer uma replanta né replantar... (INF01SANT) Categoria: **Plantio**.

Destocação *sf.* Ver entrada principal: destoca. L2: bom destocar é:: que eu plantei o roçado aqui esse ano aí eu vou arrancar a mandioca quando eu for arrancando eu já vou limpando a/ pra fazer a <<destocação>> pra mim tornar replantar lá... (INF03SANT) Categoria: **Plantio**.

Destocagem *sf.* Ver entrada principal: destoca. L2: <destocagem> é::: é um é um roçado tipo assim do ano passado né que:: a gente já plantou ano passado aí esse ano vai destoca limpa com a enxada né e aí planta a a maniva... (INF03ALT) Categoria: **Plantio**.

Destocamento *sm.* Ver entrada principal: destoca. L2: bem a gente pra mandioca a gente não usa muito <<destocamento>> né... que a gente planta no meio dos toco mesmo ... só se fosse para arar que a aradeira ela ... sai destruindo os tocos mas ... é normal ... a gente planta normal mesmo... (INF05SAL) Categoria: **Plantio**.

Destocar *v.* Retirar a sobra de tocos de árvores do solo após a queima. Variante: desmoitar. L2: destocagem é quando você tá destocando a roça você tá em destocagem de... de <<destocar>> destocagem é só um nome que a gente produz aqui... (INF04BRA) Categoria: **Plantio**.

Dobrar a terra *stv.* Ver entrada principal: arar. L1: a senhora conhece outro nome pra afofar o solo aqui no município aqui na no município em vez de dizer afofar o solo eu chamo de outro nome? L2: drobrar a terra.... (INF01BRA) Categoria: **Plantio**.

e

Embira *sf.* Ver entrada principal : envira. L1: de quais outros nomes envira é chamada aqui no município? tem outro nome que se dá pra ela ou não? L2: tem meu pai chamava de <<embira>> (INF02SANT) Categoria: **Plantio**.

Empalhação da mandioca *stf.* Acondicionamento da mandioca no paneiro. L2: a envira é uma que serve pra trabalhar com/ pra fazer a <<empalhação da mandioca>> por exemplo você tira uma outra madeira.. é uma madeira aí você faz tira/ compra.. faz até cordinha como ele faz cordinha pra colocar no panero... aí empalha né aí vai... (INF05SANT) Categoria: **Beneficiamento**.

Empalhar a farinha *stf.* Acondicionar a farinha em paneiro. Variante: empaneirar. L2: a envira agente descasca ela né aquela pele de cima né aí pra tirar a envira pra <<empalhar a farinha>> fazer a empalhação da farinha () faz muito tempo que não tira envira agora... (INF05SANT) Categoria: **Beneficiamento**.



Empaneirar *v.* Ver entrada principal : empalhar a farinha. L2: beneficiar é::: que eu sei é... é ensacar ela com (lugar) botar num (paiol) bem agasalhado <<empaneirar>> meter num paneiro esse é o beneficiar dela se num tiver esse tratar também ela não presta... (INF05MAR) Categoria: **Beneficiamento**.

Empeleita *sf.* Ver entrada principal : empreita. L2: já empeleita é o seguinte o produtor ele tem a roça ele não pode dar conta só se ele arrumar uma pessoa não quiser trabalhar na diária trabalha de empeleita... ele faz por tarefa faz por área aí a gente chama só <<empeleita>>... o cara estando trabalhando sendo... (INF01ALT) Categoria: **Plantio**.

Empeleitador *sm.* Agricultor que contrata o serviço de outrem para realizar atividade relacionada ao cultivo da mandioca ou a produção de farinha. L2: a empreita que a gente chama aqui é quando você empeleita... você é um <<empeleitador>> você empeleita uma roça pra plantar... a maniva pra colocar a roça você empeleita pra fazer a farinha a gente chama de empeleita que nem se eu sou um homem que trabalha com empeleita eu empeleito de você... uma roça pra mim

colocar ai eu vou eu vou eu vou ter o trabalho de colocar ela entregar pra você pronta... (INF04BRA)
 Categoria: **Plantio**.

Empeleitar v. *Ver entrada principal : empreitar. L2: é pra fazer... é ai a gente chama de empeleita você:./ a gente diz assim quer <<empeleitar>> pra mim ai ele/ empeleitar assim você ro/ ele roça ele planta ai ele dá o valor dele a gente paga... (INF02BRA) Categoria: **Plantio**.*

Empeleiteiro sm. *Ver entrada principal : empeleitador. L2: já. empeleita é o seguinte o produtor ele tem a roça ele não pode dar conta só se ele arrumar uma pessoa não quiser trabalhar na diária trabalha de empeleita... ele faz por tarefa faz por área ai a gente chama só empeleita... o cara estando trabalhando sendo.. L1: ()... L2: não sendo diarista é <<empeleiteiro>> (INF01ALT)*
 Categoria: **Plantio**.

Empeleita sf. *Ver entrada principal : empreita. L3: <<empeleita>> é quando a pessoa, por exemplo fulano me chama pra fazer um roçado na empeleita aí eu vou fazer uma empeleita, aí eu vou trabalhar pra ele na empeleita... (INF06SANT) Categoria: **Plantio**.*

Empeleitar v. *Ver entrada principal: empreitar. L1: ai empeleitar seria... negociar? L2: é isso eu negociei com ele ai ele faz o serviço pra mim e eu pago ele... aí nós chama <empeleitar> (INF05ALT)*
 Categoria: **Plantio**.

Empeleita sf. *Contrato de outrem para desenvolver atividade no roçado de forma remunerada e previamente ajustada. Variante: empeleita; empeleita. L2: a <<empeleita>> é:: quando é pra roçar aí eu vou eu meço... vinte e cinco braça em quadra assim né vinte e cinco aqui vinte e cinco tudinho ... quer dizer que é sem braça quadrejada neh? é uma tarefa que nós chama aqui. aí eu empeleito com a pessoa pra ir roçar pra mim... (INF05BRA)*
 Categoria: **Plantio**.

Empeleitar v. *Contratar o serviço de outrem para ser desenvolvido no roçado de forma remunerada e previamente ajustada. Variante: empeleitar; empeleitar. L2: tem empeleita né que a/ o trabalhador chega e diz assim o... vou te <<empeleitar>> duas linhas né... ai o cara vai e empeleita com ele pra ir roçar... ou... ou capinar... (INF06ALT) Categoria: **Plantio**.*

Enchanfrado adj. *Ver entrada principal : bico de gaita. L1: é o mesmo tipo de corte? L2: é o mesmo tipo () porque num ele aquele CERTO eh <<enchanfrado>> foi na hora que falou enchanfrado é.... (INF01SANT) Categoria: **Plantio**.*

Encoivaração *sf.* Ver entrada principal: coivara. L1: o que é encoivaração? L2: <<encoivaração>> é quando fica mal queimado... aí a gente vai juntar aqueles pau montoando todinho pra queimar... (INF05BRA) Categoria: **Plantio**.

Encoivarar *v.* Ver entrada principal: coivarar. L2: <<encoivarar>> é quando o roçado se... se é queimado não.. o fogo não acaba de queimar/ não queima ele totalmente fica resto de galho de pau aí vai se amontoar e tacar-lhe gogo de novo é essa que é encoivarar... (INF04SANT) Categoria: **Plantio**.

Enjuquirado *adj.* Fechado pelo mato. L1: o que é juquirá no cultivo da mandioca? L2: juquirá é quando a mandioca tá <<enjuquirada>> tá fechado o mato tem que roçar pra limpar dá-se o nome de juquirá... (INF03MAR) Categoria: **Plantio**.

Envieira *sf.* Ver entrada principal: envira. L1: o que é envieira e o que tem a ver com o cultivo da mandioca? L2: olha envieira eh num tem nada a ver e tem que tira a <<envieira>> da roça né... L1: ah tá.... (INF01SAL) Categoria: **Beneficiamento**.

Enviesado *adj.* Ver entrada principal: bico de gaita. L1: dá batata e o senhor já ouviu falar em: cortar a maniva enviesado? L2: <<enviesado>> é a mesma coisa de bico de gaita né Aqui... (INF06ALT) Categoria: **Plantio**.

Envira *sf.* Fibra extraída da casca de árvore para amarrar paneiro. Variante: embira; envieira; envireira. L2: a <<envira>> é uma que serve pra trabalhar com/ pra fazer a empalhação da mandioca por exemplo você tira uma outra madeira.. é uma madeira aí você faz tira/ compra.. faz até cordinha como ele faz cordinha pra colocar no panero... aí empalha né aí vai (INF06SANT) Categoria: **Plantio**.

Envireira *sf.* Ver entrada principal : envieira. L1: tem outra nome que se chama pra envira ou não? L2: <<envireira>> pra MADEIRA né a envireira é dela que se tira a envira... (INF01BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

Enxada *sf.* Ferramenta usada na limpeza da terra e na feitura das covas para o plantio. L2: (no caso) faz uma cova assim grande né aí fofa bem a terra pra plantar e com a <<enxada>> que é bem grande... (INF06SANT) Categoria: **Plantio**.



Enxadão *sm.* Ferramenta de cabo longo e base estreita usada na destoca da terra. L2: destocar é o seguinte: se você tem ali uma... digamos você arranca a mandioca né aí fica a terra aquela terra sujeira né a maniva né aqueles broto baixo assim se diz assim ah essa terra aqui eu vou aproveitar vou destocar ela né você vai com um <<enxadão>> aqueles brotinhos assim meio fino você vai... corta tudo né aí deixa a terra limpa novamente é o destocar chamado (INF02ALT) Categoria: **Plantio**.



Enxadeco *sm.* Ferramenta usada na agricultura para cavar o solo. L1: o que é o enxadeco? L2: <<enxadeco>> é um () que chamam é um material que cava o chão tipo uma enxada... (INF03ALT) Categoria: **Plantio**.



Enxugadeira da massa *stf.* Ver entrada principal: prensa .L1: e a senhora já ouviu falar em prensa? L2: prensa sim... L1: seria o que a prensa? L2: é a que é a <<enxugadeira da massa>> (INF05ALT) Categoria: **Beneficiamento**.

Equitare *sm.* Ver entrada principal: alqueire (1). L1: mas tem outros nomes que vocês chamam pra:: é:: L2: pra as tarefas? uns chama <<equitare>> né... outros chama tarefa outros chama alqueire é só o que eu sei... (INF05ALT) Categoria: **Plantio**.

Erva daninha *stf.* Planta que se torna praga no meio da lavoura. Variante: capim brabo. L2: <<erva daninha>> são as pragas que nasce no meio da lavoura aí ... tudo quanto é espécie de.. de mato (INF01MAR) Categoria: **Plantio**.

Escaldação *sf.* Cozimento da massa no forno até que fique no ponto de torração. Variante: escaldamento. L2: <<escaldação>> é que nem nós falamos agora a pouco escaldar a massa pra poder ter o processo de torrar... (INF04BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

Escaldamento *sm.* Ver entrada principal : *escaldação*. L2: não só quando a gente vai fazer no forno que a gente diz/ a gente fala/ a gente no <<escaldamento>> é que você faz você regulariza a grossura da farinha que você quer... (INF02BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

Escaldar *v.* Cozer a massa no forno até fique no ponto de torração. *Variante: grolar a massa.* L2: bom <<escaldar>> é o começo da farinha ...quando a gente joga lá no forno né que a massa ainda tá crua... a gente vai escaldando... pra depois ela cozinhar pra chegar no ponto pra torrar... (INF05SAL) Categoria: **Beneficiamento**.

Escorrer a massa *stv.* Ver entrada principal : *escorrer o tucupi*. L2: são alguns paus feito ali e a gente usa a saca e põe a massa ali dentro.. é o material todo de madeira feito pra <<escorrer a massa>> (INF04SANT) Categoria: **Beneficiamento**.

Escorrer o tucupi *stv.* Extrair o sumo da mandioca através da massa espremida. *Variante: escorrer a massa.* L2: *imprensar a massa é quando a gente:: já vai pra torrar que a gente bota nos sacos e bota na prensa pra apertar pra <<escorrer o tucupi>> pra... torrar a farinha coar pra torrar farinha... (INF05SAL) Categoria: Beneficiamento.*

Esfriadeira *sf.* Utensílio produzido de tronco de árvore escavado e usado para se colocar a farinha para esfriar após a torração. *Variante: cocho de resfriamento; esfriador.* L2: <<esfriadeira>> é um coxo... de madeira só presta de madeira pra esfriar a farinha... (INF03MAR) Categoria: **Beneficiamento**.



Esfriador *sm.* Ver entrada principal : *esfriadeira*. L2: o <<esfriador>> é um () é um () que coloca a farinha quando tira do forno sai do forno aí coloca naquela naquele () aí daquela coxa... quando ela já tá... (trépida) aí você passa pra uma outra vasilha ... porque ela vai receber aquela que veio quente... (INF02SAL) Categoria: **Beneficiamento**.

Espremedor *sm.* Armação de madeira usada para comprimir a massa da mandioca no tipiti. *L2:* *pra espremer a massa está molhada... a massa está molhada aí coloca no espremedor coloca-se no tipiti e leva o tipiti no <<espremedor>> (INF01BRA) Categoria: Beneficiamento.*



Espremedora *sf.* *Ver entrada principal: tipiti. L2: rapaz na na nesses tempos atrás tinha/ nós chamava de <<espremedora>> é o que chamam de tipiti né... feito de?... de arumã... (INF05ALT) Categoria: Beneficiamento.*

Espremer a massa *stv.* Comprimir a massa da mandioca para extrair o tucupi. *Variante: impressar a massa. L1: o que é espremer e o que tem a ver com a atividade de produção da farinha? L2: o espremer que a gente trata é:: quando a gente vai <<espremer a massa>> pra:: começar a produzir a farinha... (INF05SAL) Categoria: Beneficiamento.*

Espremição *sf.* Compressão da massa da mandioca para extração do tucupi. *L2: aí depois dela estar bem misturada aí que a gente vai aqui nós vamos pra <espremição> que a gente trabalha com o tipiti... (INF01SANT) Categoria: Beneficiamento.*

Estacas-semente *sf.* Peça de maniva, de aproximadamente um palmo, usado para o plantio. *L2: <<estacas-semente>> é::: quando você corta o pauzinho da maniva aí vai lá... e planta ela que ela fica com a ponta assim dessa altura assim pra fora ... aquela é estaca... (INF05BRA) Categoria: Plantio.*



Esterco *sm.* Excremento animal usado como adubo orgânico. *L2: adubo orgânico que eu entendo é esse adubo que a gente uso do curral feito do <<esterco>> dos ... animais né... (INF01MAR) Categoria: Plantio.*

Estrume *sm.* Mistura de esterco, rama ou folha apodrecida para serem usados como adubo orgânico. *L2: o adubo orgânico que a gente faz a gente mesmo aqui pegar a folha pega o <<estrume>> mistura tudo com poucos tempos a gente tira que é pra adubar mandioca também a gente aduba com adubo orgânico... (INF04SAL) Categoria: Plantio.*

f

Facão *sm.* Ver entrada principal : *terçado*. L2: *é pra quando... tem um mato que a gente vai limpar a mandioca sabe? limpar de enxada que a mandioca/ a batata já tá... grande... a gente passa o roço de <<facão>> aí o cambito... serve pra gente segurar o mato assim pra cortar com facão sabe... (INF06ALT) Categoria: **Plantio**.*

Faca (1) *sf.* Instrumento cortante constituído de lâmina e cabo, usado para descascar a mandioca. L2: *ah raspar é você pega ela e passar a <<faca>> assim... raspando porque tem o descascar e o raspar que é passando a faca... (INF02MAR) Categoria: **Beneficiamento**.*



Faca (2) *sf.* Ver entrada principal : *palheta*. L2: *[...] a gente usa cuia... usa uma uma palheta que a gente chama <<faca>> mas é de madeira (INF03SANT) Categoria: **Beneficiamento**.*

Farelo *sm.* Ver entrada principal : *crueira*. L1: *de quais outros nomes bagaço é chamado aqui no município? L2: chama bagaço chama casca... L1: casca também? L2: é <<farelo>> tudo a gente chama ()... (INF04SAL) Categoria: **Beneficiamento**.*

Farinha *sf.* Grão em que se transforma a mandioca no processo beneficiamento. Variante: *farinha de mandioca*. L3: *cevar a mandioca é tirar ela/ descasca tudinho né pra fazer a <farinha> aí a gente vai cevar coloca na bancada... se for mecanizada, liga o motor e aí ceva... (INF06SANT) Categoria: **Beneficiamento**.*



Farinha alqueirada *sf.* Farinha empalhada no paneiro. L1: *[...] alqueire é uma palavra usada na agricultura da mandioca aqui no município? L2: antigamente foi alqueire do meu conhecimento era <<farinha alqueirada>>... né... (INF01BRA) Categoria: **Beneficiamento**.*

Farinha babalu *sf.* Ver entrada principal : *farinha baguda*. L2: *é <<farinha babalu>> pra nós aqui nós chama babalu... L1: aqui na comunidade eles chamam assim? L2: é é... L1: babalu? L2: é*

babalu (ou então) de graúvão por causa dos caroço grande... (INF02BRA)
 Categoria: **Beneficiamento.**

Farinha baguda *sf.* Farinha em que se produz grãos maiores a partir do processo de escaldação. *Ver : farinha. Variante: farinha babalu; farinha grossa. L1: o que é a farinha baguda? L2: a <<farinha baguda>> que eles querem dizer é a farinha que é mais ... que é mais carocuda... (INF04BRA) Categoria: Beneficiamento.*

Farinha branca *sf.* *Ver entrada principal : farinha seca. L1: você já ouviu falar aqui no município em farinha seca? L2: é... a farinha seca é a <<farinha branca>> que a gente falou ainda agora... (INF06SANT) Categoria: Beneficiamento.*

Farinha cucurunã *sf.* *Ver entrada principal : farinha de primeira. L1: de quais outros nomes farinha de primeira é chamada aqui no município tem outro nome? L2: tem é <<farinha cucurunã>> que eles chamam né (INF01SANT) Categoria: Beneficiamento.*

Farinhada *sf.* Quantidade grande de farinha produzida. *L2: <<farinhada>> aqui ... é quando ... quando a gente bota muita mandioca na água pra torrar assim uns três quatro dias até cinco dias ... aí a gente chama de farinhada... (INF05BRA) Categoria: Beneficiamento.*

Farinha de côco *sf.* Farinha produzida com a mistura da massa da mandioca e côco ralado. *Ver : farinha. L2: a <<farinha de coco>> ela é misturada com coco a gente torra ela misturada com o coco a massa mis/ a gente... rala o coco rala a massa e mistura ela ai ela dá uma farinha de coco a gente chama farinha de coco farinha com coco... (INF04BRA) Categoria: Beneficiamento.*

Farinha de lote *sf.* Farinha comercializada em grande quantidade sem um padrão de qualidade homogênea. *Ver : farinha. L2: bom <<farinha de lote>> é quando ... a gente:: faz de uma cor e da outra e mistura dentro só de um saco uma parte de uma cor uma parte de outra cor aí é... farinha de lote... (INF05SAL) Categoria: Comercialização.*

Farinha de mandioca *sf.* *Ver entrada principal: farinha. L2: bom ela parece com uma farinha de... <<farinha de mandioca>> só que ela é branquinha neh ela fica branquinha e aquelas bolinhas porque ela enfeita mesmo/ pra fazer aquelas bolinhas mesmo e ela é assim... (INF03SANT) Categoria: Beneficiamento.*

Farinha de mistura *stf.* Farinha produzida com a mistura da massa da mandioca puba e a massa da mandioca seca. *Ver* : *farinha*. *Variante*: *farinha misturada*. *L2*: já <<farinha de mistura>> é assim a pessoa bota na água... e tira/ bota uma... bota metade seca e a metade puba aí dá mistura... (INF06ALT) *Categoria*: **Beneficiamento**.

Farinha de primeira *stf.* Farinha bem torrada e limpa. *Ver*: *farinha*. *Variante*: *farinha cucuruná*. *L2*: a <<farinha de primeira>>... é porque ela é bem feita bem torrada... bem boa mesmo ela não tem talo ela não tem nada e ela é limpa aí é farinha de primeira... (INF05MAR) *Categoria*: **Beneficiamento**.

Farinha de segunda *stf.* Farinha produzida sem um determinado padrão de qualidade de cor e tamanho. *Ve* : *farinha de mandioca*. *L2*: é eles classificam farinha de primeira <<farinha de segunda>> (INF02SAL) *Categoria*: **Beneficiamento**.

Farinha de tapioca *stf.* Farinha, de coloração branca, produzida a partir da decantação da massa da mandioca. *L2*: <<farinha de tapioca>> a gente tira da massa ... da mandioca né a gente espreme numa vasilha e deixa o tucupi sentar e quando senta fica tapioca... (INF05SAL) *Categoria*: **Beneficiamento**.



Farinha d'água *stf.* Farinha produzida exclusivamente da mandioca mole. *Variante*: *farinha puba*. *L2*: <<farinha d'água>> é quando a gente arranca aqui assim no manival aí:: leva lá pra água... deixa ela passar os... cinco dias tira... aí pra torrar essa é a farinha d'água... (INF05BRA) *Categoria*: **Beneficiamento**.

Farinha fina *stf.* Farinha de caroço pequeno. *L1*: o que é farinha fina? *L2*: <<farinha fina>> é quando a gente:: tá escaldando assim aí ela sai bem fina às vezes ela engrossa e às vezes ela sai bem fina então é farinha fina... (INF05SAL) *Categoria*: **Beneficiamento**.

Farinha grossa *stf.* *Ver entrada principal* : *farinha baguda*. *L1*: o que é a farinha grossa? *L2*: <<farinha grossa>> é::: que gente faz... ela e não penera... só faz escaldar ela e:: enxugar... (INF05MAR) *Categoria*: **Beneficiamento**.

Farinha lavada *stf.* Farinha produzida a partir da lavagem da massa da mandioca repetidas vezes. L2: a <<farinha lavada>>... você rala a massa ... rala a mandioca e pega aquela massa e lava todinho no pano () bota a massa dentro e lava bem lavado aí só fica a massa tapioca sai () aquela é a farinha lavada não presta... (INF05MAR) Categoria: **Beneficiamento**.

Farinha misturada *stf.* Ver entrada principal: farinha de mistura. L2: que é para poder cevar ela é dura a gente arranca ela... aí... descasca ela que é pra misturar com a outra mole né que é pra poder fazer a <<farinha misturada>> nós lá faz assim... misturada... (INF05ALT) Categoria: **Beneficiamento**.

Farinha natural *stf.* Ver entrada principal: farinha pura. L2: eh fa/ farinha pura é como eu falei ainda agora é a <<farinha natural>>... né que é só a cor da mandioca (INF01SANT) Categoria: **Beneficiamento**.

Farinha puba *stf.* Ver entrada principal : farinha d'água. L1: o que é farinha puba? L2: a <<farinha puba>> que eu conheço... é a farinha que é botada a mandioca na água... (INF03BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

Farinha pura *stf.* Farinha produzida sem o adicionamento de corante. L2: <<farinha pura>> que não tem... não tem conservante ... não tem corante ela é natural... (INF03MAR) Categoria: **Beneficiamento**.

Farinha seca *stf.* Farinha produzida exclusivamente da mandioca dura. L1: o que é a farinha seca? L2: a <<farinha seca>> é a mas-sa é:: ralada... mandioca ralada e torrada sem colocar mandioca mole da água dentro... (INF01BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

Farinheira *sf.* Ver entrada principal : casa de farinha. L1: farinha seca mesmo né... e <<farinheira>> a senhora já ouviu falar? L2: é a casa onde a gente faz a farinhada (INF04ALT) Categoria: **Beneficiamento**.

Farinheiro *sm.* Trabalhador que produz a farinha de mandioca. L2: <<farinheiro>> é aquele que faz farinha né... (INF06SANT) Categoria : **Beneficiamento**.

Fécula *sf.* Ver entrada principal: goma. L1: o que é fécula? L2: <<fécula>> é::: é o amido da tapioca só que ela tem um preparo e que eu não sei dizer como é que eles fazem não isso aí eu não sei... (INF03SANT) Categoria : **Beneficiamento**.

Feixe de maniva *stm.* Conjunto de vara de maniva amarrada. L2: o <<feixe de maniva>> a gente você corta os pedaços da maniva pra fazer aquele feixe... é o feixe da maniva... (INF04SAL) Categoria : **Beneficiamento**.



Fermentar a mandioca *stv.* Ver entrada principal: pubar. L2: <<fermentar a mandioca>> é colocar ela de molho ... ou no igarapé ou dentro do pneu assim e ela passa dois três dias ali e ela vai fermentar ali naquela água ela vai amolecer... (INF04SANT) Categoria: **Beneficiamento**.

Fiapo da mandioca *stm.* Ver entrada principal: talo da mandioca. L1: mas tem outros nomes que são dados pra essa/ pra esse talo da mandioca que a senhora costuma falar? L2: fiapo nós chama <<fiapo da mandioca>>... L1: é o fiapo da mandioca? L2: é o fiapo da mandioca (riso)... (INF05ALT) Categoria: **Beneficiamento**.

Fofação da terra *stf.* Descompactação do solo para a realização do plantio das manivas. L1: o que é arado? L2: o arado é um processo de::: de um maquinário que tem que... faz o processo na terra de... de <<fofação da terra>>... (INF04BRA) Categoria: **Plantio**.

Fofar a terra *stv.* Ver entrada principal: arar. L2: já destocar é quando você tem uma área que ela já tá meia fraca.. até aqui nós estamos tendo uma agora um::: benefício da prefeitura não sei se vai ter de novo esse ano de::: mecanizar a área todinha <<fofar a terra>> com arado com () e a gente plantar.... (INF01ALT) Categoria: **Plantio**.

Fofar o solo *stv.* Ver entrada principal: arar. L2: já ouvi falar assim né? que a área que não dá mais mandioca...se você <<fofar o solo>> você pode ter (boa) produção de mandioca... foi isso que eu ouvi falar.... (INF02SANT) Categoria: **Plantio**.

Foice *sf.* Instrumento curvo, composto de lâmina metálica e cabo de madeira, empregado na preparação de terreno para o plantio. *L1: você já ouviu falar aqui no município em brocar o roçado? L2: brocar o roçado então assim pega a <<foice>> e ir pra o mato ... cortar... (INF01MAR) Categoria: Plantio.*



Folha da mandioca *sf.* Ver entrada principal : folha da maniva. *L1: o que seria saúva? L2: (a) formiga ... L1: e:: L2: que corta as <folha>... (INF03ALT) Categoria: Plantio.*

Folha da maniva *sf.* Estrutura laminar verde que compõe a copa da maniveira. *Variante: folha da mandioca. L2: lagarta já já deu até aliás um tempo é::: ela vem e come a <<folha da maniva>> todinha limpa a lagarta (INF01ALT) Categoria: Plantio.*



Folhagem *sf.* Ver entrada principal : copa da maniva. *L1: a rama? L2: é... L1: mas é a parte de baixo? de cima? L2: não é pra cima onde fica a <folhagem> dela... (INF03BRA) Categoria: Plantio.*

Formigão *sm.* Ver entrada principal: saúva. *L1: de quais outros nomes saúva é chamada aqui? L2: <<formigão>> (INF05BRA) Categoria: Plantio.*

Fornada *sf.* Porção de farinha produzida de cada vez. *L2: fornada? <<>fornada> é:: quando você pega a massa... e:: e põe dentro do forno cada uma tirada que você/ cada uma:: uma massa que você coloca que torra que vai tirar é uma fornada... (INF02MAR) Categoria: Beneficiamento.*

Fornalha *sf.* Base que sustenta o forno e onde se coloca a lenha para a combustão e torração da farinha de mandioca. *Variante: muralha. L2: a fornada?... a fornada é a gente fazer... o (fogo) a o o o... () fazer o... aquele negócio de tijolo pra fazer/ botar o forno em cima fazer a <<fornalha>> (INF04MAR) Categoria: Beneficiamento.*



Forno *sm.* Utensílio redondo, feito de chapa de ferro, usado para torrar a massa da mandioca no processo da produção de farinha. *Variante: muralha. L1: o que é forno e o que tem a ver com a atividade de produção da farinha? L2: o <<forno>> é a peça principal da farinha que sem ele a gente não torrar ela... (INF05SAL) Categoria: Beneficiamento.*



Forno elétrico *stm.* Utensílio redondo, feito de chapa de ferro, constituído de um sistema de rodo movido à eletricidade para mexer a massa da mandioca no processo da produção de farinha. *Variante: forno mecânico. L1: o que é o forno elétrico na atividade de farinha? L2: <<forno elétrico>> é ... o forno que é movido a energia... (INF05BRA) Categoria: Beneficiamento.*

Forno mecânico *stm.* Ver entrada principal: forno elétrico. *L1: você já ouviu falar, aqui no município, em <<forno mecânico>>? L2: ... é:: já ouvi falar/ acho que é o mesmo ... mesmo forno elétrico... (INF05BRA) Categoria: Beneficiamento.*

g

Gafanhoto *sm.* Inseto que ataca o roçado de mandioca. *L2: não só se conhece lagarta e também dá <<gafanhoto>> também... (INF06SANT) Categoria: Plantio.*



Galha *sf.* Ver entrada principal: copa da maniva. *L2: nó da maniva? o nó da maniva é aqueles encontro das galha com a outra aí onde sai uma <<galha>>... aí sai outra aí no meio fica o o... o (mondrongo)... (INF02MAR) Categoria: Plantio.*

Gamela *sf.* Ver entrada principal: masseira. *L1: de quais outros nomes cocheira é chamado aqui no município? L2: <<gamela>> (INF01SANT) Categoria: Beneficiamento.*

Gareira *sf.* Ver entrada principal: masseira. *L1: você já ouviu falar no município em cocheira? L2: sim cocheira é:: é aonde a gente bota... que é a mesma <<garêra>> que o povo chama de cocheira pra colocar a massa... (INF03SANT) Categoria: Beneficiamento.*

Gerador *sm.* Ver entrada principal: *caititu*. L1: o que é banco e o que tem a ver com a atividade da produção de farinha? L2: coloca a mandioca ... liga o <<gerador>> liga o gerador e corta a mandioca (INF05SANT) Categoria : **Beneficiamento**.

Goma *sf.* Substância, clara e pastosa, extraída no processo de decantação da mandioca. Variante: *amido; fécula*. L1: você já ouviu falar aqui no município em goma? L2: <<goma>> é o::: o mesmo fle/ fécula que a gente tira da massa da mandioca... (INF02MAR) Categoria : **Beneficiamento**.

Grade *sf.* Ver entrada principal: *arado*. L2: é ... porque tem o arado e a... deixa eu ver lembrar aqui... o arado e::... a <<grade>> (INF02SAL) Categoria : **Plantio**.

Gradear *v.* Ver entrada principal: *arar*. L2: também eles usa ... às vezes fala assim não eu fui lá em fulano peguei um arar da terra pra mim né no caso seria <<gradear>> que é pra dá grade que que implementa.. trator.. chama de grade no caso há de arar já seria usado o arado... (INF01MAR) Categoria: **Plantio**.

Grajau *sm.* Ver entrada principal: *caçuá*. L1: certo e de quais outros nomes o caçuá é chamado aqui no município? L2: tem uns que chamam ... <<grajau>>... L1: grajau? L2: é... (INF03BRA) Categoria: **Plantio, Beneficiamento**.

Grão de farinha *stm.* Ver entrada principal: *caroço*. L1: e a senhora já ouviu falar em grão de farinha? L2: <<grão da farinha>> é o caroço né... (INF04ALT) Categoria: **Beneficiamento**.

Grelar *v.* Desenvolver a maniva. L1: de quais outros nomes grelar é chamado aqui no município? L2: pode ser nasceu né <<grelar>> nasceu a maniva ou grelou a maniva... (INF02SAL) Categoria: **Plantio**.

Grelo *sm.* Ver entrada principal: *olho da maniva*. L2: o que é grelo e o que tem a ver com o cultivo da mandioca? L2: o <<grelo>> é a ponta da maniva chama grelo é o fechado dela lá em cima... (INF03SAL) Categoria: **Plantio**.

Grelo da maniva *sm.* Ver entrada principal: *olho da maniva*. L2: o que é grelo e o que tem a ver com o cultivo da mandioca? L2: o grelo a gente chama é o <<grelo da maniva>>... L1: é o grelo da maniva? L2: é... (INF04SAL) Categoria: **Plantio**.

Grolado *Adj.* Cozido até o ponto de torração. L1: *ah sim chama de grelado e como é que é esse grolado?* L2: *esse grolado nós bota a massa no forno e ela... esquentando que chega fica gro/ groladozão velho assim beiju velho aquela <<massa grolada>>... (INF04MAR)* Note: Ponto em que fica a massa da mandioca para o torramento no forno. Categoria : **Beneficiamento**.



Grolar *v.* Ver entrada principal: *escaldar*. L1: *somente esses né e:: a senhora já ouviu falar em grolar?* L2: *eu já ouvi falar em <<grolar >> grolar a massa... L1: seria o que grolar então? L2: grolar a massa é quando a gente vai:: passar ela né pra... ficar os grãozinhos pra... L1: grãozinho né... L2: dos caroços... (INF04ALT)* Categoria: **Beneficiamento**.

Grota *sf.* Ver entrada principal: *igarapé*. L1: *mas dão/ a senhora dá outro nome pra esse igarapé?* L2: *<<GROTA>> a gente dá o nome de grota grotão igarapé... (INF05ALT)* Categoria: **Plantio, Beneficiamento**.

Grotão *sm.* Ver entrada principal: *igarapé*. L1: *aqui na região/ e vocês dão outros nom/ outros tipos de nome pra essa água do igarapé?* L2: *<<grotão>>... (INF02ALT)* Categoria: **Plantio**.

Guarumã *sm.* Árvore do igapó da qual se usa a tala para produzir paneiro e a folha para empalhar a farinha. L2: *<<guarumã>> é o::: uma ... uma árvorezinha que dá no gapó e tira pra fazer... paneiro (às vezes) pra... empalhar a farinha... serve dela serve a tala dela e serve a folha... (INF05BRA)* Categoria: **Plantio, Beneficiamento**.

Gume *sm.* Ver entrada principal : *olho da maniva*. L2: *na vara da maniva... que nem eu falei naquela hora que a vara da maniva aqui tem... o <<gume>> eles chamam gume chamam nó chamam gume... L2: gume? L1: é::: L2: também esse nó da maniva é chamado também de gume? L2: é gume... (INF04BRA)* Categoria : **Plantio**.

Gurupema *sf.* Ver entrada principal : *peneira*. L1: *de quais outros nomes peneira é chamada aqui no município?* L2: *nós chamamos <<gurupema>> também...L1: gu rupema? L2: é é:: ((risos)) é gurupema... (INF02SAL)* Categoria: **Beneficiamento**.

h

Haste da maniva *stf.* Ver entrada principal : caule da maniva. L2: <<haste da maniva>> é o mesmo pau da mandioca a gente planta pra .. nascer pra gente... (INF05SAL) Categoria: **Plantio**.

i

Igapó *sm.* Área de terra encharcada. Variante: área molhada; área úmida; baixada; baixão. L1: de quais outros nomes área úmida é chamada aqui no município? tem um outro que se dá pra essa área úmida? L2: não no momento não... só conheço essa do <<igapó>> (INF01SANT) Categoria: **Plantio**.

Igarapé *sm.* Rio pequeno no qual se coloca a mandioca para amolecer. Variante: água do rio; água do igarapé; água corrente; córrego; grotá; grotão; igarapé corrente; lagoa; riacho. L1: o que é igarapé e o que tem a ver com o cultivo da mandioca? L2: <<igarapé>> agora um tempo que ainda tá bom a gente usa pra botar mandioca de molho... (INF05SAL) Categoria: **Plantio, Beneficiamento**.



Igarapé corrente *stm.* Ver entrada principal: igarapé. L2: não <<igarapé corrente>> é praticamente o mesmo da daquela de ainda agora... que a água escorre... descendo para o rio ... L1: () utiliza? L2: é utiliza... utiliza pra botar a mandioca de molho também água corrente... (INF05SAL) Categoria: **Plantio, Beneficiamento**.

Imprensador *sm.* Ver entrada principal: prensa. L1: e::: a prensa o senhor já ouviu falar? L2: já que é o <<imprensador>> de imprimir a::: a massa... (INF01ALT) Categoria: **Beneficiamento**.

Impressar a massa *stv.* Ver entrada principal : espremer a massa. L2: é <<impressar a massa>> é pegar ela e botar na prensa () faz um prensa e joga ela... num saco e joga dentro... e aí bota um chapão em riba... larga uma (faca) em cima e arrocha... (INF05MAR) Categoria: **Beneficiamento**.

Inviés *adj.* Ver entrada principal: bico de gaita. L2: não a gente chama de <<inviés>>... L1: enviés? L2: inviés... L1: ah tá... L2: corta de inviés ((riso))... L1: ah tá não é enviesado é inviés no caso? L2: inviés é... (INF02SAL) Categoria: **Plantio**.

j

Jacá *sm.* Ver entrada principal: caçua. L1: ah sim e esse caçua tem outros nomes que vocês costumam chamar pra ele? conhece? L2: só se chama caçua e... e jucá <<jacá>> né... L1: jacá seria onde coloca a mandioca pra... L2: é pra botar no animal pra... (INF06ALT) Categoria: **Beneficiamento**.

Jacitara *sf.* Planta da qual se tira o talo para produzir o tipiti. L1: o que é tipiti e o que tem a ver com a atividade de produção da farinha? L2: o tipiti é uma coisa feita de talo de:: <<jacitara>> que a gente bota a massa dentro pra espremer a massa... (INF05SAL) Categoria: **Plantio**.

Jamanchim *sm.* Ver entrada principal: caçua. L2: olha é por exemplo oh oh o aturá é conhecido como <<jamanchim >> que é outro () é outro tipo de panheiro só que ele é aberto atrás... (INF01SANT) Categoria: **Plantio, Beneficiamento**.

Juquirá *sf.* Área de terra em que o mato foi roçado ou queimado para o cultivo agrícola. Variante: capoeirinha; capoeira baixa; capoeira fina; juquirinha. L2: <<juquirá>> aqui pra nós é capoeira quando ela tá baixinha... L1: certo... L2: que a gente ... tira a mandioca aí fica aquelas capoeirinhas a gente chama juquirá... (INF05BRA) Categoria: **Plantio**.

Juquirão *sm.* Ver entrada principal: capoeirão. L1: e:: capoeirão a senhora já ouviu falar? L2: <<juquirão>> nós chama juquirão é aquele que... L1: esse juquirão seria o que? L2: aquele tá mais grosso... ele fica bem mais grosso os pau e a gente chama juquirão... capoeirão juquirão... (INF05ALT) Categoria: **Plantio**.

Juquirinha *sf.* Ver entrada principal : juquirá. L1: e capoeira baixa a senhora já ouviu falar? L2: pois é a capoeirinha a <<juquirinha>> fina... (INF04ALT) Categoria: **Plantio**.

Jurubeba *sf.* Planta de folha larga e espinhosa que detém o desenvolvimento da mandioca. L2: <<jurubeba>> é mato de espinho né que dá na/ dentro da mandioca e tem de roçar ele sabe se não ele/ a mandioca não sai.. a maniva... (INF06ALT) Categoria: **Plantio**.

I

Lagoa *sf.* Ver entrada principal: igarapé. L1: de quais outros nomes igarapé é chamado aqui no município? L2: chama grota <<lagoa>>... água corrente na/ nascente ()... (INF02MAR) Categoria: **Plantio**.

Lavrador *sm.* Ver entrada principal: agricultor. L2: <<lavrador>> é o ... o cara que roça ... e:: planta capina e faz a farinha... (INF05BRA) Categoria: **Plantio, Beneficiamento, Comercialização**.

Leite da mandioca *stm.* Ver entrada principal: tapioca. L2: a borra é o é o... o <<leite da mandioca>> quando a gente coa a massa... que a tapioca assenta aí fica a borra em cima... que é aquela massa roxa... (INF02MAR) Categoria: **Beneficiamento**.

Leite da maniva *stm.* Líquido branco que escorre do caule da maniva quando cortado. L2: já:: <<leite da maniva>> é o mais... quando a gente vai tirar maniva pra plantar que não... todo todo... toda árvore de maniva que a gente toca a gente tem de triscar o facão nela sabe? o corte nela se não tiver leite não nasce... (INF06ALT) Categoria: **Plantio**.

Lenha *sf.* Acha ou pedaço de tronco de árvore usados para combustão na fôrnalha. L2: na casa de farinha tem a peneira de penerar a massa... quando a pessoa usa a prensa... é prensa e quando não é tipiti... usa o o tipiti usa o rodo pra torrar a farinha que a gente chama o rodo de mexer ... no forno o forno a <<lenha>> pra fazer a farinha pra ter o processo de fazer a farinha a lenha seca... da roça também tirada da roça... (INF04BRA) Categoria: **Beneficiamento**.



Linha de mandioca *stf.* Ver entrada principal: linha de terra. L2: braça é quando se mede uma <<linha de mandioca>> uma linha de terra... são vinte e cinco/ são:: cinquenta metros são vinte braça vinte e cinco braça... que é uma linha de terra a medição... (INF03MAR) Categoria: **Plantio**.

Linha de terra *stf.* Unidade de medida correspondente a vinte e cinco braças ou cinquenta metros. L1: o que é a braça no cultivo da mandioca? L2: braça é quando se mede uma linha de mandioca uma linha de terra... são vinte e cinco/ são:: cinquenta metros são vinte braça vinte e cinco braça... que é uma <<linha de terra>> a medição... (INF03MAR) Categoria: **Plantio**.

m

Macaxeira *sf.* Tubérculo proveniente da maniveira do qual se coze ou se usa a massa para a produção de bolo. L2: <<macaxeira>> é uma mandioca ... uma mandioca normal só que ela:: tem uma outra:: coisa porque a macaxeira a gente come cozida e a mandioca não tem que fa/ só presta pra farinha mesmo é da macaxeira come o bolo come ela ... cozida bebe o mingau é diferente da outra essa não faz mal crua assim praticamente crua né só::/ a outra não tem que ir pra o forno mesmo... (INF05SAL)
 Categoria: **Plantio.**



Maceração da mandioca *stf.* Machucamento da massa da mandioca com as mãos. Variante: *massação da mandioca.* L1: você já ouviu falar aqui... em... maceração da mandioca? L2: ... já... L1: o que é <<maceração da mandioca>>? L2: é quando tá amassando ela lá machucando ela lá que é maceração... (INF05BRA) Categoria: **Beneficiamento.**

Machado *sm.* Ferramenta de cabo que se usa para cortar madeira. L1: e capoeirão? L2: capoeirão é é::: uma espécie de terra quando ela já tá quase virando mata () não roça mais de foïça... você broca ela pra derrubar de <<machado>> ou de motor... (INF01ALT)
 Categoria: **Plantio.**



Manaíba *sf.* Ver entrada principal: *maniva.* L1: de quais outros... nomes a maniva é chamada aqui no município? L2: é::: <<manaíba>>... rama tudo é a mesma coisa... (INF03MAR)
 Categoria: **Plantio.**

Mandarová *sm.* Inseto que ataca as folhas da maniveira e considerado principal praga dessa cultura agrícola. L1: de quais outros nomes a lagarta é chamada aqui no município? L2: é... <<mandarová>> L1: é? L2: é... L1: ()... L2: não o nome dela mesmo... L1: o nome dela? L2: é... (INF01SAL) Categoria: **Plantio.**

Mandicuera *sf.* Mingau preparado com a mandiocaba. Variante: *manicuera.* L1: o que é a mandiocaba? L2: ... mandiocaba é uma mandioca que ela dá ... ela dá ... grossa ... comprida e ela dá/

*é cheia de água dentro... L1: ela serve pra fazer farinha também? L2: não... L1: não? L2: faz um mingau... <<mandicuera>> que chamam... (INF05BRA) Categoria: **Beneficiamento.***

Mandioca *sf.* Tubérculo da maniveira usado para a produção de farinha após extração da substância venenosa. Variante: *batata da mandioca; batata da maniva; raiz da mandioca; raiz da maniveira.* L2: *a farinha é feito da... <<mandioca>> né que a gente... serve de alimentação pra gente ... pra nós e pra vender para os outros... (INF05SAL) Categoria: **Plantio, Beneficiamento.***



Mandioca amarela *sf.* Mandioca de polpa amarelada. L1: *o que é a mandioca amarela? L2: <<mandioca amarela>> é quando ela tem a .. a massa bem amarela... (INF05BRA) Categoria: **Plantio, Beneficiamento.***



Mandiocaba *sf.* Mandioca, aquosa, usada para preparar mingau. L2: *<<mandiocaba>> é uma mandioca que ela dá... ela dá... grossa... comprida e ela dá/ é cheia de água dentro... L1: ela serve pra fazer farinha também? L2: não...L1: não? L2: faz um mingau ... mandicueira que chamam...(INF05BRA) Categoria: **Plantio, Beneficiamento.***

Mandioca braba *sf.* Ver entrada principal : *mandioca brava.* L2: *se parece com a <<mandioca braba>> essa mandioca que faz a farinha... (INF03SANT) Categoria: **Plantio, Beneficiamento.***

Mandioca branca *sf.* Mandioca de polpa branca. L2: *<<mandioca branca>> é uma mani/ uma mandioca normal assim igual as outras só muda a cor que o é:: ela é branca mesmo a massa é branca a casca é preta mas a mandioca é branca a massa dela é branca... (INF05SAL) Categoria: **Plantio, Beneficiamento.***



Mandioca brava *sf.* Mandioca venenosa. Ver: *mandioca.* Variante: *mandioca braba; maniva braba; maniva de veado.* L2: *<<mandioca brava>> aqui a gente lida pra fazer a farinha essa que a gente utiliza mandioca brava que só serve pra/ o processo da farinha não serve pra se comer assim ela cozida... (INF04SANT) Categoria: **Plantio, Beneficiamento.***

Mandioca de verão *stf.* Mandioca em que o plantio é realizado na estação do verão. *L1: falar novamente e:: a senhora já/ mas/ é::: a senhora já ouviu falar em mandioca de verão? L2: <<mandioca de verão>> é quando a gente planta né... na época do verão... (INF04ALT) Categoria: Plantio.*

Mandioca dura *stf.* Mandioca natural. *L1: o que é mandioca dura? L2: <<mandioca dura>> é quando a gente traz ela da roça direto pra casa do forno... (INF05SAL) Categoria: Beneficiamento.*

Mandioca d'água *stf.* Ver entrada principal: mandioca mole. *L1: você já ouviu falar aqui no município em mandioca d'água? L2: já a <<mandioca d'água>> é aquela que a gente coloca n'água né ((risos))... (INF06SANT) Categoria: Plantio, Beneficiamento.*

Mandiocal *sm.* Ver entrada principal: área da mandioca. *L2: pra nós aqui mandiocal é quando o roçado todo é feito só de plantio de maniva que a gente chama aqui <<mandiocal>> (INF04SANT) Categoria: Plantio.*

Mandioca mansa *stf.* Mandioca não venenosa. Ver: macaxeira. *L2: <<mandioca mansa>> que a gente chama é a macaxeira né que é a mandioca mansa... (INF03SANT) Categoria: Plantio, Beneficiamento.*

Mandioca mole *stf.* Mandioca que se coloca de molho no igarapé. *Variante: mandioca d'água; mandioca puba. L1: o que é <<mandioca mole>>? L2: é:: a mandioca que a gente tira e põe n'água aí fica mole... (INF05SANT) Categoria: Beneficiamento.*

Mandioca puba *stf.* Ver entrada principal: mandioca mole. *L1: o que é a mandioca puba? L2: mandioca mole né que eu não lembrei <mandioca> é mandioca mole né... (INF01BRA) Categoria: Plantio, Beneficiamento.*

Mandioca solteira *stf.* Mandioca cultivada sem a consorciação de outras culturas agrícolas no roçado. *L2: é nunca vi não mas a <<mandioca solteira>> que eu entendo é quando a pessoa planta... broca uma... bota um roçado só pra mandioca né aí planta só ela... L1: ah seria só plantação da mandioca? L2: é fica solteira né... só ela... (INF06ALT) Categoria: Plantio.*

Manicuera *sf.* Ver entrada principal : *mandicuera*. L2: olha tem também outro tipo né que ela é chamada porque tem uma que não é mandioca mas ela é a semelhança é a é a <<manicuera>> né... que a gente faz uma bebida dela... (INF01SANT) Categoria: **Beneficiamento**.

Manicujá *sm.* Ver entrada principal: *cavar a cova*. L1: unhu de quais outros nomes cavar a cova é chamado aqui no município tem outro nome? L2: <<manicujá>>... L1: manicujá? aí manicujá é a mesma situação de cavar:: L2: eh eh eh é cavar é... (INF01SANT) Categoria: **Plantio**.

Manipuera *sf.* Ver entrada principal: *tucupi*. L1: o tucupi... L2: é o tucupi que nós chama <<manipueira>> (INF05ALT) Categoria: **Beneficiamento**.

Maniva *sf.* Planta com caule envolto de pequenos gumes da qual se retira a mandioca para a produção de farinha. Variante: *maniveira*; *árvore da maniva*; *árvore da mandioca*; *manaíba*; *torceira da maniva*. L2: é a <<maniva>> que a gente chama ela é uma árvore... ela não é muito grande ela é média na faixa de... ela cresce até dois metros dois metros e meio muitos crescem até três metros ela é uma:: ela é uma maniva cheia de gume... ela é cheia de gume tipo a cana... (INF04BRA) Categoria: **Plantio**.



Maniva braba *stf.* Ver entrada principal: *mandioca brava*. L2: [...] um tipo de uma maniva que... que o pessoal chama que até maniva de veado que é do mato né... e a e a e a <<maniva braba>> (INF01SANT) Categoria: **Plantio**.

Maniva de veado *s.f.* Ver entrada principal : *mandioca brava*. L2: [...] um tipo de uma maniva que... que o pessoal chama que até maniva de veado que é do mato né... e a e a e a <<maniva braba>> (INF01SANT) Categoria: **Plantio**.

Manival *sm.* Ver entrada principal : *área da mandioca*. L2: <<manival>> é onde tá plantada a:: mandioca aí ... aqueles pé o pessoal chama é ... manival... (INF02MAR) Categoria: **Plantio**.

Maniveira *sf.* Ver entrada principal: *maniva*. L2: a <<maniveira>> é a mesma maniva que a gente planta pra sair a mandioca nascer a batata... (INF05SAL) Categoria: **Plantio**.

Mão de pilão *sf.* Ver entrada principal: porrete. L1: não?... você já ouviu falar aqui no município em porrete? L2: a gente conhece (por) <<mão de pilão>> aqui... (INF03BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

Marretador *sm.* Ver entrada principal : atravessador. L1: que compra né tem outros nomes que são utilizados pra pra.... chamar para esse marreteiro além de atravessador? L2: é marre/ <<marretador>> atravessador..... (INF06ALT) Categoria: **Comercialização**.

Marreteiro *sm.* Ver entrada principal : atravessador. L2: <<marreteiro>> é porque ele é o... é o... atravessador que ele vem compra e vai... vender pra outro isso é o marreteiro chama de atravessador... (INF05MAR) Categoria: **Comercialização**.

Massa *sf.* Ver entrada principal: massa da mandioca. L2: a crueira é da <<massa>> que a gente tira... (INF06SANT) Categoria: **Beneficiamento**.

Massação da mandioca *sf.* Ver entrada principal: maceração da mandioca. L1: e:: maceração da mandioca a senhora já ouviu falar? L2: <<massação da mandioca>> né é tem eu sei quando a gente tira ela da água às vezes não vai cevar ai a pessoa amassa na mão... é chama AMASSAR amassar mandioca... (INF05ALT) Categoria: **Beneficiamento**.

Massa da mandioca *sf.* Pasta proveniente do processo de maceração da mandioca ralada ou triturada. Variante: massa. L2: a <<massa da mandioca>> é quando.. tritura ela todinha no/ ceva ela todinha e fica a massa da mandioca... (INF04SANT) Categoria: **Beneficiamento**



.Masseira *sf.* Utensílio, produzido de tronco de árvore escavado, usado para amassar a massa da mandioca ralada ou triturada. Variante: amassador (1); canoa; cocha; cocheira; cocho; cocho de maceração; depósito de massa; gamela; gareira. L1: o que é masseira e o que tem a ver com a atividade de produção da farinha? L2: a <<masseira>> é que a gente usa pra botar a massa... (INF05SAL) Categoria: **Beneficiamento**.



Mexedor de farinha *stm.* Ver entrada principal : rodo. L1: de:: de quais outros nomes palheta é chamado aqui no município? L2: <<mexedor de farinha>> (INF01SANT)
Categoria: **Beneficiamento.**

Migar a maniva *stv.* Cortar o caule da maniva em pedaços para serem plantados. Variante: *picar a maniva.* L2: <<migar a maniva>> é quando você vai plantar leva o feixo ... aí coloca lá ... aí vai cortando os pedacinhos todinhos que é pra poder plantar... (INF05BRA) Categoria: **Plantio.**

Miolo da mandioca *stm.* Ver entrada principal: talo da mandioca. L2: é um é um ge/ ... () é o <<miolo da mandioca>> né que cria o talo ai a batata vai crescendo com ele né... (INF06ALT)
Categoria: **Plantio, Beneficiamento.**

Miolo da maniva *stm.* Parte interior do caule da maniva. L3: a maniva/ o <<miolo da maniva>> é bem no meio do pau tem aquele miolo branco né por exemplo, se der a broca naquele miolo a maniva não nasce ... se nascer não dá a raiz... (INF06SANT) Categoria: **Plantio.**

Moedor *sm.* Ver entrada principal: caititu. L2: é::: eu falo <<moedor>> né que... da farinha... L1: o triturador seria o moedor então né? L2: é moedor também... (INF06ALT)
Categoria: **Beneficiamento.**

Moer *v.* Ver entrada principal : cevar a mandioca. L2: pra fazer a farinha né... é a casa de farinha completa assim com... com caititu pra <<moer>> a mandioca com a/ com forno tem a... tem as caixas pra botar a farinha e... (INF06ALT) Categoria: **Beneficiamento.**

Motor *sm.* Ver entrada principal : caititu. L1: o que é o <<motor>>... lá no processo de produção da farinha? L2: é::: o conservador de mandioca de mandioca... (INF01BRA) Categoria: **Beneficiamento.**

Motosserra *sf.* Serra, acionada por motor, usada no desmatamento da área de capoeira grossa. Variante: *serradeira.* L2: capoeira grossa é aquela que você já pode derrubar de machado de <<motosserra>>... e capoeira fina é essa uma que quando você vai roçando já vai cortando tudo com o terçado... (INF03BRA) Categoria: **Plantio.**



Muralha *sf.* Ver entrada principal: fornalha. L1: o que é chapa e o que tem a ver com a atividade da produção de farinha? L2: é:::... é a a... é a chapa ela é direta né a gente pra fazer o forno tem que fazer ela o beiral... faz a... a coisa pra a <<muralha>> (INF01SANT)... Categoria : **Beneficiamento**.

n

Nascer *v.* Ver entrada principal : grelar. L1: de quais outros nomes grelar é chamado aqui no município? L2: pode ser nasceu né grelar <<nasceu >> a maniva ou grelou a maniva... (INF02SAL) Categoria: **Plantio**.

Navalhão *sm.* Ver entrada principal : tiriricão. L1: tem outro nome é::/ a/ que é chamado aqui no município além de tiriricão? L2: tiriricão pode ser o <<navalhão>> mesmo também ... ela costuma muito sair ... por esses baixão... (INF01MAR) Categoria: **Plantio**.

Nó da maniva *stm.* Ver entrada principal : olho da maniva. L2: o <<nó da maniva>> é aqueles aqueles nozinho que tem que a gente chama olho né aí a gente chama: olha o nó da maniva olha o olho como tá... (INF03SAL) Categoria: **Plantio**.

o

Olho da mandioca *stm.* Ver entrada principal : olho da maniva. L2: e toda folha é um nó ela cai/ cai a folha e fica uns nozinho dela que é o <<olho da mandioca>> (INF05MAR) Categoria: **Plantio**.

Olho da maniva *stm.* Pequenas botões que envolvem o caule da maniva e por onde nascem os novos ramos. Variante: brolho; brolho da maniva; bico da maniva; bolha da maniva; broto da maniva; grelo; grelo da maniva; gume; nó da maniva; olho da mandioca. L2: bom <<olho da maniva>> é aquele que nasce na maniva mesmo é:: a gente ... quando vai arrancar ... ela tá cheia tem aqueles/ os nó da maniva sem ser o nó né que/ do galho ela é tudo cheio de nó de uma lado e do outro aí é o olho... (INF05SAL) Categoria: **Plantio**.



p

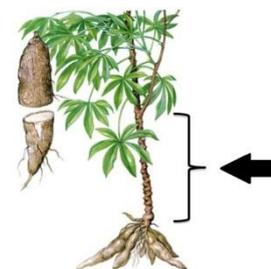
Palheta *sf.* Lâmina de madeira usada para mexer a farinha no forno. *Variante:* *faca (2); puxador de farinha; torrador.* L2: *a <<palheta>> é aquela... de mexer a massa torrar massa nós chama de palheta...* (INF04MAR) Categoria: **Beneficiamento.**



Pancuã *sm.* Capim rasteiro que inibe o desenvolvimento da mandioca. L2: *<<pancuã>> quando ele dá na roça é perigoso que é:: se a gente não tomar cuidado ele toma/ mata a maniva... L1: é mesmo é? L2: é... L1: é um mato é? L2: um mato um capim...* (INF05SAL) Categoria: **Plantio.**

Pau da mandioca *stm.* *Ver entrada principal: caule da maniva.* L2: *haste da maniva é o mesmo <<pau da mandioca>> a gente planta pra .. nascer pra gente...* (INF05SAL) Categoria: **Plantio.**

Pau da maniva *stm.* Parte aérea da maniveira ligada à raiz e à copa. *Variante:* *acha da maniva; caule da maniva; corpo da maniva; haste da maniva; pau da mandioca.* L2: *o <<pau da maniva>> é o... pedaço que a gente corta pra plantar a gente chama de pau da maniva...* (INF04BRA) Categoria: **Plantio.**



Pé da mandioca *stm.* *Ver entrada principal: tronco da maniva.* L2: *o <<pé da mandioca>> tem () aquele pezão que tem a ma/ a raiz né que é a batata... nós trata por... um pé de mandioca ... um pé de mandioca é só isso mesmo...* (INF04MAR) Categoria: **Plantio.**

Pé da maniva *stm.* *Ver entrada principal : tronco da maniva.* L1: *isso mas seria o que a mandioca?* L2: *a mandioca produz da raiz L1: uhm:: L2: ela se gera da raiz... do <<pé da maniva>>* (INF02ALT) Categoria: **Plantio.**

Pele da mandioca *sf.* Cobertura fina que fica entre a casca e a polpa da mandioca. *Variante:* *antecasca.* L2: *a <<pele da mandioca>> é quando a gente vai descascar ela e separar é uma casquinha entre a casca e a mandioca mesmo tira aquela pele dela...* (INF04SANT) Categoria: **Plantio, Beneficiamento.**

Pendão branco *stm.* Ver entrada principal : capim flor branca. L1: é:: você já ouviu falar aqui no município em capim flor branca? L2: tem nós trata amargoso... outros chama como é outro nome dele?... me esqueci o outro nome como é chamado pendão branco chama ele de <<pendão branco>> também e amargoso... (INF04MAR) Categoria: **Plantio**.

Peneira *sf.* Utensílio de tela de cipó trançado para coar a massa da mandioca. Variante: arupemba; coadeira; coadora de massa; coador de massa; gurupema. L1: o que é a peneira na pro/ na atividade de produção de farinha? L2: <<peneira>> é de peneirar a massa pra afinar ela processar o processo de peneira peneirar fina grossa... (INF03MAR) Categoria: **Beneficiamento**.



Peneiração *sf.* Ver entrada principal : peneiramento. L1: você já ouviu falar aqui no município crueira? L2: é pe/ que sai da da da <<peneiração>> né da massa... (INF01SANT) Categoria: **Beneficiamento**.

Peneira mecânica *stf.* Utensílio de tela de arame trançado que seleciona os grãos da farinha de mandioca. L1: ok você já ouviu falar aqui no município em peneira mecânica? L2: já... L1: o que é <<peneira mecânica>>? L2: é essas que eh eh é movida a a energia... (INF01SANT) Categoria: **Beneficiamento**.



Peneiramento *sm.* Operação que consiste em esfarelar a massa da mandioca com o uso de uma peneira. Variante: peneiração. L2: <<peneiramento>> é quando você coloca a massa já... grolada e... roda ela ((riso)) na peneira aí é o peneiramento... (INF02MAR) Categoria: **Beneficiamento**.

Peneirar *v.* Passar a massa da mandioca em uma peneira para deixá-la esfarelada. Variante: coar. L2: <<peneirar>> é quando a gente tá coando a massa tem muita/ tá peneirando? ... tá na hora que tá coando a massa... (INF05SAL) Categoria: **Beneficiamento**.

Picar a maniva *stv.* Ver entrada principal : migar a maniva. L2: corta os touros né os touros pra poder plantar uns chamam migar outros chamam cortar é:: vai <picar> vai migar a maniva vai cortar a maniva vai torar... (INF01BRA) Categoria: **Plantio**.

Pique *sm.* Ver entrada principal : aceiro. L1: o que é o aceiro da roça? L2: aceiro é... limpar o... separar a roça da da... do mato que não não é pra queimar... uns chamam de aceiro outros chamam de <<pique>> ()... cada um tem uma linguagem diferente... (INF03MAR) Categoria: **Plantio**.

Pira *sf.* Doença que acomete a maniveira. L1: aquilo é o grelo? L2: é. chega época ... que dá uma doença pra cá que a gente chama ... rabo de tatu e ... tem a <<pira>> aí ela enrola as pontas ah o grelo da () tá tudo fechado tá com doença... (INF03SAL) Categoria: **Plantio**.

Plantação de mergulho *stf.* Roçado em que a maniva é semeada na cova toda encoberta pela terra. L2: é <<plantação de mergulho>> que a gente cobre ela tudo (INF05SAL) Categoria: **Plantio**.

Plantar de espeque *stv.* Semear a maniva na cova com a ponta para fora da terra. L2: não a maniva atravessado é quando a gente diz que a gente vai <<plantar de espeque>>... L1: uhm::: L2: que a gente deixa a ponta dela de fora assim (INF05SAL) Categoria: **Plantio**.

Plantar de mergulho *stv.* Semear a maniva na cova toda encoberta pela terra. L2: bem colocar a maniva a maniva ... deitada na cova é aquela que a gente chama de <<plantar de mergulho>>... (INF05SAL) Categoria: **Plantio**.

Plantio no toco *stm.* Cultivo da maniva sem a remoção dos tocos que restam da vegetação no roçado. L1: o que é o <<plantio no toco>> no cultivo da mandioca? L2: aonde não é mecanizado só broca queima e planta no toco não/ é tudo no toco é no meio dos tocos... L1: certo (INF03MAR) Categoria: **Plantio**.

Poço *sm.* Cercado feito no igarapé no qual as mandiocas são colocadas de molho durante determinado período para serem amolecidas. Variante: cacimba; pubeiro; pução. L2: no <<poço>> em que se coloca a mandioca tens uns que chamam só pubeiro... mesmo aqui na nossa colônia né e outros chamam só poço poço de mandioca lá no poço de mandioca já outros não chama poço porque... considera poço aqueles que é cavado assim pra tirar água de lá ai chama poço.... e outros chamam só pubeiro... (INF01BRA) Categoria: **Beneficiamento**.



Pó da farinha *stm.* Ver entrada principal: *cuí*. L2: *beneficiar a farinha é:: é tirar ... tem duas () de beneficiar a farinha tem a () de beneficiar a farinha de tirar o cuí:: pra um lado que a gente se chama cuí que é o <<pó da farinha>> tira a farinha grossa pra um lado... tira a média pra outro... e o pó pra outro... (INF04BRA) Categoria: Beneficiamento.*

Poeira da farinha *sf.* Ver entrada principal: *cuí*. L1: *ah tá você já ouviu falar aqui no município em poeira da farinha? L2: <<poeira da farinha>>? ... sim é o pozinho da farinha... que sai... (INF02BRA) Categoria: Beneficiamento.*

Porrete *sm.* Bastão de madeira, com duas pontas grossas, usado para socar restos de mandioca. Variante: *mão de pilão*. L1: *o que é porrete e o que tem a ver com a atividade de produção da farinha? L2: <<porrete>> é pra socar a massa quando tá meia dura né (INF01SAL) Categoria: Beneficiamento.*



Prensa *sf.* Armação de madeira usada para comprimir a massa da mandioca em sacos com auxílio de macaco hidráulico. Variante: *enxugadeira da massa; espremedor; impressador; prensadeira*. L3: *<<prensa>> é () pra prensar a massa da mandioca pra tirar () pra tirar o tucupi, pra espremer... L1: prensa se parece com quê? L3: é uma armação de madeira que a gente faz... (INF06SANT) Categoria: Beneficiamento*



Prensadeira *sf.* Ver entrada principal : *prensa*. L2: *é:: coloca a massa no/ enche nos sacos... coloca na prensa ai tem aquela prensa em cima a gente vai prensar... L1: é só girar e ele vai vai escorrer no caso? L2: é. é o que chama de prensa ou <<prensadeira>> (INF03SAL) Categoria: Beneficiamento.*

Pubar *v.* Colocar a mandioca de molho para amolecer. L1: *mas esse fermentar a mandioca tem outros nomes que o senhor conhece aqui no município?... para esse processo de fermentar ela/ a mandioca? L2: é tanto faz fermentar como dizer que vai <<pubar>> na coxa né aqui? (INF06ALT) Categoria: Beneficiamento.*

Pubeiro *sm.* Ver entrada principal: poço. L1: tem/ teria outros nomes além de poço? L2:não:: L1: então só é isso... L2: tem tem outro nome <<pubeiro>> né só isso mesmo... (INF04MAR) Categoria: **Beneficiamento**.

Puçã *sm.* Ver entrada principal: poço. L1: e de quais outros nomes o poço é chamado aqui? L2: chama <<puçã>> também... (INF05BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

Puxador de farinha *stm.* Ver entrada principal: palheta. L2: ele é::com aquela palheta que você falou ainda agora ele vai puxar a farinha... L1: ah tá... L2: pra lá e pra cá né outros chamam <<TORRADOR>>... (INF01BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

Puxirum *sm.* Ver entrada principal: trocação de dia. L1: de quais outros nomes trocação de dia é chamado aqui no município tem outro nome? L2: é a gente chamava puxirum... L1: puxirum? L2: é... quando diz assim eu vou pro <<puxirum>> de fulano já sabia né que você ia dar um dia de trabalho pra ele... (INF01SANT) Categoria: **Plantio, Beneficiamento**.

q

Quebrador de mandioca *stm.* Ver entrada principal: caititu. L2: o quebrador de mandioca é:: ... na bola... L1: unhum... L2: pra não dizer:: que ele tá () tá... puxando cevando () ele é o quebrador... L1: certo... L2: aí o <<quebrador de mandioca>> é a bola... que quebra ela todinha... (INF05MAR) Categoria: **Beneficiamento**.

Quebrar a mandioca *stv.* Ver entrada principal : cevar a mandioca. L2: <<quebrar a mandioca>> que é o mesmo que cevar a mandioca... (INF05MAR) Categoria: **Beneficiamento**.

Quebrar a terra *stv.* Ver entrada principal: arar. L1 o que é aradar e pra que serve? L2: para mexer a terra né pra <<quebrar a terra>> (INF01BRA) Categoria: **Plantio**.

Queima *sf.* Processo que consiste em colocar fogo na vegetação da área em que se realizará o plantio da maniva.Variante: queimação. L2: a <<queima>> é quando a gente roça que a gente vai queimar pra plantar... (INF05SAL) Categoria: **Plantio**.

Queimação *sf.* Ver entrada principal: queima. L2: <<queimação>> é mesma quando a gente queima o roçado né que tá queimando queimação... (INF05SAL) Categoria: **Plantio**.

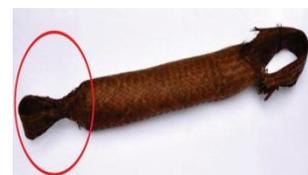
r

Rabo de burro *stm.* Capim que cresce no meio do manivaldentendo o desenvolvimento da mandioca. L2: *tem vários tipos de capim agora... cada um lugar tem um lugar diferente aqui mesmo tem capim... <<rabo de burro>>... tem capim duro capim furão... tudo que dá no meio da mandioca... (INF03MAR) Categoria: **Plantio.***

Rabo de égua *stm.* Capim que detém o desenvolvimento da mandioca. L2: *é o... ele num/ ele/ capim brabo ele... () dentro da mandioca não é bom (é ruim) que ele estragam pouco a mandioca mas tratam ele capim brabo <<rabo de égua>>... esses capim... (INF04MAR) Categoria: **Plantio.***

Rabo de tatu *stm.* Doença que acomete a maniveira. L2: *é. chega época ... que dá uma doença pra cá que a gente chama ... <<rabo de tatu>> e... tem a pira aí ela enrola as pontas ah o grelo da () tá tudo fechado tá com doença... (INF03SAL) Categoria: **Plantio.***

Rabo do tipiti *stm.* Parte inferior do tipiti que se usa para engatar ao pé do espremedor. L2: *é. enfia um pau no (meio) assim que é pra ficar rolando ele... aí () mete o tipiti aí ... ai levanta aqui o espremedor e mete no... no <<rabo do tipiti>> que é pra ficar espremendo (INF05BRA) Categoria: **Beneficiamento.***



Raiz da mandioca *stf.* Ver entrada principal : mandioca. L1: *e o senhor já ouviu falar em: raiz da mandioca raiz da maniveira? L2: <<raiz da mandioca>> já que é a batata da mandioca que produz... (INF01ALT) Categoria: **Plantio.***

Raiz da maniveira *stf.* Ver entrada principal: mandioca. L1: *você já ouviu falar aqui no município em <<raiz da maniveira>>? L2: é a mesma coisa é a mesma que a gente chama da mandioca... (INF04SANT) Categoria: **Plantio.***

Ralação *sf.* Redução a fragmentos pequenos. L1: *isso o que é crivar? não.. você já ouviu falar aqui no município em crueira? L2: crueira é a sobra da da.. da <<ralação>> da mandioca a gente ... () crueira... (INF01MAR)Note: Usa-se o ralador ou caititu para triturar a mandioca e deixá-la em fragmentos pequenos.Categoria : **Beneficiamento.***

Raladeira *sf.* Ver entrada principal: caititu. L1: de quais outros nomes rodete é chamado aqui no município? tem outro nome pra rodete? L2: não L3: chama <<raladeira>>... L2: é raladeira é... (INF06SANT) Categoria: **Beneficiamento**.

Ralador Ver entrada principal: caititu. L2: o <<ralador>> é o:: é lá a bola que tá cortando ela né... (pode tanto) chamar de cerrar como ralar né? tudo é uma coisa só ... tudo no final só dá massa... (INF02ALT) Categoria: **Beneficiamento**.

Raladora *sf.* Ver entrada principal : caititu. L2: ralo é um ... tem gente que faz né? no ... DE LATA, de zinco... L3: de lata, de zinco que é pra ralar quando não tem a <<raladora>> né rala a mandioca manual... (INF06SANT) Categoria: **Beneficiamento**.

Ralar *v.* Ver entrada principal : cevar a mandioca. L1: o quê que é o <<ralar>> e esse ralar se parece com o quê? como é que é? L2: é assim é triturar a mandioca ela tá inteira ela vai ficar em pedacinhos... (INF04SANT) Categoria: **Beneficiamento**.

Ralo *sm.* Instrumento constituído de lâminas crivadas de orifícios arrebitados e usado para cevar a mandioca. L2: o <<ralo>> que é porque... quem não tem o ralador... aí faz um ralo... de uma lata e aí vai ralar mandioca pra poder fazer farinha mesmo... (INF05MAR) Categoria: **Beneficiamento**.



Rama da mandioca *stf.* Ver entrada principal : copa da maniva. L1: o que é a rama da maniva? L2: a rama da maniva é a <<rama da mandioca>>... L1: é a mesma rama da mandioca? L2: é a mesma (coisa)... (INF05MAR) Categoria: **Plantio**.

Rama da maniva *stf.* Ver entrada principal : copa da maniva. L1: você já ouviu falar aqui no município em rama da maniva? L2: a <<rama da maniva>> é... a rama em cima que dá... a folha... (INF04BRA) Categoria: **Plantio**.

Ramagem *sf.* Ver entrada principal: copa da maniva. L2: bom a copa da maniva é porque tem manivas que ela tem... a a a a::: folhagem dela... em cima né lá em cima ela tem uma folhagem uma <<ramagem>>... bacana tem umas que não... estão mais (planadas) né... (INF02SAL) Categoria: **Plantio**.

Ramal *sm.* Ver entrada principal: *aceiro*. L2: *eh a maioria é agora a/às vezes os meninos diz assim bora fa bora fazer ali um um eh um <<ramal>> é mais é ramal que eles chamam né nós vamos fazer um ramal porque eu eu conheci mesmo por aceiro né... (INF01SANT) Categoria: **Plantio**.*

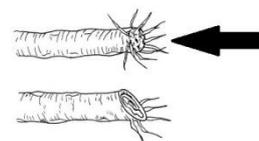
Raspagem *sf.* Ver entrada principal: *descascamento*. L2: *descas/ é a mesma coisa que a gente chama... L1: o mesmo descascar? L2: é descascar é <<raspagem>> da mandioca né raspar a mandioca tirar a casca... (INF02BRA) Categoria: **Beneficiamento**.*

Raspar *v.* Ver entrada principal: *descascar*. L1: *o que é raspar a mandioca na produção... de farinha na atividade de produção de farinha? L2: é <<raspar>> ela tirar a casca dela... (INF05MAR) Categoria: **Beneficiamento**.*

Rastelar *v.* Ver entrada principal: *capinar*. L2: *sim... a mandioca primeiro a gente tem que fazer o que... primeiro projetar o jeito () fazer a () e planta ela né ro/ roçar o mato como nós trata brocar trata roçar também né roçar e brocar né tambémque fazer o broques depois do broques tem que fazer a derruba queimar não vamos () brocou derrubou fez aceiro aceirou nós conhece aceirar rastelar a folha cortar o mato é <<rastelar>> (INF04MAR) Categoria: **Plantio**.*

Rebento *sm.* Ver entrada principal : *brolho da maniva*. L1: *e <<rebento>> já ouviu falar? L2: é o que nós falamos ainda agora... o que né... nascendo... (INF02ALT) Categoria: **Plantio**.*

Redondo *stm.* Corte circular feito na maniva para o plantio. L1: *ai tem dois tipos de corte? L2: dois tipos de corte o enviesado e o <<redondo>> (INF02BRA) Categoria: **Plantio**.*



Remo *sm.* Ver entrada principal: *rodo*. L1: *uhm e tem outros nomes que vocês chamam pra palheta? L2: tem rodo... tem o <<remo>> né isso aí... (INF03ALT) Categoria: **Beneficiamento**.*

Retiro *sm.* Ver entrada principal : *casa de farinha*. L2: *<<retiro>> eu sei... L1: retiro seria o que? L2: é a casa de fazer farinha... L1: uhm... vocês tem outros nomes que vocês chamam retiro? L2: é::: farinha né L1: uhm... (INF03ALT) Categoria: **Beneficiamento**.*

Revirar a terra *stv.* Ver entrada principal : arar. L1: mas o que é afofar o solo? L2: é é é... revirar a terra (INF01BRA) Categoria: **Plantio**.

Riacho *sm.* Ver entrada principal: igarapé. L1: você já ouviu falar aqui no município em igarapé? o que é igarapé? L2: igarapé é um... um <<riacho>> (INF05SNT) Categoria: **Plantio, Beneficiamento**.

Roçada *sf.* Ver entrada principal: capina. L1: o que é a <<roçada>>? L2: é a mesma roçada de novo... (INF05BRA) Categoria: **Plantio**.

Roça de dezembro *stf.* Ver entrada principal : roça de janeiro. L1: e o que é o roçado de verão? L2: o roçado de verão a gente broca um roçado no mês de setembro ou no mês de outubro pra plantar num desses dois meses que é a roça de verão agora tem a roça de (tempo) que é a <<roça de dezembro>> (INF01BRA) Categoria: **Plantio**.

Roça de inverno *stf.* Ver entrada principal : roça de janeiro. L1: roça de inverno seria essa mesma? L2: é dezem/ é os dois meses que a gente planta <<roça de inverno>> é dezembro e janeiro... (INF03BRA) Categoria: **Plantio**.

Roça de janeiro *stf.* Plantio de maniva realizado no mês de janeiro. Variante: área de dezembro; roça de dezembro; roça de inverno. L1: o que é a roça de janeiro? L2: <<roça de janeiro>> que a gente roça em novembro pra planta em janeiro... (INF05BRA) Categoria: **Plantio**.

Roça de mandioca *stf.* Ver entrada principal : área da mandioca. L1: de quais outros nomes mandiocal é chamado aqui no município? L2: chama <<roça de mandioca>> mandiocal... (INF02MAR) Categoria: **Plantio**.

Roça de maniva *stf.* Ver entrada principal : área da mandioca. L1: você já ouviu falar aqui no município em manival? L2: manival é a <<roça de maniva>> (INF04BRA) Categoria: **Plantio**.

Roça de tempo *stf.* Ver entrada principal : roça de inverno. L2: nesse tempo nesse tempo que nós estamos no tempo agora de dezembro é a <<roça de tempo>> que a gente tá colocando aí quando chega em junho que tem o feijão é a roça de verão que a gente chama a gente planta uma roça que é plantada em junho é a roça de verão... (INF04BRA) Categoria: **Plantio**.

Roça de verão *stf.* Plantio de maniva realizado na estação do verão. *Variante: roçado de verão.* L1: o que é roça de verão e o que tem a ver com o cultivo da mandioca? L2: bom a <<roça de verão>> ela é plantada no verão (INF02SAL) Categoria: **Plantio.**

Roçado de inverno *stm.* Ver entrada principal: roça de inverno. L2: <<roçado de inverno>> é o:: roçado que é roçado em novembro ... queimado em dezembro planta em janeiro quando chove... (INF05BRA) Categoria: **Plantio.**

Roçado de mandioca *stm.* Ver entrada principal: área da mandioca. L1: tem outros nomes que são utilizados para chamar mandiocal aqui no município? L2: não eu vou no meu <<roçado de mandioca>> eu vou na minha roça de de.... de mandioca né é isso... (INF06ALT) Categoria: **Plantio.**

Roçado de tempo *stm.* Ver entrada principal : roça de inverno. L2: não roçado de inverno que a gente chama é <<roçado de tempo>> roça de tempo que a gente chama que é plantada em janeiro... roça de tempo... é a mesma coisa... (INF04BRA) Categoria: **Plantio.**

Roçado de verão *stm.* Ver entrada principal: roça de verão. L1: o que é o <<roçado de verão>> no cultivo da mandioca? L2: quando se roça limpa ela no verão... planta no verão e:: () (INF03MAR) Categoria: **Plantio.**

Roçador *sm.* Ver entrada principal: agricultor. L1: de quais outros nomes lavrador é chamado aqui no município? L2: é <<roçador>> roçador... (INF02SAL) Categoria: **Plantio.**

Roçagem *sf.* Ver entrada principal: capina. L2: a gente faz o roçado né faz a <<roçagem>> depois derruba o mato mais... é roçagem completa né quinze dias pra gente queimar né fazer a queimada. depois da queimada a gente quando não... tem o ... não queima bem o roçado né? a gente vai fazer aquele... (INF06SANT) Categoria: **Plantio.**

Roçamento *sm.* Ver entrada principal: capina. L2: roçagem é quando tá:: no processo de <<roçamento>> da roça roçagem é roçar roçagem... brocar... é só um nome... (INF04BRA) Categoria: **Plantio.**

Roceiro *sm.* Ver entrada principal: agricultor. L1: de quais os outros nomes o lavrador é chamada aqui no município? L2: <<roceiro>> (INF02BRA) Categoria: **Plantio, Beneficiamento, Comercialização.**

Rodete *sm.* Peça do caititu feita de madeira, de forma roliça, cheia de serrilhas e usada na trituração da mandioca. *Variante: tarisca. L2: o <<rodete>> que eu sei é uma roda que tem ali uma bola que corta mandioca aí tem aquela roda que duas pessoas vai rodar aquela roda ali pra cortar aquela mandioca chama-se de rodete hoje me dia (não) é difícil encontrar isso... (INF02SANT) Categoria: Beneficiamento.*



Rodo *sm.* Ferramenta de madeira com uma pá na ponta e usada para mexer a farinha no forno. *Variante: cuiapeua; mexedor de farinha; remo. L2: <<rodo>> é que mexe é tipo um rodo que mexe a farinha.. pra ela não esquentar pra você não esquentar seu corpo ele é muito bom... (INF05SANT) Categoria: Beneficiamento.*



S

Sarilho *sm.* Peça de madeira constituída por dois pedaços de paus atravessados no qual se engata o rabo do tipiti atravessado por uma alavanca. *L2: <<sarilho>> ele ... é fincado dois toquinho de pau assim do lado ... aí corta um pedacinho de pau ... () aí fura um buraco no meio aí engata em cima ... assim no dente ... aí ... que é pra rolar pra não sentir muito o peso do pau que () do tipipi... (INF05BRA) Categoria: Beneficiamento.*



Saúva *sf.* Inseto cortador de folhas e que ataca o manival. *L2: <<saúva>>... é uma formiga que rói a maniva... (INF04SAL) Categoria: Plantio.*



Serradeira *sf.* *Ver entrada principal: motosserra. L2: a broca eles fazem/ eles fazem assim eles primeiro cortam o... os... pau menores né aí depois eles cortam os pau maiores que é com... pode ser com <<serradeira>> né com machado é assim... (INF02BRA) Categoria: Plantio.*

Serrador *sm.* Ver entrada principal: *caititu*. L1: qual o outro nome que é chamado pra motor? L2: *caititu caititu...* L1: e o que mais? L2: *conservador...* L1: *conservador...* L2: <<serrador>> né porque ele serra a mandioca ele conserva... ele serra né... (INF01BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

t

Talo da mandioca *stm.* Fibra comprida que se encontra na parte interna da mandioca. Variante: *fiapo da mandioca; miolo da mandioca*. L2: <<talo da mandioca>> é quando a gente bota ela pra::: amolecer pra ela ficar a massa né aí no meio dela tem um talo tem um talo dentro dela mas só aparece quando ela tá de molho quando tá dura ela não aparece que sai com tudo... (INF05SAL) Categoria: **Plantio, Beneficiamento**.



Tambor *sm.* Recipiente usado para colocar a mandioca de molho. L2: só que agora nós não mexe mais com *pubeiro*... nós mexe com *tanquinho*... com:: <<tambor>> não tem... nós não mexe mais com *pubeiro*... (INF05ALT) Categoria: **Beneficiamento**.



Tanque *sm.* Reservatório de água construído de cimento para colocar a mandioca de molho. L2: já onde não tem *igarapé* perto... e tem poço eles botam no <<tanque>> a mandioca pra amolecer sabe... (INF06ALT) Categoria: **Beneficiamento**.



Tapioca *sf.* Substância branca extraída da decantação da massa da mandioca dura. Variante: *leite da mandioca*. L1: você já ouviu falar aqui no município em *goma*? L2: *goma?* é a tapioca da <<tapioca>> né L1: o que é *goma*? L2: *ahh é a...* L3: a tapioca que é extraída da massa da mandioca... L2: da mandioca dura né... L3: é da mandioca dura (INF06SANT) Categoria: **Beneficiamento**.



Tapiti *sm.* Ver entrada principal : *tipiti*. L2: aqui só tem a prensa mesmo e tem o tal de... <<tapiti>> né que bota que.. que puxa pra secar sabe... (INF06ALT) Categoria: **Beneficiamento**.

Tarefa de mandioca *stf.* Ver entrada principal: área da mandioca. L1: área é... L2: unhum... a área da mandioca ou então a tare/ lá naquela <<tarefa de mandioca>>...(INF01BRA)
Categoria: **Plantio.**

Tarefa (1) *sf.* Unidade de medida correspondente a vinte e cinco braças ou cinquenta e cinco metros. L2: é a <<tarefa>>/ uma tarefa de terra ela é dividida em vinte e cinco braça vinte e cinco braça aqui ela dá uma tarefa de terra... L1: certo... (INF04BRA) Categoria: **Plantio.**

Tarefa (2) *sf.* Ver entrada principal: área da mandioca. L1: isso eu já ia lhe perguntar tem outro NOME que se chamam em vez de em vez de área da mandioca qual é esses nomes? L2: a tarefa... L1: em vez de área da mandioca... L2: é uma tarefa duas tarefa né de mandioca... (INF01BRA)
Categoria: **Plantio.**

Tarisca *sf.* Ver entrada principal: rodete. L2: é o... a do caititu a <<tarisca>> é aquela que corta... aquela bola que corta a mandioca... (INF03BRA) Categoria: **Beneficiamento.**

Tarubá *sm.* Instrumento usado no beneficiamento da farinha de mandioca. L2: instrumento a gente usa.... a prensa forno... rodo... o:: ... é <<tarubá>> e a peneira que é a tela né são instrumento de trabalho... (INF03SAL) Categoria: **Beneficiamento.**

Terçado *sm.* Ferramenta de cabo, lâmina comprida, usada no cultivo da mandioca. Variante: facão. L2: mato né capim mesmo dá muito aí vai capinar a roça vai capinando com enxada com <<terçado>> (INF05SANT) Categoria: **Plantio.**



Terra juquirada *stf.* Área do roçado cheio de mato. L2: ah:: pacuã é um capim pois é dá muito aqui que no.. em <<terra juquirada>> né... (INF06ALT) Categoria: **Plantio.**

Terra queimada de caieira *stf.* Área de terra coberta por cinza da queimada realizada para o plantio. L1: aí eu levei... daqui eu le/eu levei eh a cinza com aquele cavão que/queimado do fogão né... aí eu cheguei lá fui procurar pau podre... aí que tem eh aquela <<terra queimada de caieira>> tudo eu fez uma mistura [...] (INF01SANT) Categoria: **Plantio.**

Tipiti *sm.* Cesto cilíndrico de palha trançada e usado para comprimir a massa da mandioca. *Variante: tapiti. L2: o <<tipiti>> é uma coisa feita de talo de:: jacitara que a gente bota a massa dentro pra espremer a massa... (INF05SAL)*
Categoria: Beneficiamento.



Tiririca *sf.* Erva daninha cortante que se desenvolve na altura das manivas. *Ver : erva daninha. Variante: capim navalha. L2: <<tiririca>> quando dá na roça é perigoso também corta muito aí ... embebeda também um bocado a maniva pra não crescer... (INF05SAL)*
Categoria: Plantio.

Tiriricão *sm.* Erva daninha cortante e de folhas largas. *Ver : Erva daninha. L2: <<tiriricão>> ele é/ a folha dele é bem larga e amolado também e ele dá árvore grande ... (INF03SANT)*
Categoria: Plantio.

Tombar a terra *stv.* *Ver entrada principal: arar. L1: de coxa e o senhor já ouviu falar em arado aradar? L2: arado já... L1: o que seria? L2: seria uma terra que é mecanizada por máquina agrícola... L1: uhm e tem outros nomes que são chamados além de.. L2: tem que eles chamam <<tombar a terra>>... L1: tombar a terra.. L2: é:: (INF01ALT)* *Categoria: Plantio.*

Torceira de maniva *stf.* *Ver entrada principal : maniva. L1: de quais outros nomes pé da maniva é chamado aqui no município? recebe outro nome? L2: pra nós aqui a gente chama é <<toceira de maniva>>... (INF04SANT)* *Categoria: Plantio.*

Torração *sf.* Operação que consiste em remexer a massa da mandioca no forno para transformá-la em farinha. *Variante: torragem; torramento; torrefação. L1: o que é torração? L2: torração é quando a gente escalda muito a massa aí faz uma <<torração>> (INF05SANT)* *Categoria: Beneficiamento.*

Torrador *sm.* *Ver entrada principal : palheta. L2: ele é:: com aquela palheta que você falou ainda agora ele vai puxar a farinha... L1: ah tá... L2: pra lá e pra cá né outros chamam <<TORRADOR>>... (INF01BRA)* *Categoria: Beneficiamento.*

Torragem *sf.* Ver entrada principal : torração. L1: o que é torragem? L2: <<torragem>> é quando se torra a massa nome torrar... (INF03MAR) Categoria: **Beneficiamento**.

Torramento *sm.* Ver entrada principal: torração. L1: o que é o torramento? L2: <<torramento>> também é quando tá torrando a farinha... (INF05BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

Torrar *v.* Remexer a massa da mandioca no forno para transformá-la em farinha. L2: *imprensar a massa é quando a gente:: já vai pra torrar que a gente bota nos sacos e bota na prensa pra apertar pra escorrer o tucupi pra ... torrar a farinha coar pra <<torrar>> farinha... (INF05SAL)* Categoria: **Beneficiamento**.

Torrefação *sf.* Ver entrada principal : torração. L2: a <<torrefação>> é:: torrar a farinha mesmo é mesmo... mesma palavra né mesma coisa ()... (INF03ALT) Categoria: **Beneficiamento**.

Trabalhador rural *stm.* Ver entrada principal : agricultor. L2: o <<trabalhador rural>> somos nós que estamos aqui nas nas baixadas né aqui dentro do mato aí somos trabalhadores rurais... (INF05SAL) Categoria: **Plantio, Beneficiamento, Comercialização**.

Triturador *sm.* Ver entrada principal: caititu. L1: o que é o triturador? L2: <<triturador>> pode ser o caititu também que tritura toda ... a massa... (INF05BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

Triturar *v.* Ver entrada principal : cevar a mandioca. L2: <<triturar>> é a mesma ... a mesma pergunta né só que:: triturar é quando a gente tá ... de novo com ela pra/ ralando pra ficar a massa tá triturando a mandioca... (INF05SAL) Categoria: **Beneficiamento**.

Trocação de dia *sf.* Ajuda mútua entre os trabalhadores rurais para desenvolverem os trabalhos da roça e do beneficiamento da farinha. Variante: *puxirum*. L2: pra nós aqui a <<trocação de dia>> no cultivar/ na cultura da mandioca é assim você vai fazer um serviço numa roça você ... ajuda o seu vizinho... pra quando você for fazer na sua seu vizinho lhe ajudar A gente dá/ faz uma trocação ai é assim se dá assim... (INF02BRA) Categoria: **Plantio, Beneficiamento**.

Tronco da mandioca *stm.* Ver entrada principal: tronco da maniva. L2: <<tronco da mandioca>> é a mesma da maniva onde dá as batatas... (INF05SAL) Categoria: **Plantio**.

Tronco da maniva *stm.* Parte próxima da raiz da maniveira na qual o agricultor segura para realizar o arranque da mandioca. *Variante: cambão da mandioca; pé da mandioca; pé da maniva; tronco da mandioca.* L2: o <<tronco da maniva>> é onde a gente arranca a:: as batatas da mandioca né... (INF06ALT) *Categoria: Plantio.*

Tucupi *sm.* Líquido amarelo extraído da raiz da mandioca brava no processo de produção da farinha. *Variante: água da mandioca; água da tapioca; caldo da mandioca; manipuera.* L2: o <<tucupi>> é que sai da massa da mandioca a gente espreme ela e:: sai o tucupi... (INF05SAL) *Categoria: Beneficiamento.*



Turrão *sm.* Ver entrada principal: bola de massa. L1: de quais outros nomes bola de massa é chamado aqui no município? L2: <<turrão>>... L1: turrão? L2: turrão da massa... (INF05SAL) *Categoria: Beneficiamento.*

V

Varredor *sm.* Ver entrada principal: vassoura. L1: de quais outros nomes vassoura é usada aqui no município tem outro nome pra vassoura? L2: <<varredor>>... (INF01SANT) *Categoria: Beneficiamento.*

Vassoura *sf.* Utensílio feito de palha do cacho de açáí usado para varrer o forno. *Variante: varredor.* L2: olha pelo menos eu aqui eu só uso pra eu só uso <<vassoura>> pra mim varrer as garera o forno a lá banca do aviamento toda essas coisa... (INF01SANT) *Note: O trabalhador rural varre geralmente o forno com palha do cacho de açáí. Categoria: Beneficiamento.*



Vassoura de botão *sf.* Ver entrada principal : vassourinha de botão. L2: prejudica muito ixi <<vassoura de botão>> ela:: acaba com a terra porque ela toma conta se a gente deixar ela... solta a semente né se ela soltar aquela semente... e a pessoa num... capinar logo... (INF05ALT) *Categoria: Plantio.*

Vassourinha de botão *stf.* Capim que nasce no meio do manival e detém o desenvolvimento da mandioca. *Variante: vassoura de botão. L2: a <<vassourinha de botão>> é que dá no meio da maniva. ela ... cresce e bota os botãozinhos todinho aqui ... nas pontas [...] (INF05BRA)*
Categoria: Plantio.

APÊNDICE C -FICHA DA LOCALIDADE

| | |
|---|--|
|  | <p>TERMINOLOGIA DA FARINHA</p> <p>FICHA DA LOCALIDADE</p> <p>Nº do ponto: Nº do informante:</p> |
| 1. NOME OFICIAL: | |
| 2. NOME REGIONAL: | |
| 3. NOMES ANTERIORES: | |
| <p>4. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES:</p> <p>a) pelos próprios:</p> <p>b) pelos habitantes de outras localidades:</p> | |
| <p>5. NÚMERO DE HABITANTES:</p> <p>a) oficial:</p> <p>b) cálculo do informante:</p> | |
| 6. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES: | |
| 7. SUBLOCALIDADES (subúrbios, subdistritos, ferroviárias, etc.) | |
| 8. ACESSO E COMUNICAÇÃO (viárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.) | |
| 9. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamento, escolas, hospitais, etc.) | |
| 10. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO: | |
| 11. DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO: | |
| 12. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE: | |
| 13. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes): | |
| 14. OBSERVAÇÕES GERAIS: | |

APÊNDICE D - FICHA DO INFORMANTE

| | |
|---|--|
|  | <p>TERMINOLOGIA DA FARINHA</p> <p>FICHA DO INFORMANTE – TRABALHADOR RURAL</p> <p>Nº do ponto: Nº do informante:</p> |
|---|--|

DADOS PESSOAIS DOS INFORMANTES

| | | | | | |
|--|--|---|--|-------------------------|--|
| 1. NOME: | | 2. ALCUNHA: | | | |
| 3. IDADE: | | 4. SEXO: M () F () | | | |
| 5. ENDEREÇO: | | | | | |
| 6. ESTADO CIVIL: () solteiro () casado () viúvo () outro | | | | | |
| 7. NATURALIDADE: | | 8. COM QUE IDADE CHEGOU NO MUNICÍPIO (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)? | | | |
| 09. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE: | | | | | |
| 10. QUANTO TEMPO EXERCE A ATIVIDADE DE PRODUÇÃO DA FARINHA DE MANDIOCA? | | | | | |
| 11. ESCOLARIDADE: ENSINO FUNDAMENTAL | | 12. OUTROS CURSOS: () especialização () profissionalizante () outros | | | |
| 13. NOME DO ENTREVISTADOR: | | 14. LOCAL DA ENTREVISTA | | 15. DATA DA ENTREVISTA: | |
| | | CIDADE: UF: | | DURAÇÃO: | |

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO TERMINOLÓGICO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PPGL

Pesquisador: Elias Maurício da Silva Rodrigues

Pesquisa: Glossário terminológico da farinha de mandioca na Amazônia paraense

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão

QUESTIONÁRIO

| |
|---|
| DADOS DO INFORMANTE: |
| Nome: |
| Estado Civil: |
| Naturalidade: |
| Escolaridade: |
| Idade: |
| Tempo em que exerce a atividade de produção de farinha? |
| <p>1. Conte como ocorre o processo de produção da farinha de mandioca desde o plantio das manivas passando pelo preparo da área, tratamentos culturais e colheita da mandioca. Depois fale sobre como ocorre o processo de produção da farinha, os instrumentos usados e como a farinha é vendida (para quem, de que forma, onde)?</p> |
| <p>2. Você já ouviu falar, aqui no município, em ACEIRO DA ROÇA?</p> <p>2.1 O que é o ACEIRO DA ROÇA?</p> <p>2.2 De quais outros nomes ACEIRO DA ROÇA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>3. Você já ouviu falar, aqui no município, em ADUBO?</p> <p>3.1 O que é o ADUBO?</p> <p>3.2 De quais outros nomes o ADUBO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>4. Você já ouviu falar, aqui no município, em ADUBAÇÃO?</p> <p>4.1 O que é a ADUBAÇÃO no cultivo da mandioca?</p> <p>4.2 De quais outros nomes a ADUBAÇÃO é chamada aqui no município?</p> |
| <p>5. Você já ouviu falar, aqui no município, em ADUBO ORGÂNICO?</p> <p>5.1 O que é o ADUBO ORGÂNICO?</p> <p>5.2 De quais outros nomes o ADUBO ORGÂNICO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>6. Você já ouviu falar, aqui no município, em ADUBO QUÍMICO?</p> <p>6.1 O que é o ADUBO QUÍMICO?</p> |

| |
|---|
| <p>6.2 De quais outros nomes o ADUBO QUÍMICO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>7. Você já ouviu falar, aqui no município, em AFOFAR O SOLO?</p> <p>7.1 O que é AFOFAR O SOLO no cultivo da mandioca?</p> <p>7.2 De quais outros nomes AFOFAR O SOLO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>8. Você já ouviu falar, aqui no município, em AGRICULTOR?</p> <p>8.1 O que é o AGRICULTOR no cultivo da mandioca?</p> <p>8.2 De quais outros nomes o AGRICULTOR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>9. Você já ouviu falar, aqui no município, em AGRICULTURA FAMILIAR?</p> <p>9.1 O que é a AGRICULTURA FAMILIAR no cultivo da mandioca?</p> <p>9.2 De quais outros nomes a AGRICULTURA FAMILIAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>10. Você já ouviu falar, aqui no município, em ÁGUA CORRENTE?</p> <p>10.1 O que é a ÁGUA CORRENTE no cultivo da mandioca?</p> <p>10.2 De quais outros nomes a ÁGUA CORRENTE é chamado aqui no município?</p> |
| <p>11. Você já ouviu falar, aqui no município, em ÁGUA DO IGARAPÉ?</p> <p>11.1 O que é a ÁGUA DO IGARAPÉ no cultivo da mandioca?</p> <p>11.2 De quais outros nomes a ÁGUA DO IGARAPÉ é chamado aqui no município?</p> |
| <p>12. Você já ouviu falar, aqui no município, em ÁGUA DO RIO?</p> <p>12.1 O que é a ÁGUA DO RIO no cultivo da mandioca?</p> <p>12.2 De quais outros nomes a ÁGUA DO RIO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>13. Você já ouviu falar, aqui no município, em ALQUEIRE?</p> <p>13.1 O que é o ALQUEIRE no cultivo da mandioca?</p> <p>13.2 De quais outros nomes o ALQUEIRE é chamado aqui no município?</p> |
| <p>14. Você já ouviu falar, aqui no município, em AMASSADOR?</p> <p>14.1 O que é o AMASSADOR na atividade de produção da farinha?</p> <p>14.2 De quais outros nomes o AMASSADOR é chamada aqui no município?</p> |
| <p>15. Você já ouviu falar, aqui no município, em ARADO?</p> <p>15.1 O que é o ARADO?</p> <p>15.2 De quais outros nomes o ARADO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>16. Você já ouviu falar, aqui no município, em ARADAR?</p> <p>16.1 O que é ARADAR no cultivo da mandioca?</p> <p>16.2 De quais outros nomes ARADAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>17. Você já ouviu falar, aqui no município, em ARAR?</p> <p>17.1 O que é ARAR no cultivo da mandioca?</p> <p>17.2 De quais outros nomes ARAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>18. Você já ouviu falar, aqui no município, em ÁREA DA MANDIOCA?</p> |

| |
|--|
| <p>18.1 O que é a ÁREA DA MANDIOCA?</p> <p>18.2 De quais outros nomes a ÁREA DA MANDIOCA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>19. Você já ouviu falar, aqui no município, em ÁREA DE AREIA?</p> <p>19.1 O que é a ÁREA DE AREIA no cultivo da mandioca?</p> <p>19.2 De quais outros nomes a ÁREA DE AREIA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>20. Você já ouviu falar, aqui no município, em ÁREA DE ARGILO-ARENOSA?</p> <p>20.1 O que é a ÁREA DE ARGILO-ARENOSA no cultivo da mandioca?</p> <p>20.2 De quais outros nomes a ÁREA DE ARGILO-ARENOSA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>21. Você já ouviu falar, aqui no município, em ÁREA DE DEZEMBRO?</p> <p>21.1 O que é a ÁREA DE DEZEMBRO no cultivo da mandioca?</p> <p>21.2 De quais outros nomes a ÁREA DE DEZEMBRO é chamada aqui no município?</p> |
| <p>22. Você já ouviu falar, aqui no município, em ÁREA DE NOVEMBRO?</p> <p>22.1 O que é ÁREA DE NOVEMBRO no cultivo da mandioca?</p> <p>22.2 De quais outros nomes ÁREA DE NOVEMBRO é chamada aqui no município?</p> |
| <p>23. Você já ouviu falar, aqui no município, em ÁREA ÚMIDA?</p> <p>23.1 O que é a ÁREA ÚMIDA no cultivo da mandioca?</p> <p>23.2 De quais outros nomes a ÁREA ÚMIDA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>24. Você já ouviu falar, aqui no município, em SOLO ARENOSO?</p> <p>24.1 O que é o SOLO ARENOSO no cultivo da mandioca?</p> <p>24.2 De quais outros nomes o SOLO ARENOSO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>25. Você já ouviu falar, aqui no município, em ÁRVORE DA MANIVA?</p> <p>25.1 O que é a ÁRVORE DA MANIVA?</p> <p>25.2 De quais outros nomes a ÁRVORE DA MANIVA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>26. Você já ouviu falar, aqui no município, em ARRANQUE?</p> <p>26.1 O que é o ARRANQUE no cultivo da mandioca?</p> <p>26.2 De quais outros nomes o ARRANQUE é chamado aqui no município?</p> |
| <p>27. Você já ouviu falar, aqui no município, em colocar a maniva ATRAVESSADO(A) na cova?</p> <p>27.1 O que é colocar a maniva ATRAVESSADO(A)?</p> <p>27.2 De quais outros nomes colocar a maniva ATRAVESSADO(A) é chamado aqui no município?</p> |

| |
|---|
| <p>28. Você já ouviu falar, aqui no município, em ATRAVESSADOR?</p> <p>28.1 O que é o ATRAVESSADOR na atividade da farinha de mandioca?</p> <p>28.2 De quais outros nomes o ATRAVESSADOR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>29. Você já ouviu falar, aqui no município, em ATURÁ?</p> <p>29.1 O que é o ATURÁ?</p> <p>29.2 De quais outros nomes o ATURÁ é chamado aqui no município?</p> |
| <p>30. Você já ouviu falar, aqui no município, em PLANTIO AVULSO?</p> <p>30.1 O que é o PLANTIO AVULSO no cultivo da mandioca?</p> <p>30.2 De quais outros nomes o PLANTIO AVULSO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>31. Você já ouviu falar, aqui no município, em BAGAÇO?</p> <p>31.1 O que é o BAGAÇO na atividade de produção da farinha?</p> <p>31.2 De quais outros nomes o BAGAÇO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>32. Você já ouviu falar, aqui no município, em BAGO DA MANDIOCA?</p> <p>32.1 O que é o BAGO DA MANDIOCA na atividade de produção da farinha?</p> <p>32.2 De quais outros nomes o BAGO DA MANDIOCA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>33. Você já ouviu falar, aqui no município, em BAGO DA FARINHA?</p> <p>33.1 O que é o BAGO DA FARINHA?</p> <p>33.2 De quais outros nomes o BAGO DA FARINHA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>34. Você já ouviu falar, aqui no município, em FARINHA BAGUDA?</p> <p>34.1 O que é a FARINHA BAGUDA?</p> <p>34.2 De quais outros nomes a FARINHA BAGUDA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>35. Você já ouviu falar, aqui no município, em BANCADA na casa de farinha?</p> <p>35.1 O que é a BANCADA?</p> <p>35.2 De quais outros nomes a BANCADA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>36. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAITITU?</p> <p>36.1 O que é o CAITITU?</p> <p>36.2 De quais outros nomes o CAITITU é chamado aqui no município?</p> |
| <p>37. Você já ouviu falar, aqui no município, no BARRAQUEIRO?</p> <p>37.1 O que é o BARRAQUEIRO?</p> <p>37.2 De quais outros nomes o BARRAQUEIRO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>38. Você já ouviu falar, aqui no município, em BASQUETA?</p> <p>38.1 O que é a BASQUETA?</p> <p>38.2 De quais outros nomes a BASQUETA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>39. Você já ouviu falar, aqui no município, em BATATA DA MANDIOCA?</p> <p>39.1 O que é a BATATA DA MANDIOCA?</p> |

| |
|--|
| <p>39.2 De quais outros nomes a BATATA DA MANDIOCA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>40. Você já ouviu falar, aqui no município, em BATATA DA MANIVA?</p> <p>40.1 O que é a BATATA DA MANIVA?</p> <p>40.2 De quais outros nomes a BATATA DA MANIVA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>41. Você já ouviu falar, aqui no município, em BENEFICIAR a farinha?</p> <p>41.1 O que é BENEFICIAR na atividade de produção da farinha?</p> <p>41.2 De quais outros nomes BENEFICIAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>42. Você já ouviu falar, aqui no município, em BICO DA MANIVA?</p> <p>42.1 O que é o BICO DA MANIVA?</p> <p>42.2 De quais outros nomes o BICO DA MANIVA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>43. Você já ouviu falar, aqui no município, em BICO DE GAITA?</p> <p>43.1 O que é o BICO DE GAITA no cultivo da mandioca?</p> <p>43.2 De quais outros nomes o BICO DE GAITA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>44. Você já ouviu falar, aqui no município, em BOLA DE MASSA?</p> <p>44.1 O que é a BOLA DE MASSA?</p> <p>44.2 De quais outros nomes a BOLA DE MASSA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>45. Você já ouviu falar, aqui no município, em BOLHA DA MANIVA?</p> <p>45.1 O que é a BOLHA DA MANIVA?</p> <p>45.2 De quais outros nomes a BOLHA DE MANIVA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>46. Você já ouviu falar, aqui no município, em BORRA quando se está coando a goma da tapioca?</p> <p>46.1 O que é a BORRA na atividade de produção de farinha?</p> <p>46.2 De quais outros nomes a BORRA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>47. Você já ouviu falar, aqui no município, em BRAÇA?</p> <p>47.1 O que é a BRAÇA no cultivo da mandioca?</p> <p>47.2 De quais outros nomes a BRAÇA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>48. Você já ouviu falar, aqui no município, em BRAÇAL?</p> <p>48.1 O que é o BRAÇAL no cultivo da mandioca?</p> <p>48.2 De quais outros nomes o BRAÇAL é chamado aqui no município?</p> |
| <p>49. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA BRANDÃO?</p> <p>49.1 O que é a MANDIOCA BRANDÃO?</p> <p>49.2 De quais outros nomes a MANDIOCA BRANDÃO é chamada aqui no município?</p> |

| |
|--|
| <p>50. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA BRANQUINHA?</p> <p>50.1 O que é a MANDIOCA BRANQUINHA?</p> <p>50.2 De quais outros nomes a MANDIOCA BRANQUINHA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>51. Você já ouviu falar, aqui no município, em fazer a BROCA na roça?</p> <p>51.1 O que é a BROCA no cultivo da mandioca?</p> <p>51.2 De quais outros nomes a BROCA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>52. Você já ouviu falar, aqui no município, em BROCAÇÃO?</p> <p>52.1 O que é a BROCAÇÃO no cultivo da mandioca?</p> <p>52.2 De quais outros nomes a BROCAÇÃO é chamada aqui no município?</p> |
| <p>53. Você já ouviu falar, aqui no município, em BROCAR o roçado?</p> <p>53.1 O que é BROCAR no cultivo da mandioca?</p> <p>53.2 De quais outros nomes BROCAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>54. Você já ouviu falar, aqui no município, em BROCA que dá na mandioca?</p> <p>54.1 O que é a BROCA que dá na mandioca?</p> <p>54.2 De quais outros nomes a BROCA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>55. Você já ouviu falar, aqui no município, em BROLHO?</p> <p>55.1 O que é o BROLHO?</p> <p>55.2 De quais outros nomes o BROLHO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>56. Você já ouviu falar, aqui no município, em BROTAMENTO?</p> <p>56.1 O que é o BROTAMENTO no cultivo da mandioca?</p> <p>56.2 De quais outros nomes o BROTAMENTO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>57. Você já ouviu falar, aqui no município, em BROTAR?</p> <p>57.1 O que é BROTAR no cultivo da mandioca?</p> <p>57.2 De quais outros nomes BROTAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>58. Você já ouviu falar, aqui no município, em BROTO DA MANIVA?</p> <p>58.1 O que é o BROTO DA MANIVA?</p> <p>58.2 De quais outros nomes o BROTO DA MANIVA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>59. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA BUIUÇU?</p> <p>59.1 O que é a MANDIOCA BUIUÇU?</p> <p>59.2 De quais outros nomes a MANDIOCA BUIUÇU é chamada aqui no município?</p> |
| <p>60. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAÇUÁ?</p> <p>60.1 O que é o CAÇUÁ?</p> <p>60.2 De quais outros nomes o CAÇUÁ é chamado aqui no município?</p> |
| <p>61. Você já ouviu falar, aqui no município, em BANCO do caititu?</p> |

| |
|--|
| <p>61.1 O que é BANCO e o que tem a ver com a atividade de produção da farinha?</p> <p>61.2 De quais outros nomes o BANCO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>62. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAIXA na casa de farinha?</p> <p>62.1 O que é a CAIXA?</p> <p>62.2 De quais outros nomes a CAIXA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>63. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAMBÃO DA MANDIOCA?</p> <p>63.1 O que é o CAMBÃO DA MANDIOCA?</p> <p>63.2 De quais outros nomes o CAMBÃO DA MANDIOCA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>64. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAMBITO?</p> <p>64.1 O que é o CAMBITO?</p> <p>64.2 De quais outros nomes o CAMBITO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>65. Você já ouviu falar, aqui no município, em CANOVA usada na casa de farinha?</p> <p>65.1 O que é a CANOVA na atividade de produção da farinha?</p> <p>65.2 De quais outros nomes a CANOVA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>66. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAMPIM BRABO?</p> <p>66.1 O que é o CAMPIM BRABO no cultivo da mandioca?</p> <p>66.2 De quais outros nomes o CAMPIM BRABO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>67. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAPIM DE ROLA?</p> <p>67.1 O que é o CAPIM DE ROLA no cultivo da mandioca?</p> <p>67.2 De quais outros nomes o CAPIM DE ROLA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>68. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAPIM FLOR BRANCA?</p> <p>68.1 O que é o CAPIM FLOR BRANCA no cultivo da mandioca?</p> <p>68.2 De quais outros nomes o CAPIM FLOR BRANCA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>69. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAPINA da roça?</p> <p>69.1 O que é a CAPINA no cultivo da mandioca?</p> <p>69.2 De quais outros nomes a CAPINA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>70. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAPINAÇÃO da roça?</p> <p>70.1 O que é a CAPINAÇÃO no cultivo da mandioca?</p> <p>70.2 De quais outros nomes a CAPINAÇÃO é chamada aqui no município?</p> |
| <p>71. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAPINAR o roçado de mandioca?</p> <p>71.1 O que é CAPINAR no cultivo da mandioca?</p> <p>71.2 De quais outros nomes CAPINAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>72. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAPOEIRA?</p> <p>72.1 O que é a CAPOEIRA?</p> |

| |
|---|
| <p>72.2 De quais outros nomes a CAPOEIRA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>73. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAPOEIRINHA?</p> <p>73.1 O que é a CAPOEIRINHA?</p> <p>73.2 De quais outros nomes a CAPOEIRINHA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>74. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAPOEIRA BAIXA?</p> <p>74.1 O que é a CAPOEIRA BAIXA?</p> <p>74.2 De quais outros nomes a CAPOEIRA BAIXA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>75. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAPOEIRA FINA?</p> <p>75.1 O que é a CAPOEIRA FINA?</p> <p>75.2 De quais outros nomes a CAPOEIRA FINA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>76. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAPOEIRA GROSSA?</p> <p>76.1 O que é a CAPOEIRA GROSSA?</p> <p>76.2 De quais outros nomes a CAPOEIRA GROSSA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>77. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAPOEIRÃO?</p> <p>77.1 O que é o CAPOEIRÃO?</p> <p>77.2 De quais outros nomes o CAPOEIRÃO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>78. Você já ouviu falar, aqui no município, em CARIBÉ?</p> <p>78.1 O que é o CARIBÉ?</p> <p>78.2 De quais outros nomes o CARIBÉ é chamado aqui no município?</p> |
| <p>79. Você já ouviu falar, aqui no município, em CARREGADOR?</p> <p>79.1 O que é o CARREGADOR no cultivo da mandioca?</p> <p>79.2 De quais outros nomes o CARREGADOR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>80. Você já ouviu falar, aqui no município, em CASA DE FARINHA?</p> <p>80.1 O que é a CASA DE FARINHA?</p> <p>80.2 De quais outros nomes a CASA DE FARINHA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>81. Você já ouviu falar, aqui no município, em CASA DE FARINHA MECANIZADA?</p> <p>81.1 O que é a CASA DE FARINHA MECANIZADA?</p> <p>81.2 De quais outros nomes a CASA DE FARINHA MECANIZADA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>82. Você já ouviu falar, aqui no município, em CASA DE FORNO?</p> <p>82.1 O que é a CASA DE FORNO?</p> <p>82.2 De quais outros nomes a CASA DE FORNO é chamada aqui no município?</p> |

| |
|---|
| <p>83. Você já ouviu falar, aqui no município, em CASCA DA MANDIOCA?</p> <p>83.1 O que é a CASCA DA MANDIOCA?</p> <p>83.2 De quais outros nomes a CASCA DA MANDIOCA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>84. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAULE DA MANIVA?</p> <p>84.1 O que é o CAULE DA MANIVA?</p> <p>84.2 De quais outros nomes o CAULE DA MANIVA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>85. Você já ouviu falar, aqui no município, em CAVAR A COVA?</p> <p>85.1 O que é CAVAR A COVA no cultivo da mandioca?</p> <p>85.2 De quais outros nomes CAVAR A COVA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>86. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA CEARÁ?</p> <p>86.1 O que é a MANDIOCA CEARÁ?</p> <p>86.2 De quais outros nomes a MANDIOCA CEARÁ é chamada aqui no município?</p> |
| <p>87. Você já ouviu falar, aqui no município, em CEVAR A MANDIOCA?</p> <p>87.1 O que é CEVAR A MANDIOCA na atividade de produção da farinha?</p> <p>87.2 De quais outros nomes CEVAR A MANDIOCA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>88. Você já ouviu falar, aqui no município, em CHANFRADO?</p> <p>88.1 O que é CHANFRADO no cultivo da mandioca?</p> <p>88.2 De quais outros nomes CHANFRADO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>89. Você já ouviu falar, aqui no município, em CHANFRAR?</p> <p>89.1 O que é CHANFRAR no cultivo da mandioca?</p> <p>89.2 De quais outros nomes CHANFRAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>90. Você já ouviu falar, aqui no município, em CHAPA?</p> <p>90.1 O que é a CHAPA na atividade de produção da farinha?</p> <p>90.2 De quais outros nomes a CHAPA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>91. Você já ouviu falar, aqui no município, em COADORA DE MASSA?</p> <p>91.1 O que é a COADORA DE MASSA na atividade de produção da farinha?</p> <p>91.2 De quais outros nomes a COADORA DE MASSA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>92. Você já ouviu falar, aqui no município, em COAR?</p> <p>92.1 O que é COAR e o que tem a ver com a atividade de produção da farinha?</p> <p>92.2 De quais outros nomes COAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>93. Você já ouviu falar, aqui no município, em COCHEIRA?</p> |

| |
|---|
| <p>93.1 O que é a COCHEIRA e o que tem a ver com a atividade de produção da farinha?</p> <p>93.2 De quais outros nomes a COCHEIRA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>94. Você já ouviu falar, aqui no município, em COCHO DE MECERAÇÃO?</p> <p>94.1 O que é o COCHO DE MACERAÇÃO e o que tem a ver com a atividade de produção da farinha?</p> <p>94.2 De quais outros nomes o COCHO DE MACERAÇÃO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>95. Você já ouviu falar, aqui no município, em COCHO DE RESFRIAMENTO?</p> <p>95.1 O que é o COCHO DE RESFRIAMENTO e o que tem a ver com a atividade de produção da farinha?</p> <p>95.2 De quais outros nomes o COCHO DE RESFRIAMENTO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>96. Você já ouviu falar, aqui no município, em COIVARA?</p> <p>96.1 O que é a COIVARA e o que tem a ver com o cultivo da mandioca?</p> <p>96.2 De quais outros nomes a COIVARA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>97. Você já ouviu falar, aqui no município, em COIVARAR?</p> <p>97.1 O que é COIVARAR e o que tem a ver com o cultivo da mandioca?</p> <p>97.2 De quais outros nomes COIVARAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>98. Você já ouviu falar, aqui no município, em PLANTIO EM CONSÓRCIO?</p> <p>98.1 O que é o PLANTIO EM CONSÓRCIO e o que tem a ver com o cultivo da mandioca?</p> <p>98.2 De quais outros nomes o PLANTIO EM CONSÓRCIO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>99. Você já ouviu falar, aqui no município, em CULTIVO CONSORCIADO DA MANDIOCA?</p> <p>99.1 O que é o CULTIVO CONSORCIADO DA MANDIOCA?</p> <p>99.2 De quais outros nomes o CULTIVO CONSORCIADO DA MANDIOCA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>100. Você já ouviu falar, aqui no município, em COPA DA MANIVA?</p> <p>100.1 O que é a COPA DA MANIVA?</p> <p>100.2 De quais outros nomes a COPA DA MANIVA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>101. Você já ouviu falar, aqui no município, em COPINHA DA MANIVA?</p> <p>101.1 O que é a COPINHA DA MANIVA?</p> <p>101.2 De quais outros nomes a COPINHA DA MANIVA é chamada aqui no</p> |

| |
|---|
| <p>município?</p> |
| <p>102. Você já ouviu falar, aqui no município, em CORPO DA MANIVA?</p> <p>102.1 O que é o CORPO DA MANIVA?</p> <p>102.2 De quais outros nomes o CORPO DA MANIVA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>103. Você já ouviu falar, aqui no município, em COVA?</p> <p>103.1 O que é a COVA?</p> <p>103.2 De quais outros nomes a COVA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>104. Você já ouviu falar, aqui no município, em COVINHA?</p> <p>104.1 O que é a COVINHA?</p> <p>104.2 De quais outros nomes a COVINHA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>105. Você já ouviu falar, aqui no município, em CRIVAR?</p> <p>105.1 O que é CRIVAR na atividade de produção da farinha?</p> <p>105.2 De quais outros nomes CRIVAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>106. Você já ouviu falar, aqui no município, em CRUEIRA?</p> <p>106.1 O que é a CRUEIRA?</p> <p>106.2 De quais outros nomes a CRUEIRA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>107. Você já ouviu falar, aqui no município, em CUÍ?</p> <p>107.1 O que é o CUÍ?</p> <p>107.2 De quais outros nomes o CUÍ é chamado aqui no município?</p> |
| <p>108. Você já ouviu falar, aqui no município, em CULTIVO DA MANDIOCA?</p> <p>108.1 O que é o CULTIVO DA MANDIOCA?</p> <p>108.2 De quais outros nomes o CULTIVO DA MANDIOCA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>109. Você já ouviu falar, aqui no município, em CUPIM?</p> <p>109.1 O que é o CUPIM no cultivo da mandioca?</p> <p>109.2 De quais outros nomes o CUPIM é chamado aqui no município?</p> |
| <p>110. Você já ouviu falar, aqui no município, em DECOTAR?</p> <p>110.1 O que é DECOTAR no cultivo da mandioca?</p> <p>110.2 De quais outros nomes DECOTAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>111. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA DEDÉ?</p> <p>111.1 O que é a MANDIOCA DEDÉ?</p> <p>111.2 De quais outros nomes a MANDIOCA DEDÉ é chamada aqui no município?</p> |
| <p>112. Você já ouviu falar, aqui no município, em colocar a maniva na cova DEITADA?</p> |

| |
|---|
| <p>112.1 O que é colocar a maniva na cova DEITADA no cultivo da mandioca?</p> <p>112.2 De quais outros nomes colocar a maniva na cova DEITADA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>113. Você já ouviu falar, aqui no município, em DERRUBA?</p> <p>113.1 O que é a DERRUBA no cultivo da mandioca?</p> <p>113.2 De quais outros nomes a DERRUBA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>114. Você já ouviu falar, aqui no município, em DERRUBAÇÃO?</p> <p>114.1 O que é a DERRUBAÇÃO no cultivo da mandioca?</p> <p>114.2 De quais outros nomes a DERRUBAÇÃO é chamada aqui no município?</p> |
| <p>115. Você já ouviu falar, aqui no município, em DERRUBAGEM?</p> <p>115.1 O que é a DERRUBAGEM no cultivo da mandioca?</p> <p>115.2 De quais outros nomes a DERRUBAGEM é chamada aqui no município?</p> |
| <p>116. Você já ouviu falar, aqui no município, em DERRUBAR?</p> <p>116.1 O que é DERRUBAR no cultivo da mandioca?</p> <p>116.2 De quais outros nomes DERRUBAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>117. Você já ouviu falar, aqui no município, em DESCASCAR?</p> <p>117.1 O que é DESCASCAR na atividade de produção da farinha?</p> <p>117.2 De quais outros nomes DESCASCAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>118. Você já ouviu falar, aqui no município, em DESCASCAMENTO?</p> <p>118.1 O que é o DESCASCAMENTO na atividade de produção da farinha?</p> <p>118.2 De quais outros nomes o DESCASCAMENTO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>119. Você já ouviu falar, aqui no município, em DESMATAR?</p> <p>119.1 O que é DESMATAR no cultivo da mandioca?</p> <p>119.2 De quais outros nomes DESMATAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>120. Você já ouviu falar, aqui no município, em DESMATAMENTO?</p> <p>120.1 O que é o DESMATAMENTO no cultivo da mandioca?</p> <p>120.2 De quais outros nomes o DESMATAMENTO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>121. Você já ouviu falar, aqui no município, em DESTOCA?</p> <p>121.1 O que é a DESTOCA no cultivo da mandioca?</p> <p>121.2 De quais outros nomes a DESTOCA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>122. Você já ouviu falar, aqui no município, em DESTOCAGEM?</p> <p>122.1 O que é a DESTOCAGEM no cultivo da mandioca?</p> <p>122.2 De quais outros nomes a DESTOCAGEM é chamada aqui no município?</p> |

| |
|--|
| <p>123. Você já ouviu falar, aqui no município, em DESTOCAR?</p> <p>123.1 O que é DESTOCAR no cultivo da mandioca?</p> <p>123.2 De quais outros nomes DESTOCAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>124. Você já ouviu falar, aqui no município, em EMPREITA?</p> <p>124.1 O que é a EMPREITA no cultivo da mandioca?</p> <p>124.2 De quais outros nomes a EMPREITA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>125. Você já ouviu falar, aqui no município, em ENCOIVARAÇÃO?</p> <p>125.1 O que é a ENCOIVARAÇÃO no cultivo da mandioca?</p> <p>125.2 De quais outros nomes a ENCOIVARAÇÃO é chamada aqui no município?</p> |
| <p>126. Você já ouviu falar, aqui no município, em ENCOIVARAR?</p> <p>126.1 O que é ENCOIVARAR no cultivo da mandioca?</p> <p>126.2 De quais outros nomes ENCOIVARAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>127. Você já ouviu falar, aqui no município, em ENRAIZAMENTO?</p> <p>127.1 O que é o ENRAIZAMENTO no cultivo da mandioca?</p> <p>127.2 De quais outros nomes o ENRAIZAMENTO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>128. Você já ouviu falar, aqui no município, em cortar a maniva ENVIESADO?</p> <p>128.1 O que é ENVIESADO no cultivo da mandioca?</p> <p>128.2 De quais outros nomes ENVIESADO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>129. Você já ouviu falar, aqui no município, em ENVIRA?</p> <p>129.1 O que é a ENVIRA no cultivo da mandioca?</p> <p>129.2 De quais outros nomes a ENVIRA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>130. Você já ouviu falar, aqui no município, em ERVA DANINHA?</p> <p>130.1 O que é a ERVA DANINHA no cultivo da mandioca?</p> <p>130.2 De quais outros nomes a ERVA DANINHA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>131. Você já ouviu falar, aqui no município, em ESCALDAR?</p> <p>131.1 O que é ESCALDAR na atividade de produção da farinha?</p> <p>131.2 De quais outros nomes ESCALDAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>132. Você já ouviu falar, aqui no município, em ESCALDAÇÃO?</p> <p>132.1 O que é a ESCALDAÇÃO na atividade de produção da farinha?</p> <p>132.2 De quais outros nomes a ESCALDAÇÃO é chamada aqui no município?</p> |
| <p>133. Você já ouviu falar, aqui no município, em ESCALDAMENTO?</p> <p>133.1 O que é o ESCALDAMENTO na atividade de produção da farinha?</p> <p>133.2 De quais outros nomes o ESCALDAMENTO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>134. Você já ouviu falar, aqui no município, em ESFRIADEIRA na casa de farinha?</p> <p>134.1 O que é a ESFRIADEIRA na atividade de produção da farinha?</p> |

| |
|--|
| <p>134.2 De quais outros nomes a ESFRIADEIRA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>135. Você já ouviu falar, aqui no município, em ESFRIADOR na casa de farinha?</p> <p>135.1 O que é o ESFRIADOR na atividade de produção da farinha?</p> <p>135.2 De quais outros nomes o ESFRIADOR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>136. Você já ouviu falar, aqui no município, em ESPREMEDOR?</p> <p>136.1 O que é o ESPREMEDOR na atividade de produção da farinha?</p> <p>136.2 De quais outros nomes o ESPREMEDOR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>137. Você já ouviu falar, aqui no município, em ESPREMER?</p> <p>137.1 O que é ESPREMER na atividade de produção da farinha?</p> <p>137.2 De quais outros nomes ESPREMER é chamado aqui no município?</p> |
| <p>138. Você já ouviu falar, aqui no município, em FARINHA?</p> <p>138.1 O que é a FARINHA?</p> <p>138.2 De quais outros nomes a FARINHA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>139. Você já ouviu falar, aqui no município, em FARINHADA?</p> <p>139.1 O que é a FARINHADA na atividade de produção da farinha?</p> <p>139.2 De quais outros nomes a FARINHADA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>140. Você já ouviu falar, aqui no município, em FARINHA D'ÁGUA?</p> <p>140.1 O que é a FARINHA D'ÁGUA?</p> <p>140.2 De quais outros nomes a FARINHA D'ÁGUA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>141. Você já ouviu falar, aqui no município, em FARINHA DE LOTE?</p> <p>141.1 O que é a FARINHA DE LOTE?</p> <p>141.2 De quais outros nomes a FARINHA DE LOTE é chamada aqui no município?</p> |
| <p>142. Você já ouviu falar, aqui no município, em FARINHA LAVADA?</p> <p>142.1 O que é a FARINHA LAVADA?</p> <p>142.2 De quais outros nomes a FARINHA LAVADA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>143. Você já ouviu falar, aqui no município, em FARINHA DE MISTURA?</p> <p>143.1 O que é a FARINHA DE MISTURA?</p> <p>143.2 De quais outros nomes a FARINHA DE MISTURA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>144. Você já ouviu falar, aqui no município, em FARINHA DE PRIMEIRA?</p> <p>144.1 O que é a FARINHA DE PRIMEIRA?</p> <p>144.2 De quais outros nomes a FARINHA DE PRIMEIRA é chamada aqui no</p> |

| |
|--|
| <p>município?</p> |
| <p>145. Você já ouviu falar, aqui no município, em FARINHA DE TAPIOCA?</p> <p>145.1 O que é a FARINHA DE TAPIOCA?</p> <p>145.2 De quais outros nomes a FARINHA DE TAPIOCA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>146. Você já ouviu falar, aqui no município, em FARINHA FINA?</p> <p>146.1 O que é a FARINHA FINA?</p> <p>146.2 De quais outros nomes a FARINHA FINA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>147. Você já ouviu falar, aqui no município, em FARINHA GROSSA?</p> <p>147.1 O que é a FARINHA GROSSA?</p> <p>147.2 De quais outros nomes a FARINHA GROSSA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>148. Você já ouviu falar, aqui no município, em FARINHA MISTURADA?</p> <p>148.1 O que é a FARINHA MISTURADA?</p> <p>148.2 De quais outros nomes a FARINHA MISTURADA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>149. Você já ouviu falar, aqui no município, em FARINHA PUBA?</p> <p>149.1 O que é a FARINHA PUBA?</p> <p>149.2 De quais outros nomes a FARINHA PUBA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>150. Você já ouviu falar, aqui no município, em FARINHA PURA?</p> <p>150.1 O que é a FARINHA PURA?</p> <p>150.2 De quais outros nomes a FARINHA PURA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>151. Você já ouviu falar, aqui no município, em FARINHA SECA?</p> <p>151.1 O que é a FARINHA SECA?</p> <p>151.2 De quais outros nomes a FARINHA SECA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>152. Você já ouviu falar, aqui no município, em FARINHEIRO?</p> <p>152.1 O que é o FARINHEIRO?</p> <p>152.3 De quais outros nomes o FARINHEIRO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>153. Você já ouviu falar, aqui no município, em FAZEÇÃO DA FARINHA?</p> <p>153.1 O que é a FAZEÇÃO DA FARINHA?</p> <p>153.2 De quais outros nomes a FAZEÇÃO DA FARINHA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>154. Você já ouviu falar, aqui no município, em FÉCULA?</p> <p>154.1 O que é a FÉCULA na atividade de produção da farinha?</p> <p>154.2 De quais outros nomes a FÉCULA é chamada aqui no município?</p> |

| |
|--|
| <p>155. Você já ouviu falar, aqui no município, em FEIXE DE MANIVA?</p> <p>155.1 O que é o FEIXE DE MANIVA?</p> <p>155.2 De quais outros nomes o FEIXE DE MANIVA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>156. Você já ouviu falar, aqui no município, em FERMENTAR A MANDIOCA?</p> <p>156.1 O que é FERMENTAR A MANDIOCA na atividade de produção da farinha?</p> <p>156.2 De quais outros nomes FERMENTAR A MANDIOCA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>157. Você já ouviu falar, aqui no município, em FORNADA?</p> <p>157.1 O que é a FORNADA na atividade de produção da farinha?</p> <p>157.2 De quais outros nomes a FORNADA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>158. Você já ouviu falar, aqui no município, em FORNO?</p> <p>158.1 O que é o FORNO na atividade de produção da farinha?</p> <p>158.2 De quais outros nomes o FORNO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>159. Você já ouviu falar, aqui no município, em FORNO ELÉTRICO?</p> <p>159.1 O que é o FORNO ELÉTRICO na atividade de produção da farinha?</p> <p>159.2 De quais outros nomes o FORNO ELÉTRICO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>160. Você já ouviu falar, aqui no município, em FORNO MECÂNICO?</p> <p>160.1 O que é o FORNO MECÂNICO na atividade de produção da farinha?</p> <p>160.2 De quais outros nomes o FORNO MECÂNICO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>161. Você já ouviu falar, aqui no município, em GOMA?</p> <p>161.1 O que é a GOMA na atividade de produção da farinha?</p> <p>161.2 De quais outros nomes a GOMA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>162. Você já ouviu falar, aqui no município, em GRÃO DE FARINHA?</p> <p>162.1 O que é o GRÃO DE FARINHA?</p> <p>162.2 De quais outros nomes o GRÃO DE FARINHA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>163. Você já ouviu falar, aqui no município, em GRELO?</p> <p>163.1 O que é o GRELO?</p> <p>163.2 De quais outros nomes o GRELO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>164. Você já ouviu falar, aqui no município, em GRELAR?</p> <p>164.1 O que é GRELAR no cultivo da mandioca?</p> <p>164.2 De quais outros nomes GRELAR é chamado aqui no município?</p> |

| |
|---|
| <p>165. Você já ouviu falar, aqui no município, em GUARUMÃ?</p> <p>165.1 O que é o GUARUMÃ na atividade de produção da farinha?</p> <p>165.2 De quais outros nomes o GUARUMÃ é chamado aqui no município?</p> |
| <p>166. Você já ouviu falar, aqui no município, em HACHA DA MANIVA?</p> <p>166.1 O que é a HACHA DA MANIVA?</p> <p>166.2 De quais outros nomes a HACHA DA MANIVA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>167. Você já ouviu falar, aqui no município, em HASTE DA MANIVA?</p> <p>167.1 O que é a HASTE DA MANIVA?</p> <p>167.2 De quais outros nomes HASTE DA MANIVA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>168. Você já ouviu falar, aqui no município, em IGARAPÉ?</p> <p>168.1 O que é o IGARAPÉ no cultivo da mandioca?</p> <p>168.2 De quais outros nomes o IGARAPÉ é chamado aqui no município?</p> |
| <p>169. Você já ouviu falar, aqui no município, em IGARAPÉ CORRENTE?</p> <p>169.1 O que é o IGARAPÉ CORRENTE no cultivo da mandioca?</p> <p>169.2 De quais outros nomes o IGARAPÉ CORRENTE é chamado aqui no município?</p> |
| <p>170. Você já ouviu falar, aqui no município, em IMPRESSAR A MASSA DA MANDIOCA?</p> <p>170.1 O que é IMPRESSAR A MASSA DA MANDIOCA?</p> <p>170.2 De quais outros nomes IMPRESSAR A MASSA DA MANDIOCA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>171. Você já ouviu falar, aqui no município, em JANDUÍ?</p> <p>171.1 O que é o JANDUÍ no cultivo da mandioca?</p> <p>171.2 De quais outros nomes o JANDUÍ é chamado aqui no município?</p> |
| <p>172. Você já ouviu falar, aqui no município, em ROÇA DE JANEIRO?</p> <p>172.1 O que é a ROÇA DE JANEIRO no cultivo da mandioca?</p> <p>172.2 De quais outros nomes a ROÇA DE JANEIRO é chamada aqui no município?</p> |
| <p>173. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA JOVENÇA?</p> <p>173.1 O que é a MANDIOCA JOVENÇA?</p> <p>173.2 De quais outros nomes a MANDIOCA JOVENÇA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>174. Você já ouviu falar, aqui no município, em JUQUIRA?</p> <p>174.1 O que é a JUQUIRA no cultivo da mandioca?</p> |

| |
|--|
| <p>174.2 De quais outros nomes a JUQUIRA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>175. Você já ouviu falar, aqui no município, em JURUBEBA?</p> <p>175.1 O que é a JURUBEBA no cultivo da mandioca?</p> <p>175.2 De quais outros nomes a JURUBEBA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>176. Você já ouviu falar, aqui no município, em LAGARTA?</p> <p>176.1 O que é a LAGARTA no cultivo da mandioca?</p> <p>176.2 De quais outros nomes a LAGARTA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>177. Você já ouviu falar, aqui no município, em LAVRADOR?</p> <p>177.1 O que é o LAVRADOR no cultivo da mandioca?</p> <p>177.2 De quais outros nomes o LAVRADOR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>178. Você já ouviu falar, aqui no município, em LEITE DA MANIVA?</p> <p>178.1 O que é o LEITE DA MANIVA?</p> <p>178.2 De quais outros nomes o LEITE DA MANIVA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>179. Você já ouviu falar, aqui no município, em MACAXEIRA?</p> <p>179.1 O que é a MACAXEIRA?</p> <p>179.2 De quais outros nomes a MACAXEIRA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>180. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDAROVÁ?</p> <p>180.1 O que é o MANDAROVÁ no cultivo da mandioca?</p> <p>180.2 De quais outros nomes o MANDAROVÁ é chamado aqui no município?</p> |
| <p>181. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA?</p> <p>181.1 O que é a MANDIOCA?</p> <p>181.2 De quais outros nomes a MANDIOCA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>182. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA AMARELA?</p> <p>182.1 O que é a MANDIOCA AMARELA?</p> <p>182.2 De quais outros nomes a MANDIOCA AMARELA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>183. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA BRANCA?</p> <p>183.1 O que é a MANDIOCA BRANCA?</p> <p>183.2 De quais outros nomes a MANDIOCA BRANCA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>184. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA D'ÁGUA?</p> <p>184.1 O que é a MANDIOCA D'ÁGUA?</p> <p>184.2 De quais outros nomes a MANDIOCA D'ÁGUA é chamada aqui no município?</p> |

| |
|--|
| <p>185. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA DE VERÃO?</p> <p>185.1 O que é a MANDIOCA DE VERÃO?</p> <p>185.2 De quais outros nomes a MANDIOCA DE VERÃO é chamada aqui no município?</p> |
| <p>186. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA DURA?</p> <p>186.1 O que é a MANDIOCA DURA?</p> <p>186.2 De quais outros nomes a MANDIOCA DURA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>187. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCAL?</p> <p>187.1 O que é o MANDIOCAL?</p> <p>187.2 De quais outros nomes o MANDIOCAL é chamado aqui no município?</p> |
| <p>188. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA MANSA?</p> <p>188.1 O que é a MANDIOCA MANSA?</p> <p>188.2 De quais outros nomes a MANDIOCA MANSA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>189. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA MOLE?</p> <p>189.1 O que é a MANDIOCA MOLE?</p> <p>189.2 De quais outros nomes a MANDIOCA MOLE é chamada aqui no município?</p> |
| <p>190. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA PUBA?</p> <p>190.1 O que é a MANDIOCA PUBA?</p> <p>190.2 De quais outros nomes a MANDIOCA PUBA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>191. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA SOLTEIRA?</p> <p>191.1 O que é a MANDIOCA SOLTEIRA no cultivo da mandioca?</p> <p>191.2 De quais outros nomes a MANDIOCA SOLTEIRA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>192. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCULTURA?</p> <p>192.1 O que é a MANDIOCULTURA?</p> <p>192.2 De quais outros nomes a MANDIOCULTURA é chamada aqui no município?)</p> |
| <p>193. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANIVA?</p> <p>193.1 O que é a MANIVA?</p> <p>193.2 De quais outros nomes a MANIVA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>194. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANIVAL?</p> <p>194.1 O que é o MANIVAL?</p> <p>194.2 De quais outros nomes o MANIVAL é chamado aqui no município?</p> |

| |
|---|
| <p>195. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANIVEIRA?</p> <p>195.1 O que é a MANIVEIRA?</p> <p>195.2 De quais outros nomes a MANIVEIRA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>196. Você já ouviu falar, aqui no município, em MARRETEIRO?</p> <p>196.1 O que é o MARRETEIRO na atividade de produção de farinha?</p> <p>196.2 De quais outros nomes o MARRETEIRO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>197. Você já ouviu falar, aqui no município, em MASSA DA MANDIOCA?</p> <p>197.1 O que é a MASSA DA MANDIOCA na atividade de produção de farinha?</p> <p>197.2 De quais outros nomes a MASSA DA MANDIOCA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>198. Você já ouviu falar, aqui no município, em MASSEIRA?</p> <p>198.1 O que é a MASSEIRA na atividade de produção da farinha?</p> <p>198.2 De quais outros nomes a MASSEIRA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>199. Você já ouviu falar, aqui no município, em MACERAÇÃO DA MANDIOCA?</p> <p>199.1 O que é a MACERAÇÃO DA MANDIOCA na atividade da farinha?</p> <p>199.2 De quais outros nomes a MACERAÇÃO DA MANDIOCA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>200. Você já ouviu falar, aqui no município, em MATO GROSSO?</p> <p>200.1 O que é o MATO GROSSO no cultivo da mandioca?</p> <p>200.2 De quais outros nomes o MATO GROSSO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>201. Você já ouviu falar, aqui no município, em MIGAR A MANIVA?</p> <p>201.1 O que é MIGAR A MANIVA?</p> <p>201.2 De quais outros nomes MIGAR A MANIVA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>202. Você já ouviu falar, aqui no município, em MIOLO DA MANIVA?</p> <p>202.1 O que é o MIOLO DA MANIVA?</p> <p>202.2 De quais outros nomes o MIOLO DA MANIVA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>203. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA MIRITI?</p> <p>203.1 O que é a MANDIOCA MIRITI?</p> <p>203.2 De quais outros nomes a MANDIOCA MIRITI é chamada aqui no município?</p> |
| <p>204. Você já ouviu falar, aqui no município, em MOTOR?</p> <p>204.1 O que é o MOTOR na atividade de produção da farinha?</p> <p>204.2 De quais outros nomes o MOTOR é chamado aqui no município?</p> |

| |
|--|
| <p>205. Você já ouviu falar, aqui no município, em MUDA?</p> <p>205.1 O que é a MUDA no cultivo da mandioca?</p> <p>205.2 De quais outros nomes a MUDA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>206. Você já ouviu falar, aqui no município, em MUNDURU?</p> <p>206.1 O que é o MUNDURU?</p> <p>206.2 De quais outros nomes o MUNDURU é chamado aqui no município?</p> |
| <p>207. Você já ouviu falar, aqui no município, em NÓ DA MANIVA?</p> <p>207.1 O que é o NÓ DA MANIVA?</p> <p>207.2 De quais outros nomes o NÓ DA MANIVA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>208. Você já ouviu falar, aqui no município, em OLHO DA MANIVA?</p> <p>208.1 O que é o OLHO DA MANIVA?</p> <p>208.2 De quais outros nomes o OLHO DA MANIVA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>209. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA OURO PRETO?</p> <p>209.1 O que é MANDIOCA OURO PRETO?</p> <p>209.2 De quais outros nomes a MANDIOCA OURO PRETO é chamada aqui no município?</p> |
| <p>210. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA PACUÍ AMARELA?</p> <p>210.1 O que é a MANDIOCA PACUÍ AMARELA?</p> <p>210.2 De quais outros nomes a MANDIOCA PACUÍ AMARELA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>211. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA PACUÍ BRANCA?</p> <p>211.1 O que é a MANDIOCA PACUÍ BRANCA?</p> <p>211.2 De quais outros nomes a MANDIOCA PACUÍ BRANCA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>212. Você já ouviu falar, aqui no município, em PALHETA?</p> <p>212.1 O que é a PALHETA na atividade de produção da farinha?</p> <p>212.2 De quais outros nomes a PALHETA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>213. Você já ouviu falar, aqui no município, em PANCUÃ?</p> <p>213.1 O que é o PANCUÃ no cultivo da mandioca?</p> <p>213.2 De quais outros nomes o PANCUÃ é chamado aqui no município?</p> |
| <p>214. Você já ouviu falar, aqui no município, em PAU DA MANIVA?</p> <p>214.1 O que é o PAU DA MANIVA?</p> <p>214.2 De quais outros nomes o PAU DA MANIVA é chamado aqui no município?</p> |

| |
|--|
| <p>215. Você já ouviu falar, aqui no município, em PÉ DA MANDIOCA?</p> <p>215.1 O que é o PÉ DA MANDIOCA?</p> <p>215.2 De quais outros nomes o PÉ DA MANDIOCA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>216. Você já ouviu falar, aqui no município, em PÉ DA MANIVA?</p> <p>216.1 O que é o PÉ DA MANIVA?</p> <p>216.2 De quais outros nomes o PÉ DA MANIVA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>217. Você já ouviu falar, aqui no município, em PELE DA MANDIOCA?</p> <p>217.1 O que é a PELE DA MANDIOCA?</p> <p>217.2 De quais outros nomes a PELE DA MANDIOCA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>218. Você já ouviu falar, aqui no município, em PENEIRA?</p> <p>218.1 O que é a PENEIRA na atividade de produção da farinha?</p> <p>218.2 De quais outros nomes a PENEIRA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>219. Você já ouviu falar, aqui no município, em PENEIRA MECÂNICA?</p> <p>219.1 O que é a PENEIRA MECÂNICA na atividade de produção da farinha?</p> <p>219.2 De quais outros nomes a PENEIRA MECÂNICA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>220. Você já ouviu falar, aqui no município, em PENEIRAR?</p> <p>220.1 O que é PENEIRAR na atividade de produção da farinha?</p> <p>220.2 De quais outros nomes PENEIRAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>221. Você já ouviu falar, aqui no município, em PENEIRAMENTO?</p> <p>221.1 O que é o PENEIRAMENTO na atividade de produção da farinha?</p> <p>221.2 De quais outros nomes o PENEIRAMENTO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>222. Você já ouviu falar, aqui no município, em PENEIRINHA?</p> <p>222.1 O que é a PENEIRINHA na atividade de produção da farinha?</p> <p>222.2 De quais outros nomes a PENEIRINHA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>223. Você já ouviu falar, aqui no município, em PLANTIO ITINERANTE?</p> <p>223.1 O que é o PLANTIO ITINERANTE no cultivo da mandioca?</p> <p>223.2 De quais outros nomes o PLANTIO ITINERANTE é chamado aqui no município?</p> |
| <p>224. Você já ouviu falar, aqui no município, em PLANTIO NO TOCO?</p> <p>224.1 O que é o PLANTIO NO TOCO no cultivo da mandioca?</p> <p>224.2 De quais outros nomes o PLANTIO NO TOCO é chamado aqui no município?</p> |

| |
|--|
| <p>225. Você já ouviu falar, aqui no município, em POÇO?</p> <p>225.1 O que é o POÇO na atividade de produção da farinha?</p> <p>225.2 De quais outros nomes o POÇO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>226. Você já ouviu falar, aqui no município, em PODRIDÃO DA MANDIOCA?</p> <p>226.1 O que é a PODRIDÃO DA MANDIOCA?</p> <p>226.2 De quais outros nomes a PODRIDÃO DA MANDIOCA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>227. Você já ouviu falar, aqui no município, em POEIRA DA FARINHA?</p> <p>227.1 O que é a POEIRA DA FARINHA?</p> <p>227.2 De quais outros nomes a POEIRA DA FARINHA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>228. Você já ouviu falar, aqui no município, em PORRETE?</p> <p>228.1 O que é o PORRETE na atividade de produção da farinha?</p> <p>228.2 De quais outros nomes o PORRETE é chamado aqui no município?</p> |
| <p>229. Você já ouviu falar, aqui no município, em PRENSA?</p> <p>229.1 O que é a PRENSA na atividade de produção da farinha?</p> <p>229.2 De quais outros nomes a PRENSA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>230. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA PRETINHA?</p> <p>230.1 O que é a MANDIOCA PRETINHA?</p> <p>230.2 De quais outros nomes a MANDIOCA PRETINHA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>231. Você já ouviu falar, aqui no município, em ROÇA DE VERÃO?</p> <p>231.1 O que é a ROÇA DE VERÃO no cultivo da mandioca?</p> <p>231.2 De quais outros nomes a ROÇA DE VERÃO é chamada aqui no município?</p> |
| <p>232. Você já ouviu falar, aqui no município, em PRIMEIRA CAPOEIRA DE MATA?</p> <p>232.1 O que é a PRIMEIRA CAPOEIRA DE MATA no cultivo da mandioca?</p> <p>232.2 De quais outros nomes a PRIMEIRA CAPOEIRA DE MATA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>233. Você já ouviu falar, aqui no município, em PRODUTOR RURAL?</p> <p>233.1 O que é o PRODUTOR RURAL no cultivo da mandioca?</p> <p>233.2 De quais outros nomes o PRODUTORRURAL é chamado aqui no município?</p> |
| <p>234. Você já ouviu falar, aqui no município, em PUXADOR?</p> <p>234.1 O que é o PUXADOR no cultivo da mandioca?</p> <p>234.2 De quais outros nomes o PUXADOR é chamado aqui no município?</p> |

| |
|---|
| <p>235. Você já ouviu falar, aqui no município, em QUEBRAR A MANDIOCA?</p> <p>235.1 O que é QUEBRAR A MANDIOCA?</p> <p>235.2 De quais outros nomes QUEBRAR A MANDIOCA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>236. Você já ouviu falar, aqui no município, em QUECUIO?</p> <p>236.1 O que é o QUICUIO no cultivo da mandioca?</p> <p>236.2 De quais outros nomes O QUICUIO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>237. Você já ouviu falar, aqui no município, em QUEIMA?</p> <p>237.1 O que é a QUEIMA no cultivo da mandioca?</p> <p>237.2 De quais outros nomes a QUEIMA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>238. Você já ouviu falar, aqui no município, em QUEIMAÇÃO?</p> <p>238.1 O que é a QUEIMAÇÃO no cultivo da mandioca?</p> <p>238.2 De quais outros nomes a QUEIMAÇÃO é chamada aqui no município?</p> |
| <p>239. Você já ouviu falar, aqui no município, em RAIZ DA MANDIOCA?</p> <p>239.1 O que é a RAIZ DA MANDIOCA?</p> <p>239.2 De quais outros nomes a RAIZ DA MANDIOCA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>240. Você já ouviu falar, aqui no município, em RAIZ DA MANIVEIRA?</p> <p>240.1 O que é a RAIZ DA MANIVEIRA?</p> <p>240.2 De quais outros nomes a RAIZ DA MANIVEIRA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>241. Você já ouviu falar, aqui no município, em RALADOR?</p> <p>241.1 O que é o RALADOR na atividade de produção da farinha?</p> <p>241.2 De quais outros nomes o RALADOR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>242. Você já ouviu falar, aqui no município, em RALO?</p> <p>242.1 O que é o RALO na atividade de produção da farinha?</p> <p>242.2 De quais outros nomes o RALO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>243. Você já ouviu falar, aqui no município, em RALAR?</p> <p>243.1 O que é RALAR na atividade de produção da farinha?</p> <p>243.2 De quais outros nomes RALAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>244. Você já ouviu falar, aqui no município, em RAMA DA MANIVA?</p> <p>244.1 O que é a RAMA DA MANIVA?</p> <p>244.2 De quais outros nomes A RAMA DA MANIVA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>245. Você já ouviu falar, aqui no município, em RASPAR A MANDIOCA?</p> <p>245.1 O que é RASPAR A MANDIOCA na atividade de produção da farinha?</p> |

| |
|--|
| <p>245.2 De quais outros nomes RASPAR A MANDIOCA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>246. Você já ouviu falar, aqui no município, em REBENTO?</p> <p>246.1 O que é o REBENTO no cultivo da mandioca?</p> <p>246.2 De quais outros nomes o REBENTO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>247. Você já ouviu falar, aqui no município, em RETIRO?</p> <p>247.1 O que é o RETIRO na atividade de produção da farinha?</p> <p>247.2 De quais outros nomes o RETIRO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>248. Você já ouviu falar, aqui no município, em ROÇA?</p> <p>248.1 O que é a ROÇA no cultivo da mandioca?</p> <p>248.2 De quais outros nomes a ROÇA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>249. Você já ouviu falar, aqui no município, em ROÇAGEM?</p> <p>249.1 O que é a ROÇAGEM no cultivo da mandioca?</p> <p>249.2 De quais outros nomes a ROÇAGEM é chamado aqui no município?</p> |
| <p>250. Você já ouviu falar, aqui no município, em ROÇAÇÃO?</p> <p>250.1 O que é a ROÇAÇÃO no cultivo da mandioca?</p> <p>250.2 De quais outros nomes a ROÇAÇÃO é chamada aqui no município?</p> |
| <p>251. Você já ouviu falar, aqui no município, em ROÇADO?</p> <p>251.1 O que é o ROÇADO no cultivo da mandioca?</p> <p>251.2 De quais outros nomes o ROÇADO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>252. Você já ouviu falar, aqui no município, em ROÇAR?</p> <p>252.1 O que é ROÇAR no cultivo da mandioca?</p> <p>252.2 De quais outros nomes ROÇAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>253. Você já ouviu falar, aqui no município, em RODETE?</p> <p>253.1 O que é o RODETE na atividade de produção da farinha?</p> <p>253.2 De quais outros nomes o RODETE é chamado aqui no município?</p> |
| <p>254. Você já ouviu falar, aqui no município, em RODO?</p> <p>254.1 O que é o RODO na atividade de produção da farinha?</p> <p>254.2 De quais outros nomes o RODO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>255. Você já ouviu falar, aqui no município, em SACAR A MANDIOCA?</p> <p>255.1 O que é SACAR A MANDIOCA?</p> <p>255.2 De quais outros nomes SACAR A MANDIOCA é chamado?</p> |
| <p>256. Você já ouviu falar, aqui no município, em SACADOR?</p> <p>256.1 O que é o SACADOR no cultivo da mandioca?</p> <p>256.2 De quais outros nomes o SACADOR é chamado aqui no município?</p> |

| |
|--|
| <p>257. Você já ouviu falar, aqui no município, em SAÚVA?</p> <p>257.1 O que é a SAÚVA no cultivo da mandioca?</p> <p>257.2 De quais outros nomes a SAÚVA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>258. Você já ouviu falar, aqui no município, em SEMENTE DA MANDIOCA?</p> <p>258.1 O que é a SEMENTE DA MANDIOCA no cultivo da mandioca?</p> <p>258.2 De quais outros nomes a SEMENTE DA MANDIOCA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>259. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA SUÍ?</p> <p>259.1 O que é a MANDIOCA SUÍ no cultivo da mandioca?</p> <p>259.2 De quais outros nomes a MANDIOCA SUÍ é chamada aqui no município?</p> |
| <p>260. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA TACHÍ?</p> <p>260.1 O que é a MANDIOCA TACHÍ?</p> <p>260.2 De quais outros nomes a MANDIOCA TACHÍ é chamada aqui no município?</p> |
| <p>261. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA TACHIZÃO?</p> <p>261.1 O que é a MANDIOCA TACHIZÃO?</p> <p>261.2 De quais outros nomes a MANDIOCA TACHIZÃO é chamada aqui no município?</p> |
| <p>262. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA TACHÍ VOVÓ?</p> <p>262.1 O que é a MANDIOCA TACHÍ VOVÓ?</p> <p>262.2 De quais outros nomes a MANDIOCA TACHÍ VOVÓ é chamada aqui no município?</p> |
| <p>263. Você já ouviu falar, aqui no município, em TALO DA MANDIOCA?</p> <p>263.1 O que é o TALO DA MANDIOCA?</p> <p>263.2 De quais outros nomes o TALO DA MANDIOCA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>264. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA TAMATÁ?</p> <p>264.1 O que é a MANDIOCA TAMATÁ?</p> <p>264.2 De quais outros nomes a MANDIOCA TAMATÁ é chamada aqui no município?</p> |
| <p>265. Você já ouviu falar, aqui no município, em TANQUE?</p> <p>265.1 O que é o TANQUE na atividade de produção da farinha?</p> <p>265.2 De quais outros nomes o TANQUE é chamado aqui no município?</p> |
| <p>266. Você já ouviu falar, aqui no município, em TARISCA?</p> <p>266.1 O que é a TARISCA no cultivo da mandioca?</p> <p>266.2 De quais outros nomes a TARISCA é chamada aqui no município?</p> |

| |
|--|
| <p>267. Você já ouviu falar, aqui no município, em TIPITI?</p> <p>267.1 O que é o TIPITI?</p> <p>267.2 De quais outros nomes o TIPITI é chamado aqui no município?</p> |
| <p>268. Você já ouviu falar, aqui no município, em TIRIRICA?</p> <p>268.1 O que é a TIRIRICA no cultivo da mandioca?</p> <p>268.2 De quais outros nomes a TIRIRICA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>269. Você já ouviu falar, aqui no município, em TIRIRICÃO?</p> <p>269.1 O que é o TIRIRICÃO no cultivo da mandioca?</p> <p>269.2 De quais outros nomes o TIRIRICÃO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>270. Você já ouviu falar, aqui no município, em TORRAR A MASSA?</p> <p>270.1 O que é TORRAR A MASSA na atividade de produção da farinha?</p> <p>270.2 De quais outros nomes TORRAR A MASSA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>271. Você já ouviu falar, aqui no município, em TORRAÇÃO?</p> <p>271.1 O que é a TORRAÇÃO na atividade de produção da farinha?</p> <p>271.2 De quais outros nomes a TORRAÇÃO é chamada aqui no município?</p> |
| <p>272. Você já ouviu falar, aqui no município, em TORRAMENTO?</p> <p>272.1 O que é o TORRAMENTO na atividade de produção da farinha?</p> <p>272.2 De quais outros nomes o TORRAMENTO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>273. Você já ouviu falar, aqui no município, em TORRAGEM?</p> <p>273.1 O que é a TORRAGEM na atividade de produção da farinha?</p> <p>273.2 De quais outros nomes a TORRAGEM é chamada aqui no município?</p> |
| <p>274. Você já ouviu falar, aqui no município, em TORREFAÇÃO?</p> <p>274.1 O que é a TORREFAÇÃO na atividade de produção da farinha?</p> <p>274.2 De quais outros nomes a TORREFAÇÃO é chamada aqui no município?</p> |
| <p>275. Você já ouviu falar, aqui no município, em TRABALHADOR RURAL?</p> <p>275.1 O que é o TRABALHADOR RURAL no cultivo da mandioca?</p> <p>275.2 De quais outros nomes o TRABALHADOR RURAL é chamado aqui no município?</p> |
| <p>276. Você já ouviu falar, aqui no município, em TRITURADOR?</p> <p>276.1 O que é o TRITURADOR na atividade de produção da farinha?</p> <p>276.2 De quais outros nomes o TRITURADOR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>277. Você já ouviu falar, aqui no município, em TRITURAR?</p> <p>277.1 O que é TRITURAR na atividade de produção da farinha?</p> <p>277.2 De quais outros nomes TRITURAR é chamado aqui no município?</p> |
| <p>278. Você já ouviu falar, aqui no município, em TROCAÇÃO DE DIA?</p> <p>278.1 O que é a TROCAÇÃO DE DIA no cultivo da mandioca?</p> |

| |
|---|
| <p>278.2 De quais outros nomes a TROCAÇÃO DE DIA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>279. Você já ouviu falar, aqui no município, em TRONCO DA MANIVA?</p> <p>279.1 O que é o TRONCO DA MANIVA?</p> <p>279.2 De quais outros nomes o TRONCO DA MANIVA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>280. Você já ouviu falar, aqui no município, em TRONCO DA MANDIOCA?</p> <p>280.1 O que é o TRONCO DA MANDIOCA?</p> <p>280.2 De quais outros nomes o TRONCO DA MANDIOCA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>281. Você já ouviu falar, aqui no município, em TUBÉRCULO?</p> <p>281.1 O que é o TUBÉRCULO?</p> <p>281.2 De quais outros nomes o TUBÉRCULO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>282. Você já ouviu falar, aqui no município, em TUCUPI?</p> <p>282.1 O que é o TUCUPI?</p> <p>282.2 De quais outros nomes o TUCUPI é chamado aqui no município?</p> |
| <p>283. Você já ouviu falar, aqui no município, em TUTANO DA MANIVA?</p> <p>283.1 O que é TUTANO DA MANIVA?</p> <p>283.2 De quais outros nomes o TUTANO DA MANIVA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>284. Você já ouviu falar, aqui no município, em VASSOURA?</p> <p>284.1 O que é VASSOURA na atividade de produção da farinha?</p> <p>284.2 De quais outros nomes a VASSOURA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>285. Você já ouviu falar, aqui no município, em VASSOURINHA DE BOTÃO?</p> <p>285.1 O que é a VASSOURINHA DE BOTÃO no cultivo da mandioca?</p> <p>285.2 De quais outros nomes a VASSOURINHA DE BOTÃO é chamada aqui no município?</p> |
| <p>286. Você já ouviu falar, aqui no município, em ROÇADO DE VERÃO?</p> <p>286.1 O que é o ROÇADO DE VERÃO no cultivo da mandioca?</p> <p>286.2 De quais outros nomes o ROÇADO DE VERÃO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>287. Você já ouviu falar, aqui no município, em ESTACAS-SEMENTE?</p> <p>287.1 O que são as ESTACAS-SEMENTE no cultivo da mandioca?</p> <p>287.2 De quais outros nomes as ESTACAS-SEMENTE são chamadas aqui no município?</p> |

| |
|--|
| <p>288. Você já ouviu falar, aqui no município, em ROÇADO DE INVERNO?</p> <p>288.1 O que é o ROÇADO DE INVERNO no cultivo da mandioca?</p> <p>288.2 De quais outros nomes o ROÇADO DE INVERNO é chamado aqui no município?</p> |
| <p>289. Você já ouviu falar, aqui no município, em VEGETAÇÃO SECUNDÁRIA?</p> <p>289.1 O que é a VEGETAÇÃO SECUNDÁRIA no cultivo da mandioca?</p> <p>289.2 De quais outros nomes a VEGETAÇÃO SECUNDÁRIA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>290. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCA BRAVA?</p> <p>290.1 O que é a MANDIOCA BRAVA?</p> <p>290.2 De quais outros nomes MANDIOCA BRAVA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>291. Você já ouviu falar, aqui no município, em MANDIOCABA?</p> <p>291.1 O que é a MANDIOCABA?</p> <p>291.2 De quais outros nomes a MANDIOCABA é chamado aqui no município?</p> |
| <p>292. Você já ouviu falar, aqui no município, em ÁREA SECUNDÁRIA DESMATADA?</p> <p>292.1 O que é a ÁREA SECUNDÁRIA DESMATADA no cultivo da mandioca?</p> <p>292.2 De quais outros nomes a ÁREA SECUNDÁRIA DESMATADA é chamada aqui no município?</p> |
| <p>293. Você já ouviu falar, aqui no município, em BRAÇO DA MANIVEIRA?</p> <p>293.1 O que é o BRAÇO DA MANIVEIRA?</p> <p>293.2 De quais outros nomes o BRAÇO DA MANIVEIRA é chamado aqui no município?</p> |

ANEXOS

ANEXO A - NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DO CORPUS

| OCORRÊNCIAS | SINAIS | EXEMPLIFICAÇÃO |
|---|-------------------------------------|--|
| Incompreensão de palavras e segmentos | () | <i>do nível de renda... () nível de renda nominal</i> |
| Hipóteses do que se ouviu | (hipótese) | <i>(estou) meio preocupado (com o gravador)</i> |
| Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre) | / | <i>ecomé/ e reinicia</i> |
| Entonação enfática | maiúsculas | <i>porque as pessoas reTÊM moeda</i> |
| Alongamento de vogal ou consoante (como s,r) | ::podendo aumentar para ::: ou mais | <i>ao emprestarem os... éh::: ... o dinheiro</i> |
| Silabação | – | <i>Por motivo tran-sa-ção</i> |
| Interrogação | ? | <i>e o Banco... Central... certo?</i> |
| Qualquer pausa | ... | <i>são três motivos... ou três razões.... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção</i> |
| Comentários descritivos do transcritor | ((minúsculas)) | <i>((tossiu))</i> |
| Superposição, simultaneidade de vozes | ligando as [linhas | <i>L1. na casa da sua irmã [L2. sexta-feira? L1. fizeram lá... L2. [cozinharam lá?</i> |
| <p>Observações:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Iniciais maiúsculas: não se usa em início de períodos, turnos e frases. 2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está: ta? você está brava?) 3. Número por extenso. 4. Podem-se combinar sinais. 5. As reticências marcam qualquer tipo de pausa. | | |

Fonte: Adaptado de Koch, 1992.

ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ/ PROPESQ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A VARIAÇÃO GEOGRÁFICA NA TERMINOLOGIA DA CULTURA DA FARINHA DE MANDIOCA NA AMAZÔNIA PARAENSE

Pesquisador: Elias Mauricio da Silva Rodrigues

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 15170114.5.0000.5054

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 550.146

Data da Relatoria: 10/03/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um Projeto de Tese do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, orientado pelo professor Abdelhak Razky. O estudo será realizado com 25 trabalhadores rurais que possuem suas atividades ligadas à produção da farinha de mandioca na Amazônia Paraense. Os participantes irão responder a um questionário com objetivo de obter informações para elaborar um glossário dos termos oriundos da atividade de produção da farinha de mandioca.

Objetivo da Pesquisa:

Geral: Analisar a distribuição das variantes geográficas na linguagem de especialidade da cultura da farinha de mandioca na Amazônia paraense com base à elaboração de um glossário eletrônico, monolíngue, em língua portuguesa, variante brasileira.

Específicos: 1. Descrever, a partir do discurso oral, os termos usados pelos socioprofissionais envolvidos na atividade de produção da farinha; 2. Mapear as variantes encontradas em cartas terminológicas para inserção no glossário eletrônico; 3. Apresentar cartas terminológicas com possíveis isoglossas que delineiem contrastes e/ou apontem semelhanças no léxico de especialidade da atividade de produção da farinha de mandioca.

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1127

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-270

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

Fax: (85)3223-2903

E-mail: comepe@ufc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ/ PROPESQ



Continuação do Parecer: 550.146

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: A pesquisa não apresenta riscos para os participantes, uma vez que trata-se apenas da aplicação de um questionário.

Benefícios: Possibilitará o reconhecimento do léxico especializado, através da elaboração de um glossário eletrônico, e, conseqüentemente a valorização da atividade cultural de produção artesanal de farinha de mandioca na Amazônia paraense.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O presente estudo pretende descrever e analisar a variação geográfica na terminologia da cultura da farinha de mandioca na Amazônia paraense a partir do discurso oral de socioprofissionais, sobretudo trabalhadores rurais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados. O TCLE foi refeito, cronograma foi atualizado e no orçamento foi informado todas as despesas.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não se aplica.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1127

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-270

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

Fax: (85)3223-2903

E-mail: comepe@ufc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ/ PROPESQ



Continuação do Parecer: 550.146

FORTALEZA, 10 de Março de 2014

Assinador por:
FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador)

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1127
Bairro: Rodolfo Teófilo CEP: 60.430-270
UF: CE Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3366-8344 Fax: (85)3223-2903 E-mail: comepe@ufc.br